O LIVRO DOS INSULTOS

H. L. MENCKEN

Seleção, tradução e posfácio de RUY CASTRO

A LÍNGUA MAIS AFIADA DO JORNALISMO AMERICANO EM UMA REUNIÃO DE SEUS MELHORES (E PIORES!) MOMENTOS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.





O LIVRO DOS INSULTOS

DE

H. L. MENCKEN



Seleção, tradução e prefácio:

RUY CASTRO

3ª. reimpressão
Companhia Das Letras

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mencken, H.L., 1880-1956.

O livro dos insultos / H.L. Mencken ; seleção, traduçao e prefacio Ruy Castro.

— São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ISBN 85-85095-90-3

1. Humorismo norte-americano 2. Literatura - História e crítica 3. Sátira norte-americana I. Castro, Ruy. II. Título.

CDD-817.5

-809

Copyright ©1916, 1918, 1919, 1920, 1921. 1922, 1924, 1926. 1927, 1932, 1934, 1942, 1949 by Alfred Knopf, Inc.

Copyright ©renovado 1951, 1979 by Merchantile-Safe Deposit and Trust Company

Esta tradução é publicada por acordo com a Alfred Knopf, Inc. Proibida a venda em Portugal

Ensaios e artigos extraídos de *A Mencken Chrestomathy*

Capa: *João Baptista da Costa Aguiar* sobre caricatura de David Levine
Índice remissivo: *Elisa Braga*
Revisão: *Miriam Abões,* Christiano Vich Tangerino, Eliana Antonioli
1989
Editora Schwarcz Ltda.
Rua Tupi, 522 01233 — São Paulo — SP

Sumário

A Mente Iconoclasta - por Ruy Castro
O LIVRO DOS INSULTOS
1. HOMO SAPIENS
A VIDA DO HOMEM
O LUGAR DO HOMEM NA NATUREZA
MEDITAÇÃO SOBRE A MEDITAÇÃO
2. TIPOS DE HOMENS
O ROMÂNTICO
O CÉTICO
O CRÉDULO
O OPERÁRIO
O MÉDICO
O CIENTISTA
O EMPRESÁRIO
O REI
O METAFÍSICO
O HOMEM MÉDIO
O DONO DA VERDADE
O PARENTE
O CONTRAPARENTE
O AMIGO
O FILÓSOFO
O ALTRUÍSTA
O ICONOCLASTA
O CHEFE DE FAMÍLIA
O SOLTEIRO
O HOMEM PERFEITO
O ETERNO MACHO
O ESCRAVO
3. MULHERES
A MENTE FEMININA
MULHERES FORA-DA-LEI
A MULHER FRIA
INTERMEZZO SOBRE A MONOGAMIA
A LIBERTINA

A ISCA DA BELEZA
4. RELIGIÃO
FUNCIONÁRIOS DA FÉ
O SECRETARIADO CÓSMICO
A NATUREZA DA FÉ
O COLAPSO DO PROTESTANTISMO
IMUNE
UM NOVO USO PARA AS IGREJAS
LIVRE ARBÍTRIO
MEDITAÇÃO DE SÁBADO
A IMORTALIDADE DA ALMA
QUOD EST VERITAS?
SAGRADA ESCRITURA
CERIMÔNIA MEMORIAL
5. MORAL
A ORIGEM DA MORALIDADE
O BOM CIDADÃO
DE NOVO, O LIVRE ARBÍTRIO
6. MORTE
SOBRE O SUICÍDIO
7. GOVERNO
SUA NATUREZA INTERIOR
MAIS SOBRE O ASSUNTO
8. DEMOCRACIA
ÚLTIMAS PALAVRAS
9. HOMENS EM COMBATE
VALENTINO
SOBRE JORNALISMO
DEMPSEY VERSUS CARPENTIER
10. ECONOMIA
AQUELE QUE TEM
CAPITALISMO
11. PSICOLOGIA
A MENTE DO ESCRAVO
A TURBA
A ARTE ETERNA
12. TEMPOS MODERNOS
ZOOS
O PERIÉLIO DA PROIBIÇÃO

OS AVANÇOS DA CIVILIZAÇÃO
TRABALHAR PARA O GOVERNO
13. A LITERATURA DOLOROSA
A NOVA POESIA
SOBRE O ESTILO
O ESCRITOR TRABALHANDO
14. LITERATI
POE
MARK TWAIN
AMBROSE BIERCE
JOSEPH CONRAD
15. MÚSICA
BEETHOVEN
WAGNER
TEMPO DI VALSE
JOHANN STRAUSS
ÓPERA
16. ARTES MENORES
PINTURA
O ARTISTA
REFLEXÃO SOBRE A ARTE DRAMÁTICA
ARRIÈRE-PENSÉE
17. BUFONÁRIAS
UM ANIVERSÁRIO ESQUECIDO
PATER PATRIAE
SUGESTÕES A NOSSOS VISITANTES
18. SENTENTIAE
A MENTE DO HOMEM
MASCULUM ET FEMINAM CREAVIT EOS
O CIDADÃO E O ESTADO
ARCANA COELESTIA
ISTO E AQUILO
OS DEZ ESCRITORES MAIS CHATOS DE TODOS OS TEMPOS
Mais sobre Mencken
Fontes Bibliográficas
Créditos

A MENTE ICONOCLASTA

Ruy Castro

Como é possível que o maior iconoclasta de seu tempo tenha sido também uma espécie de ídolo popular? Normalmente os dois conceitos se auto excluem. Pois H. L. Mencken (1880-1956) foi as duas coisas e achava isto muito natural. Nenhum outro jornalista nos Estados Unidos, antes ou depois dele, foi tão lido com um temor sádico e com tanta adoração masoquista. Mencken conseguiu isto sem fazer a menor concessão ao *boobus americanus,* ou seja, o típico pateta que ele via no homem da rua, escravizado por superstições, platitudes e medos — em suma, seus próprios leitores comuns. E com menos concessões ainda aos poderosos (políticos, clérigos, juízes), cuja desonestidade, hipocrisia e mediocridade ele vergastava com uma audácia do tamanho da sua autoridade. Mencken transtornou a cabeça dos americanos a respeito de *todos* os assuntos nos anos 20, a partir da grande e pequena imprensa — e, o que é mais importante, conseguindo com que suas ideias não fossem embrulhadas junto com o peixe no dia seguinte.

"O mais poderoso cidadão privado na América hoje em dia", sentenciou o *New York Times* em 1926, e com razão: escrevendo para a minoria educada, usando palavras tiradas do fundo do baú e carregando nas hipérboles engraçadíssimas, Mencken tinha do mata-mosquito aos intelectuais como seu público. Talvez não fosse *tão* poderoso quanto William Randolph Hearst, mas Hearst nunca foi exatamente um cidadão, exceto na cabeça de Orson Welles, e sim um conglomerado ambulante de jornais e revistas. O poder de Mencken residia na sua independência para defender causas tão antipáticas que deviam provocar urticárias nos donos dos jornais em que escrevia, sem ser editado, repreendido ou censurado. (Muitas destas causas estão neste *Livro dos Insultos.)* O espaço que conquistara junto à opinião pública americana, numa época bastante favorável à sua artilharia de diatribes, o tornava tão forte quanto

os poderosos que atacava. Edmund Wilson, fã de Mencken, nunca entendeu como um jornalista isolado podia ter conseguido isto e continuar vivo. Não combinava com nenhum figurino conhecido.

Devia haver alguma coisa em Baltimore, no estado de Maryland, para que lá nascessem H. L. Mencken, Billie Holiday e Wallis Simpson, três cartas difíceis de se encaixar em qualquer baralho. O pai de Mencken, por exemplo — um próspero alemão comerciante de charutos —, queria que o filho assumisse os seus negócios ao sair da universidade. Mas cometeu um erro: deu ao jovem Henry Louis, em 1889, uma pequena impressora manual. Foi o que bastou para que Mencken nunca se interessasse por charutos, a não ser para fumá-los, e saísse do ginásio, aos dezoito anos, diretamente para a redação do *Morning Herald,* de Baltimore, como foca. Primeira missão? Cobrir um enforcamento. Aos 25 anos, em 1905, Mencken já era o editor do jornal. A *universidade* das ruas e redações custou-lhe a sola do sapato, mas deu-lhe um invejável currículo em disciplinas como política, religião, costumes, crime e corrupção, além de ensiná-lo a escrever como ninguém. Não é deste material que se fazem (ou, pelo visto, se faziam) os jornalistas?

Em 1906, Mencken trocou o *Herald* pelo concorrente *Evening Sun,* também de Baltimore, que ele ajudou a criar e no qual ficaria por toda a carreira. Colunas assinadas eram coisa rara naquele tempo, mas, quando ele conquistou a sua no *Sun,* em 1910, a imprensa americana teve de mudar seus hábitos. Todos os outros jornais queriam ter um Mencken — de preferência, domesticável aos interesses, conveniências e solicitações de seus proprietários. Eles não entenderam bem o espírito da coisa. Mencken, com uma só mão, passou como um trator sobre todos os colunistas que tentaram imitá-lo.

Mas sua outra mão escondia um chicote de veludo. Ninguém esperava que o terrível iconoclasta se voltasse, e com a mesma contundência, para a área cultural. Sem o menor medo de errar, Mencken enterrou inúmeros medalhões da literatura; desconfiou da reputação de Dostoievski, D. H. Lawrence e Henry James; rebaixou praticamente toda a poesia à 2ª. divisão; desprezou olimpicamente a pintura, o cinema e a música popular; enfim, aplicou detefon em tudo que considerava *inferior*. Mas, se tirava de um lado, dava de outro. As duas revistas que fundou e editou com o crítico de teatro George Jean Nathan entre 1920 e 1934, *Smart Set*

e *American Mercury*, revelaram ou estabeleceram escritores desconhecidos ou subestimados como Theodore Dreiser (depois Mencken admitiu que Dreiser *merecia* ser subestimado), Joseph Conrad (foi o primeiro a se apaixonar por *O Coração das Trevas),* Eugene O'Neill, Henry Miller, Richard Wright, James T. Farrell, Dorothy Parker e até James Joyce, embora Mencken fosse alérgico a experimentalismos. (Na realidade publicou contos de Joyce, mas deu-lhe o calote.) Para manter *Smart Set* à tona, Mencken e Nathan fundaram *Black Mask* em 1920, uma *pulp magazine* com algum verniz; em seis meses, ganharam dinheiro com ela, venderam-na e salvaram *Smart Set*. Anos depois, *Black Mask* iria revelar Dashiell Hammett e Raymond Chandler.

Ao contrário do que podia parecer, as emboscadas de Mencken na área cultural não eram às cegas. Para um autodidata americano de sua época, ele ostentava uma erudição capaz de abestalhar os que procuravam pelo em ovo nos seus julgamentos. Além das línguas convencionais, Mencken lia em grego, latim e alemão e, durante a Segunda Guerra, quando se afastou da grande imprensa, produziu o monumental *The American Language* — um livro de filologia com o qual queria, simplesmente, cravar uma estaca na arrogância dos ingleses sobre o uso da língua. Por vários fatores (ver adiante), Mencken é mais lembrado hoje nos Estados Unidos como filólogo do que como polemista... Se isto não for a revanche do *establishment,* ele consultou a cartomante errada.

Mencken era um ímã para polêmicas, e sabia aproveitá-las. Em 1925 caiu-lhe às mãos o recorte de um jornal de Dayton, no Tennessee, anunciando o julgamento próximo de John Thomas Scopes, um professor de ciências acusado de violar uma lei estadual que proibia o ensino de qualquer teoria sobre a criação do homem que não fosse a das Escrituras. Scopes tinha falado em Darwin para seus alunos de ginásio, o que o tornava candidato a vários anos de cadeia ou a ser queimado em praça pública, o que preferisse. Mencken viu naquilo o ranço dos fundamentalistas, uma fanática seita evangélica para quem os dinossauros só se extinguiram porque não cabiam na arca de Noé. Com o argumento de que era a liberdade de pensamento e de expressão que estava em jogo, Mencken convenceu o *Sun* a contratar Clarence Darrow, o mais famoso advogado criminal de sua geração, para defender Scopes. Os fundamentalistas contra-atacaram com o reforço do bibliólatra e três

vezes candidato derrotado à Presidência dos Estados Unidos, William Jennings Bryan, na acusação. (Bryan era também famoso por sustentar que o homem não era um mamífero.) E, naturalmente, Mencken foi cobrir o caso, esfregando as mãos.

Seus telegramas diários para o *Sun* incendiaram o país. Em poucos dias, a minúscula Dayton estava infestada de repórteres, e o telégrafo da cidade não chegava para as encomendas. Mas, apesar da brilhante atuação de Darrow, as coisas pareciam pretas para Scopes: o parcialíssimo tribunal local impedia que a defesa alegasse a inconstitucionalidade da lei. O que importava era que Scopes ensinara que o homem descendia do macaco. (Mencken sugeriu que os macacos é que deveriam ter processado Scopes.) Ignorando as ameaças de agressão, Mencken fazia gato e sapato dos fundamentalistas, garantindo que eles seriam capazes até de acreditar que Jonas é que engolira a baleia, se isto estivesse escrito na Bíblia. Dos comentários mordazes de Mencken, Darrow tirou a ideia que viraria o placar: chamou seu próprio oponente, Bryan, ao banco das testemunhas e sabatinou-o sobre a sua grande especialidade — o Gênesis.

Bryan, a princípio seguro, enrolou-se de tal forma em contradições que, apertado por Darrow, foi obrigado a admitir que qualquer um podia pensar como quisesse. O julgamento terminaria ali. Scopes foi condenado, mas à ridícula multa de 100 dólares, paga pelo *Sun*. Uma semana depois, Bryan, desmoralizado, morreu de enfarte. Em 1960, o caso virou um filme de Stanley Kramer, *O Vento Será tua Herança,* com Spencer Tracy como Darrow, Fredric March como Bryan e um *miscast* Gene Kelly como Mencken, num papel que seria uma uva para Walter Matthau. A lei só foi revogada em 1967.

Mencken não apenas farejava notícias; às vezes, era ele próprio a notícia. Seu casamento em 1930, aos 50 anos, com a escritora Sara Haardt, rendeu primeira página em centenas de jornais, por ser a inesperada capitulação do mais renitente solteirão americano, numa época em que solteirice era sinônimo de homossexualismo. Na verdade, Mencken era um boêmio e garanhão que se orgulhava de pertencer à "aristocracia do celibato". (Quando se casaram, Mencken e Sara sabiam que ela, tuberculosa, só tinha mais três anos de vida; teve cinco, graças em boa parte à dedicação dele; Mencken também era capaz de

sentimentos, se não houvesse alguém olhando.)

Anos antes, Mencken foi declarado *persona non grata* no estado de Arkansas por causa de um longo artigo, "The Sahara of the Bozarts", no qual esfolava os nativos como ignorantes pelo seu desprezo às *beaux-arts*. Os sulistas o chamaram de preconceituoso, o que Mencken realmente era, tanto que deu o título de *Prejudices* a uma série de seus livros, nos quais não poupava nem sua própria cidade, Baltimore — "um lugar onde as pessoas trocam de camisa uma vez por dia e de preconceitos uma vez por geração". Não que Mencken fosse mais flexível em suas birras: mais de uma vez proibiu os editores do *Sun* de indicar qualquer artigo seu para o prêmio Pulitzer, que classificava de "lixo".

A presença de Mencken começou a ficar palpável até dentro da ficção. Sinclair Lewis inspirou-se confessadamente nele para escrever *Babbitt, Main Street* e *Elmer Gantry,* nos quais diversos personagens parecem falar pela boca de Mencken. Em *O Sol Também se Levanta* (*Fiesta*), de 1926, Hemingway faz seu narrador dizer: "Quem determina o que os jovens gostam ou não é Mencken". (O engraçado é que Mencken não gostava do então endeusado Hemingway, a quem considerava um pastel de vento, concedendo-lhe no máximo "um bom ouvido para escrever diálogos" — mais ou menos o que restou de Ernest hoje.) E era em Mencken que Anita Loos estava pensando ao escrever, em 1925, a sua devastadora sátira sobre a burrice masculina, *Gentlemen Prefer Blondes*. Loos não se conformava com o fato de que um homem com a cabeça de Mencken vivesse correndo atrás de louras idiotas como Lorelei Lee, quando poderia estar perfeitamente casado com ela, Anita. Mencken, que a tinha na condição de mascote, ajudou na publicação de *Gentlemen Prefer Blondes,* o qual acabou na cabeceira de — ora, vejam só! — James Joyce. O ego de Anita mudou-se para um duplex, mas Mencken continuou preferindo as louras.

Seu raio de ação parecia desconhecer limites. Escolha alguém ou algum assunto que você gostaria de ver insultado: governantes, políticos, burocratas, religiosos, empresários, moralistas, corruptos, idealistas, românticos, filósofos, racistas, crédulos, professores, psicólogos, atores, poetas, pintores, jornalistas, etc. E ponham nisto um etc. por atacado. Mencken deixou toda esta gente tão nua como um osso ao sol, com uma lógica de fazer sombra à de Bernard Shaw e um poder verbal de fogo e

enxofre não muito diferente do de Nietzsche — aliás, duas de suas raras admirações. Como outro ídolo seu, Mark Twain, Mencken "aquecia sua pena no inferno" para ridicularizar o que considerava a estupidez e a covardia congênitas do ser humano. Para alguns, ele foi o primeiro "ditador literário" dos Estados Unidos. Edmund Wilson, que preferia classificá-lo de um "crítico social", chegou a compará-lo a Marx em *Rumo à Estação Finlândia*: "Seu alvo era toda a vida intelectual de uma nação". (Uma comparação certamente velhaca de Wilson, sabendo que Mencken era antimarxista até a última gota de uísque.)

Jornalista de combate, mais famoso agnóstico de seu tempo (durante a Lei Seca, sugeriu aos padres que trocassem o vinho da comunhão por Coca-Cola), e carrasco das ideias feitas — com todo este estoque de balas no cinturão, Mencken nunca deixou de imprimir a tudo que escrevia uma característica que desarmava mesmo os seus piores inimigos: o humor. Chamaram-no de "o W. C. Fields do jornalismo". E até nisto era maravilhosamente perverso: Mencken soprava *antes* de morder. Alistair Cooke acha que o lado humorístico de Mencken tende a crescer à medida que suas ideias vão sendo deixadas para trás. Cooke se engana: o humor de Mencken sempre foi reconhecido. Quanto a suas ideias, elas ainda parecem perfeitamente aplicáveis num país que tem Ronald Reagan na Presidência, televangelistas como Jerry Falwell e um símbolo nacional chamado Michael Jackson. A *era de Mencken,* como foram chamados os anos 20, não termina: os *boobs* não deixam.

Mas há sempre um *backlash* na vida de todo polemista, e o de Mencken foi feio. Seus inimigos que espreitavam na esquina, à espera de um *deslize,* se fartaram. Mencken, que se gabava de nunca ter elogiado um presidente americano, tomou particular assinatura contra Franklin Roosevelt: "Se ele achar que converter-se ao canibalismo pode lhe render votos, mandará engordar um missionário no quintal da Casa Branca para quarta-feira". Ou: "Um demagogo prometendo transformar os Estados Unidos numa vaca leiteira com 125 milhões de tetas" (a população americana em 1933). Quando os Estados Unidos nadavam em prosperidade, nos anos 20, os ataques de Mencken à direita e à esquerda ecoavam sentimentos populares; na bancarrota pós-1929, com Roosevelt prometendo a recuperação econômica, o ceticismo de Mencken passou a ser rotulado de reacionário. Mencken estava sendo apenas coerente com sua convicção de que, nas horas de desespero, a *booboisie* se ajoelha aos

pés do primeiro camelô de esperanças. De certa forma tinha razão, porque o que salvou Roosevelt — e os Estados Unidos — não foi o *New Deal,* e sim a guerra. Sem esta, que tirou os desempregados das ruas para construir armamentos, provavelmente custaria a haver uma galinha em cada panela.

A ascensão de Hitler ao poder na Alemanha também não tornou as coisas mais fáceis para Mencken. Já na Primeira Guerra, o sentimento antigermânico nos Estados Unidos tinha tomado tal caráter hidrófobo que não apenas o ensino do alemão foi proibido nas escolas públicas, como até a palavra *sauerkraut* (chucrute) foi banida dos dicionários e menus, sendo substituída por *cabbage* (repolho). Mencken podia ser de origem alemã, mas tinha horror a repolho — e quem não teria, dispondo das ostras, tartarugas e patos selvagens da baía de Chesapeake, perto de Baltimore? Mas a esquerda dos anos 30 tomou a aversão de Mencken aos ingleses e o seu pé atrás em relação a qualquer regime organizado, inclusive o democrático, como um flerte com o nazismo. Na realidade, Mencken não acreditava no cheiro de pólvora ("O exército alemão não tem poder de fogo", escreveu) e essa subestimação fez com que demorasse a compreender que Hitler era uma ameaça. Foi acusado de "patriotismo insuficiente".

A outra culpa que tentaram atribuir-lhe, a de anti-semita, era mais grosseira. Mencken, na verdade, antipatizava com todos os grupos étnicos nos Estados Unidos — a começar pela maioria anglo-saxã. Chamava os brancos racistas do Sul de "sulistas suínos" e até classificava os seus próprios ancestrais alemães como tendo "o nível cultural de verdureiros". Seria o caso de perguntar se Mencken não poderia ser acusado também de anti-suínos ou antiverdureiros. "Toques de anti-semitismo eram comuns entre os escritores da década de 20, em menor ou maior grau", comenta Joseph Epstein, obviamente judeu e — não é interessante? — ardente admirador de Mencken... Epstein cita como exemplos Scott Fitzgerald, e. e. cummings, T. S. Eliot, Hemingway e Dreiser, embora isto certamente não desculpe Mencken. A diferença é a de que, ao contrário dos outros, Mencken não era dirigidamente anti-semita, nem no sentido clássico, nem no religioso. Neste departamento, aliás, podia ser considerado tão anti-semita quanto anticatólico, além de ser infinitamente mais antiprotestante do que qualquer outra coisa — esta, sim, uma militância que ele desempenhou com fidelidade canina

até o fim.

A guerra e a idade limaram-lhe alguns dentes, mas não todos. Em sua última coluna no *Sun,* em 1948, Mencken descarregou sua agressividade contra as autoridades de Maryland, que haviam prendido um grupo de negros e brancos integracionistas jogando tênis numa quadra de Baltimore. “Já é tempo de que as relíquias da Ku-Klux-Klan, agora sob os auspícios oficiais, sejam varridas deste estado”, escreveu. Poucos dias depois teve o derrame que o deixou incapaz de ler e escrever — permitindo-lhe ironicamente continuar funcionando a contento no resto. Um resto que ele entregou a Beethoven e a Johnny Walker.

Quando morreu de enfarte, em 1956, a grande dificuldade dos redatores de seus obituários foi a de escolher uma classificação que melhor o definisse. Repórter, crítico, colunista, editor, polemista, escritor, filólogo, humorista? Eu escolheria todas.





O LIVRO DOS INSULTOS



1. HOMO SAPIENS

A VIDA DO HOMEM

A velha noção antropomórfica de que a vida de todo o universo se centraliza no homem — de que a existência humana é a suprema expressão do processo cósmico — parece galopar alegremente para o balaio das ilusões perdidas. O fato é que a vida do homem, quanto mais estudada à luz da biologia geral, parece cada vez mais vazia de significado. O que, no passado, deu a impressão de ser a principal preocupação e obra-prima dos deuses, a espécie humana começa agora a apresentar o aspecto de um subproduto acidental das maquinações vastas, inescrutáveis e provavelmente sem sentido desses mesmos deuses.

Um ferreiro fabricando uma ferradura produz também algo quase tão brilhante e misterioso — uma chuva de faísca. Mas seus olhos e pensamentos, como sabemos, não estão nas faíscas, e sim na ferradura. As faíscas, na verdade, constituem uma espécie de doença da ferradura; sua existência depende de um desperdício de seus tecidos. Da mesma maneira, talvez o homem seja uma doença localizada do cosmos — uma espécie de eczema ou uretrite pestífera. Existem, é claro, diferentes graus de eczemas, assim como há diferentes graus de homens. Sem dúvida, um cosmos afligido por uma infecção de Beethovens jamais precisaria de um médico. Mas um cosmos infestado por socialistas, escoceses ou corretores da Bolsa deve sofrer como o diabo. Não é surpresa que o sol seja tão quente e a lua tão diabeticamente verde.

— 1918

O LUGAR DO HOMEM NA NATUREZA

Como já disse, a teoria antropomórfica do mundo revelou-se absurda diante da moderna biologia — o que não quer dizer, naturalmente, que um dia a tal teoria será abandonada pela grande maioria dos homens. Ao

contrário, estes a abraçarão à medida que ela se tornar cada vez mais duvidosa. De fato, hoje, a teoria antropomórfica ainda é mais adotada do que nas eras de obscurantismo, quando a doutrina de que o homem era um quase-Deus foi no mínimo aperfeiçoada pela doutrina de que as mulheres eram inferiores. O que mais está por trás da caridade, da filantropia, do pacifismo, da "inspiração" e do resto dos atuais sentimentalismos? Uma por uma, todas estas tolices são baseadas na noção de que o homem é um animal glorioso e indescritível, e que sua contínua existência no mundo deve ser facilitada e assegurada. Mas esta ideia é obviamente uma estupidez. No que se refere aos animais, mesmo num espaço tão limitado como o nosso mundo, o homem é tosco e ridículo. Poucos bichos são tão estúpidos ou covardes quanto o homem.

O mais vira-lata dos cães tem sentidos mais agudos e é infinitamente mais corajoso, para não dizer mais honesto e confiável. As formigas e abelhas são, de várias formas, mais inteligentes e engenhosas; tocam para a frente seus sistemas de governo com muito menos arranca-rabos, desperdícios e imbecilidades. O leão é mais bonito, digno e majestoso. O antílope é infinitamente mais rápido e gracioso. Qualquer gato doméstico comum é mais limpo. O cavalo, mesmo suado do trabalho, cheira melhor. O gorila é mais gentil com seus filhotes e mais fiel à companheira. O boi e o asno são mais produtivos e serenos. Mas, acima de tudo, o homem é deficiente em coragem, talvez a mais nobre de todas as qualidades. Seu pavor mortal não se limita a todos os animais do seu próprio peso ou mesmo da metade do seu peso — exceto uns poucos que ele degradou por cruzamentos artificiais —, seu pavor mortal é também daqueles da sua própria espécie — e não apenas de seus punhos e pés, mas até de suas risotas.

Nenhum outro animal é tão incompetente para se adaptar ao seu próprio ambiente. A criança, quando vem ao mundo, é tão frágil que, se for deixada sozinha por aí durante dias, infalivelmente morrerá, e essa enfermidade congênita, embora mais ou menos disfarçada depois, continuará até a morte. O homem adoece mais do que qualquer outro animal, tanto em seu estado selvagem quanto abrigado pela civilização. Sofre de uma variedade maior de doenças e com mais frequência. Cansa-se ou fere-se com mais facilidade. Finalmente, morre de forma horrível e geralmente mais cedo. Praticamente todos os outros vertebrados superiores, pelo menos em seu ambiente selvagem, vivem e retêm suas

faculdades por muito mais tempo. Mesmo os macacos antropóides estão bem à frente de seus primos humanos. Um orangotango casa-se aos sete ou oito anos de idade, constrói uma família de setenta ou oitenta filhos, e continua tão vigoroso e sadio aos oitenta quanto um europeu de 45 anos.

Todos os erros e incompetências do Criador chegaram ao seu clímax no homem. Como peça de um mecanismo, o homem é o pior de todos; comparados com ele, até um salmão ou um estafilococo são máquinas sólidas e eficientes. O homem transporta os piores rins conhecidos da zoologia comparativa, os piores pulmões e o pior coração. Seus olhos, considerando-se o trabalho que são obrigados a desempenhar, são menos eficientes do que o olho de uma minhoca; o Criador de tal aparato ótico, capaz de fabricar um instrumento tão cambeta, deveria ser surrado por seus fregueses. Ao contrário de todos os animais, terrestres, celestes ou marinhos, o homem é incapaz, por natureza, de deixar o mundo em que habita [1919 (N. T.)]. Precisa vestir-se, proteger-se e armar-se para sobreviver. Está eternamente na posição de uma tartaruga que nasceu sem o casco, um cachorro sem pelos ou um peixe sem barbatanas. Sem sua pesada e desajeitada carapaça, torna-se indefeso até contra as moscas. E Deus não lhe concedeu nem um rabo para espantá-las.

Vou chegar agora a um ponto de inquestionável superioridade natural do homem: ele tem alma. É isto que o separa de todos os outros animais e o torna, de certa maneira, senhor deles. A exata natureza de tal alma vem sendo discutida há milhares de anos, mas é possível falar com autoridade a respeito de sua função. A qual seria a de fazer o homem entrar em contato direto com Deus, torná-lo consciente de Deus e, principalmente, torná-lo parecido com Deus, Bem, considere o colossal fracasso desta tentativa. Se presumirmos que o homem realmente se parece com Deus, somos levados à inevitável conclusão de que Deus é um covarde, um idiota e um pilantra. E, se presumirmos que o homem, depois de todos esses anos, *não* se parece com Deus, então fica claro imediatamente que a alma é uma máquina tão ineficiente quanto o fígado ou as amígdalas, e que o homem poderia passar sem ela, assim como o chimpanzé, indubitavelmente, passa muito bem sem alma.

Pois é este o caso. O único efeito prático de se ter uma alma é o de que ela infla o homem com vaidades antropomórficas e antropocêntricas — em suma, com superstições arrogantes e presunçosas. Ele se empertiga e

se empluma só porque tem alma — e subestima o fato de que ela não funciona. Assim, ele é o supremo palhaço da criação, o *reductio ad absurdum* da natureza animada. Não passa de uma vaca que acredita dar um pulo à Lua e organiza toda a sua vida sobre esta teoria. É como um sapo que se gaba de combater contra leões, voar sobre o Matterhorn ou atravessar o Helesponto. No entanto, é esta pobre besta que somos obrigados a venerar como uma pedra preciosa na testa do cosmos. É o verme que somos convidados a defender como o favorito de Deus na Terra, com todos os seus milhões de quadrúpedes muito mais bravos, nobres e decentes — seus soberbos leões, seus ágeis e galantes leopardos, seus imperiais elefantes, seus fiéis cães, seus corajosos ratos. O homem é o inseto a que nos imploram, depois de infinitos problemas, trabalho e despesas, reproduzir.

-1919

MEDITAÇÃO SOBRE A MEDITAÇÃO

A capacidade do homem para o pensamento abstrato, que parece faltar à maioria dos outros mamíferos, sem dúvida conferiu-lhe seu atual domínio sobre a superfície da Terra — um domínio disputado apenas por centenas de milhares de tipos de insetos e organismos microscópicos. Este pensamento abstrato é o responsável por sua sensação de superioridade e por que, sob esta sensação, existe uma certa medida de realidade, pelo menos dentro de estreitos limites. Mas o que é frequentemente subestimado é o fato de que a capacidade de desempenhar um ato não é, de forma alguma, sinônima de seu exercício salubre. É fácil observar que a maior parte do pensamento do homem é estúpida, sem sentido e injuriosa a ele. Na realidade, de todos os animais, ele parece o menos preparado para tirar conclusões apropriadas nas questões que afetam mais desesperadamente o seu bem-estar.

Tente imaginar um rato, no universo das ideias dos ratos, chegando a noções tão ocas de plausibilidade como, por exemplo, o Swedenborgianismo, a homeopatia, a danação infantil ou a telepatia mental. O instinto natural do homem, de fato, nunca se dirige para o que é sólido e verdadeiro; prefere tudo que é especioso e falso. Se uma grande nação moderna se confrontar com dois problemas conflitantes — um

deles baseado em argumentos prováveis e racionais, o outro disparando em direção ao erro mais óbvio —, ela, quase invariavelmente, adotará este último. Isto se aplica à política, que consiste inteiramente numa sucessão de asneiras, muitas das quais tão idiotas que existem apenas como palavras de ordem ou demagogia, não podendo ser reduzidas a qualquer declaração lógica.

Acontece o mesmo na religião, que, como a poesia, não passa de uma partitura orquestrada para negar as mais óbvias realidades. E é assim em quase todos os campos do pensamento. As ideias que mais rapidamente conquistam a raça, levantam os mais vibrantes entusiasmos e são defendidas com a maior tenacidade, são justamente as mais insanas. Isto pode ser provado desde que o primeiro gorila "avançado" vestiu cuecas, franziu a testa e saiu por aí dando conferências. E será assim até que os poderes superiores, finalmente cansados desta farsa, exterminem a raça com um gigantesco e definitivo coquetel de fogo, gases mortais e estreptococos.

Não surpreende que a imaginação do homem seja a culpada por esta singular fraqueza. Tal imaginação, eu diria, foi o que lhe permitiu dar o seu primeiro salto sobre seus colegas primatas. Permitiu-lhe visualizar uma condição de existência melhor do que a que ele vinha experimentando e, pouco a pouco, tornou-o capaz de retocar o quadro com uma certa realidade crua. E até hoje ele continua do mesmo jeito. Quer dizer, ele pensa em qualquer coisa que gostaria de ser ou ter, algo bem melhor do que ele já é ou já tem, e, então, por um processo custoso e difícil de erros e acertos, gradualmente chega ao que quer. Durante o processo, muitas vezes é severamente punido por seu descontentamento com as sagradas ordens de Deus. Rói as unhas, coça o queixo, tropeça e cai — e, finalmente, o prêmio que ele tanto buscava derrete em suas mãos. Mas, aos pouquinhos, ele segue em frente ou, na pior das hipóteses, passa o bastão a seus herdeiros ou sucessores. Pouco a pouco, ele asfalta o caminho para sua perna restante e conquista belos brinquedos para a mão que lhe resta, com os quais brinca, e permite a seu olho ou ouvido sobrevivente desfrutar aquela delícia.

Infelizmente, nunca se contenta com este processo lento e sanguinário. Está sempre em busca de algo cada vez mais distante. Vive imaginando coisas além do arco-íris. Este corpo de imagens constitui seu

estoque de doces credulidades, fé e confiança — em suma, seu fardo de erros. E este fardo de erros é o que distingue o homem, mesmo acima de sua capacidade de chorar, seu talento para mentir, sua excessiva hipocrisia e bazófia, de todas as outras ordens de mamíferos. O homem é o caipira *par excellence,* um ingênuo incomparável, o bobo da corte cósmica. Ele é crônica e inevitavelmente tapeado, não apenas pelos outros animais e pelas artimanhas da natureza, mas também (e mais particularmente) por si mesmo — por seu incomparável talento para pesquisar e adotar o que é falso, e por negar ou desmentir o que é verdadeiro.

A capacidade para discernir a verdade essencial, de fato, é tão rara nos homens quanto comum entre os corvos, sapos ou sardinhas. O homem capaz desse discernimento é de uma qualidade mais do que extraordinária — mesmo, talvez, que seja profundamente mórbido. Demonstre uma nova verdade lastreada de qualquer plausibilidade natural para uma multidão, e nem uma pessoa em 10 mil suspeitará de sua existência, e nem uma em 100 mil irá adotá-la sem feroz resistência. Todas as verdades duradouras que se impuseram ao mundo no decorrer da História foram mais combatidas do que a varíola, e todo indivíduo que as recebeu bem e lutou por elas foi, absolutamente sem exceção, denunciado e punido como um inimigo da espécie. Talvez o "absolutamente sem exceção" seja um exagero. Eu o substituiria por "cinco ou seis exceções". Mas quem seriam essas cinco ou seis exceções? Deixo a resposta a cargo de vocês; eu próprio não conheço nenhuma.

Mas, se a verdade é sempre mal recebida, o erro é recebido de braços abertos. Qualquer homem que invente uma nova imbecilidade recebe salvas de palmas e torna-se o dono da verdade; para as grandes massas, ele é o *beau ideal* da humanidade. Dê um giro pelos últimos mil anos da História e você descobrirá que 90% dos ídolos populares do mundo — não me refiro aos heróis de pequenas seitas, mas a ídolos mundialmente populares — não passaram de mascates baratos de *nonsense*. Tem sido assim em política, religião e em qualquer outro departamento do pensamento humano. Mesmo tal mascate já enfrentou alguma oposição, uma vez ou outra, de críticos que o denunciaram como charlatão e o refutaram assim que ele abriu a boca. Mas, ao lado de cada um deles, havia a titânica força da credulidade humana, e isto bastava para destruir seus inimigos e estabelecer sua imortalidade.

— 1920

2. TIPOS DE HOMENS

O ROMÂNTICO

Há uma variedade enorme de homens cujo olho inevitavelmente exagera o que vê, cujo ouvido ouve mais do que a orquestra toca e cuja imaginação duplica ou triplica as informações captadas por seus cinco sentidos. É o entusiasta, o crédulo, o romântico. É o tipo do sujeito que, se fosse um bacteriologista, diria que uma mísera pulga é do tamanho de um cachorro São Bernardo, tão bela quanto a catedral de Beauvais e tão respeitável quanto um professor de Yale.

— 1918

O CÉTICO

Nenhum homem acredita piamente em nenhum outro homem. Pode-se acreditar piamente numa ideia, mas não em um homem. No mais alto grau de confiança que ele pode despertar, haverá sempre o aroma da dúvida — uma sensação meio instintiva e meio lógica de que, no fim das contas, o vigarista *deve* ter um ás escondido na manga. Esta dúvida, como parece óbvio, é sempre mais do que justificada, porque ainda não nasceu o homem merecedor de confiança ilimitada — sua traição, no máximo, espera apenas por uma tentação suficiente. O problema do mundo não é o de que os homens sejam muito suspeitos neste sentido, mas o de que tendem a ser confiantes demais — e de que ainda confiam demais em outros homens, mesmo depois de amargas experiências. Acredito que as mulheres sejam sabiamente menos sentimentais, tanto nisto como em outras coisas. Nenhuma mulher casada põe a mão no fogo por seu marido, nem age como se *confiasse* nele. Sua principal certeza assemelha-se à de um batedor de carteiras: a de que o guarda que o flagrou poderá ser subornado.

— 1919

O CRÉDULO

A fé pode ser definida em resumo como uma crença ilógica na ocorrência do improvável. Ela contém um sabor patológico; extrapola o processo intelectual normal e atravessa o viscoso domínio da metafísica transcendental. O homem de fé é aquele que simplesmente perdeu (ou nunca teve) a capacidade para um pensamento claro e realista. Não que ele seja uma mula; é, na realidade, um doente. Pior ainda, é incurável, porque o desapontamento, sendo essencialmente um fenômeno objetivo, não consegue afetar sua enfermidade subjetiva. Sua fé se apodera da virulência de uma infecção crônica. O que ele diz, em suma, é: "Vamos confiar em Deus, *Aquele que sempre nos tapeou no passado*".

— 1919

O OPERÁRIO

Todas as teorias democráticas, sejam burguesas ou socialistas, levam necessariamente em seu recheio algum conceito de dignidade do trabalho. Se os despossuídos fossem privados desta ilusão de que seus sofrimentos na linha de montagem são, de alguma forma, louváveis e agradáveis a Deus, só lhes restaria em seu ego uma dor de barriga. Não obstante, uma ilusão é uma ilusão, e esta é das piores. Ela é fruto da confusão entre um artista que se orgulha do seu trabalho e a docilidade canina e penosa do operário em sua máquina. A diferença é importante e enorme. Mesmo sem qualquer remuneração, o artista continuará a trabalhar do mesmo jeito; sua verdadeira recompensa, de fato, é quase sempre tão mísera que ele chega a passar fome. Mas suponha que o operário de uma fábrica de tecidos não ganhe nada por seu trabalho: continuaria trabalhando do mesmo jeito? Pode-se imaginá-lo submetendo-se voluntariamente a uma compulsão irresistível de expressar sua alma em mais 200 pares de calcinhas femininas?

— 1919

O MÉDICO

A medicina preventiva é a corrupção da medicina pela moralidade. É impossível encontrar um médico que não avacalhe a sua teoria da saúde com a teoria da virtude. Toda a medicina, de fato, culmina numa exortação ética. Isto resulta num conflito diametral com a ideia da medicina em si. O verdadeiro objetivo da medicina não é tornar o homem virtuoso; é o de protegê-lo e salvá-lo das consequências de seus vícios. O médico não prega o arrependimento; ele oferece a absolvição.

— 1919

O CIENTISTA

O valor dado pelo mundo sobre os *motivos* que levam os cientistas a fazer isto ou aquilo é frequente e grosseiramente injusto e inexato. Considere, por exemplo, dois motivos: uma mera curiosidade insaciável e o desejo de fazer o bem. O último é considerado muito mais importante que o primeiro e, no entanto, é o primeiro que aciona um dos homens mais úteis que a raça humana produziu até hoje: o pesquisador científico. O que realmente o desperta não é a ideia de prestar um serviço de araque, mas uma sede ilimitada e quase patológica de penetrar o desconhecido, de descobrir o segredo, de chegar aonde nunca se tinha chegado. Seu protótipo não é o do benfeitor que liberta seus escravos, nem o do bom samaritano que levanta os caídos, mas o de um sabujo farejando furiosamente em busca de infinitos buracos de ratos.

— 1919

O EMPRESÁRIO

Existe um sólido instinto que põe o empresário abaixo de todos os outros profissionais e joga-lhe às costas um fardo de inferioridade social do qual ele não consegue se livrar, mesmo na América. O próprio empresário reconhece esta suposição de sua inferioridade, mesmo quando protesta contra ela. É o único homem, além do verdugo e do gari,

que vive se desculpando por sua ocupação, para fazer parecer, quando atinge o objetivo de seu trabalho — *i. e.*, ter ganho uma montanha de dinheiro —, que o dinheiro *não* era o objetivo de seu trabalho.

— 1921

O REI

Talvez a qualidade mais valiosa que qualquer homem possa ter neste mundo seja um ar naturalmente superior, um talento para empinar o nariz com desprezo. A generalidade dos homens se impressiona e aceita isto como prova de um mérito legítimo. Portanto, basta desdenhá-los para ganhar o seu respeito. A estupidez e a covardia congênitas dos homens fazem com que eles se curvem a qualquer líder que apareça, e o sinal de liderança que reconhecem mais prontamente é aquele que se mostra externamente. Esta é a verdadeira explicação para a sobrevivência da monarquia, que sempre ressuscita depois de suas mortes sucessivas.

— 1921

O *METAFÍSICO*

Um metafísico é alguém que, quando você lhe diz que dois vezes dois são quatro, ele quer saber o que você entende por *vezes,* o que significa *dois,* e o que quer dizer *são* e por que isto dá *quatro*. Por fazerem tais perguntas, os metafísicos desfrutam um luxo oriental nas universidades e são respeitados como homens educados e inteligentes.

— Inédita

O HOMEM MÉDIO

Costuma-se jogar na cara dos marxistas, com a sua concepção materialista da História, que eles subestimam certas qualidades espirituais do homem que não dependem de quanto ele ganhe ou deixe de ganhar. O argumento é o de que essas qualidades colorem as aspirações e atividades do homem civilizado tanto quanto são coloridas

pela sua condição material, tornando assim impossível simplesmente reduzir o homem a uma máquina econômica. Como exemplos, os antimarxistas citam o patriotismo, a piedade, o senso estético e a vontade de conhecer Deus. Infelizmente, os exemplos são mal escolhidos. Milhões de homens não ligam para o patriotismo, a piedade ou o senso estético, e não têm o menor interesse ativo em conhecer Deus. Por que os antimarxistas não citam uma qualidade espiritual que seja verdadeiramente universal? Pois aqui vai uma. Refiro-me à covardia. De uma forma ou de outra, ela é visível em todo ser humano; serve também para separar o homem de todos os outros animais superiores. A covardia, acredito, está na base de todo sistema de castas e na formação de todas as sociedades organizadas, inclusive as mais democráticas. Para escapar de ir à guerra ele próprio, o camponês dava de mão beijada certos privilégios aos guerreiros — e destes privilégios brotou toda a estrutura da civilização. Vamos recuar mais ainda no tempo. Foi a propriedade que levantou a lebre de que uns poucos homens relativamente corajosos foram capazes de acumular mais posses do que hordas de covardes — e, como se fosse pouco, de mantê-las depois de acumuladas.

— 1922

O DONO DA VERDADE

O homem que se gaba de só dizer a verdade é simplesmente um homem sem nenhum respeito por ela. A verdade não é uma coisa que rola por aí, como dinheiro trocado; é algo para ser acalentada, acumulada e desembolsada apenas quando absolutamente necessário. O menor átomo da verdade representa a amarga labuta e agonia de algum homem; para cada pilha dela, há o túmulo de um bravo *dono da verdade* sobre algumas cinzas solitárias e uma alma fritando no Inferno.

— 1922

O PARENTE

A normal antipatia do homem por seus parentes, principalmente pelos de segundo grau, é explicada pelos psicólogos de várias maneiras

torturantes e improváveis. A real explicação me parece muito mais simples. Reside no simples fato de que todo homem vê em seus parentes (especialmente em seus primos) uma série de grotescas caricaturas de si próprio. Eles exibem as qualidades dele deformadas para o máximo ou para o mínimo; dão-lhe a impressão de que talvez seja assim que ele próprio se mostra ao mundo, e isto é inquietante — e por isso ferem o seu *amour propre* e lhe provocam intenso desconforto.

— 1919

O CONTRAPARENTE

O homem detesta os parentes de sua mulher pela mesma razão de que não gosta dos seus próprios, ou seja, porque eles lhe parecem grotescas caricaturas daquela por quem ele tem respeito e afeição, ou seja, sua mulher. De todos eles, a sogra é obviamente a mais repugnante, porque ela não apenas macaqueia sua mulher, mas também porque antecipa o que sua mulher provavelmente se tornará. Aquela visão, naturalmente, lhe provoca náuseas. Às vezes, a coisa é mais sutil. Digamos, por exemplo, que sua própria mulher lhe pareça uma caricatura de uma irmã mais jovem e bonita. Neste caso, estando atado à sua mulher, ele pode vir a detestar a irmã — como sempre se detesta uma pessoa que simboliza o fracasso e a escravidão de alguém.

— 1920

O AMIGO

Um homem de mente ativa e elástica desgasta suas amizades, assim como certamente desgasta seus casos amorosos, suas tendências políticas e sua epistemologia. Elas se tornam puídas, esfrangalhadas, artificiais, irritantes e deprimentes. Transformam-se de realidades vivas em nulidades moribundas, e entram em sinistra oposição à liberdade, ao auto-respeito e à verdade. É tão repelente conservá-las, depois que se tornam ocas e podem ser sopradas como uma mosca, quanto manter uma paixão depois que esta paixão já se tornou um cadáver. Todo homem

prudente, ao lembrar-se de que a vida é curta, deveria dispensar uma hora ou duas, de vez em quando, para um exame crítico de suas amizades. Deve pesá-las, repensá-las, testar se ainda contêm algum metal. Algumas poderão sobreviver, talvez com mudanças radicais em seus termos. Mas a maioria será varrida de seus minutos e ele tentará esquecê-las, assim como tenta esquecer seus frios e pegajosos amores do ano retrasado.

— 1919

O *FILÓSOFO*

Não há registro na história humana de um filósofo feliz: só existem nos contos da Carochinha. Na vida real, muitos cometeram suicídio; outros mandaram seus filhos porta afora e surraram suas mulheres. Não admira. Se você quiser descobrir como um filósofo se sente quando se empenha na prática de sua profissão, dê um pulo ao zoológico mais próximo e observe um chimpanzé na sua chatíssima e infindável tarefa de catar pulgas. Ambos — o filósofo e o chimpanzé — sofrem como o diabo, mas nenhum dos dois consegue ganhar.

— 1927

O ALTRUÍSTA

Uma grande parte do altruísmo, mesmo quando perfeitamente honesto, baseia-se no fato de que é desconfortável ver gente infeliz ao nosso redor. Isto se aplica especialmente à vida familiar. Um homem faz sacrifícios para satisfazer os caprichos de sua mulher, não porque adore desistir da ideia de comprar o que *ele* realmente quer para ele, mas porque seria pior ainda vê-la de cara amarrada na mesa do jantar.

— 1920

O ICONOCLASTA

O iconoclasta se afirma quando prova com suas blasfêmias que este ou

aquele ídolo não passa de uma besta — e deixa cheio de dúvidas pelo menos *um* dos que o ouvem. A liberação da mente humana avançou muito quando alguns gaiatos depositaram gatos mortos em santuários e depois saíram pelas ruas espalhando que aquele deus no santuário era uma fraude — provando a todo mundo que a dúvida era uma coisa legítima. Um relincho vale por 10 mil silogismos.

— 1924

O CHEFE DE FAMÍLIA

Vejamos o caso do escritor medíocre que defende o seu trabalho de escrever seriados para revistas ou roteiros de cinema, afirmando que tem uma mulher para sustentar. Tendo conhecido algumas destas mulheres, não vejo por que se submeteriam a tais sacrifícios... Quanto aos subprodutos biológicos desta fidelidade — os filhos —, minha avaliação deles seria ainda mais baixa. Mostre-me cem cabeças de crianças comuns que valham um único *O Coração das Trevas,* e eu mudarei de ideia. Quanto a *Lord Jim,* eu não o trocaria por todos aqueles pirralhos nascidos em Trenton, New Jersey, desde a guerra contra a Espanha em 1898.

— 1924

O SOLTEIRO

Ao redor de qualquer solteiro com mais de 35 anos, florescem muitas lendas a respeito das causas de seu celibato. Alguns sussurram que, sendo uma nulidade, sua solteirice estaria prestando um serviço aos não-nascidos. Outros fofocam que, aos 26 anos, ele teria se apaixonado perdidamente por uma linda mulher que o trocou por um corretor de imóveis, e isto partiu-lhe o coração para sempre. Tais histórias são, quase sempre, besteiras. A razão pela qual o solteiro mediano de 35 anos prefere continuar solteiro é muito simples. É a de que nenhuma mulher normalmente bonita e inteligente viu qualquer motivo para se casar com ele.

— 1922

O HOMEM PERFEITO

O homem, na melhor das hipóteses, continua uma espécie de animal cambeta, incapaz de tornar-se redondo e perfeito como, digamos, uma barata é perfeita. Se ele demonstra uma qualidade merecedora de aplausos, ninguém sabe de outra que ele possua. Dê-lhe uma cabeça, e lhe faltará um coração. Dê-lhe um coração com uma capacidade para dez litros, e sua cabeça mal servirá para acomodar uma dose. O artista, em 90% dos casos, é um mosca morta, dado à corrupção de virgens, assim chamadas. O patriota é um fanático e, muito frequentemente, um farsante e um covarde. O homem de grande bravura física, no máximo, empata intelectualmente com um pastor protestante. O gigante intelectual sofre do fígado e não consegue saltar sobre uma agulha. Em todos os meus anos de pesquisa por este mundo, da Golden Gate, no oeste, até Vístula, no leste, e das ilhas Orkney, no norte, até o Spanish Main, no sul, nunca conheci um homem completamente honrado que merecesse a honra de ser chamado deste nome.

— 1923

O ETERNO MACHO

Tente ouvir dois ou três rapazes conversando numa rodinha; seus bate-papos serão quase inteiramente compostos de bazófias — sobre suas façanhas no esporte, seu sucesso na escola, a riqueza e o vigor animal de seus pais, a elegância de suas casas. Acima de todos os quadrúpedes, o homem é o mais frívolo e idiota. Um belo papagaio não passa de um mero papagaio em comparação a ele. O homem não consegue se imaginar fora do centro das situações. Nunca abre a boca a não ser para falar de si mesmo. Nunca realiza a mais trivial das atividades sem pavoneá-la e aumentar-lhe a importância. Por mais banal que seja a situação em que se encontre, tenta transformá-la na mais inédita e gloriosa possível. Se, num daqueles sórdidos e obscuros combates contra outros imbecis, ele, por acaso, leva a melhor, estufa o peito de tal jeito que parece a ponto de explodir. Mas se, ao invés de levar a melhor, é obrigado a beijar a lona por um golpe desferido com luvas de pelica,

extrai disso quase o mesmo êxtase por sua derrota e ignomínia. Então temos, de um lado, o herói; do outro, o mártir. Ambos são sujeitos grotescos e pueris. Ambos são de araque.

— 1918

O ESCRAVO

Não me diga o que ele vê de tão divertido a respeito de Deus, ou qual artista de circo ele segue em política, ou como aguenta submeter-se àquela mulher. Diga-me apenas como ele ganha a vida. Um homem que consegue casa e comida de maneira ignominiosa será, inevitavelmente, um homem ignominioso.

— 1922

3. MULHERES

A MENTE FEMININA

As companheiras do homem, mesmo que mostrem respeito por seus méritos ou autoridade, sempre o veem secretamente como um jumento, e com uma sensação próxima da piedade. O que ele diz ou faz, por mais brilhante, raramente as engana; elas veem o homem como ele é por dentro e o consideram um sujeito oco e patético. Neste fato, talvez resida uma das melhores provas da inteligência feminina ou, como diz o lugar-comum, da intuição feminina. As características desta assim chamada intuição são simplesmente uma aguda e acurada percepção da realidade, uma imunidade natural ao encantamento emocional e uma incansável capacidade para distinguir claramente entre a aparência e a substância. A aparência do homem, no círculo familiar comum, é a de um magnifico herói, um semideus. A substância é a de um pobre coitado.

É verdade que uma esposa costuma invejar seu marido em algumas de suas mais sinceras prerrogativas e sentimentalismos. Ela pode invejar sua masculina liberdade de movimentos e ocupações, sua impenetrável complacência, seu deleite caipira em pequenos vícios, sua capacidade para esconder a dura face da realidade numa capa de romantismo, sua inocência e infantilidade generalizadas. Mas ela nunca lhe inveja sua alma vulgar e pretensiosa.

Esta cortante percepção da fanfarronice e do faz-de-conta masculino, esta aguda compreensão do homem como o eterno tragicômico, estão na base daquela piedosa ironia que responde pelo nome de instinto maternal. As mulheres adoram tratar um homem como um filho porque conseguem enxergar sua incapacidade de defesa, sua necessidade de um ambiente acolhedor e sua tocante tendência a se iludir. Este traço irônico não é apenas claro como água na vida real, diariamente; é também o que dá o tom da literatura feminina. Uma romancista, se for competente o bastante para ser levada a sério, nunca trata os homens como heróis. Dos

tempos de Jane Austen aos de Selma Lagerlof, ela sempre injeta em seu próprio personagem um toque de superioridade ou de derrisão mal camufladas. Não consigo me lembrar de nenhum personagem masculino criado por uma mulher que não seja, no fundo, um palerma.

O fato de ainda ser necessário, neste último estágio da senilidade humana, provar que as mulheres têm uma fina e fluente inteligência, é uma prova eloquente dos incuráveis preconceitos, da observação deficiente e da patetice completa e seus amos e senhores. As mulheres, na realidade, não são apenas inteligentes; também detêm quase um monopólio das formas mais sutis e úteis de inteligência. A coisa em si poderia ser razoavelmente descrita como um traço feminino especial; em mais de uma de suas manifestações existe uma feminilidade mais palpável do que a feminilidade da crueldade, do masoquismo e até do *rouge* em seu rosto.

Os homens são fortes. São bravos em combate físico. Os homens são românticos e amam aquilo que concebem como sendo a beleza e a virtude. Os homens tendem à fé, à caridade à esperança. Os homens sabem suar e carregar seus fardos. Os homens são ternos e cordiais. Mas, assim que demonstram possuir os verdadeiros fundamentos da inteligência — ou revelam capacidade para descobrir o cerne da verdade eterna no lusco-fusco da ilusão e da alucinação e tentam trazê-la à luz —, neste ponto estarão sendo femininos, e ainda nutridos pelo leite de suas mães. Os traços e qualidades essenciais do homem, suas características ainda não poluídas, são as mesmas do homem das cavernas. O homem das cavernas limitava-se a músculos e a um cérebro de mingau. Sem uma mulher para conduzi-lo e pensar por ele, seria um espetáculo mais que lamentável: um bebê de barbas, um coelho na forma de um mamute, uma frágil e absurda caricatura de Deus.

Evidentemente, não quero dizer que a masculinidade não contribuiu para o complexo de reações químico-fisiológicas que produz o que chamamos de certas aptidões. O que quero dizer é que este complexo é impossível sem a contribuição feminina, ou seja, que ele é um produto da interação entre os dois elementos. Nas mulheres de talento podemos ver o quadro oposto. Há alguma coisa de masculino nelas, que as faz tanto se barbear quanto brilhar. Pense em George Sand, Catarina, a Grande, Elizabeth da Inglaterra, Rosa Bonheur, Teresa Carreño ou Cosima

Wagner. Nenhum dos dois sexos, sem alguma fertilização das características complementares do outro, é capaz de atingir os picos da criatividade humana. O homem, sem o toque salvador da mulher que existe nele, é parvo, ingênuo e romântico demais, fácil de enganar e anestesiado em sua imaginação, o que não lhe permite ser mais do que um oficial de cavalaria, um teólogo ou um gerente de banco. E a mulher, sem qualquer traço daquela divina inocência masculina, seria rígida demais para aqueles vastos jatos de fantasia que se projetam no coração do que chamamos de gênios. Ao homem exclusivamente masculino falta a graça necessária para dar forma objetiva aos seus sonhos mais sublimes e secretos; e a mulher exclusivamente feminina torna-se uma criatura cínica demais para ter o poder de sonhar.

O que os homens, em seu egoísmo, confundem constantemente com uma deficiência de inteligência na mulher, é apenas a incapacidade dela para dominar aquele complexo de conhecimentos mesquinhos ou aquela coleção de trivialidades cerebrais que constituem o principal equipamento mental do homem médio. Um homem pode pensar que é mais inteligente do que sua mulher porque é capaz de somar com menor margem de erro, porque se julga capaz de distinguir entre as ideias de políticos rivais ou porque julga-se íntimo das minúcias de algum negócio ou profissão sórdidos ou degradantes. Mas esses talentos vazios não constituem realmente sinais de inteligência; são, na verdade, apenas uma minienciclopédia de truques e tramóias, cujo aprendizado exige pouco mais de seus poderes mentais do que se exige de um chimpanzé para aprender a recolher uma moeda ou acender um fósforo.

Toda a bagagem mental do empresário médio, ou mesmo do profissional médio, é desordenadamente infantil. Não se exige mais sagacidade para se levar adiante a condução diária do mundo ou despejar as doses habituais de burrice em nome da medicina e do direito, do que a de dirigir um táxi ou pôr um peixe para fritar. Nenhuma pessoa observadora conversa cinco minutos com a maioria dos empresários e dos profissionais — limito-me aqui àqueles que deram certo e excluo os fracassados confessos — sem deixar de se maravilhar pela sua letargia intelectual, sua incurável ingenuidade ou sua fantástica falta de bom senso. O falecido Charles Francis Adams, neto de um presidente americano e bisneto de outro, depois de toda uma vida em íntimo contato com alguns dos principais *gênios* dos negócios na América, relatou, já

idoso, que nunca ouviu nenhum deles dizer qualquer coisa que valesse a pena ser ouvida. Todos eram homens vigorosos e masculinos, o que os tornava bem-sucedidos num mundo masculino. Intelectualmente, eram cartuchos de pólvora seca.

Mas há um terreno fértil para perguntar se, se aqueles homens fossem inteligentes, chegariam a ser tão bem-sucedidos em suas grosseiras empreitadas — e responder dizendo que a prova de suas mentalidades inferiores é exatamente a de terem conquistado e mantido com um simples lengalenga a sua pilha de bilhões. Esta ideia é facilmente provada pela conhecida incapacidade de homens inegavelmente de primeira classe diante de preocupações práticas e banais. É impossível imaginar, por exemplo, Aristóteles conseguindo multiplicar 3472701 por 99 999 sem cometer um erro, interessando-se pelo número de cavalos num automóvel ou pelo preço das geladeiras numa liquidação. Pelo mesmo motivo, ninguém pensaria em Aristóteles tornando-se um *expert* em bridge, golfe e outros jogos idiotas, com os quais os supostos homens bem-sucedidos se divertem entre si. Em seu grande estudo sobre a maneira de ser dos britânicos, Havelock Ellis descobriu que a incapacidade para praticar certas façanhas é visível em quase todos os homens de primeira classe. Por exemplo, não sabem dar nós em gravatas. Confundem-se ao pôr suas contas em dia. Não entendem nada de política partidária. Em suma, são inertes e impotentes em todos os setores de desempenho nos quais o homem médio atinge suas mais altas *performances*. Esses homens de primeira classe são facilmente ultrapassados por outros cuja real inteligência está tão abaixo da deles quanto a dos *Simidae*.

Esta falta de aptidão para truques mentais ou de caráter trivial — que deve parecer a um barbeiro uma estupidez e a um caixa de banco uma imbecilidade completa — é um traço que os homens de primeira classe partilham com as mulheres de primeira, segunda e até de terceira classes. Raramente se ouve falar de mulheres que se deram bem em ocupações nas quais poderiam brilhar — por exemplo, afinar pianos, tornar-se advogadas ou escrever editoriais de jornais —, embora a grande maioria de tais ocupações esteja perfeitamente dentro dos seus poderes físicos e poucas delas imponham grandes barreiras sociais a que as mulheres as desempenhem. Não há nenhuma razão externa para que elas não possam se impor nos tribunais, nas redações de revistas, como

gerentes de fábricas e hotéis, e mesmo no comércio atacadista. Os tabus que encontram pelo caminho são míseros; várias mulheres aventurosas desafiaram-nos com destemor e, assim que arrombaram a porta, não se viram absolutamente em desvantagem. Mas, como todo mundo sabe, o número de mulheres no ramo dos negócios ou na prática de tais profissões ainda é muito pequeno, e menor ainda o daquelas que atingiram alguma distinção na competição com os homens.

A causa disto, portanto, não é externa, mas interna. Reside na capacidade da mulher para aprender realidades mais amplas, na sua impaciência para o que considera reles e meretrício, enfim, numa desqualificação para a rotina mecânica e as técnicas vazias que se encontram em todas as variedades de homens. Até naqueles objetivos que os costumes da Cristandade lhes conferiram, as mulheres raramente mostram aquela proficiência semi-automática e convencional de que os homens se orgulham e se gabam. É um clichê observar que as donas-de-casa que realmente *sabem* cozinhar, costurar suas próprias roupas, ou são competentes para instruir seus filhos em matérias de moral, aprendizado e higiene, sabem *também* como esconder tudo isto. Mas as mulheres que sabem fazer tudo isto são raras e, quando se conhece uma, ela não se torna muito admirada por sua inteligência em conhecimentos gerais.

Isto é particularmente comum nos Estados Unidos, onde a posição da mulher é mais alta do que em qualquer outro país civilizado ou semicivilizado, e onde a velha convicção de sua inferioridade intelectual vem sendo desafiada com sucesso. A mesa de jantar do americano burguês tornou-se um problema para a técnica deficiente da esposa americana. Ao convidado que respeita seu esôfago, instado a digerir aquela gororoba discordante e malfeita, aconselha-se que evite esta experiência todas as vezes que puder — ou então que se resigne àquilo, como alguém que se resigna a ser barbeado por um paralítico. Em nenhum outro lugar do mundo as mulheres têm mais liberdade e tempo de lazer para expandir suas mentes do que nos Estados Unidos, e em nenhum outro demonstram tal nível de inteligência — mas, ao mesmo tempo, em nenhum outro lugar serve-se uma comida caseira tão ruim, uma administração tão inepta da economia doméstica ou uma maior dependência de substitutos externos (que têm o homem como provedor). Certamente não será coincidência que a terra das mulheres emancipadas

e entronizadas seja também a terra da comida enlatada: sopas, carne de porco, feijão, às vezes refeições inteiras em lata, e tudo pronto para servir. E em nenhum outro lugar há uma tendência mais chocante para se despejar a educação das crianças nas mãos de *pedagogos* e seu condicionamento físico a *experts* em *playgrounds,* além de *sexólogos* e outros tipos de profissionais, quase todos blefes.

Em resumo, as mulheres se rebelam — muitas vezes inconscientemente ou se submetendo de vez em quando — contra os truques burros e mecânicos que a atual organização da sociedade impõe à sua inteligência. Se elas gostassem e se orgulhassem desses truques, estariam tão de quatro quanto os homens que se contentam em ser garçons, contadores, caçadores de gazeteiros ou batedores de tapetes — e orgulhosas disto. A tendência inerente a qualquer mulher sobre tudo que lhe parece estúpido é a de fugir a qualquer obrigação e, se isto lhe for impossível, reduzir suas obrigações ao mínimo. E quando algum imprevisto a isenta, temporária ou permanentemente, da tentação ao casamento, e ela entra em competição com os homens na condução dos negócios mundiais, a espécie de carreira em que ela se dispõe a batalhar fornece ainda mais provas de sua superioridade mental.

Exemplos? Em qualquer atividade que não exija mais do que uma técnica invariável ou um pouco de esperteza, ela normalmente fracassa; em qualquer outra que exija talento criativo e um pensamento independente, a mulher normalmente se dá bem. É por isto que ela geralmente é um fiasco como advogada, porque a advocacia exige apenas um arsenal de frases ocas e fórmulas estereotipadas, além de um torpor mental que põe estes fantasmas acima do bom senso, da verdade e da justiça. É também um fiasco nos negócios porque estes, quase como regra, não passam de um composto tão fedorento de trivialidades e velhacarias que causam revolta à sua integridade intelectual. Mas ela é geralmente competente como enfermeira, uma profissão que requer engenhosidade, raciocínio rápido, coragem diante de situações desconhecidas e desconcertantes, e, acima de tudo, capacidade para penetrar e dominar seu caráter. Quando ela entra em competição com os homens no mundo das artes, particularmente naqueles planos secundários em que a simples esperteza mental ainda não recebeu o estalo do gênio, ela invariavelmente é capaz de empatar. No *demi-monde,* qualquer um encontrará nesta mulher argúcia, ousadia e elasticidade

suficientes diante de dificuldades especiais — enfim, qualidades capazes de tornar vergonhoso o equipamento exigido por profissões exclusivamente masculinas. Se o trabalho do homem médio exigisse metade da agilidade mental e criatividade do trabalho da proprietária de um bordel comum, este homem médio estaria sempre a um milímetro de passar fome.

Os homens, como se sabe, não acreditam na inteligência superior das mulheres; seu egoísmo exige esta descrença, e eles não são capazes de refletir o suficiente para mudar de ideia, mesmo diante de análises lógicas e de provas. Mais ainda, há uma certa aparência capciosa de certeza em suas posições; eles forçaram as mulheres a adotar uma personalidade artificial que esconda bem a verdadeira personalidade delas, e as mulheres acharam proveitoso estimular esta mentira. Mas, embora qualquer homem normal nutra esta balela de que é intelectualmente superior a todas as mulheres e, em particular à sua esposa, constantemente entrega os pontos de sua pretensão consultando-a e dependendo daquilo que ele chama de intuição feminina. Quer dizer, ele sabe por experiência que o juízo dela em assuntos de importância capital é mais sutil e penetrante que o dele — mas, relutante em creditar essa maior sagacidade a uma inteligência mais competente, ele se refugia na doutrina de que, nela, isto se deve a algum talento impenetrável e intangível para avaliar corretamente; uma espécie de sensibilidade meio mística ou um vago instinto, em essência, infra-humanos.

A verdadeira natureza deste suposto instinto, entretanto, se revela por um exame das situações que inspiram o homem a pedir ajuda à mulher. Estas situações não brotam dos problemas puramente técnicos que formam as suas preocupações do dia-a-dia, mas de problemas mais raros, fundamentais e difíceis, que o atormentam apenas de tempos em tempos e a intervalos irregulares, insistindo em testar, não a sua mera capacidade para espremer o crânio, mas a sua legítima capacidade de raciocínio. Nenhum homem, exceto aquele conscientemente inferior ou calça-curta, consultaria sua mulher sobre a contratação de um empregado, se deve emprestar dinheiro a um caloteiro ou sobre qualquer outro assunto rotineiro ou de mau gosto. Mas nem mesmo o mais egoísta dos homens deixaria de consultá-la a respeito de admitir um sócio em sua empresa, se deve entrar para a vida pública ou sobre o

casamento de sua filha. Tais coisas são de gigantesca importância; são elas que fundam o bem-estar, exigem do homem a sua melhor cabeça para confrontá-las, e os perigos ocultos numa decisão errada superam até a sua vaidade. É em tais situações que a superior garra mental das mulheres é de óbvia utilidade, e tem de ser admitida. É então que elas superam seus insignificantes sentimentalismos, superstições e fórmulas que lhes foram inculcadas pelo homem, e aplicam ao caso o seu singular talento para separar a aparência da substância, e então exercem o que se considera sua *intuição*.

Intuição? Uma ova! As mulheres são as supremas realistas da espécie. Aparentemente ilógicas, elas detêm uma super-lógica rara e sutil. Aparentemente desligadas, agarram-se à verdade com uma tenacidade que resiste a cada fase das incessantes e gelatinosas mudanças de forma desta verdade. Aparentemente pouco observadoras e fáceis de tapear, elas enxergam *tudo,* com olhos brilhantes e demoníacos. Também em alguns homens esta implacável perspicácia se revela — homens tidos como distantes ou menos inflamáveis do que a maioria —, homens cínicos, sardônicos e com um talento especial para a lógica. Algumas vezes os homens também têm cabeça. Mas este será um homem raro, muito raro, que consegue manter uma inteligência estável, capaz de juízos constantemente sólidos e que não se deixa levar pelas aparências.

Como, digamos, uma mulher multípara média de 48 anos.

— 1918

MULHERES FORA-DA-LEI

Um dos principais encantos da mulher na sociedade humana talvez seja o fato de que elas são relativamente incivilizadas. No cipoal de repressões e inibições pueris que tenta enredá-las, continuam a mostrar um lado cigano, meio fora-da-lei. Nenhuma mulher normal tem um pingo de interesse pela lei, se por acaso a lei se puser no caminho de seus interesses particulares. Vejamos agora o homem. Os picos da civilização são exaltados com tanto foguetório pelos sentimentalistas, que não conseguimos enxergar seus desprogressos. Intrinsecamente, não passam de um ardil para pôr os homens na linha. Seu símbolo perfeito é a marcha tipo passo-de-ganso. No sentido convencional, o homem

civilizado é aquele que melhor conseguiu frear e conter seus instintos sinceros e naturais — ou seja, o homem que cometeu as violências mais cruéis contra o seu próprio ego no interesse do bem-estar público. O valor deste bem-estar é sempre superestimado. Para que serve, no fundo? Simplesmente para favorecer o maior número — de velhacos, ignorantes e galinhas-mortas.

A aptidão para se submeter e prosperar confortavelmente nesta civilização de pés-rapados é muito mais marcante nos homens que nas mulheres, e maior ainda entre os homens inferiores do que entre os homens de categoria superior. Deve ser óbvio, até para um asno tão patético quanto um professor universitário de História, que pouquíssimos dos homens de primeira classe eram inteiramente civilizados, no sentido que lhes atribuem hoje os jornais. Pense em César, Napoleão, Lutero, Frederico o Grande, Cromwell, Barba Ruiva, Inocêncio III, Bolívar, Aníbal, Alexandre e, para chegar aos nossos tempos, Grant, Stonewall Jackson, Bismarck, Wagner e Cecil Rhodes.

O fato de que as mulheres têm uma capacidade maior do que os homens para controlar e esconder suas emoções não é uma indicação de que elas sejam mais civilizadas, mas uma prova de que são *menos* civilizadas. Esta capacidade é uma característica dos selvagens, não dos homens civilizados, e sua perda é um dos prejuízos que a espécie tem pago por seus canhestros picos de civilização. O verdadeiro selvagem — sempre reservado, digno e cortês — sabe como mascarar seus sentimentos, mesmo diante da mais temível ameaça; o homem civilizado sempre se rende à ameaça. A civilização torna-se cada vez mais histérica e babona e, especialmente sob a democracia, tende a degenerar num mero bate-boca entre dementes. O único objetivo da prática política, por exemplo, é o de manter o povo alarmado (e, portanto, clamando por ser conduzido em segurança) por uma galeria interminável de capetas e papões, todos, claro, imaginários.

As guerras fugiram ao controle dos homens superiores — os únicos capazes de julgar sem paixão, mas com inteligência, as causas por trás delas e as consequências que advirão. Agora passaram a ser declaradas assim que se põe uma multidão em pânico, e só terminam quando já esgotaram sua fúria. Neste ponto, o efeito da civilização foi o de reduzir uma arte que era o repositório da coragem, e da vocação inata de alguns

dos melhores homens, ao nível de um assalto a um bordel ou ao de uma briga no cais. Todas as guerras da Cristandade são agora repelentes e degradantes; sua condução passou das mãos dos nobres e cavaleiros para as dos demagogos, agiotas e camelôs de atrocidades. Para podermos reconstituir a guerra em grande estilo, como a concebiam o príncipe Eugène, Marlborough e o velho Dessauer, temos que recuar aos povos bárbaros.

— 1921

A MULHER FRIA

O talento feminino para esconder a emoção é provavelmente o maior responsável pela convicção de tantos americanos do sexo masculino de que as mulheres são vazias de paixão, e é por isto que eles contemplam suas manifestações do mesmo tipo no macho quase que com horror. Este talento feminino fica ainda mais à vista quando se sabe que poucos observadores, nas raras ocasiões em que pensam no assunto, são propícios a uma observação científica. A verdade é que não há razão alguma para se acreditar que a mulher normal é frígida, ou que a minoria de mulheres que inquestionavelmente o *são* tenham algum peso na balança. É a vaidade dos homens que dá tanto valor às mulheres do tipo virginal, o que faz com que este tipo tenda a crescer pela seleção sexual — mas, apesar disto, está longe de superar a mulher normal, tão realistamente descrita pelos teólogos e publicistas da Idade Média.

Seria apressado, no entanto, concluir que esta seleção longa e contínua não se faz sentir, mesmo no tipo normal. Seu principal efeito talvez tenha sido o de tornar mais fácil para a mulher conquistar e ocultar suas emoções do que para um homem. Mas este é um mero reforço de uma qualidade inata ou que, pelo menos, antecipou de muito a ascensão daquela curiosa preferência já mencionada.

Esta preferência obviamente deve a sua origem ao conceito da propriedade privada e é mais evidente nos países em que a maior concentração de propriedades está nas mãos dos homens — *i. e.,* em que a casta dos proprietários conseguiu descer ao mais baixo estrato dos néscios e dos tapados. O homem de baixo nível nunca tem total confiança em sua mulher, a menos que seja convencido de que ela é totalmente

desprovida de suscetibilidade amorosa. Ele fica inquieto quando ela dá algum sinal de responder à altura às suas maneiras elefantinas, e fica mais desconfiado ainda quando ela reage com chama ao que deveria ser um casto beijo conjugal. Se ele conseguisse se livrar de tais suspeitas, haveria menos tagarelice pública a respeito de mulheres assexuadas, menos livros seriam escritos por charlatões propondo esta ou aquela "cura", e muito menos formalismo e monotonia no recesso do lar.

Tenho a impressão de que esta espécie de marido está prestando a si mesmo um péssimo favor, e que ele não gosta de ficar consciente disto. Tendo capturado uma mulher segundo as conveniências do seu gosto austero, ele logo descobre que ela o deprime — que sua vaidade foi quase tão penosamente atingida pela inércia emocional dela como o teria sido por um espírito mais provocante e hedonista. Pois o que mais delicia um homem é ver uma mulher atravessar a barreira da solene submissão, em direção à potência afrodisíaca do seu grande amor - ou seja, o contraste agudo e envaidecedor entre a reserva que ela mantém na presença de outros homens e sua absoluta entrega a ele na intimidade. Isto faz cócegas em sua vaidade. Ao resto do mundo ela parece remota e inabordável; para ele, ela é dócil, palpitante, efervescente, e até mesmo abandonada. Quanto maior o contraste entre os dois *fronts* da moça, maior a satisfação dele — até o ponto em que isto levanta as suspeitas do paspalhão. No momento em que ela diminui um pouquinho este contraste em público — ao sorrir para um ator atraente, ao dizer uma palavra a mais a um *maître* que lhe deu atenção, ao segurar a mão do padre nas despedidas ou ao piscar de brincadeira para o marido de sua irmã—, imediatamente o matuto começa a procurar por bilhetes clandestinos, contrata detetives particulares ou passa a examinar atentamente os olhos, orelhas, narizes e o cabelo de seus filhos com dúvidas vergonhosas. Isto explica muitas catástrofes domésticas.

— 1921

INTERMEZZO SOBRE A MONOGAMIA

O predomínio do casamento monogâmico no reino de Cristo é comumente atribuído a considerações éticas. Isto é tão absurdo quanto atribuir às guerras a mesma consideração. A simples verdade é a de que

tais considerações não passam de deduções extraídas da experiência e são rapidamente abandonadas quando a experiência se volta contra elas. No presente caso, a experiência ainda está abundantemente a favor da monogamia; os homens civilizados a preferem, porque acham que a monogamia funciona. E por que funciona? Porque é o mais eficiente de todos os antídotos disponíveis aos alarmes e terrores da paixão. A monogamia, em suma, mata a paixão — e a paixão é o mais perigoso de todos os inimigos da suposta *civilização,* a qual é baseada na ordem, no decoro, na repressão, na formalidade, no trabalho e na disciplina.

O homem civilizado — o homem civilizado ideal — é aquele que nunca sacrifica a segurança dos seus por paixões particulares. Ele chega à perfeição quando deixa de amar apaixonadamente — quando reduz a mais profunda de suas experiências instintivas, do nível do êxtase para o nível de um mero estratagema para municiar exércitos ou construir fábricas, mandar reformar suas roupas, reduzir a mortalidade infantil, arranjar mais inquilinos para cada senhorio ou informar a polícia sobre o que qualquer cidadão pode estar fazendo de dia ou de noite. A monogamia consegue tudo isto ao destruir o apetite. Ela força as duas partes contratantes a uma intimidade tão persistente quanto não atenuada; estão sempre firmemente de acordo em muitos pontos. Pouco a pouco, o mistério do relacionamento se evapora e homem e mulher atingem aquele ponto assexuado de irmão e irmã. Portanto, aquele *maximum de tentação* de que fala George Bernard Shaw já contém em si as raízes da sua própria decadência. Todo marido começa por beijar uma garota bonita (sua esposa) e termina maquiavelicamente evitando beijar aquela com quem ele partilha diariamente as refeições, os livros, as toalhas de banho, a carteira, os parentes, as ambições, os segredos, as doenças e os negócios — um procedimento tão romântico quanto o de mandar que lhe engraxem os sapatos. Nem mesmo o inato sentimentalismo do homem consegue superar o desgosto e a chatice disso tudo. E nem mesmo a capacidade histriônica da mulher pode ver nisto qualquer sombra de volúpia ou espontaneidade.

Os defensores da monogamia, iludidos pelos seus reflexos morais, deixam de usufruir todas as vantagens que há nela. Considere, por exemplo, a importância moral de preservar a virtude dos não-casados — ou seja, daqueles ainda capazes de se apaixonar. O atual plano para se lidar com, digamos, um jovem de vinte anos é cercá-lo de espantalhos e

proibições — para tentar convencê-lo logicamente de que a paixão é perigosa. Isto é um abuso e uma imbecilidade — abuso, porque ele próprio já sabe que ela é perigosa; e imbecilidade, porque é impossível sufocar uma paixão lutando contra ela. A maneira de matá-la é dar-lhe corda sob condições desfavoráveis e desanimadoras — para vergá-la ao chão, pouco a pouco, até reduzi-la a um absurdo ou horror. Muito mais ainda poderia ser conseguido se fosse proibida a poligamia a estes jovens antes do casamento, mas permitida a monogamia. A proibição, neste último caso, seria relativamente fácil de impor, ao invés de impossível, como no outro. A curiosidade ficaria satisfeita; a natureza sairia da jaula; mesmo o romance teria a sua chance. 99% dos jovens se submeteriam, mesmo porque seria mais fácil submeter-se do que resistir a ela.

E o resultado? Obviamente seria louvável — isto é, aceitando-se a atual definição de louvável. O resultado final, seis meses depois, seria um jovem desiludido e no cabresto, tão desprovido de paixão quanto um velho de oitenta anos — em suma, o cidadão ideal do reino de Cristo.

— 1921

A LIBERTINA

O homem médio de nosso tempo é muito mais virtuoso do que sua mulher o imagina — muito menos escolado no pecado e ainda menos voluntarioso no *amour*. Não estou dizendo, é claro, que ele seja um puro de coração, porque tudo indica que não é; quero dizer apenas que, na grande maioria dos casos, ele é puro na ação, mesmo sob enorme tentação. E por quê? Por várias razões importantes, para nos limitarmos a estas: uma delas é a de que lhe falta a coragem; outra é a de que lhe falta dinheiro; e outra é a de que ele é fundamentalmente um ser moral, com consciência. Falta-lhe uma boa dose de iniciativa pecaminosa para que ele mergulhe em qualquer *affaire,* exceto o mais sórdido e casual. Um homem pode forçar sua esposa a partilhar com ele a mais tenebrosa pobreza, mas até mesmo a menos vampiresca das amantes lhe exigirá ser cortejada em grande gala, e os custos desta gala afugentam todos eles, exceto aqueles poucos colecionadores de decepções. Assim, enquanto a esposa souber de cor e salteado os rendimentos do marido, terá todos os instrumentos para fazê-lo dobrar-se aos seus juramentos.

Mais eficiente ainda do que a barreira fiscal é a barreira da pusilanimidade. O traço que distingue o homem dos outros vertebrados superiores é o seu medo excessivo, sua submissão aos alarmes e sua incapacidade para a aventura sem uma multidão às suas costas. Em sua encarnação normal, ele é tão incapaz de iniciar uma relação extraconjugal — flertes rápidos com garçonetes não contam — quanto de escalar os parapeitos do Inferno. Bem que ele gostaria de ser capaz, assim como gosta de imaginar-se comandando uma carga de cavalaria ou escalando o Matterhorn. Quase sempre, por sinal, sua vaidade o faz imaginar que ele *realizou* aquilo, embora admita, por rubores e piscadelas, que ainda pode fazer melhor. Mas, no fundo de toda esta presunção, não há nada mais que um saco de vento. Qualquer mulher a quem venham contar as escapadelas de seu marido não demora muito a se perguntar quanto tempo ele levaria para pedi-la em casamento, se lhe fosse deixada toda a iniciativa — e chega à conclusão de que uma criatura tão pusilânime dificilmente ficaria bem no papel de Don Juan.

Finalmente, há a sua consciência — o sedimento acumulado de covardia ancestral, durante incontáveis gerações, com vagos temores e superstições religiosas para temperá-lo e derretê-lo. O quê! Consciência? Sim, meus caros, consciência. Esta consciência pode ser imperfeita, inepta, barata ou de uma burrice a toda prova. Às vezes, pode ser tão indistinguível quanto o medo de que alguém está nos olhando. E é alimentada com hipocrisia, estupidez ou falsidade. Mesmo assim, dentro dos parâmetros da Cristandade, faz perfeitamente jus ao nome — e está sempre em ação. O homem, lembre-se, não é um ser *in vacuo;* é o fruto e o escravo do ambiente que o banhou. Não se pode entrar para a Legislatura ou para uma prisão sem se tornar, em alguma medida, um personagem dúbio. Assim como não se consegue viver num moderno Estado democrático, ano após ano, sem cair até certo ponto, pelo menos, sob aquela obsessão moral que é a marca distintiva do homem-turba à solta.

No momento em que uma Tentação concreta se levanta diante dele, com seu nariz empoado, os lábios escarlates e pestanas provocantemente caídas — no momento em que ele parece estar fisgado, e sua falta de fundos conspira com sua falta de coragem para tomá-lo de assalto —, naquele preciso momento, sua consciência entra em função e acaba com a festa. Primeiro, ele vê as dificuldades; depois, o perigo; e, finalmente, o

pecado. O resultado é que ele bate em retirada e o resultado é que a tentadora vê fugir a sua presa. Chega a ser o escândalo secreto da Cristandade, pelo menos nas regiões protestantes, que a maioria dos homens seja fiel às suas mulheres. É preciso gastar a sola do sapato para se conhecer um homem que admita ser casado, mas estes são os fatos. Para cada marido americano que sustenta uma corista em luxúria nababesca, haverá centenas que, ano após ano, continuam fiéis aos juramentos e tornaram-se tão incapazes de um desvio quanto de cortar as orelhas de seus filhos. São como os condenados à cela da morte.

— 1921

A ISCA DA BELEZA

Exceto no palco, o homem bonito não leva mais vantagem no *amour* do que o seu irmão mais gótico. De fato, na vida real, ele é visto com a maior suspeição por todas as mulheres, exceto as muito estúpidas. Uma balconista de mercadinho pode perfeitamente se apaixonar por um astro do cinema, assim como uma viúva velha e retardada pode sucumbir a um gigolô que tenha ombros de Parthenon, mas nenhuma mulher que se dá o respeito — mesmo supondo-a momentaneamente atraída por uma boa grana — iria se render àquela loucura ou confessá-la à sua melhor amiga.

Este desdém pelo bonitão costuma ser interpretado pelos psicólogos amadores como uma falta de senso estético das mulheres — e que lhes falta a pronta e delicada resposta masculina diante da beleza. Nada poderia ser mais absurdo. As mulheres, na verdade, têm um senso estético muito mais afiado que o do homem. A beleza é mais importante para elas; pensam mais no assunto; e anseiam mais por ela em seus ambientes. O homem médio, pelo menos na Inglaterra e na América, ostenta um orgulho bovino pela sua indiferença às artes, exceto aquelas que talvez consigam diverti-lo; raramente vê-se um homem mostrando metade do entusiasmo que sua mulher demonstra na presença de um belo tecido, uma cor inusitada ou uma forma graciosa. As mulheres são resistentes à assim chamada beleza do homem pela razão simples e suficiente de que tal beleza é, em grande parte, imaginária. Um homem verdadeiramente belo é tão raro, na verdade, quanto uma joia verdadeiramente bela.

O que os homens tomam como beleza em si próprios normalmente não passa de uma pompa oca, uma revoltante ostentação, o esplendor superficial de um saracoteio animal. O mais atraente astro do cinema, visto à luz de autênticos valores estéticos, não passa de uma vulgaridade ambulante; seu semelhante poderá ser encontrado, não na galeria Uffizi ou entre as harmonias de Brahms, mas entre sofás de pelúcia, relógios rococós ou quadros arrematados num leilão de terceira. Todas as mulheres, exceto as menos inteligentes, radiografam esta impostura com seus olhos. Elas sabem que o corpo humano, a não ser por algum tempo na infância, não é belo, mas pavoroso. Seus próprios corpos femininos não lhe provocam deleite; daí seu constante esforço para escondê-lo ou disfarçá-lo; elas nunca os exporiam esteticamente, mas apenas como um ato de aberta provocação sexual. Se se anunciasse que um elenco inteiramente masculino faria um *striptease* num palco, as únicas mulheres que compareceriam ao espetáculo seriam algumas adolescentes retardadas, uma ou duas solteironas psicopatas e uma brigada de indignadas senhoras da igreja local.

Os homens não demonstram uma apreensão tão sagaz da beleza relativamente frágil da constituição humana. A isca mais eficiente que uma mulher pode jogar é aquela que ele, tolamente, concebe como sendo a beleza dela. Esta suposta beleza é, quase sempre, pura ilusão. O corpo feminino, mesmo em sua melhor forma, é deficiente em forma; tem curvas muito fechadas e massas mal distribuídas; comparadas a ele, uma simples leiteira de barro ou mesmo uma cuspideira de porcelana têm um *design* mais inteligente é satisfatório — são, em suma, *objets d'art*. Na popa e na proa, toda mulher contém duas massas que se recusam a combinar numa composição equilibrada. Vista de lado, parece um S exagerado, dividido ao meio por uma imperfeita linha reta que a faz parecer uma moeda amassada por um bêbado.

Mais ainda, é extremamente raro encontrar uma mulher que demonstre a mais modesta consciência do que o seu sexo é capaz; só a beleza rara chega a ser tolerável. A mulher média, até que a arte corra em seu socorro, é pouco graciosa, mal esculpida e toscamente articulada, mesmo para uma mulher. Se ela tem um belo torso, pode-se apostar que tem pernas arqueadas. Se suas pernas são bonitas, o cabelo será feio. Se tiver belos cabelos, é quase certo que também terá mãos descarnadas, olhos turvos ou falta de queixo. Uma mulher que passe por todos os

testes é tão incomum que se torna uma espécie de maravilha e, quase sempre, passa a ganhar a vida exibindo-se como tal, seja no palco, no submundo ou como a joia particular de algum rico *connoisseur*.

Mas esta falta de autêntica beleza nas mulheres não lhes traz nenhuma desvantagem prática nos negócios primários do seu sexo, porque seus efeitos são mais que superados pela sugestibilidade emocional, a hercúlea capacidade para a ilusão e a quase total falta de senso crítico dos homens. Os homens não exigem a beleza autêntica, mesmo que em pequenas doses; contentam-se perfeitamente com a mera aparência da beleza, porque não têm nenhum talento para diferenciar o artificial do real. Uma camada de pó-de-arroz, bem aplicada sobre um rosto, lhes é tão satisfatória quanto uma pele de damasco. Uma peruca feita com os cabelos do cadáver de um chinês, artisticamente penteados e tingidos, os deleita tanto quanto as tranças de Vênus. Seios falsos os atraem com a mesma eficiência de um busto autêntico e rijo. Um belo vestido os satisfaz até com mais segurança do que pernas, ombros, mãos ou olhos realmente belos.

Em suma, os homens avaliam as mulheres e as adquirem como esposas pela força dos seus aspectos puramente superficiais, o que é tão inteligente quanto avaliar um ovo pela casca. Nunca vão aos bastidores; nunca lhes ocorre analisar as impressões que receberam. O resultado é o de que muitos homens, tapeados por esses aperfeiçoamentos sem valor, já estarão casados há anos quando conseguirem realmente enxergar sua mulher — ou, pelo menos, como se supõe que o Pai Celestial a veja ou como o seu embalsamador a verá. Todos os truques podem parecer óbvios e infantis para as mulheres, mas, diante de um espectador tão ingênuo como o homem, elas não resistem à tentação de continuar a praticá-los. Uma enfermeira diplomada me contou que, mesmo tendo passado pelo extremo desconforto de um parto, a grande maioria das mulheres continua a tentar mudar sua compleição física através de processos químicos ou preocupando-se com o arranjo de seu cabelo. Engodos como estes chegam a ser transparentes, mas bastam para armar a cilada e fazer de bobo mesmo o mais prudente dos homens.

E, aberto o caminho para esta surdez, burrice e cegueira, a vaidade masculina instantaneamente se reforça. Ou seja, assim que um homem normal sucumbe aos charmes postiços de um tipo definido (ou, mais

precisamente, assim que esse tipo definido diz “É este!” e o leva pelo nariz), ele defende a sua escolha com fúria e vigor como se defendesse um ponto de honra. Dizer categoricamente a um homem que sua mulher não é bonita constitui um insulto tão intolerável que nem mesmo um inimigo costuma se atrever a tanto. Soaria muito menos ofensivo dizer-lhe que sua mulher é uma idiota. Em comparação, seria como acariciá-lo cuspindo-lhe no olho. O ego do macho é simplesmente incapaz de digerir tal afronta. É uma arma tão ignominiosa quanto o veneno dos Borgias.

E é assim que, em termos humanos, uma conspiração do silêncio circunda a ilusão da beleza feminina, e a sua vítima é permitido deliciar-se com ela como se fosse de verdade. As iscas que ele morde não são comíveis e nem o alimentam, mas são brilhantes e espalhafatosas. Ele sucumbe a um par de olhos bem pintados, a um torneio gracioso de um corpo, a uma compleição sintética ou a uma bela amostra de pernas, sem dar a mínima atenção ao fato de que ali pode haver uma mulher inteira, e que, no interior da cavidade craniana da mulher existe um cérebro, e que as idiossincrasias deste cérebro são muito mais importantes do que todos os estigmas físicos combinados. Mas poucos homens, perdidos neste dédalo emocional, são capazes de um exame mais claro desses fatos. Eles driblam esses fatos, mesmo quando lhes são favoráveis, e depositam toda a ênfase nas superficialidades enganadoras. O estúpido e sentimental homem médio, quando tem uma mulher notavelmente sensível, só falta pedir desculpas por isto. O ideal do seu sexo é sempre uma mulher bonita, e a vaidade e frivolidade que costumam acompanhar a beleza tornam-se os totens do encanto.

— 1921

4. RELIGIÃO

FUNCIONÁRIOS DA FÉ

Nenhuma outra categoria parece tão apinhada de falsas suposições como as que cercam os reverendíssimos padres e pastores, nossos legítimos delegados junto ao Trono da Graça. Começo imediatamente por um exemplo crasso: a suposição de que os clérigos são necessariamente religiosos. Obviamente, esta suposição é vastamente alimentada, até pelos próprios clérigos. O mais irreverente de todos nós, na presença de um funcionário da fé, adota uma atitude grave. Eu próprio sou dado a criticar livremente a Divina Providência, mas, na companhia do superior de minha paróquia, mesmo no *Biertische*, reduzo minhas reprovações ao nível de um educado resmungo. É porque o conheço muito bem, para acreditar que haja nele um tico de piedade. Na realidade, ele é muito menos pio do que um honesto americano médio, e duvido seriamente que as bruxarias a que ele se entrega como profissional no dia-a-dia lhe despertem qualquer emoção mais sublime do que o enfado. Já o ouvi rezar pelo Presidente e pelo Congresso, pelos pagãos e pela chuva, mas nunca o ouvi rezar por si mesmo. Não obstante, a suposição pública de que ele é altamente devoto, da qual discordo, é que colore nossas relações e o impede de ouvir algumas de minhas mais profundas e inteligentes observações.

Tudo que se precisa para expor o vazio desta velha ilusão é considerar a cadeia de causas que leva um jovem a se ordenar padre ou pastor. Será, por exemplo, apenas um irresistível impulso religioso que o leva a estudar exegese, oratória sacra e aprender grego para ler o Novo Testamento — ou haverá um motivo bem diferente? Acredito nesta segunda hipótese, e que este motivo bem diferente pode ser descrito rapidamente como um desejo de brilhar no mundo com um mínimo de esforço. O jovem teólogo costuma ser um sujeito ambicioso, mas meio preguiçoso, e, se ele estuda teologia em vez de osteopatia, *marketing* ou

advocacia, é porque a teologia lhe oferece um atalho muito mais conveniente para o respeito público — além de lhe garantir um emprego.

As ciências sacras podem parecer uma penca de *nonsenses,* mas pelo menos têm a grande virtude de abreviar a escalada rumo à segurança. O médico recém-formado passa os primeiros anos pastando — ou trabalha quase de graça ou tem de contentar-se com os refugos deixados por colegas mais velhos. O jovem advogado, a menos que goze de boas influências ou sofra de completa atrofia da consciência, quase sempre está a um passo da fome. Mas o jovem divino já está a salvo no momento em que é ordenado; sua popularidade entre os impolutos fiéis será talvez até maior naquele momento do que no futuro. Sua sobrevivência é assegurada instantaneamente. De uma tacada só, ele se torna uma pessoa de respeito e importância, eminente em sua comunidade, tratado com deferência até por aqueles que questionam a sua magia, e vaga e agradavelmente temido pelos que acreditam nele.

Esteja certo de que esses fatos não passam ao largo do tipo de jovem ambicioso que descrevi. Alguns desses jovens enxergam longe e possuem até uma certa capacidade de raciocínio. Eles observam os nove filhos do sargento da polícia local: um deles é um pastor protestante de 25 anos, com uma bela casa para morar, convites para todas as festas de aniversário na região e tempo de sobra para se divertir nas tardes de verão; já seus oito irmãos lutam desesperadamente para sobreviver, como carregadores de mudanças, consertadores de telhados ou motoristas de ônibus. Estes também observam o jovem pastor, desfilando em seu Ford sedan entre as mulheres da cidade enquanto seus maridos administram uma fazenda distante. Além disso, o jovem pastor tem direito a um colarinho branco engomado, uma sólida galinha assada em seu estômago e seu nome no jornal local todos os dias. Em comparação a ele, só uma louca se casaria com um vendedor de apólices — mas o jovem clérigo, se quiser, terá um harém a sua disposição. Mesmo que seja celibatário, as moças o banharão de sorrisos; na verdade, quanto mais celibatário, mais atenção receberá delas. Não admira que seus privilégios e imunidades propaguem o pecado da inveja. Não admira também que ainda haja candidatos ao santo sudário, apesar do vasto crescimento do ateísmo entre nós.

Os deveres diários de um profissional de Deus não têm nada a ver com

religião. São basicamente de natureza social ou comercial. Supondo-se que ele trabalhe, este trabalho será o de um gerente-geral de uma corporação em dificuldades financeiras e dividida por facções entre os acionistas. Seu blablablá especificamente teológico é de natureza monótona e repetitiva e o desgosta poderosamente, assim como um cirurgião se deprime diante de uma sucessiva extração de furúnculos. O religioso se livra da exaltação espiritual reduzindo-a a uma formalidade oca, assim como o político manda às favas o patriotismo, ou uma mulher se desilude com o amor. Ele se torna, aos poucos, insensível à religião e, por fim, quase hostil a ela. Um bispo que se ajoelhasse espontaneamente e rezasse a Deus provocaria quase tanto escândalo como se subisse ao púlpito vestido de maiô. A piedade dos eclesiásticos, em tais altos níveis, torna-se inteiramente teórica. O servo de Deus foi alçado para tão perto dos santos e tornou-se tão íntimo do funcionamento interno da maquinaria divina que toda a sua capacidade de admiração e espanto já saíram por seus poros. Ele suporta tanto uma autêntica experiência religiosa quanto um veterano maquinista de teatro consegue rir da mesma piada todas as noites. É melhor, talvez, que seja assim. Se os clérigos superiores fossem realmente religiosos, alguns de seus próprios sermões e epístolas pastorais os deixariam mortalmente amedrontados.

— 1924

O SECRETARIADO CÓSMICO

O argumento da Criação, um baluarte no passado da apologia cristã, ficou tão esburacado de balas que não surpreendeu a ninguém quando foi abandonado. De fato, quanto mais um teólogo tenta provar a sabedoria e a onipotência de Deus por Suas obras, mais é destroçado pelos avanços da ciência que provam a incompetência e estupidez divinas. O mundo não é muito bem dirigido; na verdade, é pessimamente administrado, e nem era preciso que um Huxley queimasse suas pestanas para demonstrar o óbvio. O corpo humano, habilidosamente construído em alguns detalhes, é cruelmente atamancado em outros, e qualquer primeiranista de medicina conhece pelo menos umas cem formas de aperfeiçoá-lo.

Como podemos conciliar essa mistura de finura e desatino com o

conceito de um único e onipotente Criador, para quem todos os problemas são igualmente fáceis? Se Ele foi capaz de criar uma máquina tão durável e eficiente como a mão humana, por que não se animou a caprichar mais nas amígdalas, na bexiga, nos ovários e na próstata? Se conseguiu tornar perfeito o cotovelo e o ouvido, por que se atrapalhou com os dentes?

Nunca tendo encontrado uma resposta satisfatória ou até plausível para estas perguntas, tive de me dar o trabalho de criar uma, eu mesmo. A qual é muito simples e estritamente de acordo com todos os fatos conhecidos. Em resumo, é a seguinte: a teoria de que o universo é dirigido por um único Deus deve ser abandonada e, em seu lugar, devemos estabelecer a teoria de que, na verdade, ele é administrado por um conselho de deuses, todos com igual poder e autoridade. Uma vez firmado este conceito, todas as dificuldades que têm vexado os teólogos desaparecem e a experiência humana instantaneamente ilumina a cena em brumas. Podemos observar no cotidiano o que acontece quando a autoridade é dividida e só se chega às grandes decisões através de consultas e compromissos. Sabemos que os efeitos podem ser, às vezes, muito bons, principalmente quando um dos membros do conselho passa a perna nos outros, mas também sabemos que, em regra, são péssimos. É tal bagunça, precisamente, que se apresenta no cosmos. A seguir, alguns exemplos de brilhantes sucessos em meio a uma infinidade de fracassos.

Sou capaz de sustentar que minha teoria é a primeira e única até hoje que leva em consideração o quadro clínico. Qualquer outra teoria, diante de fatos como o pecado, a doença ou as catástrofes, é forçada a admitir que a Onipotência, no fim das contas, não teve nada com o peixe, o que seria um absurdo. Não preciso me escorar em tais ridicularias e blasfêmias. Apenas presumo que cada um dos deuses do conselho-diretor do universo é infinitamente sábio e poderoso, sem fugir ao fato cristalino de que muitas das realizações deste conselho são descabidas e ignorantes. Na verdade, minha suposição de que tal conselho existe é equivalente a uma suposição *a priori* de que suas realizações são descabidas e ignorantes, ou não teriam sido concebidas por um conselho. Bem, estávamos dizendo que a mão humana é perfeita ou, no mínimo, prática e funcional, não? Só posso explicar isto pela suposição de que ela foi criada por um único membro do conselho — talvez porque, inadvertidamente, os outros lhe tenham passado a bola ou como resultado de

irreconciliáveis diferenças de opinião entre eles. Se mais de um membro tivesse participado ativamente do *design* da mão, ela teria saído muito menos funcional do que é, porque o esboço original produzido pelo *designer* seria submetido a uma bateria de críticas e sugestões partidas dos outros conselheiros — todas elas inferiores à ideia original e muitas delas com o único intuito de malhar e estragar uma boa ideia.

Estarei com isto acusando tais deuses de partilhar de vergonhosas fraquezas humanas? Se os acusei, minha desculpa é a de que é impossível imaginá-los fazendo o trabalho que lhes foi universalmente atribuído sem admitir o uso dessas fraquezas. Não se pode imaginar um deus que passa semanas, meses e talvez eras geológicas inteiras, fazendo e refazendo o *design* do fígado humano sem pressupô-lo movido por um poderoso impulso de se expressar vividamente, ordenar suas ideias e publicá-las, para ganhar o respeito de seus pares — em suma, sem presumi-lo um egoísta. E não se pode presumir que ele seja um egoísta sem presumir que ele prefere suas próprias ideias às ideias dos outros deuses. Desafio qualquer um a fazer uma suposição em contrário sem mergulhar em misticismos. Com os misticismos fora do caminho, chega-se inevitavelmente à conclusão de que a inepta condução do universo pode ser atribuída a um choque de egos, *i. e.*, a picuinhas e vinganças entre os deuses — já que qualquer um deles, sozinho, se for infinitamente sábio e poderoso, poderia administrá-lo perfeitamente. Se sofremos dores de estômago é porque o deus que primeiro teve a ideia de um estômago despertou a inveja dos que não tinham pensado naquilo antes — os quais imediatamente se dedicaram à tarefa de aperfeiçoar, digo avacalhar, o seu trabalho. E a nossa forma de reproduzir a espécie — da maneira trabalhosa, antieconômica, indecente e quase patológica que todos conhecemos — só ficou assim quando o deus que criou o excelente processo aplicado aos protozoários teve de ser posto em seu lugar quando resolveu estender este processo aos primatas.

— 1924

A NATUREZA DA FÉ

Há muitos anos, quando eu era mais descuidado intelectualmente do que sou hoje, propus a aplicação da lei biogenética de Haeckel — a de que

a história dos indivíduos é apenas um ensaio para a história das espécies — ao domínio das ideias. Assim aplicada, ela leva a algumas conclusões superficialmente espantosas, mas, no fundo, bastante sólidas. Por exemplo, a de que um poeta adulto é apenas um indivíduo em estado de retardamento mental — em suma, um mentecapto. Assim como todos nós, *in utero,* passamos por um estágio em que somos girinos (e quase indistinguíveis dos girinos que, no futuro, se transformarão em sapos), da mesma forma todos nós passamos por um estágio, em nossa menoridade, em que nos tornamos poetas. Um jovem de dezessete anos que não seja um poeta será apenas um jumento; seu desenvolvimento foi paralisado antes mesmo do seu estágio como girino. Mas um homem de cinquenta anos que continue a escrever poesia é um infeliz que nunca passou intelectualmente da adolescência ou um bufão consciente que finge ser aquilo que nunca foi — algo mais jovem e suculento do que, na realidade, é.

Na adolescência, um grande número de pessoas, talvez a maioria, tem tais ataques de devoção, mas isto é apenas o resultado de que, naquela idade, seus poderes de percepção superam seus conhecimentos. Conseguem observar os labirínticos e aterrorizantes fenômenos da vida, mas são incapazes de mensurá-los. Mais tarde, até que seu desenvolvimento seja paralisado, gradualmente emergem daquele nevoeiro romântico e mal-assombrado, assim como emergem das alucinações da poesia. Refiro-me, é claro, àqueles indivíduos efetivamente capazes de receber educação — sempre uma pequena minoria. Se for verdade que, segundo os testes realizados pelo Exército entre os alistados, 50% dos adultos americanos nunca ultrapassam o desenvolvimento mental de uma criança de doze anos, então deve parecer óbvio que um número muito menor ultrapassa o estágio mental de um jovem em final de adolescência. Eu calcularia este número, arbitrariamente, em 10%. Os restantes 90% nunca se libertam completamente das superstições religiosas. Podem até deixar de acreditar que, se um indivíduo fica gripado, torce o tornozelo ou se corta ao fazer a barba, tudo isto foi pela vontade de Deus — mas, com toda a certeza, enxergam alguma intervenção divina se o sujeito foi atingido por um raio, morreu na forca ou contraiu sífilis ou lepra.

Todas as religiões modernas se baseiam, pelo menos no seu lado lógico, na noção de que há poderes superiores que vivem de olho em nós

e interferem constantemente no que fazemos; no aprisco do Cristianismo, o qual é muito mais sentimental do que o de qualquer outra religião importante, esse conceito de intervenção é associado ao conceito de benevolência. Em outras palavras, acredita-se que Deus é predominantemente bom. Nenhum verdadeiro cristão pode tolerar a ideia de que Deus, por galhofa ou deliberação, irá feri-lo ou desejar-lhe mal. As flechadas que recebe, ele acredita, são causadas por sua própria estupidez e teimosia. Infelizmente, esta doutrina da bondade de Deus não se ajusta ao que sabemos da natureza e das operações do cosmos hoje em dia; não passa de uma sobrevivente da ignorância universal. E a ciência é um enorme acervo de provas de que Deus — se é que existe — não é bom nem mau, apenas indiferente — uma Força infinita tocando com a barriga uma operação de processos ininteligíveis, sem a menor preocupação, de um jeito ou de outro, pelo conforto, segurança e felicidade do homem.

Por que, então, esta crença sobrevive? Em grande parte, já me convenci, por aquela relíquia grisalha da adolescência da espécie, ou seja, a fraqueza pela poesia. Os judeus impuseram a sua religião sobre o mundo ocidental, não porque ela fosse mais razoável que as religiões de seus contemporâneos — na verdade, era muito menos razoável que várias outras —, mas porque era muito mais poética. A poesia contida nela foi que encantou os decadentes romanos e depois os bárbaros do Norte, e não as supostas provas cristãs. Nenhuma outra religião foi tão bem escrita. É tão poderosa em seus efeitos que até os homens que rejeitam o seu conteúdo *in toto* tornam-se-lhe mais ou menos suscetíveis. Chega-se a hesitar em zombar dela em termos puramente estéticos; por mais duvidosa que seja em doutrina, é quase perfeita na forma, e tanto que até o ateu mais hidrófobo tende a respeitá-la, como respeita a beleza de um cogumelo morto. Porque, naturalmente, está para nascer o homem que supere a poesia. Ele pode parecer curado dela, assim como se curou do sarampo da infância, mas a observação mais acurada nos ensina que tal recuperação nunca é perfeita; sempre fica uma cicatriz, uma fraqueza ou uma lembrança.

É verdade que há razões para sustentar que o gosto pela poesia no processo de desenvolvimento humano deu-se num estágio consideravelmente posterior que o pela religião. Selvagens que sabiam tanto de poesia quanto uma vaca foram capazes de elaborar teologias

bastante engenhosas. Se minha conclusão for correta, segue-se que o indivíduo, ao ensaiar a vida da espécie, irá carregar seu gosto pela poesia muito mais longe do que o pela religião — e que se este desenvolvimento for paralisado em qualquer estágio anterior ao da completa maturidade intelectual, esta paralisação é capaz de produzir alucinações. Assim, a tendência é a de haver muito mais vítimas naturais da poesia que da religião — e é aqui que a esperteza dos antigos judeus consuma a execução. Ela domina dentro da fé milhares e milhares de pessoas que são contra esta fé, e só o conseguem pela fraqueza desses milhares e milhares pela poesia, *i. e.*, pelo belo, e não pelo verdadeiro. Postos em palavras duras e ásperas, a maioria dos ensinamentos a que eles são convidados a acreditar iria revoltá-los, mas, postos em sonoros ditirâmbicos, os mesmos ensinamentos os fascinam e os engolfam.

A persistência desta fraqueza pela poesia explica o curioso crescimento do ritualismo em nossa época de ceticismo. É raro o dia em que a teologia não acusa um golpe duro da ciência. Desde o último século, a teologia tem apanhado tanto que, agora, os homens educados dão-lhe pouco mais crédito do que dão à bruxaria, sua velha aliada. Mas nem mesmo o espremer diário da sua estapafúrdia lógica causa qualquer dano à sua poesia; ao contrário, este massacre liberta e, em certo sentido, dignifica a sua poesia. Daí este constante movimento de cristãos, particularmente dos seus neo-intelectuais, evoluindo das plumagens mais literais da fé cristã para as variedades mais poéticas. O idiota normal, nos Estados Unidos, nasce batista ou metodista, mas, quando começa a melhorar de finanças, ele e sua mulher tendem a se mudar para o anexo americano da igreja anglicana, que não apenas está mais na moda como é menos ofensivo aos centros cerebrais superiores. Sua filha, quando completa os estudos, já se tornou anglicana-ritualista. E sua neta, se a família tiver conservado suas posses, estará pronta para abraçar Roma.

Em vista de tudo isto, estou convencido de que a igreja cristã, para quem se preocupa com o assunto, está bastante a salvo de perigo nos Estados Unidos, apesar do rápido crescimento do agnosticismo. A teologia que ela mercantiliza está cheia de absurdos infantis e repelentes; praticamente todas as outras religiões de homens civilizados ou semicivilizados são mais críveis. Mas todas elas, inclusive o Islamismo, cometem o erro fatal de se dirigir primariamente à razão. O Cristianismo

sobreviverá não só ao modernismo, mas também ao fundamentalismo, um negócio muito mais difícil. Mas sobreviverá porque apela diretamente àquele abestalhado senso do poético que sobrevive em cada homem — àquele sentimentalismo elementar que, em homens de precário desenvolvimento mental (vale dizer, o homem médio da Cristandade), é tido como uma paixão para procurar e conhecer a beleza.

— 1924

A RESTAURAÇÃO DA BELEZA

Os cristãos do tempo dos apóstolos eram quase exatamente como os de hoje — homens sem gosto ou imaginação, futriqueiros e grosseirões, mesquinhos e vulgares. Até quanto sabemos, sua adoração pública era completamente desprovida de qualquer senso de beleza e sua única preocupação era de salvar suas supostas almas. Assim não nos deixaram nada que merecesse ser preservado — nem uma única igreja, liturgia ou mesmo um hino. Os objetos de arte exumados das catacumbas são inferiores aos desenhos e estatuetas dos homens de Cro-Magnon. Toda a comovente beleza que adorna o cadáver do Cristianismo, hoje em dia, só foi criada muito depois que os Pais haviam perecido. A fé já tinha séculos de velhice quando os cristãos começaram a construir suas catedrais. Pensamos no Natal como um típico festival cristão, e sem dúvida o é; nenhum outro é tão respeitado pelas seitas cristãs ou tão rico em encanto e beleza. Bem, o Natal, como o conhecemos, foi quase desconhecido da Cristandade até o século XI, quando os restos de São Nicolau, originariamente padroeiro dos agiotas, foram trazidos do Oriente para a Itália. Durante todo este tempo, a Igreja Universal já estava em frangalhos por controvérsias e ameaçada de cismas, enquanto a sombra da Reforma já aparecia bem à vista no Ocidente. As religiões — como os castelos, o pôr-do-sol e as mulheres — nunca atingem o seu máximo de beleza enquanto não são tocadas pela decadência.

— 1920

O *COLAPSO DO PROTESTANTISMO*

O fato de que o protestantismo está gravemente doente nos Estados Unidos deve ser óbvio para qualquer observador da patologia espiritual. Metade dele está se mudando, lenta e progressivamente, em direção aos braços do Cortesão das Sete Colinas; a outra metade desliza para o vuduísmo. A primeira metade leva com ela a maior parte do dinheiro protestante; a segunda leva a maior parte da libido protestante. O que sobrar no meio pode ser comparado a um tronco a que faltam um cérebro pensante e pernas para dançar — em outras palavras, algo que começa a ficar profissionalmente atraente para os papa-defuntos, embora ainda rebole para continuar respirando. Não há falta de vida nos escalões superiores, onde os metodistas mais solventes gradualmente se transmutam em episcopais, e os episcopais escalam os velhos bastiões da Santa Madre; não há também falta de vida nos escalões inferiores, onde os batistas matutos da zona rural descem rapidamente, pela estrada do fundamentalismo, para os dogmas e práticas da selva africana.

Em nenhum outro lugar, o protestantismo foi tão forte como nos Estados Unidos. Aqui é a terra do americano simples e piedoso, adepto da devoção e hostil a qualquer suspeita de orgia — do sujeito honesto que cumpre obedientemente as suas funções dominicais, paga seus tributos e espera por algumas palavras de conforto do pastor quando chegar a sua hora de morrer. Hoje, infelizmente, ele tende a faltar com seus pios exercícios, há rumores de que algo errado anda acontecendo com as igrejas, os jornais mais sectários ouriçam-se para pô-las na linha, e os pastores, fartos do trabalho paroquial e da pregação, preferem trabalhar como secretários executivos desses esquemas, o que os obriga a cruzar o país, expondo-os para os fiéis.

A extensão com que o protestantismo, em seus escalões superiores, sucumbiu aos lascivos avanços de Roma, parece ter sido pouco percebida pela maioria dos *connoisseurs*. Eu próprio ainda não tinha me dado conta de toda a verdade até um Natal recente quando, em busca de informações sobre outro assunto, contratei agentes para presenciar todos os cultos nas principais igrejas de uma importante cidade americana e trazer também os melhores relatórios sobre o que se passava nas igrejas menores. A substância desses relatórios, no que se referia às igrejas patrocinadas pelos ricos, era simples: revelava uma acentuada tendência para a direita, quase um voo cego sobre uma montanha. Seis supostas igrejas episcopais organizaram cultos à meia-noite da véspera de Natal,

numa óbvia imitação das Missas do Galo da igreja católica, e uma delas chegou a classificar o seu próprio culto de missa solene. Duas outras igrejas convidaram seus nobres e fidalgos para procissões, e uma terceira disfarçou sua procissão com o nome de cortejo. Uma igreja executou a *Missa de Santa Cecília,* de Gounod, na manhã de Natal, e outra a *Messe Solenelle,* do mesmo compositor; três outras, um pouco mais cautelosas, contentaram-se em apresentar apenas partes do ritual católico. Uma delas, despindo-se de qualquer máscara ou eufemismo, convocou os fiéis para nada menos que três missas. Todas as seis igrejas brilhavam à luz de velas e duas empregaram incenso.

Mas isto não foi o pior. Duas igrejas presbiterianas e uma igreja batista, para não citar cinco luteranas de diferentes sínodos, entoaram cantos corais na madrugada de Natal, e a única presenciada por um de meus agentes que conseguiu acordar a tempo — era uma igreja presbiteriana — exibia as mesmas velas e tinha um palpável ressaibo romano. Pior ainda: uma rica e importante igreja metodista, apadrinhada pelos principais atacadistas e agiotas da cidade, atrevidamente ofereceu um "coral medieval".

Medieval? O que significa isto? A Idade Média terminou no dia 16 de julho de 1453, às 12 horas em ponto, e a Reforma só foi lançada por Martim Lutero a 31 de outubro de 1517, às 10hl5 da manhã. Se o termo medieval, no sentido em que foi usado, não significa a Igreja Católica Romana, então sem dúvida perdi meu tempo na escola. Meu agente, nascido metodista, relatou que ficou chocado com a cerimônia. Começou com sopros de pistões da torre da igreja e terminou com uma *Ave Maria* entoada por um coro com vestes a caráter. De novo as velas ardiam em fileiras por trás do santuário e, sobre elas, brilhava uma estrela elétrica. Realmente, Deus nos ajude! O que falta agora? Um pastor que, em futuro próximo, desafie os ensinamentos de Jeová, apresentando-se de alva e dalmática? Virará as costas aos fiéis? Mandará instalar uma cabine telefônica para confissões auriculares?

Certamente ninguém duvida de que o uso de velas para adoração pública teria a aprovação dos metodistas de Ur, ou que eles teriam consentido a apresentação de *Blasmusik* por um coro a caráter. Há apenas sessenta ou setenta anos, no entanto, os metodistas proibiram celebrações do Natal de qualquer espécie, por considerá-las romanas e

idólatras. Hoje temos cerimônias quase operísticas. Como já disse, os episcopais — que, na maioria das cidades americanas, são quase todos ex-metodistas ou ex-presbiterianos, e, em Nova York, ex-judeus — vão ainda mais longe. Em três das igrejas visitadas por meus agentes, a Santa Comunhão era quase indistinguível de uma missa católica, e em todas a casa estava cheia, assim como a sacola de esmolas. Até os metodistas que continuam metodistas começam a vacilar. Cansados do alarido típico da demonologia metodista, aderiram ao novo estilo que lhes parece mais imponente e voluptuoso. O sermão deixa de ser uma carga de cavalaria e torna-se suave e *pizzicato*. O coro abandona *Jogue o Salva-Vidas* e *Você Está Pronto para o Dia do Juízo?* e brinca de cantar Handel. É uma evolução que, vista de uma árvore, tem um certo mérito. O estoque de asneiras no mundo diminui sensivelmente, enquanto aumenta o de beleza. Mas o que pensariam disto os antigos pregadores ambulantes, imaginando como tudo aquilo voltou miraculosamente do Inferno?

Bem, é o bastante para explicar a volatilização do que está acontecendo. O que estará em progresso a seguir? Só consigo antever uma bárbara temporada de caça ao diabo. Em todas as partes dos Estados Unidos onde Belzebu continua a existir — por exemplo, nas zonas rurais do Meio-Oeste e em todo o Sul, exceto por algumas cidades protegidas por muralhas —, as seitas evangélicas mergulham num abismo de imbecilidade maligna e declaram uma guerra santa contra toda a decência acalentada pelos homens civilizados. Devem ter jogado o Novo Testamento no mar e retornado ao Velho, particularmente aos seus trechos mais sangrentos. O que mais salta à vista sobre os clérigos é a sua descomunal falta de informação e de bom senso. Eles constituem, talvez, a classe mais ignorante de professores já formada para guiar um povo presumivelmente civilizado; são mais ignorantes ainda do que os superintendentes das escolas.

O aprendizado, na verdade, não é tido em alta estima pelo sectarismo evangélico, e qualquer matuto que saiba ler, se inflamado pelo Espírito Santo, é declarado apto a sair pregando. Mas eles não são mandados antes para um treinamento numa universidade? Sim, mas que universidade! Aquela lá no fundo de um vale, com seu único edifício rodeado de pastagens, e com um corpo docente formado por pedagogos semi-idiotas e pregadores gagás. Tais homens, numa faculdade destas, ensinam oratória, história antiga, aritmética e a exegese do Velho

Testamento. O aspirante sai da estrebaria e volta à sua cidade em um ano ou dois. Sua bagagem de conhecimentos é a mesma de um chofer de ônibus ou a de um ator de circo. Mas ele aprendeu os clichês da profissão, comprou um terno preto para os domingos, escapou do batente enfrentado por seus ancestrais e agora jorra luz e aprendizado para os trouxas como se fosse um chafariz.

— 1926

IMUNE

A convenção social mais curiosa desta grande época em que vivemos é a de que as opiniões religiosas devem ser respeitadas. Os efeitos maléficos desta convenção devem ser evidentes para todos, mas os dois maiores são: *a)* jogar um véu de santidade sobre ideias que violam qualquer decência intelectual; *b)* tornar todo teólogo um libertino com imunidades. O resultado disto é a espantosa lerdeza com que as ideias realmente sólidas circulam pelo mundo. No minuto em que uma dessas ideias põe a cabeça para fora, é inevitável que algum teólogo analfabeto cairá sobre ela, tentando destruí-la. A maneira mais eficiente de defendê-la, naturalmente, seria cair sobre o teólogo com uma clava, porque a única defesa que funciona, na polêmica ou na guerra, é uma ofensiva vigorosa. Mas isto seria considerado falta de modos pelas convenções, e assim os teólogos continuam alegremente o seu assalto à inteligência sem muita resistência, retardando desagradavelmente o conhecimento.

Não há, na realidade, nada sobre opiniões religiosas que as autorize a mais respeito que quaisquer outras opiniões. Ao contrário, elas tendem a ser ostensivamente cretinas. Se duvida, peça a qualquer devoto de suas relações para pôr por escrito aquilo em que ele realmente acredita, e veja o que sairá: “Eu, José da Silva, sob juramento, acredito que, ao morrer, me tornarei um vertebrado sem substância, desprovido de peso, altura ou massa, mas conservando todos os poderes intelectuais e sensações corpóreas de um mamífero comum; e que, pelo crime e pecado de ter beijado minha cunhada às escondidas, com má intenção, serei cozido em ácido sulfúrico durante um bilhão de anos”. Outro exemplo: “Eu, Maria da Silva, carregando o medo do Inferno, afirmo e declaro solenemente que foi uma atitude certa, justa, legal e decente por parte de Deus, ao ver

algumas criancinhas do santuário rindo da careca de Eliseu, mandar vir uma ursa da floresta e instruí-la, incitá-la, induzi-la e comandá-la para estraçalhar 42 delas". Ou: "Eu, d. Fulano de Tal, bispo da paróquia de ..., declaro pela minha honra como homem e como religioso acreditar que Jonas engoliu a baleia", ou vice-versa, se for o caso.

Não, não há nada ostensivamente digno a respeito de ideias religiosas. Só conduzem a uma espécie curiosamente pueril e tediosa de asnices. Na melhor das hipóteses, são compiladas dos metafísicos, ou seja, de homens que devotam suas vidas a provar que dois vezes dois não são sempre ou necessariamente quatro. Na pior das hipóteses, cheiram a espiritualismo ou a cartomancia. Nem há qualquer virtude visível nos homens que as comercializam profissionalmente. Poucos teólogos sabem alguma coisa que valha a pena, mesmo sobre teologia, e poucos deles são honestos. Pode-se perdoar um comunista ou um coletor de impostos na suposição de que há algum problema em suas glândulas endócrinas, e receitar-lhe um inverno no Sul da França para curá-lo. Mas o teólogo médio é um sujeito corado, robusto e bem alimentado, sem nenhuma desculpa discernível em patologia. Ele dissemina a sua cantilena, não inocentemente, como um filósofo, mas maliciosamente, como um político. Num mundo bem organizado, ele estaria na enxada. Mas, no mundo em que vivemos, temos de ouvir o que ele diz, não apenas educada e reverentemente, mas babando de boca aberta.

— 1918

UM NOVO USO PARA AS IGREJAS

Dando-se como certa a existência de Deus, segue-se como natural uma casa dedicada a Ele. Ele é o todo-poderoso; é justo que os homens Lhe prestem alguma atenção. Mas por que louvá-Lo e adulá-Lo por Suas inenarráveis crueldades? Por que esquecer tão supinamente os Seus fracassos em remediar o facilmente remediável? Por que, em suma, devotar as igrejas exclusivamente à adoração? Por que não emprestá-las, de vez em quando, a reuniões de justificável indignação?

Se Deus consegue ouvir uma petição, não há motivo para crer que Ele não ouvirá uma reclamação. Talvez até Lhe agradasse descobrir que Suas criaturas se tornaram tão reflexivas e autoconfiantes. Mais ainda, isto

poderia até ajudá-Lo a dar conta do infinitamente difícil e complexo recado. A teologia, de fato, já está se movendo nesta direção. Parece ter abandonado a primitiva doutrina da arbitrariedade e indiferença de Deus, substituindo-a pela doutrina de que Ele quer e está até ansioso para ouvir as aspirações de Suas criaturas — *i. e.*, o que pensam no íntimo, baseadas na experiência, sobre o que seria melhor para elas. Por que presumir que isto não mereceria ser ouvido e atendido, mesmo que fosse apresentado em forma de crítica ou mesmo de denúncia? Por que acreditar que o Deus capaz de entender e perdoar até a traição não entenderá e perdoará um simples muxoxo?

— 1918

LIVRE ARBÍTRIO

O livre arbítrio, segundo consta, continua um dogma essencial à maioria dos cristãos. Sem ele, as crueldades de Deus esticariam a fé até um ponto de ruptura. Mas, fora do aprisco das ovelhas, parece estar caindo gradualmente em desuso. Os cientistas aplicaram-lhe golpes feios, e mesmo entre os leigos de mente mais inquisitiva o livre arbítrio parece estar cedendo o lugar a uma apologética espécie de determinismo — um determinismo, pode-se dizer, temperado pela observação deficiente. Mark Twain, bem no fundo, era tal determinista. Em seu *O que É o Homem?,* pode-se flagrá-lo dando adeus ao livre arbítrio. A imensa maioria de nossos atos, diz ele, é determinada, mas ainda permanece um resíduo de livre escolha. Com isso, ficamos livres de compulsões e temos duas ou mais alternativas, ficando à vontade para seguir este ou aquele caminho.

Um travesseiro para o livre arbítrio descansar — só que recheado com tijolos. Onde os ocupantes desta última trincheira do livre arbítrio se equivocam é em sua suposição de que os safanões de seus impulsos antagonísticos são exatamente iguais — que o indivíduo é absolutamente livre para escolher aquele a quem vai se submeter. Tal liberdade, na prática, nunca é encontrada. Quando um indivíduo se confronta com alternativas, não é apenas a sua vontade que escolhe entre elas, mas também o seu ambiente, seus preconceitos hereditários, sua raça, sua cor, sua condição de servidão. Posso beijar uma garota e posso não beijá-

la, mas seria absurdo de minha parte dizer que sou o único elemento ativo neste caso. O mundo até resumiu meu desamparo num provérbio que diz que tudo depende da hora e do lugar — e, até certo ponto, da garota.

Os exemplos podem ser multiplicados *ad infinitum*. Não consigo me lembrar de ter desempenhado um único ato inteiramente voluntário. Toda a minha vida parece ser uma longa série de acidentes inexplicáveis, e não apenas inevitáveis, mas até ininteligíveis. É a história das reações de minha personalidade ao meu ambiente, ou de meu comportamento diante de estímulos externos. Não sou responsável nem pela personalidade, nem pelo ambiente. Dizer que posso modificar esta personalidade por um ato voluntário é tão ridículo quanto dizer que posso modificar a curvatura do cristalino de meus olhos. Sei o que estou falando, porque tentei modificá-la várias vezes e sempre fracassei. Apesar disso, ela mudou. Não sou o mesmo homem que era no século passado. Mas as mudanças que aconteceram para melhor não devem ser creditadas a mim. Todas vieram de fora — ou de profundezas insondáveis e incontroláveis dentro de mim.

Quanto mais se examina o assunto, mais o resíduo do livre arbítrio parece encolher, até que, no fim, torna-se impossível seguir-lhe a pista. Muitos homens, naturalmente, ao se olharem no espelho, batem no peito, consideram-se donos de seu arbítrio e pedem a Deus que os recompense por sua virtude. Mas esses sujeitos são apenas egoístas privados de qualquer senso crítico. Confundem os atos de Deus com seus próprios atos. Não diferem muito da raposa que se gaba de ter posto os cães para correr.

A inutilidade do livre arbítrio é comumente denunciada como capaz de subverter a moral e fazer a religião de palhaça. Tais objeções tão pias não têm um pingo de lógica, mas vamos abrir uma exceção neste caso e dar uma olhada nelas. Elas se baseiam na capciosa hipótese de que o determinista foge ou tenta fugir às consequências dos seus atos. Nada poderia ser mais falso. As consequências se seguem aos fatos, implacavelmente, sejam eles voluntários ou involuntários. Se assalto um banco por minha livre decisão ou em resposta a alguma necessidade interior insondável, não importa: vou para a mesma cadeia. Na guerra, morrem tanto os soldados convocados à força quanto os voluntários.

Mesmo do ponto de vista espiritual, o determinismo não provoca tanto estrago na teologia. Não é mais difícil acreditar que um homem será punido por seus atos involuntários do que acreditar que ele será punido por seus atos voluntários, pois mesmo a suposição de que ele é completamente livre não anula o fato de que Deus o fez como ele é — e que Deus poderia ter feito dele um santo, se quisesse. Negar isto é tratar com desprezo o Onipotente — um crime do qual me eximo. Mas agora começo a pensar que chapinhei longe demais na água benta das ciências sagradas, e que é melhor dar o fora antes que me esfolem. Esta prudente retirada é puramente determinística. Não a atribuo à minha própria sagacidade; atribuo-a inteiramente àquela singular gentileza que o destino sempre me reserva. Se eu fosse livre, provavelmente continuaria a escrever — e depois me arrependeria.

— 1918

MEDITAÇÃO DE SÁBADO

Às vezes chego a suspeitar de que meu principal problema é o fato de ser desprovido do que se costuma chamar de dons espirituais. Ou seja, sou incapaz de experiência religiosa, em qualquer sentido. Algumas cerimônias religiosas me interessam esteticamente e, com alguma frequência, até me divertem, mas não extraio delas nenhum estímulo, nenhuma sensação de exaltação, nenhuma *katharsis* mística. Neste departamento, sou tão palerma quanto o organista da igreja, o coroinha do altar ou o próprio arcebispo. Quando me sinto deprimido e cheio de miséria, não tenho o menor impulso de pedir ajuda, ou mesmo consolo, nos poderes sobrenaturais. Assim, a generalidade das pessoas religiosas continua misteriosa para mim, além de vagamente insultuosa, assim como sou inquestionavelmente insultuoso a elas. Para mim, um homem rezando e outro portando um pé de coelho para lhe dar sorte são igualmente incompreensíveis. Esta falta de compreensão tem-me causado inimizades, acredito que duradouras. Tenho ojeriza a qualquer homem religioso, e todos os homens religiosos que conheço têm ojeriza a mim.

Sou apenas um ateu militante e não tenho a menor objeção a que se vá a igrejas, desde que honestamente. Eu próprio já entrei em igrejas mais

de uma vez, procurando sinceramente sentir o estalo de que tanto falam as pessoas religiosas. Mas nem mesmo na Catedral de São Pedro, em Roma, senti o mínimo sintoma do estalo. O máximo que já senti no mais solene momento da mais pretensiosa cerimônia religiosa foi um deleite sensual por sua beleza — um deleite exatamente igual ao que me invade quando ouço, por exemplo, *Tristão e Isolda* ou a *Quarta Sinfonia* de Brahms. O efeito de tal música é, na realidade, mais agudo que o da liturgia, mas só porque Brahms me comove mais poderosamente que os santos.

Como se vê, esta deficiência é uma desvantagem num mundo populado, em esmagadora maioria, por homens inerentemente religiosos. Isto me afasta de meus semelhantes e torna difícil para mim compreender muitas de suas ideias e não poucos de seus atos. Vejo-os responder, de maneira firme e constante, a impulsos que a mim parecem inexplicáveis. Pior ainda, faz com que eles me compreendam, a ponto de me infligirem sérias injustiças. Não conseguem se livrar da ideia de que, por ser apático aos conceitos que os comovem profundamente, só posso ser um homem de tal aberração moral que devo ser mantido a distância. Nunca cruzei com um homem religioso que não revelasse essa suspeita. Não importa a sua sinceridade em tentar entender o meu ponto de vista, sempre termina por bater em alarmada retirada. Todas as religiões ensinam que o não-conformismo é pecado; muitas delas fazem disto o mais negro dos pecados, e o punem severamente, se tiverem poder suficiente. É impossível para este homem tão religioso duvidar da justiça desse julgamento. Ele simplesmente não consegue imaginar uma regra de conduta que não se baseie no temor a Deus.

Devo acrescentar que minha deficiência reside no impulso religioso fundamental, não na mera credulidade teológica. Não me mantenho longe da igreja por não ser capaz de acreditar em seus dogmas atuais. Para dizer a verdade, alguns me parecem bastante razoáveis e, provavelmente, discordo deles com menos veemência do que muitos que lhes são assíduos devotados. Entre minhas experiências curiosas, há alguns anos, houve a de tentar convencer um ardente católico que não acreditava na infalibilidade papal. Tratava-se de um fiel filho da igreja, e sua incapacidade para aceitar o dogma o angustiava. Provei-lhe, e ele pareceu satisfeito, que não havia nada de intrinsecamente absurdo na tal infalibilidade papal — já que, se os dogmas que ele já tinha adotado

fossem verdadeiros, este provavelmente também o seria. Algum tempo depois, quando este homem estava nas últimas, fui visitá-lo e ele me agradeceu com aparente sinceridade por ter resolvido sua velha dúvida. Mas nem ele conseguia compreender minha falta de religião. Suas últimas palavras para mim foram as de esperança de que eu abandonasse minha teimosia em relação a Deus e levasse uma vida mais pia. Morreu firmemente convencido de que eu estava condenado ao Inferno — e, o que é pior, tendo feito por merecê-lo.

— 1923/1924

A IMORTALIDADE DA ALMA

Quando se trata da imortalidade da alma, vou logo dizendo que, seja isto o que for, parece-me inteiramente inacreditável e grotesco. Não há uma única prova plausível a seu favor; mas há uma vasta massa de provas irrefutáveis contra ela, e essas provas só fazem crescer em peso e consistência toda vez que um teólogo abre a boca. Todos os argumentos favoráveis à imortalidade da alma podem ser reduzidos a quatro. O primeiro é lógico e se baseia na suposição de que seria impossível imaginar Deus criando uma besta tão nobre como o homem, e deixá-lo morrer sem mais aquela, depois de alguns anos desagradáveis na terra. A resposta é simples: posso imaginá-lo muito bem, assim como outras pessoas também podem. Além disso, não há razão para acreditar que Deus veja o homem como nobre: ao contrário, todos os testemunhos teológicos disponíveis apontam na outra direção. O segundo argumento é o de que a crença na imortalidade é universal na humanidade, e esta universalidade é uma ampla prova de sua verdade. A resposta é: *a)* que inúmeros homens discordam disto, alguns de maneira violenta e até com chacotas; *b)* que, mesmo que todos os homens dissessem sim, isto nada provaria, porque todos os homens certa vez disseram sim à existência das bruxas. O terceiro argumento é o de que os mortos, falando pela boca de médiuns bem-dotados, comunicam-se frequentemente com os vivos, logo também devem estar vivos. Infelizmente, esta prova é tão dúbia que, para lhe dar crédito, é preciso um tipo especial de cabeça, e este tipo de cabeça está longe de ser convincente. O quarto e último argumento é francamente baseado na revelação: a alma é imortal porque Deus disse

que é, e ponto.

Confesso que este último argumento me parece bem mais respeitável do que os outros: pelo menos, não faz nenhuma tentativa tola de asfixiar os métodos da ciência com uma proposição teológica. Mas, de qualquer forma, está cheio de ratoeiras óbvias. Seus proponentes veem-se em sérias dificuldades quando instados a responder quando e como a alma entra no corpo, e de onde vem. Será especialmente criada em cada instância ou será o fruto de duas almas paternas? Em qualquer dos casos, em que momento ela surge? No momento da concepção ou pouco depois? No primeiro caso, o que acontece à alma de um zigoto expelido, digamos, uma hora depois da fertilização? Se a morte daquela alma se dá em seguida, então a alma não é imortal em todos os casos, o que significa que sua imortalidade não pode ser uma certeza em nenhum; e se, ao contrário, a alma vai para o Céu ou o Inferno, ou para qualquer outro escalão intermediário, somos levados a acreditar que os bispos e arcebispos que pululam além-túmulo são forçados a se associar, e em termos de igualdade, com formas que não aprenderam a pensar ou falar e parecem-se mais com girinos do que com cristãos. E se for respondido que todas as almas, depois da morte, evoluem até o mesmo ponto e perdem todas as características da carne, então qualquer esquema imaginável de jurisprudência *post-mortem* torna-se ridículo.

A suposição de que a alma entra no corpo algum tempo depois da concepção apresenta dificuldades tão ou mais sérias, mas vou poupá-los desta tortura. Será suficiente dizer que isto nos força a acreditar que, durante algum tempo, um embrião humano, apesar de vivo, não será um ser humano; ou que um ser humano pode existir sem alma. Ambas as hipóteses me revoltam — a primeira, como um estudante de biologia; a segunda, como um abnegado súdito de um grande Estado cristão. Todas as respostas dos teólogos profissionais são inadequadas. Os católicos tentam driblar o problema despachando as almas dos não batizados a uma espécie de *Limbus Infantum*, o qual não é nem o Céu nem o Inferno, no que incorrem em petição de princípio. Quanto aos protestantes, eles simplesmente se recusam a discutir o assunto. Sua posição parece ser a de que todo mundo deve acreditar na imortalidade da alma por uma questão de decência e que, quando se chega a isto, os detalhes são irrelevantes. Mas meu apetite pelos detalhes continua a me azucrinar. *Tenho* de ser naturalmente curioso sobre uma doutrina que, se

for provada verdadeira, será da maior importância para mim. À falta de luz sobre o assunto, continuarei acreditando com tristeza que, quando soarem os sinos e dispararem os canhões, e as pessoas se corroerem de dor enquanto meu barro humano estiver sendo embalsamado para ser exposto no National Museum em Washington, terá sido o verdadeiro fim de uma nobre e adorável criatura que, um dia, respondeu pelo nome de Henry.

— 1932

QUOD EST VERITAS?

Todas as grandes religiões, a fim de escapar do absurdo, têm de incorporar um pouco de agnosticismo em seus programas. Apenas o selvagem, seja o da selva africana ou o de uma tenda evangélica americana, finge saber exata e completamente a vontade e as intenções de Deus. "Quem sabe o que se passa na mente de Deus?", perguntou Paulo aos romanos. "Quão inescrutáveis são os Seus desígnios e Seus caminhos depois de encontrados!" "É a glória de Deus esconder o que quiser", disse Salomão. "Nuvens e trevas O cercam", disse Davi. "Nenhum homem pode descobrir a obra de Deus", disse o Pregador. Donde a diferença entre as religiões é a diferença entre seus conteúdos relativos de agnosticismo. A fé mais satisfatória e extasiante é quase puramente agnóstica. É a que confia absolutamente, sem professar saber absolutamente nada.

— 1918

SAGRADA ESCRITURA

Seja quem for que traduziu a Bíblia para uma excelente prosa em francês terá sido o principal responsável pelo colapso do cristianismo na França. Ao contrário, os homens que verteram a Bíblia para um inglês arcaico, sonoro e quase ininteligível deram ao cristianismo um novo sopro de vida em qualquer lugar onde se fale inglês. Eles fizeram o trabalho numa época de enorme blablablá e barafunda teológica, quando homens de toda espécie, mesmo os pouco inteligentes, começavam a ter um interesse intenso e insalubre por coisas como exegese e apologese.

Mas os tradutores eram muito espertos para saciar esta sede de ideias com uma Bíblia em inglês corrente; a linguagem que usaram foi deliberadamente artificial, mesmo quando parecia nova. Com isto, dispersaram a multidão apelando para suas emoções, como a mãe que cantarola para acalmar seu bebê ao embalá-lo. A Bíblia que produziram era tão bela que a grande maioria dos homens não conseguia concentrar-se nas ideias contidas nela. Desde então, vem encantando tão efetivamente os povos de língua inglesa que, grosseiramente falando, eles continuam cristãos, pelo menos sentimentalmente. Paine já os tomou de assalto, assim como Darwin, Huxley e outros mercadores de fatos, mas os cristãos ainda recordam o Salmo 23 quando o médico começa a balançar a cabeça; continuam a se comover (embora não ajam de acordo!) com o Sermão da Montanha; e, uma vez por ano, deixam seus afazeres sórdidos e degradantes para mergulhar, sem a menor vergonha, na história da manjedoura. Não é muito, mas já é alguma coisa. De modo geral, não admiro os americanos papa-Bíblias — metodistas, batistas e outros vermes. Mas tente imaginar o que seria um metodista semi-analfabeto se ele não fosse metodista, e sim ateu!

A igreja latina, a qual me surpreendo constantemente admirando, apesar de suas frequentes e espantosas imbecilidades, sempre deixou bem claro que a religião não é um silogismo, mas um poema. É acusada pelos dervixes protestantes de sonegar a Bíblia do povo. Até certo ponto, isto é verdade; mas, no mesmo grau, a igreja é sábia — e próspera. Seus joguetes com as ideias ficaram restritos aos seus clérigos, os quais reduziram a coisa a uma inofensiva brincadeira com tecnicalidades — os terríveis conceitos de Céu e Inferno rebaixados ao nível de um concurso entre senhores de batina, cada qual tentando enredar os outros. Seus maiores teólogos continuam desconhecidos de 99% de seus fiéis. Roma, de fato, não apenas preservou a poesia original do cristianismo, mas ofereceu contribuições fundamentais àquela poesia — por exemplo, os santos, a Virgem Maria e a própria liturgia. Uma missa solene deve ser mil vezes mais impressionante, para um homem com algum autêntico senso religioso, do que o mais poderoso sermão já trovejado por um presbiteriano leiloeiro de Deus. Na presença de uma beleza tão estatelante, não é necessário entupir de lógica o fiel; ele se convencerá melhor se o deixarem em paz.

A pregação não é uma parte essencial do cerimonial latino. Era muito

pouco empregada na antiga igreja, e creio que seria melhor que a abandonassem de vez ou a reduzissem a algumas frases mais ou menos formais. Nos Estados Unidos, os religiosos latinos deixaram-se seduzir pelo exemplo dos protestantes, que geralmente transformam um ato de adoração num pueril exercício intelectual; em vez de se aproximarem de Deus através do medo e da admiração, esses protestantes sentam-se em seus banquinhos, cruzam as pernas e ouvem um bestalhão tentar provar que é melhor teólogo do que o Papa. É nesta loucura que os católicos estão se metendo. Seu clero tornou-se argumentativo, doutrinário e ridículo. É pena. Um bispo com seus paramentos, fazendo o seu papel no solene cerimonial da missa, é um espetáculo digno, mesmo que ele esteja suando aos borbotões; o mesmo bispo, balindo contra Darwin meia hora depois, lembra mais um velho careca, filho de um respeitável dono de botequim na Irlanda. Seria bom que os padres voltassem a Bach. Se continuarem enxugando a poesia e esguichando ideias, estará perto o dia em que um diácono mais atrevido fará a humanidade cair de costas e insultará o próprio Deus, ao propor que se traduza a liturgia para o americanês, para que todos os fiéis se convençam dela.

— 1923

CERIMÔNIA MEMORIAL

Onde fica o cemitério dos deuses mortos? Algum enlutado ainda regará as flores de seus túmulos? Houve uma época em que Júpiter era o rei dos deuses, e qualquer homem que duvidasse de seu poder era *ipso facto* um bárbaro ou um quadrúpede. Haverá hoje um único homem no mundo que adore Júpiter? E que fim levou Huitzilopochtli? Em um só ano — e isto foi há apenas cerca de quinhentos anos — 50 mil rapazes e moças foram mortos em sacrifício a ele. Hoje, se alguém se lembra dele, só pode ser um selvagem errante perdido nos cafundós da floresta mexicana. Huitzilopochtli, como muitos outros deuses, não tinha um pai humano; sua mãe era uma virtuosa viúva; nasceu de um inocente flerte dela com o sol. Quando ele resmungava, seu pai, o sol, ficava quieto. Quando trovejava de ira, terremotos engoliam cidades inteiras. Quando tinha sede, era saciado por 5 mil litros de sangue humano. Hoje, Huitzilopochtli está tão esquecido quanto Allen G. Thurman. Para quem

já teve como seus pares Alá, Buda e Wotan, seus colegas atualmente são Richmond P. Robinson, Alton B. Parker, Adelina Patti, Tom Sharkey e o general Weyler, sejam quem forem.

Falando em Huitzilopochtli, logo vem à memória seu irmão Tezcatilpoca. Tezcatilpoca era quase tão poderoso: devorava 25 mil virgens por ano. Levem-me a seu túmulo: prometo chorar e depositar uma *couronne des perles*. Mas quem sabe onde fica? E onde fica o túmulo de Quitzalcoatl? Ou o de Xiehtecutli? Ou o de Centeotl, aquela gracinha de deus? Ou o de Tlazolteotl, a deusa do amor? Ou o de Mictlan? Ou o de Xipe? Ou os restos de Tzitzimitles? Onde estão seus ossos? Onde fica o salgueiro onde eles penduraram suas harpas? Em qual Inferno perdido e desconhecido esperam pela ressurreição? Quem desfruta suas heranças? E onde fica o túmulo de Dis, de quem César dizia que era o principal deus dos celtas? Ou o de Tarves, o touro? Ou o de Moccos, o porco? Ou o de Épona, a égua? Ou o de Mullo, o asno celestial? Houve uma época em que os irlandeses reverenciavam todos esses deuses, mas hoje até o mais bêbado deles só consegue rir disto.

Mas eles têm companhia no oblívio: o Inferno dos deuses mortos é tão superlotado quanto o Inferno presbiteriano para bebês. Damona está num deles, assim como Ésus, Drunemeton, Silvana, Dervones, Adsalluta, Deva, Belisama, Uxellimus, Borvo, Grannos e Mogons. Todos deuses poderosos em seu tempo, adorados por milhões, cheios de exigências e imposições, todos capazes de unir e desunir — enfim, deuses de primeira classe. Durante gerações, os homens trabalharam para construir-lhes vastos templos — cada qual com pedras do tamanho de um bonde. O trabalho de interpretar os seus caprichos ocupava milhares de sacerdotes, bispos e arcebispos. Desafiá-los significava a morte, geralmente na fogueira. Os exércitos os defendiam contra os infiéis: cidades eram queimadas, mulheres e crianças chacinadas, seu gado afugentado. No fim das contas, no entanto, todos declinaram e morreram, e, hoje, não se encontra uma única alma penada para reverenciá-los.

O que terá acontecido a Sutekh, antigo deus de todo o vale do Nilo? O que terá acontecido a:

Resheph

Baal

Anath

Astarte

Ashtoreth

Hadad

Nebo

Dagon

Melek

Yau

Ahijah

Amon-Ra

ísis

Osíris

Ptah

Molech?

Todos estes foram deuses da mais alta eminência. Muitos são mencionados com temor e respeito no Velho Testamento. Há 5 ou 6 mil anos, estavam taco a taco com o próprio Jeová, e o mais galinha-morta de todos era muito superior a Thor. Pois foram todos para o nada e, com eles, os seguintes:

Arianrod

Morrigu

Govannon

Gunfled

Dagda

Ogyrvan

Dea Dia

Iuno Lucina

Saturno

Furrina

Cronos
Engurra
Belus
Ubilulu
U-dimmer-an-kia
U-sab-sib
U-Mersi
T ammuz
Vênus
Beltis
Nusku
Aa
Sin
Apsu
Elali
Mami
Zaraqu
Zagaga
Nuada Argetlam
Tagd
Goibniu
Odim
Ogma
Marzin
Marte
Diana de Éfeso
Robigus
Plutão
Vesta
Zer-panitu

Merodach
Elum
Marduk
Nin
Perséfone
Istar
Lagas
Nirig
Nebo
En-Mersi
Assur
Beltu
Kuski-banda
Nin-azu
Qarradu
Ueras

Peça ao seu vigário que lhe empreste um bom livro sobre religião comparada: você encontrará todos eles devidamente listados. Todos foram deuses da mais alta dignidade — deuses de povos civilizados —, adorados e venerados por milhões. Todos eram onipotentes, oniscientes e imortais. E todos estão mortos.

— 1922

5. MORAL

A ORIGEM DA MORALIDADE

As crianças vêm ao mundo sem nenhuma compreensão visível da diferença entre o bem e o mal ou do certo e do errado, mas um pouco destas noções lhes é passada assim que aprendem a diferença entre a luz e a escuridão, o quente e o frio, o doce e o azedo. É uma espécie de conhecimento aparentemente essencial a todas as criaturas que vivem em sociedade, e isto é verdade tanto para os animais inferiores quanto para os seres humanos. É certo que as crianças não parecem formular um conceito de mal *per se* e, obviamente, não sabem nada sobre aquela abstração altamente metafísica que a humanidade chama de pecado, mas muitas espécies estão bem familiarizadas com atos concretos de perversidade, a serem severamente punidos. O roubo e o adultério são exemplos familiares. O cachorro persegue e, se é capaz, castiga o outro cachorro que roubou seu osso, assim como o macaco tenta matar qualquer intruso solteiro que tome algumas liberdades com suas fêmeas. Esta aguda e sangrenta discriminação entre o *meum* e o *tuum* pode ser observada não apenas nos mamíferos, mas também nos animais de ordens inferiores, incluindo pássaros, insetos e até mesmo peixes. Muitos dos arranca-rabos entre pardais e estorninhos são causados por conflitos sobre direitos de propriedade de uma minhoca: e todo mundo já viu dois peixinhos dourados num aquário, lutando por um pedaço de comida que um deles tenta engolir, enquanto o outro busca arrancá-lo e fugir.

Um popular naturalista alemão, dr. Theodor Zell, deu-se o trabalho de escrever um tratado intitulado *Moral in der Tierwelt* (Moral no Mundo Animal), no qual sustenta que muitas espécies, principalmente entre os insetos, nutrem não apenas a ideia um tanto negativa do vício, mas também a ideia positiva da virtude. As formigas, diz ele, são melhores cidadãs do que os membros de qualquer sociedade humana conhecida, porque nunca fazem greve. Se as operárias de uma determinada colônia

parassem de trabalhar, sua rainha passaria fome, e cada uma delas poderia desfrutar o privilégio democrático de aspirar a todo aquele poder e circunstância. Mas, enquanto houver comida, nunca param de alimentá-la. Por isto, ele conclui, são verdadeiras patriotas e exibem um luxuriante desenvolvimento daquela lealdade à ordem estabelecida, considerada tão importante entre as virtudes dos seres humanos.

Pode-se argumentar que tais atos e atitudes das espécies inferiores são puramente instintivos, e que seria irracional tentar dignificá-las, confundindo-as com a moral. Mas a isto se pode responder que os motivos e impulsos por trás de muitos conceitos morais dos seres humanos parecem ser instintivos, exatamente no mesmo sentido e quase na mesma medida. Nenhuma criança precisa ser ensinada a reconhecer como seu este ou aquele chocalho; todo o poder da pedagogia se concentra em induzi-la a desfazer-se de sua propriedade quando isto lhe é exigido. Nem há qualquer razão para acreditar que as várias manifestações de rivalidade sexual entre os homens são mais nobres em origem do que as observadas entre macacos e cachorros; a tendência de uma cultura avançada é a de obliterá-las, não de estimulá-las.

Nos tempos em que a antropologia era uma pseudociência cultivada principalmente por missionários, havia a crença de que os escalões inferiores da espécie humana não tinham qualquer moral — que se submetiam aos seus impulsos de maneira ingênua e irracional, sem o menor conceito sobre os direitos de propriedade, fosse em bens ou em mulheres, nem de obrigações, fosse para com seus deuses ou semelhantes. Hoje se sabe que os selvagens são muito mais morais do que o homem civilizado. Seus sistemas éticos apenas diferem dos nossos, assim como seus sistemas gramaticais, teológicos ou governamentais; mas mesmo o mais primitivo deles submete-se inquestionavelmente a deveres e tabus complicados e onerosos, deixa-se punir quando dá um passo em falso com a mulher do vizinho e, principalmente, parece estar se torturando pelo que, nos escalões superiores, se chama de consciência — ao ponto de, às vezes, deixar-se abater tanto pelo remorso que definha e morre.

O homem primitivo, neste aspecto como em outros, parece ter sido bem parecido com os selvagens de hoje. A primeira vez em que tivemos uma vaga impressão dele, agachado no escuro de sua caverna mal-

assombrada, este homem primitivo já era um chefe de família, com certos deveres, direitos e responsabilidades. Naturalmente, sabemos muito pouco a seu respeito, mas temos quase certeza de que ele não partilhava sua mulher com as visitas, nem matava e comia os filhos ou deixava de prestar o que considerava o seu tributo aos deuses. Até este ponto, pelo menos, era um agente moral tão respeitável quanto qualquer cristão. Mais tarde, na história humana, quando o homem descobriu a arte da escrita e começou a deixar seus atos e pensamentos para a posteridade, devotou quase tanto tempo e energia a rabiscar suas noções do que era certo ou errado quanto gabar-se de suas glórias e prodígios. Logo no primeiro capítulo daquela coleção de velhos documentos intitulada Bíblia, já há presunçosos mandamentos morais, assim como estes também podem ser encontrados nos velhos livros de todos os outros povos. Os primeiros conquistadores e déspotas dos quais sabemos alguma coisa pareciam se considerar precisamente como os seus colegas de hoje — ou seja, como arautos das luzes — e todos pareciam tão ansiosos quanto o celebrado Hamurábi para receber o título de "o rei da justiça".

No mundo em que hoje vivemos, o senso moral parece estar universalmente dispersado, pelo menos entre pessoas normais saídas da infância. Nenhum explorador descobriu até agora uma tribo que não parecesse possuí-lo. Há povos tão primitivos que é difícil distinguir entre sua religião e o mero medo do escuro, mas não há nenhum, por mais baixo, que não tenha o seu sistema moral elaborado e rígido. E nem este sistema costuma ser frequentemente desafiado, ao menos nos patamares culturais inferiores, pelos que se submetem a ele. O indivíduo rebelde pode transgredi-lo de vez em quando, mas dificilmente contestará a sua validade. Para se encontrar tal contestação em grande escala, teremos de retornar ao Cristianismo, em que um ousado e impaciente reexame do tradicional dogma ético seguiu-se a um colapso na velha crença sobre a revelação. Mas, mesmo no Cristianismo, os críticos mais ferozes do sistema ortodoxo são, em regra, homens profundamente morais, e as reformas que propõem não significam absolutamente um abandono dos imperativos morais, mas apenas uma substituição do que acreditam ser maus imperativos por outros melhores. Isto se aplica a todos os iconoclastas importantes, de Hobbes a Lênin, e aplica-se mais ainda ao arqui-iconoclasta Nietzsche. Seu furioso ataque ao ideal cristão de

humildade e abnegação levou os críticos cristãos a denunciá-lo como o advogado do mais brutal egoísmo, quando, na verdade, ele propunha apenas a introdução de uma forma nova e mais heroica de renúncia, baseada na abundância da força e não na fraqueza incurável; em sua máxima, "Seja duro!", havia tanto sacrifício do prazer imediato quanto em qualquer dos *principia* de Jesus.

A diferença entre os sistemas morais é, portanto, muito tênue, e, se não fosse pela constante pressão dos proponentes de virtudes sem raízes nas necessidades normais do homem — donde só atraem homens estreitos e anormais —, seria mais tênue ainda. Todas as variedades realmente básicas do bem moral já eram tidas como tais até onde alcança a memória da humanidade, e todas as perversidades básicas já haviam sido repreendidas. O Segundo Mandamento pregado por Jesus (Marcos, XII, 31) era pregado por Buda seis séculos antes d'Ele, e provavelmente já devia estar de barbas brancas quando Buda tornou-o o centro de seu sistema. Da mesma forma, os Dez Mandamentos do Êxodus e Deuteronômio tinham milhares de anos quando os escribas judeus o puseram no papel. Finalmente, e da mesma forma, os gregos elegeram o seu conceito de sabedoria como o supremo bem da vida e, se pensamos neles hoje como seus inventores, é porque estamos mais familiarizados com suas especulações éticas do que com a de povos mais antigos.

As cinco proibições fundamentais do decálogo — as que se referem a matar, roubar, cobiçar, prestar falso testemunho e desejar a mulher do próximo — podem ser encontradas em qualquer sistema moral conhecido e parecem ser universalmente aceitas pela opinião humana. Este apoio, naturalmente, não significa que venham a ser seguidas à risca; ao contrário, são transgredidas vez ou outra, tanto por selvagens quanto por homens civilizados, e algumas até com frequência. Nos Estados Unidos, por exemplo, as situações em que um sujeito mata um seu semelhante e é declarado inocente são mais comuns do que aquelas em que é declarado culpado; mesmo na Inglaterra, a mais moral das grandes nações, a coisa não muda muito. Idem quanto ao adultério, o roubo, a cobiça e o falso testemunho. O roubo e a cobiça matizam-se por gradações tão imperceptíveis em certas transações que não podem ser expostos sem pôr em perigo todo o tecido social; e o falso testemunho é tão facilmente condenável que até bispos, às vezes, incluem-se entre os seus mais zelosos fiscais. Mas, apesar da indefinição do contorno moral e desta

tolerância pelo pecado, o fato é que todos os homens normais e de boa fé, sejam civilizados ou incivilizados, condenam suas transgressões como atos imorais e antissociais — exceto, talvez, em tempo de guerra, quando todas as costumeiras sanções morais são abandonadas. Quando essas transgressões são perpetradas de maneira crua e clara, sem qualquer concessão aos velhos e inextirpáveis sentimentos contra elas, são vistas com abominação e os culpados são severamente punidos.

— 1934

O BOM CIDADÃO

Os fundamentos da moral são os mesmos em toda parte. Mas a moral, como a teologia, é sensível a acréscimos e crescimentos, e novas ideias morais surgem o tempo todo. Em nossa época, temos presenciado esforços desesperados para sancionar moralmente conceitos que eram inéditos há poucas centenas de anos — por exemplo, o conceito de que é pecado beber. E, simultaneamente, observamos a ascensão de virtudes que eram rejeitadas pelos fundadores da atual moralidade cristã — por exemplo, aquelas que compõem o caráter do que se costuma chamar de um bom cidadão. Estas virtudes certamente não saíram da Bíblia, porque os judeus daquele tempo, ao contrário do que se vê em seus atuais descendentes, tinham horror ao trabalho, um horror maior ainda à parcimônia e eram quase totalmente desprovidos daquele sentimentalismo banal que passa pelo nome de patriotismo. Sua lealdade concentrava-se mais em Jeová do que no Estado ou na comunidade, e eles estavam sempre prontos a desafiar e derrubar seus governantes ou a entrar em guerra contra seus semelhantes. Em suma, seu sistema moral era o dos separatistas e individualistas, impacientes contra qualquer restrição secular e desdenhosos de qualquer esforço social sério e contínuo. Eles se originaram de uma tribo de nômades do deserto, e seu ponto de vista continuou o mesmo dos nômades até o fim do seu sangrento capítulo.

O trabalho, aos seus olhos, não era o glorioso privilégio que se tornou em nossa sociedade altamente socializada, mas uma maldição implacável lançada sobre Adão por seus pecados, assim como as dores do parto foram lançadas sobre Eva pelos dela: “Porque comeste daquela árvore,

ganharás o teu pão com o suor do teu rosto". Este conceito do trabalho como expiação tornou-se aos poucos mais ou menos tolerável, mas nunca chegou a ser visto como algo que pudesse ser descrito como propriamente agradável. Os judeus sempre enfatizaram a função do sábado como o dia do descanso: "Nele, não trabalharás, nem o teu filho, nem a tua filha, teu empregado, tua empregada, nem o teu gado e nem o teu estranho dentro dos teus portões". Este descanso era um prêmio justo e altamente apreciado em troca de tanta devoção: por servir a Deus assiduamente, eles se livraram de pelo menos 1/7 do fardo do trabalho. Quase sempre, no Velho Testamento, este fardo é associado ao sofrimento, como nos Salmos 90:10. Se "o sono de um trabalhador é doce", é só porque ele fez o seu trabalho. Não há estímulo subjetivo nisto, nem qualquer bem durável. "Como saíste do ventre de tua mãe, nu retornarás para de onde vieste e nada levarás de teu trabalho."

A ideia de que a riqueza pode ser um bem em si e de que há uma virtude mística em acumulá-la pelo trabalho duro e pela autoprivação era tão estranha ao pensamento dos judeus como o era dos gregos. Um homem rico, aos seus olhos, era quase sempre um vilão; na realidade, era o vilão favorito de suas homílias morais, seguido pelo idólatra. Você perguntará: Mas não há ocasionais elogios ao "homem diligente em seu negócio", como nos Provérbios? Sim, mas o dr. James Henry Breasted nos informa de que esses elogios foram compilados de um velho livro egípcio, *A Sabedoria de Amenemope* (c. 100 a.C.) — e que, junto com eles, foram tiradas da mesma fonte tenebrosas advertências para que não levasse essa diligência longe demais. E não foi Salomão, a quem os Provérbios são tradicionalmente (mas falsamente) atribuídos, que aconselhou seu filho a imitar a formiga que trabalha? Sim. Então, Salomão deve ter sido um homem ambicioso, donde, pela teoria judaica, um personagem suspeito. Quando chegamos ao Novo Testamento, podemos encontrá-lo exposto em desdenhoso contraste aos lírios do campo, que "não fiam, nem tecem". Jesus teve dois ricos seguidores, Zaccheus de Jericó e José de Arimatéia, mas o primeiro foi induzido a dar metade de seus bens para os pobres e o outro só apareceu depois da Crucificação.

A ideia de Deus sobre a riqueza é bastante conhecida para precisar ser lembrada. Pregando, como Ele fazia, o iminente fim do mundo, não podia imaginar qualquer razão válida para se acumular propriedades, e em Seu

sistema ético não haveria espaço para as virtudes de Babbitt. “Em verdade, em verdade vos digo que dificilmente um rico entrará no Reino do Céu. E novamente vos digo, será mais fácil para um camelo atravessar o fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus.” Vários outros ecos familiares dos Dez Mandamentos vêm à mente: “Não construa para ti castelos sobre a terra. ... Os ardis dos ricos sufocam a Palavra, e ela se torna infrutífera. ... Não podes servir a Deus e ao dinheiro”. E, de maneira ainda mais clara e intransigente:

> *Não penses em tua vida, no que vais comer, ou no que vais beber; nem mesmo no teu corpo, ou no que vais vestir. ... Contempla as aves no céu: não lavram, nem colhem, nem se juntam em estábulos; no entanto, o teu Pai celestial as alimenta. Não estás muito melhor do que elas?*

Quanto a Paulo, via na opulência apenas uma passagem para o Inferno. “Os ricos”, ele escreveu a Timóteo, “caem em tentação e em ciladas e em muitos desejos tolos e danosos, que levam os homens à destruição e à perdição. Porque o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males”. Aqui o conselho de Jesus é apoiado, como sempre acontece com Paulo, pelos ditos dos filósofos gregos e de seus seguidores romanos. Tanto gregos quanto romanos — com a possível exceção de alguns estóicos — viam o trabalho mais ou menos como os judeus: no máximo, como um sacrifício desagradável aos deuses por suas relutantes piedades. Na Idade de Ouro, os homens não sabiam nada a respeito, segundo Hesíodo. O *Kulturkritiker* italiano Adriano Tilgher, em seu *Homo Faber,* chama a atenção para o fato de que a palavra grega para trabalho, *ponos,* veio da mesma raiz da palavra latina para tristeza, *poena*. Lembra também que o fracasso dos gregos em aplicar parte de suas descobertas científicas deveu-se principalmente à sua aversão ao trabalho, a empreitadas frívolas e à acumulação de propriedade. Tinham até um certo desprezo pelos artistas; esculpir estátuas e construir edifícios, pensavam, eram coisas para escravos, não para homens livres. Aristóteles, sempre procurando um meio-termo, concedia que a riqueza podia ser útil em certas ocasiões, nem que fosse como um estímulo à liberdade e à justiça, mas não via nenhuma virtude no simples fato de acumulá-la, como desnecessária às empreitadas superiores do homem. O homem em busca da sabedoria (que, para ele, assim como para Confúcio, era o deus supremo) “não precisa de aparato externo; ao contrário, os

bens frívolos são um estorvo à contemplação".

Os romanos, muito menos idealistas do que os gregos e sem muito amor pela sabedoria, viram com muito mais simpatia a riqueza, mas tinham ideias rígidas sobre como consegui-la. O trabalho, por exemplo, lhes era repulsivo, donde o repassavam aos escravos sempre que possível. As duas únicas maneiras realmente respeitáveis de se acumular dinheiro entre eles era pelo cultivo da terra e pelo que hoje chamamos de grandes negócios; mas, mesmo este último só era tolerado porque, segundo Tilgher, permitia "uma aposentadoria honrosa na paz rural, digna de um cavalheiro do campo". Pela parcimônia e diligência comuns, os romanos nutriam solene desprezo. Comerciantes e mascates não passavam de palhaços, enquanto os trabalhadores mal podiam ser considerados humanos.

Os antigos pais do cristianismo, quando a esperança do segundo adventício de Cristo virou fumaça, tiveram de adaptar o seu sistema moral às realidades de um mundo exigente e conturbado, e assim os conselhos de Jesus foram cuidadosamente revisados. Passaram a pensar na ameaçadora aproximação do dia de amanhã e, em consequência, a acumulação de bens começou a ganhar uma certa responsabilidade. Mas a noção de que o trabalho podia ser um bem em si ainda estava longe. Para Santo Agostinho (354-430), como para os judeus, continuava a ser uma espécie de sacrifício — se não uma real expiação do pecado ou então, no mínimo, um pretexto para reduzir a tentação. Ele acreditava que todos os monges deviam ser obrigados a trabalhar, porque isto os deixava exaustos e tirava-lhes da cabeça a lubricidade e outros maus pensamentos. Mas, quando se tratava dos leigos, Santo Agostinho era vago: entre os deveres destes, estava o de dividir seus ganhos com os pobres, mas não eram obrigados a dividir o trabalho e nem a economizar.

Foi preciso chegar a Idade Média, quando a sociedade na Europa começou a se reorganizar — ainda que penosamente — em bases comerciais, para que se ouvisse falar do trabalho como uma obrigação geral. Santo Tomás de Aquino (1226-74) pregou-o como um corolário da sua doutrina das classes sociais fixas e imóveis. Era obrigação de certos escalões inferiores do homem a de trabalhar diligentemente, como era do dever dos nobres cultivar as Humanidades, disseminar a fé e castigar os infiéis. Mas não havia revelação nisto, nem muita teologia. Santo Tomás,

como sempre, falou poderosamente *ex cathedra,* mas falou mais como um sociólogo do que como um teólogo. Em outras palavras, sua teoria era simplesmente uma dedução lógica das necessidades sociais de seu tempo. O trabalho era inevitavelmente necessário num mundo em que o dinheiro se tornava cada vez mais importante e, portanto, tinha de ser feito. Mas a parcimônia ainda continuava dúbia. O primeiro dever de um homem que acumulasse uma grande riqueza seria gastá-la — uma boa parte com os pobres, mas, o que restava, naquele desperdício conspícuo que se tornou um dos maiores fenômenos sociais daquele tempo. Um príncipe que demonstrasse cautela neste departamento era tido em baixa estima, assim como um prelado. A maioria das grandes catedrais foi construída, a princípio, não para a glória de Deus, mas para uma gloriosa prova da liberalidade dos arcebispos.

Quando a Idade Média desaguou na Renascença e o trabalho contínuo tornou-se ainda mais necessário para o bem-estar de uma sociedade em rápida transformação, ele naturalmente tornou-se mais virtuoso. Mas os teólogos católicos só lhe deram a sua aprovação, segundo se suspeita, sob uma áspera compulsão econômica: em seu íntimo, ainda partilhavam a visão dos antigos cristãos sobre ele, como um fardo penoso, e quando o exortavam em público era como se fosse uma penitência. Coube ao herético Martim Lutero descobrir que o trabalho era uma coisa louvável em si. Foi ele o inventor da moderna doutrina de que há algo inerentemente dignificado e louvável no trabalho — e de que o homem que carrega um fardo no calor do dia agradará mais a Deus do que aquele que descansa à sombra. Aqui, como em outros assuntos, Lutero passou uma ardente ratificação teológica à revolução econômica que estava em processo e que não podia ser contida. Ele foi o campeão dos novos senhores da Europa, os *bourgeois* do mundo dos negócios, contra os velhos senhores, como os padres e os soldados. Estes homens de negócios precisavam de trabalhadores voluntários, e a maneira mais fácil de consegui-los era convencê-los de que, trabalhando duro, estariam servindo e agradando a Deus.

Mas até Lutero suspeitava do mero capitalista, em oposição aos *entrepreneurs*, e em seus primeiros sermões denunciou a cobrança de juros em termos violentos e injuriosos que lembravam as filípicas dos pais do cristianismo. Mais tarde, diante de uma crescente maré que não conseguia deter, modificou prudentemente sua posição, e sua doutrina

final estabelecia que cobrar um aluguel pelo uso da terra também agradava a Deus, desde que não ultrapassasse 5% do seu valor. Sustentou também que era moral o proprietário receber uma indenização do arrendatário, caso perdesse uma chance de lucro ao arrendar a terra, ou se tivesse de arrendar ele próprio para compensar seu prejuízo. Mas Lutero nunca foi até o fim: continuou a alimentar graves dúvidas sobre certas espécies de investimentos. Sua grande contribuição à ética cristã de nossos dias não reside nesta dúbia e arriscada direção, e sim na de que foi ele o inventor da dignidade do trabalho. "Com Lutero", diz Tilgher, "a palavra alemã *Beruf,* significando 'profissão', tomou um colorido religioso que nunca iria perder e o qual foi transmitido do alemão para as palavras análogas de todos os países protestantes. Profissão, vocação e ofício tornaram-se sinônimos". Lutero pôs uma coroa na testa suada do trabalho.

— 1934

DE NOVO, O LIVRE ARBÍTRIO

O estudo do volumoso e instrutivo fenômeno do pecado sempre faz com que os teólogos da moral abriguem dúvidas cada vez maiores sobre a liberdade de arbítrio, embora alguns dos mais talentosos, como Santo Agostinho, Lutero e Calvino, tenham chegado perto de jogá-lo no lixo de uma vez. De fato, como o livre arbítrio pode ser reconciliado com a onisciência e a onipotência de Deus, o primeiro postulado de toda religião revelada? Se Ele sabe que vou trabalhar esta noite escrevendo este livro tão ímpio, para escândalo da fé e terrível ameaça às almas, por que não me induz a um trabalho mais decente? Impossível imaginar, à luz daquela fé, que Ele não saiba o que estou fazendo, assim como é impossível imaginar que não possa me deter. *Ergo,* deve assumir pelo menos parte da culpa por meu pecado e fará um papelão se tentar me punir por ele no Inferno.

Mas isto, naturalmente, já está indo mais longe do que qualquer teólogo moral se permite avançar. Antes que este teólogo chegue ao ponto de botar a culpa inteira em Deus, ele sempre transforma a divina onipresciência em algo consideravelmente menos abrangente, geralmente com desconcertantes nomes metafísicos, e com isso deixa

espaço de sobra para o livre arbítrio. Os católicos molinistas, por exemplo, dividiram-no em três partes, *simplex intelligentia, scientia visionis* e *scientia media,* nenhuma delas capaz de uma definição precisa: com isso, põe-se uma pedra sobre o assunto, tornando-o inacessível aos vulgares. E, assim, apesar de Sua infinita sabedoria e terríveis poderes, Deus fica autorizado a se surpreender, a ficar desapontado, sentir-se ferido ou enfurecer-se, enquanto o homem fica livre para pecar e passar por isto através da eternidade. Esta concessão, imagino, dá algum trabalho aos teólogos no seu papel de lógicos, mas, como pastores práticos que são, fazem-no com grande elegância, tornando-a absolutamente essencial aos seus negócios. Tirem da religião revelada a ideia do livre arbítrio para pecar, e esta religião deixará de ser uma preocupação corrente.

Os filósofos seculares caminham em outra direção, mas chegam substancialmente à mesma posição. Seu problema não é o de encontrar um estribo precário para o livre arbítrio sob a sombra universal de Deus, mas o de conservá-lo dentro de limites plausíveis. O selvagem ideal, imerso em sua ingenuidade animística, vê o arbítrio em tudo que se move e até em objetos fixos, e não consegue imaginá-lo dominado e circunscrito no homem, o senhor da criação. Se *A* mata *B,* mesmo que por pura inadvertência, *A* deve pagar por isto: ou com sua própria vida ou com uma pesada indenização. O arbítrio, em outras palavras, está contido no ato; não há diferença legal entre a mais deliberada premeditação e o que poderíamos chamar de um acaso ou acidente. Mas este selvagem ideal e sua jurisprudência só existem como abstrações nos mais românticos livros de antropologia. Na vida real, até as tribos mais primitivas veem o livre arbítrio com razoáveis reservas. O homicídio sob um conjunto de circunstâncias difere materialmente do homicídio sob circunstâncias diferentes, e os conceitos de inintencional, perdoável e coercível movem-se furtivamente de gatinhas.

6. MORTE

SOBRE O SUICÍDIO

O número de suicídios está aumentando, disse-me outro dia um inteligente papa-defuntos. Sem dúvida, uma boa notícia para a sua profissão, combalida ultimamente pelos progressos da medicina e quase tanto pela feroz competição em suas próprias fileiras. É também uma boa notícia para aqueles românticos otimistas que gostam de acreditar que a espécie humana é capaz de atos racionais. O que poderia ser mais lógico do que o suicídio? O que poderia ser mais despropositado do que continuar vivo? No entanto, todos nos agarramos à vida com desesperada devoção, mesmo quando o que resta dela é palpavelmente frágil e cheio de agonia. Metade do tempo dos médicos é desperdiçado bombeando vida em cacos humanos, que não têm nenhuma razão inteligível para continuar vivendo, assim como uma vaca tem para continuar dando leite.

Em parte, este frenesi absurdo tem suas origens na imaginação humana ou, como poderia ser chamada mais poeticamente, na razão humana. O homem, tendo adquirido a alta capacidade de visualizar a morte, visualiza-a como algo doloroso e horrível. Claro que ela é raramente assim. Os estágios anteriores a ela podem até ser (embora nem sempre) dolorosos, mas a morte em si parece desprovida de sensação, seja física ou psíquica. O candidato, finalmente defrontando-a, simplesmente perde suas faculdades. Não lhe dói mais do que doeria num micróbio. O horrível, assim como o doloroso, não fazem parte dela. É até mais provável que ela revele elementos do grotesco. Falo, é claro, da morte natural. Já o suicídio é nitidamente mais desagradável, até porque há alguma incerteza a seu respeito. O candidato hesita em se matar com um tiro porque teme, com alguma razão, errar o tiro e apenas se ferir. O tiro, além disso, juntamente com outras formas de produzir o êxodo artificial, envolve uma espécie de afronta à sua dignidade: certamente vai provocar uma lambança. Mas parece-me que aquela objeção tende a

desaparecer com o progresso da ciência. Métodos mais fáceis, seguros e higiênicos para se partir desta vida serão inventados. Alguns, na verdade, já são conhecidos e isto talvez explique o aumento no número de suicídios, tão satisfatórios para meu amigo papa-defuntos.

Passo por cima das objeções teológicas à autodestruição por serem muito sofísticas para merecerem resposta séria. Desde o começo, o cristianismo pintou a vida na terra como algo tão triste e vazio que seu valor tornou-se indistinguível do de uma merdinha. Então, para que aferrar-se a ela? Simplesmente porque sua inutilidade e dissabores são partes da vontade do Criador, cujo amor por Suas criaturas consiste curiosamente em torturá-las. Se elas se revoltam neste mundo, serão torturadas um milhão de vezes mais no próximo. Apresento este argumento como um típico espécime de raciocínio teológico e passo a outros temas mais importantes. Especificamente, à minha tese original: a de que é difícil, senão impossível, descobrir qualquer razão lógica ou probatória, que não se desmascare instantaneamente como cheia de falácias, para se continuar vivo. A sabedoria universal do mundo já concluiu há muito tempo que a vida é uma maldição. Consulte um filósofo proverbial de qualquer raça e você o verá falando da futilidade da batalha mundana. A antecipação é melhor do que a realização. O desapontamento é o quinhão da humanidade. Nascemos na dor e morremos no sofrimento. O homem feliz morreu quarta-feira. Fulano finalmente descansou. Etc., etc. Eu poderia estender esta lista por páginas e páginas. Se você despreza a sabedoria popular, dê uma espiada no seu Shakespeare: suas peças escorrem pessimismo de ponta a ponta. Se há uma ideia geral nelas, é a de que a existência humana é uma penosa futilidade, apagável como uma vela.

No entanto, nos atrelamos a ela de uma maneira atabalhoadamente fisiológica — ou, para ser mais preciso, patológica — e até tentamos recheá-la com pomposas cantilenas. Todos os homens verdadeiramente sensíveis lutam poderosamente pela distinção e pelo poder, *i. e.*, pelo respeito e inveja dos seus semelhantes, *i. e.,* pela admiração de uma interminável série de carcaças portando aminoácidos em rápida desintegração. E para quê? Se eu soubesse, certamente não estaria escrevendo livros neste infernal verão americano; estaria exposto numa sala de cristal e ouro, e as pessoas pagariam 10 dólares para me contemplar através de buraquinhos. Mas, embora o mistério central

permaneça, talvez seja possível investigar os sintomas mais superficiais de algum lucro. Ofereço-me, por exemplo, como um animal de laboratório. Para que trabalhei tanto, durante anos e anos, buscando desesperadamente chegar a alguma coisa que continua impenetrável para mim até hoje? Será por que desejo dinheiro? Asneira! Não me lembro de tê-lo desejado por um único instante: sempre achei fácil ganhar o quanto quisesse. Será então porque estou à cata de notoriedade? Mais uma vez, a resposta é não. Não gosto que estranhos me deem atenção e evito-os o mais que posso. Então, será uma vontade irresistível de fazer o bem? Ah, ah! Se estou convencido de alguma coisa é a de que fazer o bem é de mau gosto.

Houve tempo em que imaginei que os homens trabalhavam em resposta a uma vaga necessidade interior de se exprimir. Mas aquela era provavelmente uma teoria capenga, porque muitos dos homens que mais trabalham não têm nada a dizer. Uma hipótese mais plausível começa a brotar agora: os homens trabalham apenas para escapar à deprimente agonia de contemplar a vida — e seu trabalho, assim como o seu ócio, é uma comédia-pastelão, que só lhes serve para que eles escapem da realidade. Tanto o trabalho como o ócio, normalmente, são ilusões. Nenhum deles serve a qualquer propósito sólido e permanente. Mas a vida, despida dessas ilusões, torna-se logo insuportável. O homem não consegue ficar de mãos abanando, contemplando o seu destino neste mundo, sem ficar desvairado. Por isto inventa formas de tirar sua mente deste horror. Trabalha, diverte-se. Acumula aquele grotesco nada, chamado propriedade. Persegue aquela piscadela esquiva da fama. Constitui uma família e dissemina a sua maldição sobre ela. E, todo o tempo, a coisa que o move é o desejo de se perder de si mesmo, de se esquecer de si mesmo e de escapar à tragicomédia que é ele próprio. Fundamentalmente, a vida não vale a pena ser vivida. Assim, ele cria artificialidades para fazê-la parecer que vale. E também por isto erige uma espalhafatosa estrutura para esconder o fato de que ela *não* vale.

Talvez esta conversa de agonias e tragicomédias possa desviar a atenção do leitor. O fato básico sobre a existência humana não é o de que seja uma tragédia, mas o de que é uma chatice. Não é tanto uma guerra, mas uma permanente posição de sentido. A objeção a ela não é a de que seja predominantemente penosa, mas a de que lhe falta sentido. O que a espécie terá pela frente? Os próprios teólogos não conseguem ver nada,

exceto um vazio cinzento com alguns fogos de artifício irracionais no fim. Mas existe uma coisa chamada progresso humano. É verdade. É o progresso que permite a um homicida sair da casa de detenção para a cadeia, e da cadeia para a cela da morte. Toda geração experimenta o mesmo intolerável fastio.

Falo como um daqueles de quem se poderia dizer, estatisticamente, que levou uma vida feliz. Trabalho até dizer chega, mas o trabalho é mais agradável para mim do que qualquer coisa que eu possa imaginar. Não tenho consciência de quaisquer desejos arrebatadores e inatingíveis. Não quero ter nada que não possa ter. Mas fico firme em minha conclusão, às portas da senilidade, que tudo não passa de uma grandiosa futilidade e nem ao menos é divertida. O fim é sempre a vangloria, geralmente sórdida e sem o mínimo toque de nobreza do patético. Os medíocres continuam. Neles repousa o segredo do que se chama de contentamento, *i. e.*, a capacidade de deixar o suicídio para o dia seguinte. Eles próprios não têm significado, mas, pelo menos, oferecem uma saída para escapar da paralisante realidade. O objetivo central da vida é simular a extinção. Berramos demais contra a grandiloquência errada.

— 1926

7. GOVERNO

SUA NATUREZA INTERIOR

Todo governo, em essência, é uma conspiração contra o homem superior: seu objetivo permanente é o de oprimi-lo e manietá-lo. Se sua organização é aristocrática, tenta proteger aquele que só é superior porque a lei diz que é, contra o homem que lhe é superior de fato; se for democrático, tenta proteger o homem que é inferior em todos os sentidos contra ambos. Uma das funções primárias de qualquer governo é o de organizar os homens pela força, torná-los mais parecidos entre si e dependentes uns dos outros tanto quanto possível, além de detectar e combater qualquer vestígio de originalidade entre eles. Para o governo, qualquer ideia original é um perigo potencial, uma invasão de suas prerrogativas, e o homem mais perigoso é aquele capaz de pensar por si próprio, sem ligar para os tabus e superstições em voga. Quase inevitavelmente, este homem chega à conclusão de que o governo sob o qual vive é desonesto, insano e intolerável — e, assim, se for um romântico, tentará mudá-lo. Mesmo que ele não seja pessoalmente romântico, estará apto a disseminar o descontentamento entre os que o são.

Raramente há alguma prova de que o novo governo a ser proposto seja melhor do que o antigo. Ao contrário, todos os testemunhos históricos apontam na direção contrária. Revoluções políticas quase nunca realizam nada de verdadeiro mérito; seu único efeito indiscutível é o de enxotar uma chusma de ladrões e substituí-la por outra. Depois de uma revolução, é normal que os vitoriosos tentem convencer os céticos dos prodígios que fizeram, não sendo difícil acontecer que enforquem os que discordam. Mas nem isto parece muito convincente. Na Rússia, por muitos anos, as pessoas foram ensinadas a que, livrando-se do Czar, todas seriam ricas e felizes; agora que o despacharam, estão mais pobres e infelizes do que antes. Mesmo as colônias americanas pouco ganharam

com sua revolta em 1776: nos 25 anos que se seguiram à Revolução, estavam em piores condições como Estados livres do que como colônias. Seu governo gastava mais, era mais ineficiente, mais desonesto e mais tirânico. Foi apenas o gradual progresso material do país que as salvou da fome e do colapso, e este progresso material não se deveu às virtudes do novo governo, mas à abundância da natureza. Sob os cascos dos britânicos, teriam chegado lá do mesmo jeito, e talvez melhor.

O governo ideal de qualquer homem dado à reflexão, de Aristóteles em diante, é aquele que deixe o indivíduo em paz — um governo que praticamente passe despercebido. Este ideal, acredito, se concretizará no mundo cerca de vinte ou trinta séculos depois de eu ter partido e assumido minhas funções públicas no Inferno.

— 1919

MAIS SOBRE O ASSUNTO

O homem médio, sejam quais forem os seus erros em outros departamentos, pelo menos sabe que o governo é alguma coisa fora dele e da generalidade de seus semelhantes — que é um poder separado, independente e quase sempre hostil, só parcialmente sob o seu controle e capaz de causar-lhe grandes prejuízos. Em seus momentos românticos, este homem pode até ver no governo um pai benevolente ou uma espécie de *jinn* ou deus, mas nunca pensa nele como uma parte de si mesmo. Em tempos de agrura, ele espera que o governo faça milagres em seu benefício; em outros tempos, o governo passa a ser o inimigo contra o qual ele trava uma constante batalha. Será de pouca importância o fato de que roubar o governo é tido universalmente como um crime de menor magnitude do que assaltar um indivíduo ou mesmo uma empresa? Nos Estados Unidos de hoje, a pena para isto é muito menor e desperta infinitamente menos repulsa do que certos atos intrinsecamente triviais — como, por exemplo, um sujeito casar-se com duas mulheres, por sua espontânea vontade.

O que há por trás disto, acredito, é uma sensação profunda do antagonismo entre o governo e o povo que ele governa. O governo é visto, não como um comitê de cidadãos escolhidos para tocar os negócios comuns a toda a população, mas como uma corporação separada e autônoma, devotada em primeiro lugar a explorar a população em

proveito de seus próprios membros. Esse tipo de roubo é, portanto, quase desprovido de infâmia — uma exploração bastante parecida com as efetuadas por Robin Hood e pelos grandes piratas do passado. Quando um cidadão comum é assaltado, está sendo privado dos frutos do seu trabalho e de suas economias; quando o governo é roubado, o pior que pode acontecer é que certos patifes e tratantes fiquem com um pouco menos de dinheiro para brincar do que tinham antes. A ideia de que eles mereceram aquele dinheiro nunca lhes passa pela cabeça; para a maioria dos homens sensíveis, isto pareceria uma piada. Todo governo é composto de vagabundos que, por um acidente jurídico, adquiriram o duvidoso direito de embolsar uma parte dos ganhos de seus semelhantes.

O homem inteligente, quando paga os seus impostos, não acredita estar fazendo um investimento prudente e produtivo de seu dinheiro; ao contrário, sente que está sendo multado em nome de uma série de *serviços* que, em sua maior parte, lhe são inúteis e, às vezes, até prejudiciais. Pode até estar convencido de que, digamos, uma força policial seja necessária para proteger a sua vida e a sua propriedade, e que um exército e uma marinha o resguardam de ser reduzido à escravidão por algum vago cáiser estrangeiro, mas, mesmo assim, ele vê essas coisas como caras e extravagantes — pior ainda, vê no mais essencial desses serviços um meio mais fácil inventado pelos exploradores que constituem o governo para continuar a enfiar a mão no seu bolso. Nesses predadores em si, ele não tem a menor confiança; quando eles começam com suas vastas e caríssimas operações, o cidadão já sabe que não terá nenhum lucro com elas, como não tem quando empresta dinheiro ao cunhado. Esses predadores constituem um poder constante sobre sua cabeça, sempre alerta para novas chances de espremê-la. Se pudessem, reduziriam-no à roupa do corpo. E, se deixam alguns trocados com ele, é apenas por prudência, assim como o fazendeiro deixa à galinha alguns de seus ovos.

— 1925

8. DEMOCRACIA

ÚLTIMAS PALAVRAS

Um dos méritos da democracia é bastante óbvio: é talvez a mais charmosa forma de governo já criada pelo homem. O motivo não é difícil de descobrir. Ela se baseia em proposições palpavelmente falsas — e o que não é verdade, como todo mundo sabe, é imensamente mais fascinante e satisfatório para a maioria dos homens do que o que é verdadeiro. A verdade tem uma aspereza que os alarma, e um ar de finalidade que entra em choque com o seu incurável romantismo. Quando se veem nas grandes emergências da vida, voltam-se para aquelas velhas promessas, todas falsas mas deliciosamente reconfortantes — e das quais a campeã é a que diz que os pobres herdarão a terra. Esta promessa está tanto na raiz do sistema religioso reinante no mundo moderno como no sistema político em voga. A democracia lhe dá uma certa aparência de verdade objetiva e demonstrável. O homem comum, funcionando como cidadão, tem a sensação de que é realmente importante para o mundo — de que é ele que administra as coisas. Suas lamúrias contra os patifes e os demagogos dão-lhe uma enorme e misteriosa sensação de poder — o que faz a felicidade de arcebispos, sargentos da polícia e outras sumidades. Da democracia, ele extrai também a convicção de que sabe das coisas, de que suas opiniões são levadas a sério pelos maiorais — o que faz a felicidade dos senadores, das quiromantes e dos jovens intelectuais. Finalmente, dela sai também a consciência de um alto dever triunfantemente cumprido — o que faz a felicidade dos carrascos e dos maridos.

Todas estas formas de felicidade são, naturalmente, ilusórias. Não chegam a durar. O democrata que pula no abismo para bater suas asas e entoar aleluias acaba com o nariz no chão. As sementes deste desastre estão em sua própria estupidez: ele não consegue se livrar daquela ingênua ilusão, tão cristã, de que a felicidade é algo que só se consegue

tomando-a de outro. Mas há sementes também na própria natureza das coisas: uma promessa, afinal, não passa de uma promessa, mesmo quando baseada numa revelação divina, mas as probabilidades de que seja cumprida podem ser expressas por uma deprimente fórmula matemática. Aqui, a ironia que jaz sob toda a aspiração humana se revela: a busca da felicidade, como sempre, traz apenas a infelicidade no fim das contas. Mas dizer isto é o mesmo que dizer que o verdadeiro charme da democracia não é para o bico do democrata, e sim para o do espectador. Este espectador, me parece, tem à sua frente um espetáculo de primeira classe. Tente imaginar alguma coisa mais heroicamente absurda: um desfile de imbecilidades óbvias, ambições grotescas e fraudes sem fim! Mas quem se diverte com a fraude? A fraude da democracia é a mais divertida de todas — mais até, deixando no chinelo, que a fraude da religião. Consulte o seu travesseiro a respeito das invenções democráticas mais características. Ou dos típicos profetas democráticos. Se você não pegar no sono imediatamente por falta de respostas, também não achará graça no dia do Juízo Final, quando os presbiterianos pularão do túmulo como pintos de um ovo, asas brotarão em suas omoplatas e eles adejarão rumo ao espaço interestelar, piando de alegria.

Tenho falado até aqui da possibilidade da democracia ser, talvez, uma doença que conheça suas limitações, como o sarampo. Mas é mais do que isto: ela devora a si mesma. Não se consegue observá-la objetivamente sem se impressionar com sua curiosa desconfiança em si própria — sua tendência inextricável a abandonar sua própria filosofia ao menor sinal de tensão. Não preciso lembrar o que acontece invariavelmente nos Estados democráticos quando se ameaça a segurança nacional. Todos os grandes tribunos da democracia, em tais ocasiões, respiram fundo e convertem-se instantaneamente em déspotas de uma ferocidade quase fabulosa. E nem este processo se limita aos tempos de alarme e terror: continua dia após dia. A democracia parece sempre a ponto de matar aquilo que teoricamente ama. Todos os seus axiomas se resolvem em trovejantes paradoxos, muitos reduzidos a contradições flagrantes em seus termos. Dizem eles: “O povo é competente para nos guiar” — desde que possamos policiá-lo rigorosamente. “Não são os homens que nos governam, mas as leis” — mas são homens sentados em banquinhos que, no fim das contas, decidem o que a lei é ou o que deve ser. “A função mais

alta do cidadão é servir ao Estado" — mas a primeira constatação que lhe ocorre, quando tenta cumprir esta função, é a de sua desonra e falta de habilidade. Esta constatação costuma ter suas razões? Então a farsa fica apenas ainda mais gloriosa.

Confesso que, de minha parte, acho-a uma delícia. Adoro imensamente a democracia. Ela é incomparavelmente idiota e, por isto, tão divertida. Ela não exalta os parvos, os covardes, os oportunistas, os pilantras e os blefes? Sim, mas a tortura de vê-los subir na vida é compensada pela alegria de vê-los cair do galho. A democracia não é perdulária, extravagante e desonesta? É, como qualquer outra forma de governo: todas são inimigas dos homens decentes. Não são os velhacos que a dirigem? Sim, mas temos suportado esta velhacaria desde 1776 e continuamos sobrevivendo. A longo prazo, pode ser que a velhacaria seja uma necessidade inerradicável de qualquer governo e até da própria civilização — ou que, no fundo, a civilização não passa de um colossal calote. Não sei. Só sei que, quando os chupa-sangues estão se dando bem, o espetáculo fica hilariante. Mas talvez eu seja um homem malicioso: quando se trata de chupa-sangues, minha simpatia por eles tende a ser tímida. O que me intriga é como um homem que é a favor deles e se sente como eles pode acreditar em democracia, e até se compadece quando os vê expostos como um bando de sacanas. Como um homem que é sinceramente democrata pode ser democrata?

9. HOMENS EM COMBATE

VALENTINO

Por um desses acasos que aliviam o ramerrão da vida e até a tornam instrutiva, tive a honra de jantar com um celebrado cavalheiro em Nova York, uma semana ou menos, antes de sua doença fatal. Nunca o tinha visto antes, nem mesmo no cinema; o encontro foi a seu pedido e, quando foi proposto, intrigou-me vagamente. Mas logo o seu propósito ficou claro. Rodolfo Valentino estava com um problema e queria conselhos. E mais, queria conselhos de um homem mais velho e desinteressado, totalmente alheio a filmes e a tudo que os cerca. Algo que escrevi e que lhe caiu diante dos olhos deve ter-lhe dado a ideia de que eu era um sujeito sensato. Assim, pediu a um de seus colegas, uma garota do ramo, que me convidasse para jantar no hotel dela.

Como a noite estava infernalmente quente, chegamos logo a um acordo e tiramos os casacos. Lembro-me de que ele usava suspensórios de uma extraordinária largura e espessura. Num jovem tão magro, eles pareciam ainda mais absurdos, especialmente numa noite quente de verão. Transpiramos feito bicas por uma hora, enxugando nossos rostos com os lenços, guardanapos, os cantos da toalha da mesa e um par de toalhas trazidas por um garçom surpreendentemente humano. Então caiu uma tempestade e começamos a respirar. Nossa anfitriã, uma mulher tão charmosa quanto educada, desapareceu misteriosamente e deixou-nos a sós.

O problema que angustiava Valentino era muito simples. Os jornais sensacionalistas de Nova York não falavam de outra coisa e era isto que o deixava agitado. Algum tempo atrás, em Chicago, um repórter sem mais o que fazer tinha descoberto, no lavabo masculino de um hotel de mau gosto, uma máquina automática que vendia latas de talco. Nada de anormal nisto, e sim na cor do talco: era rosa. A notícia fez a cidade rir o dia inteiro e inspirou um editorialista do *Chicago Tribune* a pôr lenha na

fogueira. No editorial, o jornalista protestava, meio de galhofa, contra a efeminização do homem americano e atribuía-a despreocupadamente à influência dos filmes de Valentino em que ele interpreta um xeque. Bem, aconteceu que Valentino, passando por Chicago naquele dia, vindo da Califórnia, cuspiu fogo contra o editorial e contra os repórteres que queriam a sua opinião sobre o assunto. Sua opinião era uma ira só. Jogando fora 100% de seu americanismo e revertendo aos *mores* de sua terra natal, desafiou o editorialista para um duelo e, como não houve resposta, para uma briga a socos. Sua honra masculina, parecia, tinha sido lavada. Outra insinuação de que ele não fosse macho teria como resposta um banho de sangue.

Infelizmente, tudo isto se passou nos Estados Unidos, onde a palavra honra, exceto quando aplicada à integridade estrutural da mulher, tem apenas um significado cômico. Quando se ouve falar da honra dos políticos, dos banqueiros, dos advogados e até dos Estados Unidos, todo mundo naturalmente ri. E, assim, Nova York riu de Valentino. Mais ainda, atribuiu sua irritação a uma mera busca de publicidade, como a de um canastrão vulgar querendo *aparecer*. O pobre rapaz, duplamente acuado, viu sua irritação crescer mais ainda. Sua cabeça italiana não estava reagindo bem à situação. Por isso, pedia o conselho de alguém neutro, maduro e distanciado.

Infelizmente, eu só podia dizer o nome da doença e confessar francamente que para ela não havia remédio — nenhum, pelo menos, dentro dos meus conhecimentos terapêuticos. Sugeri que ele deveria ter esvaziado a chacota do jornalista de Chicago com um riso de desdém — e talvez, melhor ainda, com uma contrachacota. Deveria ter-se mantido longe dos repórteres de Nova York. Infelizmente, agora o mal estava leito. Tinha sido insultado e ridicularizado, e não havia nada a fazer. Aconselhei-o a deixar que aquela farsa sensacionalista se esgotasse. Ele protestou que aquilo era uma infâmia. Infâmia? Nada que não seja verdade é infame, argumentei. Todo homem tem sua integridade interior. Se ele ainda consegue se olhar no espelho ao barbear-se, é porque está firme nas pernas e é capaz de enfrentar até o Diabo. Suamos um pouco mais, discutindo esses sublimes assuntos, mas não parecíamos chegar a lugar nenhum.

De repente, baixou em mim — eu estava sendo muito burro ou o calor

me impedira de pensar — que não estávamos falando o que deveríamos estar. Comecei a observar Valentino mais atentamente. Um jovem curiosamente ingênuo e infantil, recém-passado dos trinta e com um desconcertante ar de inexperiência. Aos meus olhos, pelos menos, não era bonito, mas bastante atraente. Havia uma óbvia elegância nele; mesmo suas roupas contrastavam com as usadas pelos seus colegas de pavoroso ofício. Começou a falar de seu país, de seu povo, de sua juventude. Falava de modo simples, mas, ao mesmo tempo eloquente. Ainda via o ator à minha frente, mas, de vez em quando, por um instante havia nele um brilho de outra coisa. Aquela outra coisa, concluí, era o que costumamos chamar, por falta de melhor, um cavalheiro. Em suma, a agonia de Valentino era a de um homem de sentimentos relativamente civilizados, jogado numa situação de vulgaridade intolerável — não, numa série inteira de tais situações.

Não era aquele mísero episódio de Chicago que o amargurava; era toda a futilidade grotesca de sua vida. Ele não tinha saído do nada para um vasto e estonteante sucesso? Então, aquele sucesso era tão oco quanto vasto — um colossal e absurdo nada. Não era aclamado por multidões ululantes? Então, todas as vezes em que isso voltasse a acontecer ele enrubesceria por dentro. De novo a velha história de Diego Valdez, só que com mais pungência. Valdez, afinal, era um alto almirante espanhol. Mas Valentino, com seu toque de elegância — que às vezes perdia e logo recuperava —, era apenas o herói da ralé. Vivia cercado de imbecis lamurientos. Era perseguido pelas mulheres — mas que mulheres! (Considere a comédia sórdida de seus dois casamentos e o cortejo de apaixonadas histéricas que invadiu o seu próprio leito de morte.) A coisa, no começo, pode apenas tê-lo deslumbrado. Mas, nos últimos dias, e a não ser que eu seja pior psicólogo do que os próprios psicólogos, toda aquela adulação devia revoltá-lo. Pior ainda, estava-o deixando apavorado.

Inclino-me a pensar que os deuses inescrutáveis, ao levá-lo tão cedo e num momento de furiosa revolta, foram até gentis com ele. Se ainda vivo, tentaria inevitavelmente mudar sua fama — se se pode chamá-la assim — para algo mais perto do desejo de seu coração. Isto é, ele teria trilhado o caminho de muitos outros atores — da crescente pretensão, da solene *seriedade,* do vazio blablablá, que só enganaria a si mesmo. Acredito que teria fracassado, por exibir poucos sinais de um autêntico artista. Era

essencialmente um jovem muito respeitável, daquela espécie que nunca se metamorfoseia num artista. Mas, suponhamos que ele conseguisse? Então sua tragédia teria se tornado mais irritante e intolerável. Porque ele teria descoberto, depois de tanto esforço e ansiedade, que o que tinha conseguido era indistinguível do que tinha deixado para trás. Seria a fama de Beethoven mais esplêndida e deliciosa que a de Valentino? Para você e para mim, naturalmente, a pergunta se responde por si mesma. Mas o que Beethoven achava dela? Ele foi perguntado sobre o assunto, *viva voce,* quando ainda em vida, e sua resposta sobrevive em todo o frescor da profana eloquência de sua música. Beethoven também sabia o que era ser aplaudido. Andando pelas ruas com Goethe, ele ouvia algo não muito diferente do murmúrio que chegou a Valentino através de sua janela de hospital. Beethoven virou as costas bruscamente. Valentino virou o rosto para a parede.

Era um jovem que vivia diariamente nos sonhos de milhões de outros jovens. Era o que atraía as mulheres com seu ímã. Era o que tinha fama e riqueza. E era também o mais infeliz de todos.

— 1926

SOBRE JORNALISMO

Em 1920, Mencken fez picadinho do livro de Upton Sinclair, *The Brass Check,* em que o autor denunciava o caráter *marrom* da imprensa americana e defendia o levantamento de 1,3 milhão de dólares para a criação de um semanário devotado "à verdade, a toda a verdade e nada mais que a verdade". Um conselho de mentes infalíveis seria criado para determinar a verdade. Mencken se diverte imaginando como reagiriam os nomes apontados por Sinclair diante de situações que exigiriam um repórter de verdade — Sinclair chega a sugerir a contratação de um professor da Universidade de Washington para cobrir distúrbios de rua na capital... Em seguida, fingindo apoiar as ideias do autor, Mencken dá a sua visão sardônica e feroz do jornalismo nos Estados Unidos. *(N. T.)*

I

Vamos a Sinclair, o incurável romântico, que acredita por atacado em tudo que não merece crédito. O homem me delicia constantemente. Sua fé na sabedoria dos imbecis, na virtude dos desonestos, no sublime idealismo dos sórdidos — tudo isto é comovente. Não conheço ninguém neste vasto paraíso de credulidade que dê um crédito mais firme e heroico a tudo que é intrinsecamente absurdo. Mas fico por aqui em meu desprezo por ele. Deixando barato a sua falta de humor, sua crônica indignação moral, sua credulidade estranhamente distorcida, sua hipertrofiada confiança em Deus, deve ficar claro para qualquer observador competente que, em *The Brass Check,* ele conseguiu escrever algo muito interessante, uma crônica picaresca da maior qualidade e tudo que ele aponta como um fato é, na maioria das vezes, inegavelmente verdade. Os jornais irão denunciá-lo como um mentiroso pago em rublos, os leigos suspeitarão de que ele exagerou grosseiramente e, no final, Sinclair poderá amargar alguns desagradáveis processos.

Mas, se meu testemunho ainda valer alguma coisa sob as regras americanas (*e. g*., que a dedução de um detetive do governo vale mais do que o depoimento jurado de uma testemunha ocular; que qualquer homem que leia um panfleto seja suspeito de estar planejando derrubar a Constituição pela força; e que é uma prova de culpa quando um acusado exige um advogado e pede para ser acareado com seus acusadores), então ofereço com prazer este testemunho em sua causa. Tenho trabalhado constantemente como jornalista desde 1899. Já passei por todos os cargos editoriais que os jornais têm a oferecer, de crítico de teatro até diretor de redação. Mais ainda, não tenho rancores a remoer. Sempre me pagaram o que eu valia. Nunca fui despedido, nem acusado de ser um idealista e estou, neste momento, nas melhores relações com todos os jornais que já tiveram alguma coisa a ver comigo. O que desejo dizer é simplesmente o seguinte: pelo que sei e acredito, o jornal americano médio, mesmo os supostamente de primeira linha, é não apenas ruim quanto diz o dr. Sinclair, mas dez vezes pior — dez vezes mais ignorante, dez vezes mais injusto e tirânico, dez vezes mais complacente e pusilânime, e dez vezes mais sinuoso, hipócrita, velhaco, enganador, farisaico, tartufista, fraudulento, safado, escorregadio, inescrupuloso, pérfido, indigno e desonesto.

Que pena, que pena! Infelizmente, faltam-me palavras. O jornal americano médio, *especialmente* o chamado de primeira linha, tem a

inteligência de um pastor batista, a coragem de um camundongo, a retidão de um papalvo pró-Proibição, a informação de um porteiro de ginásio, o bom gosto de um criador de flores artificiais e a honra de um advogado de porta de cadeia. Se me pedirem para apontar cinco jornais que estejam claramente acima desta média — se me desafiarem a relacionar cinco jornais que sejam dirigidos de forma tão inteligente, justa, corajosa, decente e honesta como uma fábrica média de pregos, uma empresa de crédito imobiliário ou um negócio de importação de arenques —, levarei dois ou três dias para fazer a lista. E, quando ela estiver pronta e for lida pelo meirinho no tribunal, haverá um rumor de risadinhas abafadas à menção de quase todos eles. Estas risadinhas virão de jornalistas que devem saber um pouco mais do que eu sobre o assunto.

II

O que aflige primariamente os jornais dos Estados Unidos — e aflige também o esquema regenerador do dr. Sinclair — é o fato de que o gigantesco desenvolvimento comercial destes jornais os obriga a atingir massas cada vez maiores de homens indiferenciados, e o de que a verdade é uma mercadoria que estas massas não podem ser induzidas a comprar. As causas disto estão enraizadas na psicologia do *Homo boobus,* ou homem inferior — ou seja, do cidadão normal, típico e predominante de uma sociedade democrática. Este homem, apesar de uma aparência superficial de inteligência, é, na realidade, incapaz de qualquer coisa que possa ser descrita como raciocínio. As ideias que lhe entopem a cabeça são formuladas por um processo de mera emoção. Como todos os outros mamíferos superiores, ele tem sentimentos muito intensos, mas, também como eles, falta-lhe capacidade de julgamento. O que o agrada mais no departamento de ideias — e, daí, o que ele tende a aceitar mais como verdadeiro — é apenas o que satisfaz os seus anseios principais. Por exemplo, anseios por segurança física, tranquilidade mental e subsistência farta e regular. Em outras palavras, o que ele exige das ideias é o mesmo que exige das instituições — ou seja, que o deixem livre da dúvida, do perigo e daquilo que Nietzsche chamou de os acasos do labirinto. Acima de tudo, livre do *medo,* aquela emoção básica de todas as criaturas inferiores em todos os tempos e lugares. Por isto este

homem é geralmente religioso, porque a espécie de religião que conhece é apenas um vasto esquema para aliviá-lo da luta vã e penosa contra os mistérios do universo. E por isto ele é também um democrata, porque a democracia é um esquema para protegê- lo contra a exploração dos seus superiores em força e sagacidade. E é também por isto que, na miscelânea de suas reações às ideias, ele abraça invariavelmente aquelas que lhe parecem mais simples, mais familiares, mais confortáveis — que se ajustam mais prontamente às suas emoções fundamentais e lhe exigem menos agilidade, resolução ou engenhosidade intelectuais. Em suma, ele é uma besta.

O problema com que se depara um jornal moderno, pressionado pela necessidade de se manter como um negócio lucrativo, é o de conquistar o interesse deste homem inferior — e, por interesse, não me refiro naturalmente à sua mera atenção passiva, mas à sua ativa cooperação emocional. Se um jornal não consegue inflamar seus *sentimentos* é melhor desistir de vez, porque estes sentimentos são a parte essencial do leitor e é deles que este draga as suas obscuras lealdades e aversões. Bem, e como atiçar os seus sentimentos? No fundo, é bastante simples. Primeiro, amedronte-o — e depois tranquilize-o. Faça-o assustar-se com um bicho-tutu e corra para salvá-lo, usando um cassetete de jornal para matar o monstro. Ou seja, primeiro, engane-o — e depois engane-o de novo. Esta, em substância, é toda a teoria e prática da arte do jornalismo nos Estados Unidos. Se nossas gazetas levam a sério algum negócio, é o negócio de tirar da focinheira e exibir novos e terríveis horrores, atrocidades, calamidades iminentes, tiranias, vilanias, barbaridades, perigos mortais, armadilhas, violências, catástrofes — e, então, magnificamente superá-los e resolvê-los. Esta primeira parte é muito fácil. Não se sabe de nenhum caso em que a massa tenha deixado de acreditar num novo papão. Assim que o horrendo bicho tira os véus, ela começa a se agitar e gemer: seu reservatório de medos primários está sempre pronto a transbordar.

A segunda parte não é muito mais difícil. O que se exige do remédio é que ele seja simples, mais ou menos familiar, fácil de compreender — que não represente uma provação para o centro cerebral superior — e que evite conduzir a tímida e delicada inteligência da multidão para aqueles estranhos e dolorosos caminhos da especulação. Todo o

jornalismo sadio nos Estados Unidos (sadio no sentido de que floresce espontaneamente, sem precisar de auxílio externo) baseia-se firmemente em inventar e destruir papões. Assim como a política. E assim como a religião. O que reside sobre esta impostura fundamental é uma artificialidade, um brinquedo de homens com mais esperanças do que bom senso. O jornalismo inteligente e honesto, assim como a política inteligente e honesta, e até mesmo a religião inteligente e honesta — são coisas que não têm lugar numa sociedade democrática. São, quando existem, curiosidades exóticas, orquídeas pálidas e viscosas, bestas em cativeiro. Tirem-lhes o vapor, a garrafa de leite, a seringa, e puf!, elas somem.

III

Assim, parece-me uma injustiça, além de presunçoso e moralista, jogar a culpa pelo baixo nível de nossa imprensa sobre a malandragem de seus proprietários e editores. O trabalho de fazer jornal é perverso, assim como são perversos quase todos os que se deixam atrair por ele, mas a perversidade primária não está neles, e sim nos seus fregueses. Neste departamento, tagarela-se à vontade contra sujeitos como William Randolph Hearst. Não conheço este Hearst, nunca o vi ao vivo e nunca trabalhei para nenhum de seus jornais ou revistas, mas, quando o vejo ser caridosamente denunciado por outros jornalistas, dá-me vontade de rir. Os homens que mais o atacam não são seus superiores como moralistas; são, simplesmente, seus inferiores como jornalistas — e sabem disto, mesmo que não gostem. No apogeu de uma recente cruzada contra Hearst, fizeram um esforço deliberado para esmagá-lo usando a arma que o próprio Hearst tornou clássica. Ou seja, deliberadamente mentiram sobre ele. A teoria por trás desta estratégia era bem clara. Esperavam embaraçá-lo duplamente: primeiro, tirando partido da axiomática vontade do público para acreditar no capeta; segundo, forçando-o ardilosamente para a difícil posição de ter de dizer a verdade para se defender. Só esta última jogada teria sido suficiente para enterrar um jornalista menos habilidoso. Mas Hearst era melhor do que seus inimigos — aliás, melhor do que todos eles juntos. Ao invés de perder tempo com uma defesa que o teria deixado arranhado (e mais ainda quanto fosse digna e honesta), ele simplesmente devotou todo o seu

talento a inventar capetas mais horríveis do que qualquer um que a oposição estivesse pespegando à sua imagem. Em pouco tempo, a turba voltou-se para o melhor espetáculo que ele oferecia, enquanto a oposição enfiou o rabo entre as pernas e se desfez. Hearst saiu da batalha vitorioso sobre um dos melhores fantasmas que se pode inventar: o fantasma do poderio inglês. Se, dentro de um ano, ele não matar seus leitores de medo com isto, é porque devo ter superestimado seus talentos e dado um palpite errado.

Como disse, muita conversa é jogada fora sobre a suposta diferença entre a imprensa *marrom* e a mais respeitável. A diferença é precisamente a mesma entre um contrabandista e o superintendente de uma escola dominical, ou seja, nenhuma. Honestamente acho até, baseado em vinte anos de intima observação e incessante reflexão, que a vantagem, se existe, está do lado dos jornais *marrons*. Tirando um dia pelo outro, são provavelmente menos malignamente mentirosos. As coisas sobre as quais mentem não costumam ter a menor importância — pedidos de divórcio, pequenos subornos, fofocas sociais, intimidades das vedetes. Nesse campo, até prefiro ler mentiras do que verdades: pelo menos são mais divertidas. Mas no domínio da política, do governo e das altas finanças, os *marrons* chegam às vezes mais perto da verdade do que os jornais mais austeros, 90% dos quais são de propriedade de homens envolvidos em alguma espécie de exploração dos trouxas. Não estou dizendo que os jornais *marrons* façam qualquer esforço real para ser exatos; ao contrário, até se esforçam para evitar uma exatidão muito literal. Mas quando martelam diariamente que todo político é um patife, que todo serviço público é dirigido por escroques e que todas as operações de Wall Street têm como objetivo garfar as pessoas comuns, estão bastante perto da verdade, para qualquer propósito prático. São obrigados a dramatizar e ficcionalizar esta verdade para torná-la digerível. Ela deve ser mostrada de maneira improvável para convencer aquelas pessoas. Mas isto, na pior das hipóteses, é apenas um exagero de camelô, defendido pela máxima legal do *caveat emptor*. A maneira de mentir dos jornais mais respeitáveis é menos inocente. Seu objetivo não se limita a vender edições extras para a gente simples; e sim o de perpetuar uma fraude deliberada, para melhor proveito dos cavalheiros que ficam por trás do pano.

IV

Os proprietários dos jornais *marrons* são, de fato, os únicos jornalistas verdadeiros que restam no país. Geralmente, são sujeitos cínicos, com uma aguda compreensão das limitações intelectuais do proletariado, mas muitos deles não têm nenhum motivo ulterior para alarmá-lo ou tapeá-lo — todo o seu lucro vem dos disparates que despejam sobre ele. O problema dos jornais do primeiro escalão é que quase todos estão hoje nas mãos de homens que veem o jornalismo como uma espécie de linha auxiliar para empreitadas maiores e mais lucrativas — como um meio conveniente de enrolar e anestesiar um público que, de outra forma, se voltaria contra eles. (O que, de certa forma, acontece quando os jornais *marrons* se voltam contra eles e os expõem.) A exata natureza destas empreitadas maiores e mais lucrativas nem sempre é muito óbvia. É fácil, naturalmente, somar dois e dois quando um rico empreiteiro, latifundiário ou banqueiro compra um jornal, ou quando outro é comprado por alguém notoriamente de olho numa carreira política. Mas, de vez em quando, o comprador é um sujeito cujo negócio é mais ou menos respeitável e que não demonstra uma esganação pelo Senado. Então, por que? Por que arriscaria tanto dinheiro em tal jogo? A resposta costuma ser encontrada, acredito, em seu descarado *Wille zur Macht* — sua aspiração, perfeitamente humana, de tornar-se importante e poderoso em sua comunidade, ser cortejado pelos figurões locais, ditar as leis, fazer e desfazer funcionários públicos, atar e desatar cordões políticos. Outras vezes, sua ambição (ou talvez, mais exatamente, de sua mulher) é meramente social. Quer jantar em certas casas, ser convidado para festas e, acima de tudo, receber certos convidados em sua reluzente mansão em Gold Hill. Bem, um homem que controla um jornal importante não tem a menor dificuldade para conseguir estas ninharias. As chaves do escândalo estão em seus bolsos. Ele é poderoso. Pode premiar ou punir, direta ou indiretamente. As esperanças de todos os outros homens em sua jurisdição estão em seu poder. Se for capaz de se lembrar de que a lavanda à sua frente não é para ser bebida, entrará para a sociedade a hora que quiser.

Sejam quais forem o motivo ou os motivos subjacentes, o fato é que os jornais americanos estão passando rapidamente das mãos dos jornalistas profissionais para as de outras pessoas que são primariamente qualquer

outra coisa. Os semanários que se ocupam das fofocas jornalísticas vivem publicando notícias de importantes transações desta espécie. A transferência do *Evening Post,* de Oswald G. Villard, para um dos sócios de Morgan, e a dos jornais de Bennett para Munsey não são fenômenos isolados; são bem típicos de uma tendência geral, rápida e progressiva. E mesmo quando nenhum sócio de Morgan ou Munsey aparece abertamente, é comum que as coisas aconteçam atrás da porta. Primeiro fica-se sabendo que este ou aquele veterano editor-proprietário morreu ou faliu; depois ouve-se que seu jornal foi comprado por 2 milhões de dólares à vista, por um bem-intencionado jornalista notoriamente incapaz de pagar uma dívida de pôquer de 29 dólares; finalmente, em murmúrios discretos, comenta-se que o verdadeiro comprador é o velho John Googan, eminente empreiteiro de obras; ou Irving Rosehill, presidente da Rosenberg, Cohan & Co., a patriótica firma de operações bancárias; ou o ilustre senador Lucius Snodgrass, especulador do petróleo, influente metodista e perpétuo candidato à embaixada em St. James. Há pouco tempo, quando morreu Iceberg Fairbanks e foi feita a autópsia de seus restos, descobriu-se que há anos ele controlava o principal jornal de Indiana. Muitos destes homens encobrem tais negócios com cuidado, tapeando até o magistrado. Mas os homens que trabalham num jornal que tem o rabo preso sabem muito bem o que evitar. Há, em quase todas as redações, um nome no qual não se deve tocar. Precede imediatamente o de Deus.

Em tal jornal — ou seja, o típico e normal jornal americano — deve ser óbvio que a busca da verdade, de toda a verdade e de nada mais que a verdade é comumente mitigada pela política do jornal. Por um lado, a redação deve produzir um jornal que venda e, para isto, é forçada a manter o público atiçado pelo tradicional sensacionalismo; por outro, precisa tomar cuidado para não pisar nos enormes, numerosos e sensíveis pés do Googan, do Rosehill ou do Snodgrass nos bastidores. (Quando comecei, os pés eram os de um rico magnata do gelo, e toda reportagem em que ele estivesse interessado — digamos, umas nove ou dez por noite — descia para a composição marcada com a palavra "Gelo!!!".) Não é preciso argumentar muito para convencer os mais judiciosos de que o negócio de moldar a opinião pública sob tais condições tende a relaxar o conceito de verdade na cabeça do jornalista e, por fim, até o seu conceito de honra. Empenhado diariamente em

maquilar ideias que ele sabe serem falsas e idiotas, e forçado a fazer de si mesmo um instrumento de jogadas que às vezes não entende ou considera sinistras, o jornalista acaba por perder toda a noção de responsabilidade pública. Com isto, torna-se um mero cão de guarda, pronto a receber ordens para defender um culpado ou atazanar e perseguir um inocente. No fim, acaba possuído por uma fúria maligna. O poder está em suas mãos, e sua consciência se evaporou. Não passa de um homem de oitava classe com a capacidade para o mal de um Napoleão cronicamente investindo às cegas. Esta destruição ordinária da decência normal do jornalista é responsável por muitas das coisas de que o dr. Sinclair se queixa em seu livro — a amarga e incansável perseguição às vítimas, o grosseiro desprezo pela honestidade, o total abandono dos hábitos de cortesia e educação prevalecentes entre homens civilizados. Um jornal tão poluído torna-se uma ameaça pública. Sua palavra não vale um níquel. Suas campanhas são maliciosas, burras e covardes, negando o direito de resposta a suas presas. Um apelo à sua honra é tão inútil como um apelo à honra do Congresso.

Tais jornais, como disse, tendem a crescer desordenadamente em número. Houve uma época, digamos uns vinte anos, em que eles ainda eram as exceções; hoje são a regra e, em algumas partes do país, a regra invariável. Não me entendam mal! Não estou protestando contra o mero zelo exagerado — o louvável desejo de um jornalista em agradar o seu patrão. Não estou, na verdade, protestando contra nada. Estou apenas *descrevendo* algo, e nem mesmo com um lamento, mas simplesmente como um especialista em depravação humana. O que quero deixar claro é que tais jornais são completa e deliberadamente desonestos, e que eles divertem ou atormentam o seu público sem a menor consideração pela mais comezinha decência. E quero também deixar claro que eles estão tirando do mercado todas as outras espécies de jornais. Tal jornal, com tanto poder nas mãos, não se importa com o direito dos indivíduos. Quem cair, vítima de sua mendacidade, dificilmente poderá se recuperar. Sua própria versão do caso será distorcida ou ignorada. Seus defensores ficarão amedrontados. E se, desistindo do *fair play,* apelar aos tribunais, irá descobrir rapidinho que, em quase todas as grandes cidades americanas, a lei tem um medo santo dos jornais — e que o homem que ganhou uma causa e *saiu com o dinheiro* é tão raro quanto o homem que mordeu o leão e viveu para contar a história.

Estou ciente de que serei acusado, digamos, de jogar lama sobre minha velha profissão e, em particular, sobre profissionais batalhadores. Mas fatos são fatos. Esta profissão sofreu uma desagradável metamorfose nas últimas décadas. Houve um tempo em que o verdadeiro chefe de quase todos os jornais importantes era um jornalista praticante, que tinha orgulho de seu trabalho e uma honrosa reputação no ramo, pelo menos no local. Para o repórter mais jovem, este sujeito era um ídolo. Suas teorias sobre jornalismo eram ouvidas e citadas, seu estilo era imitado e todo *foca* na equipe queria seguir suas pegadas. Hoje, o verdadeiro chefe de um jornal tende cada vez mais a se tornar uma figura sombria nos bastidores, ignorante das tradições do jornal e do seu modo de pensar, e grosseiramente empenhado em empreitadas que colidem frontalmente com o que resta dos ideais deste jornal. Este homem está além do círculo jornalístico; nenhum jovem repórter sonha em seguir-lhe os passos algum dia; qualquer ambição de ficar como ele significaria abandonar de vez a profissão. A primeira consequência é a de que a profissão em si deixa de ser charmosa; já não é mais uma cooperação romântica entre pessoas livres e iguais, mas uma forma de trabalho parecida com a de uma oficina de laminação, tendo o sindicalismo como a única forma de torná-la suportável. A segunda consequência é a de que os homens que, no passado, entraram para a profissão com um alto senso de dignidade resolveram seguir outros rumos, enquanto o típico recruta de hoje é um jovem andrajoso e de oitava categoria, sem mais capacidade para o auto-respeito profissional do que um coletor de lixo.

Suspeito que o falecido Joseph Pulitzer já previa esta tendência ao criar a sua Faculdade de Jornalismo. Hoje há muitas faculdades como esta, mas duvido que sirvam para alguma coisa. Por um lado, parecem estar todas caindo nas mãos de pedagogos profissionais — uma classe obrigada a chafurdar no lodo por uma tirania plutocrática pior ainda do que a que oprime os jornalistas. Por outro lado, o máximo que uma faculdade de jornalismo pode conseguir — mesmo supondo que ela injete em seus alunos um civilizado código de ética — é gerar jovens repórteres que fugirão do jornalismo tapando o nariz, assim que se familiarizarem com o que se passa dentro de uma típica redação de jornal. Aqueles que perseverarem na profissão devem ser uns rapazes estúpidos que não notam o mau cheiro ou sujeitos sem espinha que se habituaram a respirá-

lo, e alguns bem ordinários, que gostam do fedor.

Folheio ao acaso uma revista especializada em divertir e instruir jornalistas. O primeiro artigo que me cai aos olhos é uma elaborada descrição, por um homem empregado por vários jornais conhecidos, de seus truques particulares para fabricar notícias. Uma delas, à qual ele se refere com orgulho, envolvia citar o nome de uma mulher, presumivelmente respeitável, numa reportagem grotesca, idiota e totalmente mentirosa. Passo à frente. O segundo artigo é um convite aos repórteres para que escrevam relatórios bem realistas de seus encontros com mulheres que lhes passaram informações escandalosas sem saber — esposas de criminosos tapeadas pelo repórter, mulheres que entraram com pedidos de divórcio, e por aí vai. Abro outra revista. Contém um longo artigo descrevendo como certos correspondentes de importantes jornais em Washington, com acesso às galerias do Congresso naquela condição, atuam como "assessores de imprensa para interesses ligados à legislação", são "contratados para trabalho de propaganda disto ou daquilo", e foram considerados culpados de "sérias violações da confiança de funcionários civis e militares".

As alegações citadas acima levantaram muitas discussões no meio jornalístico. E o que aconteceu? Pelo que pude apurar, absolutamente nada. Os homens acusados daquilo tudo continuam trabalhando em jornais e se dedicando a suas atividades paralelas. Alguns, ouso dizer, têm até empregos políticos — uma das formas favoritas de se promover a dignidade do jornalismo. Bem, por que não? Certamente não *é infra dig* para um repórter atuar como "assessor de imprensa para interesses ligados à legislação". E por que ele não seria "contratado para trabalho de propaganda disto ou daquilo", se o seu próprio jornal já está envolvido até o pescoço em "trabalho de propaganda disto ou daquilo"? E onde jaz o descrédito em estar "aberta ou secretamente empregado por políticos e partidos políticos", quando o seu próprio patrão está concorrendo ao Senado, e empregando o jornal para convencer a todos de que seus adversários são uns ladrões e usando chumbo grosso para sufocar qualquer inquérito sobre os fundos que recebeu para a campanha?

DEMPSEY VERSUS CARPENTIER

Durante os anos 20 e 30, fiz diversas reportagens especiais para jornais. Uma delas foi a cobertura da luta entre Jack Dempsey e o francês Georges Carpentier pelo título mundial de boxe, no Boyle's Thirty Acres, em Jersey City, N. J., dia 2 de julho de 1921. Carpentier era o favorito, não apenas da torcida, mas também dos repórteres, porque Dempsey tinha fugido ao serviço militar na Primeira Guerra Mundial. Estes repórteres estavam inclinados a ver só o que queriam, ou seja, Carpentier dando uma surra em Dempsey. Lendo-se o que escreveram sobre a luta, fica-se sabendo que Dempsey quase foi a nocaute no segundo e no terceiro assaltos. Isto passou a ser a *verdade***,** só abandonada depois que tanto Dempsey quanto o próprio Carpentier a desmentiram.

No grande combate disputado ontem naquele colossal esterilizador humano sob o tenebroso sol de Jersey, havia pouco com o que alimentar o mais aficionado das delicadezas entre gladiadores. Seria apenas uma luta rápida e previsível entre um homem de grande coragem romântica e outro arrebatadoramente superior em todos os sentidos. Esta superioridade não se limitava a questões de peso ou de envergadura.

Na realidade, a diferença de peso era bem menor do que a de outras batalhas pelo título, e os golpes de Carpentier raramente erraram o alvo. O problema é que não eram fortes o suficiente para nocautear Dempsey ou mesmo fazer-lhe grandes estragos. Quando recebia um, Dempsey simplesmente sacudia-o de sua cabeça. Nos intervalos entre um e outro, era a sua vez de acertar o adversário com dezenas de golpes muito mais duros. Foi uma luta limpa, embora não muito bonita. Foi rápida, transparente, brilhante e honesta.

Antes que o primeiro assalto chegasse à metade, deve ter ficado claro até para os policiais e as francesinhas do Follies Bergère à beira do ringue que o pobre Carpentier estava perdido. Dempsey o tinha levado às cordas e, no minuto seguinte, aplicado-lhe tal castigo que Carpentier mal conseguia chegar a seu corner. Murros após murros explodiam em seu rosto, pescoço, costelas, braços e estômago. Dois terços deles eram *upper cuts* a curta distância — murros que o abalaram, tiraram-lhe o fôlego, confundiram-no, fizeram-no cambalear e o feriram. Havia um impacto gigante por trás deles. Seu rosto tornou-se uma bolha, com marcas vermelhas por toda a testa.

Onde estava a famosa direita de Carpentier? Era óbvio que ele fazia tudo para soltá-la. Partia ousadamente para o ataque, suportando a sova com grande elegância. De repente a oportunidade surgiu e ele a deixou escapar. Sua direita acertou Dempsey em alguma fronteira de seu rosto curiosamente impassivo. O efeito sobre Dempsey não pareceu maior do que um tapa nervoso na testa de um boi. Seu corpanzil sequer tremeu. Dempsey piscou, fungou e continuou. Cinco segundos depois, Carpentier estava procurando abrigo atrás das barricadas de suas próprias luvas, enquanto Dempsey o espancava por baixo, por cima e através delas.

Lutava com as duas mãos e o tempo todo. Carpentier, depois disto, só participava da luta intermitentemente. Sua direita acertava Dempsey com frequência, é verdade, mas, a cada golpe que encaixava, seu efeito parecia diminuir. Já no fim do primeiro assalto, Dempsey nem se preocupava em esquivar-se, com a certeza de que, no máximo, os golpes passariam raspando-lhe as orelhas.

No segundo assalto, naturalmente, houve um momento em que Carpentier parecia estar retornando à luta. A multidão, ansiosa por premiar sua batalha heroica, pôs-se de pé e ovacionou-o. Dançou ao redor de Jack, empurrou-o um pouco e, vez por outra, o fez sentir o gosto de sua graciosa direita. Mas faltava a canhota para completar o par de canhões, e não havia pólvora para fazê-los disparar. Dempsey recebia o golpe, esquecia-se dele e continuava.

Claut, claut, claut! No espaço de meio minuto, Carpentier aguentou 25 golpes — a maioria curtos, e todos eles cruelmente pesados. Seu nariz começou a derreter. Seu queixo parecia fora do lugar. Ele gemia pateticamente. Mas, como suportava aquilo tudo com grande coragem, e até mesmo forçava-se à luta, a multidão a seu favor atribuiu-lhe aquele assalto. Claro que esta era uma visão de amadores. Observado cientificamente, o assalto foi de Jack. Quando soou o gongo, ele parecia novo em folha — e Carpentier já começara a empalidecer.

Não foi no segundo, mas no terceiro assalto que Carpentier se saiu melhor. Logo após o gongo, acertou Jack com dois *uppers* que pareciam recheados com chumbo, e Jack resolveu ser mais prudente. Mas só por um momento. Pouco depois, Carpentier dava a impressão de querer esmurrar o vento, com direitas potentíssimas que erravam o adversário por um palmo. Em troca, o campeão o fazia em pedaços com

bombardeios aos pares, direita e esquerda, depois em quartetos e até octetos, numa sucessão que não poupava um centímetro quadrado que Carpentier deixasse exposto.

Carpentier decaía como uma folha de outono. Sua famosa direita tinha deixado de preocupar Jack. Seriam necessários dez golpes com ela até para nocautear Chico Bóia. Seu efeito sobre o campeão de ferro era o mesmo que acariciar uma bolsa de água quente. Carpentier foi para seu corner sangrando e curvado. Era o fim das esperanças daquele galante francês, também conhecido como o *Homem-Orquídea*. Havia lutado com bravura, mas as estrelas estavam acesas para a Irlanda e para os mórmons ancestrais de Jack Dempsey.

O quarto e último assalto limitou-se a uma limpeza do terreno. Em meio minuto Carpentier já estava no chão. Duvido que Dempsey o tivesse acertado feio neste assalto. Alguns *jabs* bastaram. Carpentier levantou-se quando a contagem chegou a nove e tentou uma investida. Jack o conteve e aplicou-lhe dois ou três golpes leves, que o fizeram beijar a lona de novo. Carpentier conseguiu mover uma das pernas, mas, da cintura para cima, estava morto. Quando o árbitro chegou a dez, Jack ajudou Georges a levantar-se e conduziu-o até o seu corner.

Com os braços esticados sobre as cordas, Carpentier conseguiu ficar de pé, mas, de qualquer jeito, era um lutador duramente batido. Todo o seu rosto estava inchado, o sangue escorria de seu nariz e boca, e era como se ele tivesse sido pisoteado, não esmurrado. Suas ilusões estavam perdidas e, com elas, os francos e *centimes* jogados em seus punhos pela beleza e fidalguia da França. Muitos franceses estavam na plateia, e eles aceitaram a derrota da mesma forma com que Carpentier lutou: com bravura e estoicismo. Era uma batalha difícil, sem desonra para o perdedor.

Como espetáculo, naturalmente, ela pecou por durar pouco e por sua desigualdade. Para os verdadeiramente entendidos, nunca houve a menor dúvida de que seria um passeio para Dempsey. E, como eu disse, não foi uma questão de peso. Quando os dois se cumprimentaram, no início da luta, não havia grande disparidade em tamanho e massa. Dempsey era maior, mas não se salientava sobre Carpentier. Parecia um pouco mais robusto e sólido, mas Carpentier também era robusto e sólido. O que os separava era a técnica de lutar. Carpentier era mais

lírico, pródigo no ágil jogo de pernas e nos golpes que descreviam graciosas curvas no ar. Lutou ansiosa, nervosa e lindamente. Já vi melhores do que ele, mas nenhum tão brilhante — quero dizer, com uma mão.

Dempsey não exibiu nada daquele estilo e paixão. Raramente moveu os pés ou tirou-os do chão. Sua estratégia consistia no essencial: *a)* aguentar tudo, tão sólida e tranquilamente quanto possível; *b)* bater no antagonista como se quisesse matá-lo ou acertá-lo da maneira mais conveniente.

Obviamente, este método não vale para os gladiadores sujeitos às fraquezas e sensações dos humanos comuns; além disso, favorece um antagonista que seja rápido e forte; resume-se na dureza e resistência, e não na verdadeira arte do boxe. É claro que esta resistência vem a calhar, quando o lutador se vê em apuros, e pode salvar o dia quando os abutres começam a revoar.

Para reforçar sua canhota, Dempsey tem uma pegada de direita que lembra o impacto de uma barcaça contra uma doca. As duas trabalham constantemente e em admirável sincronização. O lutador com pretensões a aguentar o tranco deve ser ainda mais resistente do que Jack. Não era tarefa para Carpentier, um homem que Homero poderia ter descrito como bravo, mas imprudente.

O espetáculo foi conduzido com perícia e todos os rumores antecedentes de que haveria uma marmelada beneficiando Carpentier foram estraçalhados. Nunca estive num lugar tão apinhado de gente tão ordeira e que tivesse menos a se queixar de possíveis desconfortos.

Sair da arena, sim, exigiu um certo jogo de cotovelos; depois da luta principal, a gerência do estádio escalou os seus seguranças para disciplinar o fluxo das saídas, que eram poucas e estreitas. Se houvesse algum sinal de pânico, milhares poderiam ter morrido pisoteados. Mas entrar foi bastante fácil, as cadeiras eram estreitas mas confortáveis e havia uma visão clara do ringue de qualquer parte do estádio. A torcida das arquibancadas viu tão bem a luta quanto quem pagou os 50 dólares por uma cadeira à beira do ringue.

A plateia nas partes mais caras era bem vestida, bem- humorada e quase elegante. A alegação comum dos moralistas profissionais, de que lutas de boxe são assistidas apenas por vagabundos, teve uma resposta

colossal e devastadora. Não me lembro de ter visto tanta gente limpa e decente em qualquer cerimônia religiosa ao ar livre a que tenha assistido. Todos os líderes do mundo da moda e da sociedade teatral estavam lá, muitos de terno xadrez e fumando excelentes charutos e, no caso das mulheres, a maioria usava chapéu novo e casaco.

Dentro do meu raio de visão, sempre alerta esteticamente, não havia uma única jovem do tipo espera-marido. Quatro fileiras à minha frente, sentavam-se pelo menos uma meia dúzia que não fariam feio no Follies. Atrás de mim, toda de rosa, havia outra que me fez perder quase todas as preliminares. Ela torceu por Carpentier em francês e aceitou o nocaute com heroica resignação.

10. ECONOMIA

AQUELE QUE TEM

Talvez a mais valiosa de todas as propriedades humanas, depois de um ar de empáfia e superioridade, seja a reputação de bem-sucedido. Nenhuma outra coisa torna a vida mais fácil. Em 90% dos homens — e em 99% dos marxistas, que dão muito mais valor ao dinheiro do que ele merece e não param de pensar nele por um segundo —, existe um impulso irresistível para se ajoelhar aos pés da riqueza, submeter-se ao poder que ela detém e enxergar toda espécie de superioridade nos ricos ou nos que se dizem ricos. É verdade que há sempre uma ponta de inveja junto com isto, mas é uma inveja expurgada de ameaça: o homem inferior, no fundo, teme fazer mal ao homem com dinheiro; tem medo até de *pensar* mal dele — pelo menos de alguma forma patente e ofensiva. O que paralisa o ódio natural deste homem por seu superior é, digamos, a tímida esperança de que talvez lhe sobrem até alguns trocados se for bonzinho — e que lhe renderá mais soprar do que morder.

Seja qual for o processo psicológico, chega-se sempre a uma grande afabilidade. Espalhe a notícia de que Fulano arrasou no mercado de ações, casou-se com uma viúva rica ou passou a perna no governo em alguma transação patriótica — e logo todos se convencem de que o desmazelo de Fulano pelas roupas é só uma excentricidade, que sua opinião sobre vinhos merece ser ouvida ou que suas alucinações políticas são dignas de atenção. O homem considerado pobre nunca tem a menor chance. Ninguém quer ouvi-lo. Ninguém dá a mínima para o que ele pensa, sabe ou sente. Ninguém tem paciência para suas lamentações. Aprendi isto cedo na vida e o pus em prática desde então. Já lucrei muito mais com homens (e mulheres) pela reputação de estar bem de vida do que por ter sido honesto com eles, ou por espantá-los com minha sagacidade, por dar duro no trabalho ou talvez por uma espécie de beleza singular e inefável.

— 1920

CAPITALISMO

Os impostores e charlatões que se servem atualmente dos cochos públicos de Washington parecem ter concordado numa coisa, e numa coisa só: na ideia de que o sistema capitalista está nas últimas e que, em pouco tempo, dará o lugar a algo mais nobre e *científico*. Não há, naturalmente, um pingo de verdade nisto. Ela colide, ponto por ponto, com os fatos conhecidos. Não há a menor razão para se acreditar que o capitalismo esteja em colapso ou que qualquer alternativa a ser proposta pelos mágicos em voga seja melhor. O máximo que se pode dizer é que o sistema capitalista está sofrendo transformações, algumas das quais penosas. Mas estas mudanças servirão para reforçá-lo, embora pareçam enfraquecê-lo.

Devemos a ele quase tudo que atende hoje pelo nome de civilização. O extraordinário progresso do mundo desde a Idade Média não se deveu ao mero dispêndio de energia humana, nem mesmo aos voos do gênio humano, porque os homens vêm dando duro desde os tempos mais remotos e alguns deles tinham intelectos insuperáveis. Não, o progresso se deveu à acumulação de capital. Esta acumulação permitiu que o trabalho se organizasse economicamente e em larga escala, o que aumentou enormemente a sua produtividade. Forneceu o maquinário que gradualmente diminuiu o trabalho escravo e libertou o espírito do trabalhador, o qual, até então, mal se distinguia do de uma mula. Mais que tudo, tornou possível uma preparação melhor e mais longa para o trabalho, de forma a que as artes e ofícios alargassem o seu raio de ação e alcance, criando com isto milhões de novas e complexas habilidades.

Devemos ao capital o fato de que a profissão médica, por exemplo, está agora realmente a serviço da humanidade, quando, até há pouco, só era útil para os curandeiros que a praticavam. Foi preciso capital acumulado para permitir o longo treinamento que a medicina começou a exigir, sair da sordidez em que chafurdava e transformar-se numa digna ciência e arte — dinheiro para manter o jovem apenas estudando e o professor para ensiná-lo, e mais dinheiro ainda para pagar pelas instalações e instrumentos de que necessitavam. Quase todo este

dinheiro saiu dos bolsos capitalistas. Mas, mesmo que tenha vindo do tesouro público, não deixou de ser o capital — ou seja, sempre foi parte do lucro acumulado. Nunca poderia ter surgido dos ganhos de uma sociedade não-capitalista com uma mão na frente e outra atrás.

Quando os bolcheviques, uma chusma de bestas quase comparável aos homens que pensam por nós, tomaram o controle dos negócios na Rússia, tiveram que jogar no lixo imediatamente uma das regras cardeais do seu credo ostensivo. Segundo esta regra, todos os males do mundo se deviam ao fato de que, sob o capitalismo, os trabalhadores tinham perdido a propriedade dos seus meios de produção. Todas as autoridades clássicas do socialismo, de Marx e Engels para baixo, enfatizaram esta perda, e, na Utopia que eles vislumbravam, o trabalhador receberia estes meios de volta, iria se tornar um produtor independente, trabalhar apenas para si e não dar nada de sua produção para um capitalista cretino. Mas, no momento em que tomaram o poder, os bolcheviques devolveram tudo isto para a prateleira e, desde então, não se tocou mais no assunto, exceto por uns simplórios americanos. Ansiosa por administrar a Rússia como seu quintal particular, aquela equipe esperta de chicanistas viu instantaneamente que sua principal função seria a de acumular capital, para que metade de suas vítimas não morresse de fome. O velho capital tinha sido devorado pela guerra. Uma maneira fácil de consegui-lo seria tomar emprestado de outros países, mas, como ninguém abria a mão, os bolcheviques tiveram de acumular o seu próprio capital fresco.

O que conseguiram pondo os trabalhadores russos para suar de uma maneira jamais vista antes na terra ou, pelo menos, nos tempos modernos. Os trabalhadores resistiram, especialmente os camponeses, e, quando em consequência aconteceram as duas grandes fomes, o chapéu teve de ser passado entre os países capitalistas para alimentar os famintos. Depois, chacinando os camponeses rebeldes à coletivização e organizando os desempregados num gigantesco exército, os bolcheviques conseguiram dominar todos os trabalhadores russos. Desde então, esses pobres diabos têm trabalhado como prisioneiros forçados, com mais ou menos os mesmos salários. Todo o produto de seu trabalho, pouco acima do nível de subsistência necessário aos ratos, vai para os cofres dos bolcheviques. Com isso, estes acumularam uma bela soma de capital novo, que usam não apenas para construir fábricas cada vez maiores —

infestadas de operários que nada possuem, exceto suas mãos —, como também para construir luxuosas mansões para si próprios, inclusive uma embaixada em Washington, tão extravagante que faz inveja a todos os banqueiros da cidade.

Assim, um dos princípios fundamentais do marxismo foi reduzido ao absurdo na casa dos seus supostos discípulos. Podem não passar de uns patifes, e sem dúvida o são, mas têm também uma considerável esperteza para perceber que nada que se possa chamar de uma civilização moderna pode prescindir do capital. E, por capital, quero dizer precisamente o mesmo que eles quando o atacam para consumo externo — ou seja, o lucro acumulado, não nos bolsos dos trabalhadores, mas nos das pessoas que lhes fornecem os meios de trabalho; não sob o controle daqueles que o produzem, mas sob o controle daqueles que o dominam. Os políticos desprezíveis, os pedagogos pueris e os advogados desocupados que não param de cacarejar em Washington desde 1933 [começo do New Deal (N. T.)] fariam a mesma coisa se pudessem. Alguns deles talvez sejam realmente estúpidos para acreditar que o mundo poderia continuar sem o capitalismo, mas outros devem enxergar o suficiente para ver o que se passou na Rússia. Mas, sejam eles simples idiotas ou espertos trapaceiros, todos se julgam com autoridade para falar sobre a decadência do capitalismo, e mesmo aqueles que alegam estar tentando *salvá-lo* referem-se a ele como se estivesse nas últimas. Para silenciar o seu oco blablablá, basta dar-lhes um emprego no governo.

Não há sentido na coisa. O mundo moderno pode dispensar tanto o capital acumulado quanto pode dispensar a polícia ou as ruas pavimentadas. A maior transformação imaginável foi a que aconteceu na Rússia —a transferência do capital, que passou dos proprietários particulares para os políticos profissionais. Se você pensa que isto faria algum bem ao indivíduo, basta perguntar a qualquer carteiro americano. Ele trabalha para um supercapitalista chamado Tio Sam — e terá prazer em contar-lhe o que tem de suar e dar duro para cada mísero níquel que ganha.

— 1935

11. PSICOLOGIA

A MENTE DO ESCRAVO

Uma das divisões esquecidas entre os homens é a que separa aqueles que gostam do trabalho que têm de fazer e aqueles que se sujeitam a ele apenas como um mal necessário. Esta distinção, apesar de pouco lembrada pelos psicólogos, é provavelmente muito importante — certamente é mais importante do que as atuais divisões entre assalariados e exploradores, louros dolicocéfalos e mediterrâneos braquicéfalos, darwinistas e cristãos, republicanos e democratas, católicos e protestantes. A política, a teologia e outros vícios de um homem só lhe tomam tempo, afinal, em seus momentos de lazer, e a forma de seu crânio não tem grande influência demonstrável sobre o que se passa dentro dele — mas a natureza do trabalho que ele faz condiciona todos os pensamentos e impulsos de sua vida, e sua atitude em geral diante dela é quase indistinguível da sua atitude em geral para com o mundo.

Num dos extremos, temos o escravo absoluto: o homem que tem de passar a vida desempenhando tarefas que lhe são incuravelmente desinteressantes e não oferecem nenhum consolo à sua vaidade. No outro extremo, temos aquele a quem Beethoven chamava de um artista livre: o homem que ganha a vida, sem nenhum patrão para amolá-lo diretamente, fazendo coisas que o agradam enormemente e que continuaria fazendo com prazer, mesmo que toda a pressão econômica sobre ele desaparecesse. A esta segunda categoria pertencem os homens mais felizes do mundo e, por isto, talvez, os mais úteis, porque tudo que é feito com prazer resulta mais bem feito, seja produzir um objeto material, resolver um problema ou beijar uma garota; e o homem que consegue fazer o resto da humanidade pagá-lo para ser feliz será obviamente um homem melhor do que os outros ou, no mínimo, de mais sorte. Aqui, sorte e superioridade se confundem. O fato de que Joseph Conrad sabia

escrever melhor do que eu foi, em certo sentido, pura sorte: ele já nasceu com seu talento, não teve de conquistá-lo. Não obstante, este talento era tão real quanto se ele o tivesse adquirido através de algum super-empenho cristão, o que torna sua superioridade perfeitamente legítima.

O escravo está sempre cônscio da sua escravidão, e faz constantes e desesperadas tentativas de mitigá-la ou livrar-se dela de uma vez. Às vezes, busca este alívio em atividades externas que prometem dar-lhe a sensação de dignidade e importância que o seu trabalho diário lhe nega; outras vezes, tenta emprestar uma falsa aparência de dignidade a este próprio trabalho. Difícil imaginar um Beethoven, um Lincoln e até mesmo um Coolidge achando alguma graça em cobrar aluguéis atrasados ou fabricando picles. Ambas as ocupações, na realidade, não conseguem satisfazer os homens mais imaginativos entre aqueles obrigados a praticá-las, donde esses homens tentam caramelá-las com conversa fiada. O vendedor de imóveis, buscando esconder seu real propósito na vida, passa a se chamar de *agente imobiliário,* instala-se num escritório particular com secretária, para insultar seus clientes, e entra para o Rotary. O ambicioso papa-defuntos, até há pouco uma espécie de pária em todas as sociedades civilizadas, assim como o carrasco e o homem-da-carrocinha, segue-lhe magnificamente os passos. A intervalos regulares recebo um impressionante material de divulgação de um sindicato de papa-defuntos que se auto-intitula *Armadores Selecionados*. Por este material depreende-se que seus membros são profissionais da estirpe dos juízes e dos arcebispos, prontos para a mais sutil e onerosa prestação de serviços e até ansiosos para oferecer seus conselhos ao governo. Não estou rindo desses alcandorados embalsamadores, mas apenas mostrando que o seu *nonsense* é a prova de que plantar cadáveres como se fossem brócolis não satisfaz o seu ímpeto interior de parecer importantes e distintos — um ímpeto que existe em todos nós.

Mas muitos dos negócios almejados pelos escravos não oferecem grandes oportunidades para frioleiras ilusórias. O comprador de garrafas do bairro mais elegante de uma cidade remota não consegue se convencer de que sua profissão é nobre; pior ainda, não consegue convencer ninguém. E isto acontece com milhões de outros homens, urbanos ou rurais, nesta grande República — milhões de sujeitos perpetuamente condenados a serviços estúpidos, tediosos e sem futuro,

como os de balconistas de armazém, motoristas de caminhão, subalternos em escritórios e aqueles que pegam o que vier. Só idiotas rematados podem extrair alguma satisfação desse tipo de trabalho. A felicidade, a sensação de que eles também são alguém, de que estão vivos, deve ser procurada em outra direção. Nas grandes cidades, esta necessidade é fácil de aplacar. Aqui há uma vasta e complexa estrutura para distrair a mente do escravo da sua desolação de espírito: catedrais do cinema, para transportá-lo a uma terra de opulência e romance, onde os homens (com os quais ele sempre se identifica) são bravos, ricos e bonitos, e as mulheres (que ele identifica com sua esposa ou com sua irmã mais nova) são limpas, bem vestidas e bonitas; há jornais para deliciá-lo e instruí-lo com suas páginas de esporte, histórias em quadrinhos e eloquentes apelos à liberalidade, ao espírito público e ao patriotismo; há o rádio, para lhe tocar o que há de novo em jazz; beisebol, corridas de cavalos, loterias, prostituição, jogos de dados; mil saídas para fazê-lo afogar suas mágoas. É esta colossal oportunidade de fugir da vida que traz os roceiros para a cidade, e não apenas a ambição do dinheiro. O matuto, na realidade, sentiria-se muito mais à vontade em seu solo natal; a cidade o esmaga e o explora e, em 90% dos casos, ele continua desesperadamente pobre. Mas a cidade pelo menos o ensina como esquecer-se da pobreza; ela o diverte e o arrepia, enquanto o mastiga e devora.

Mas outros milhões de escravos, naturalmente, permanecem em suas cidadezinhas ou na roça; as cidades não podem absorvê-los a todos, nem mesmo metade deles. Eles então se confrontam com o problema de tornar a vida suportável com seus próprios magros recursos. As estratégias que adotam — política, religiosa ou social — são familiares a todos nós e respondem, me parece, por alguns dos fenômenos mais intrigantes da vida americana aos observadores estrangeiros. A ressurreição do hábito de se falar aos berros, com suas bases psicopatológicas; a violenta amargura da política rural; a prosperidade de certas religiões burlescas; a persistente popularidade de barbaridades de toda espécie — todas são apenas manifestações do patético esforço dos pobres atrasados para sair do brejo e justificar e dignificar sua existência; enfim, escapar das sórdidas realidades com que se defrontam diariamente.

Há algum tempo, sugeri que uma boa maneira de diminuir o número

de linchamentos no Sul dos Estados Unidos seria criar bandas de música em cada lugarejo. O péssimo tipo de música que elas tocariam iria atrair e encantar tanto os negros quanto o lixo branco, desencorajando os primeiros de praticar crimes e os últimos de buscar uma satisfação selvagem em puni-los. Mas tive uma ideia melhor. Proponho que o projeto das bandas seja arquivado e que se torne obrigatória a tourada na região. E por que não? O gado tem de ser abatido de qualquer jeito e o branco sulista pobre é, admitidamente, um selvagem. Por que não combinar a necessária matança dos quadrúpedes com um espetáculo capaz de entusiasmar o selvagem e impedi-lo de buscar refúgio na política, no assassinato e no vudu? Touradas no Sul não apenas aboliriam os linchamentos, mas também seriam um duro golpe no fundamentalismo. A vida seria mais segura e mais feliz na Geórgia se os anglo-saxões de lá pudessem desabafar semanalmente numa *plaza de toros* para aplaudir os *picadores, banderüleros* e *matadores* oficiais (todos eles batizados e democratas) empenhados em linchar e queimar, ou apenas capar, um relutante e inconformado macho da espécie *Bos taurus*.

— 1924

A TURBA

Gustave Le Bon e seus discípulos, ao discutir a psicologia das multidões, formularam a ideia de que o indivíduo, quando ombro a ombro com a multidão, desce um grau ou dois intelectualmente e tende a exibir as mesmas reações mentais e emocionais de pessoas que lhe são inferiores. É assim que eles explicam a bem conhecida violência e imbecilidade das multidões. A turba, enquanto turba, chega a extremos de que seus membros, como indivíduos, nunca poderiam ser acusados. Sua inteligência média é mínima; mas é infecciosa, contagiante, quase simiesca. As multidões, bem trabalhadas por um esperto demagogo, acreditam em qualquer coisa e são capazes de tudo.

Ouso dizer que Le Bon está parcialmente certo, mas também parcialmente errado. Sua teoria é provavelmente elogiosa demais para com o ignorante médio. Ao misturar este ignorante com o homem

superior nos excessos de uma multidão, dá a entender que também o ignorante, no meio delas, faz coisas que nunca pensaria em fazer sozinho. O fato pode ser aceito, mas o raciocínio levanta uma dúvida. O ignorante se descontrola na multidão, não porque tenha sido inoculado por ela com o vírus da violência, mas porque a sua própria violência tem ali a única chance de exprimir-se em segurança. Em outras palavras, o ignorante é perverso, porém covarde. Ele evita qualquer tentativa de um linchamento *a cappella,* não porque precise de estímulo para querer linchar alguém, mas porque precisa da proteção de uma multidão para fazê-lo sentir-se corajoso o suficiente para tentar.

O que acontece quando uma multidão se descontrola não é exatamente o que Le Bon e seus seguidores descrevem. Os poucos homens superiores dentro dela não são reduzidos imediatamente ao nível dos fanfarrões. Ao contrário, costumam manter a cabeça fria e tentam até conter a multidão. Mas os fanfarrões são maioria; a cerca é derrubada ou o negro é queimado. E por quê? Não porque os fanfarrões, normalmente virtuosos, tornam-se subitamente uns insanos criminosos. E sim porque se dão conta de repente do seu poder em número e porque ali há uma brecha para exercerem sua selvageria. Em outras palavras, o poder suíno de uma multidão já existe permanentemente na maioria de seus membros — digamos, uns 90%. Todos os estudos sobre a psicologia das multidões tropeçam nesta subestimação da selvageria. Os escalões inferiores do homem são, na realidade, incuravelmente perversos, seja individual ou coletivamente. Decência, autocontrole, senso de justiça, coragem — estas virtudes pertencem a uma pequena minoria de homens. Esta minoria raramente se descontrola. Seu traço mais distinto, aliás, é a resistência ao descontrole. O homem de terceira classe, embora possa disfarçar-se com as barbas de um homem de primeira, será sempre descoberto por sua incapacidade de manter a cabeça diante de um apelo às suas emoções. O mesmo grito que se dá para estimular um animal a correr põe a nu o seu disfarce.

— 1918

A ARTE ETERNA

Um dos louváveis subprodutos do cacarejo freudiano é a descoberta

de que mentir, na maioria dos casos, é um ato involuntário e inevitável — tão inevitável quanto piscar os olhos quando se acende uma lâmpada, ou pular se alguém joga uma bomba aos nossos pés. Nos piores casos, esta necessidade toma um caráter totalmente patológico e, assim, torna-se tão inocente quanto a ciática. Faz parte da bagagem mórbida dos histéricos e dos neurastênicos: mentem por um esforço convulsivo para se ajustarem a um ambiente tão hostil, que não conseguem suportar. Todos nós sofremos pressões, mas eles sofrem mais. Em nós, a coisa funciona através do complexo de inferioridade, do qual nenhum homem escapa. Aquele a quem falta completamente este complexo só pode ser insano: a satisfação com sua situação no mundo é indistinguível de uma ilusão de grandeza. A grande maioria de nós — todos, bem entendido, que são normais — atravessa a vida em constante revolta contra nossas limitações, objetivas e subjetivas. Nosso pensamento consciente é largamente devotado a planos e especificações para fazer uma melhor figura na sociedade humana, mas, em nosso inconsciente, a coisa se processa mais firme e poderosamente. Nenhum homem sadio, em seu íntimo, está contente com seu destino. É torturado por sonhos e imagens como uma criança se tortura pelo pensamento de como seria gostoso viver numa loja de doces e ter dois estômagos.

Mentir é o produto da ânsia inconsciente de realizar tais visões, e se a censura — a consciência — impede que a mentira seja expressa em palavras, ela sairá de qualquer jeito, por atos menos ou mais plausíveis. Todos nós representamos na presença de nossos semelhantes, como até os poetas já perceberam. Nenhum homem se dispõe a revelar o seu verdadeiro caráter e, sobretudo, suas verdadeiras limitações como cidadão e como cristão, sua verdadeira perversidade ou imbecilidade — nem para seus amigos, nem mesmo para sua mulher. A autobiografia sincera é, portanto, uma contradição em termos: no momento em que um homem avalia-se a si próprio, mesmo *in petto,* banha-se de ouro ou transforma-se num afresco. A esposa deste homem, por mais realista que seja a sua visão, acaba sempre louvando-o no fim, porque o pior que ela vê nele é ainda melhor do que ele realmente é. O que ela vê, mesmo nos momentos de mais surpreendentes confiança e revelação domésticas, não é absolutamente o homem autêntico — mas um composto de parte do homem autêntico e parte da sua projeção de um ideal. O homem mais respeitado por sua mulher será aquele que tornar esta projeção mais

vivida — ou seja, aquele que for o mais ousado e mais cativante mentiroso. Ele não poderá, naturalmente, enganá-la de todo, mas, se for hábil, poderá tapeá-la o suficiente para fazê-la feliz.

Omnis homo mendax, todo homem mente, disse o salmista. Até aí os freudianos simplesmente o papagueiam. O que há de novo no evangelho de Freud é a ideia de que mentir é instintivo, normal e inevitável, e a de que o homem é forçado a isto pela sua própria vontade de viver. Esta doutrina expurga a coisa de certos antigos embaraços e restaura a inocência no coração. Pense numa mentira como uma compulsão neurótica, e estará pensando nela até com carinho. Não preciso acrescentar, espero, que esta transferência da mentira, do departamento do livre arbítrio para o do determinismo, de forma alguma a exime das penas que o mentiroso venha a sofrer, caso seja apanhado. Os defensores do livre arbítrio sempre cometem o erro de presumir que os deterministas são uns canalhas tentando escapar às justas consequências de suas transgressões. Não há fundamento nesta suposição. Se eu mentir no banco das testemunhas e for flagrado pelo juiz, serei imediatamente engaiolado por perjúrio, apesar de ser impotente ante a minha compulsão. Aqui, a justiça se recusa absolutamente a distinguir entre um infortúnio e a má intenção: só se preocupa com o que foi dito abertamente. Mas, à medida que a jurisprudência se torna mais inteligente e civilizada, ela pode mudar a lei em benefício dos mentirosos — ou seja, de toda a humanidade. A ciência é inflexivelmente determinista e já começou a implantar o determinismo na moral. Um belo dia destes, algum psicanalista pode acabar na cadeia tentando provar que o perjúrio é uma compulsão tão neurótica quanto marcar o ritmo com os pés durante um concerto ou contar os postes ao longo de uma estrada.

Infelizmente, não levo muita fé em milênios e não vou predizer formalmente nada. E nem pronunciar qualquer julgamento moral, contra ou a favor: julgamentos morais, como dizia o velho Friedrich, são estranhos à minha natureza. Mas não devemos esquecer que a mentira, *per se,* não é proibida pelo código moral do cristianismo. As Sagradas Escrituras a ignoram cinicamente, assim como os estatutos de todos os países civilizados silenciam a seu respeito. Só os chineses a consideram uma ofensa penal. O perjúrio, naturalmente, é proibido em toda parte, assim como qualquer embuste que leve à fraude e despoje alguém de sua

propriedade. Mas aquela forma muito mais comum de esticar a verdade, e que tem o baixo objetivo de *limpar* a dignidade pessoal do mentiroso, é vista com olhos até piedosos. O mesmo acontece com aquela forma de mentira cujo objetivo é ajudar outra pessoa. Neste caso, mentir pode até adquirir a estatura de uma positiva virtude. O falecido rei Edward VII, então príncipe de Gales, ficou popularíssimo em toda a cristandade por escorregar num descarado perjúrio. Convidado ao tribunal para dar o seu testemunho de *expert* a respeito de um caso de adultério, ele mentiu como um cavalheiro, como diz a lenda, para proteger a mulher. É verdade que sua mentirinha resultou intrinsecamente inútil: ninguém acreditava que a dama fosse inocente. Não obstante, todos os cristãos aplaudiram o perjuro por suas boas intenções, inclusive o juiz, momentaneamente esquecido de seu juramento de combater falsos testemunhos por todos os recursos forenses. Todos nós, os vermes, ocasionalmente nos defrontamos com as mesmas alternativas ao alcance de Edward: podemos dizer a verdade, pouco ligando para as consequências; ou podemos suavizá-la e sofisticá-la, para torná-la mais humana e tolerável.

Para um homem habituado a buscar e dizer a verdade, o mundo não é um dos lugares mais agradáveis. Este homem será sempre impopular e, com frequência, sua impopularidade pode ser tão excessiva que até lhe constitua um risco de vida. Dê uma olhada na lista de mártires, tanto leigos quanto religiosos. Mesmo hoje, com a paixão científica tornando-se familiar ao mundo, a opinião geral sobre eles é altamente desfavorável. O típico cientista, o crítico das instituições, o homem da verdade em todos os campos estão sempre sob suspeita pela grande maioria dos outros e, às vezes, são perseguidos por um pelotão de inimigos. Se ele tenta descobrir a verdade sobre a arteriosclerose, o choque cirúrgico ou o câncer, é denunciado como um carniceiro pelos Cientistas Cristãos, os osteopatas e os antivivisseccionistas. Se tenta dizer a verdade sobre o governo, os agentes deste tratam de silenciá-lo e puni-lo. Se ele se volta para a ficção e consegue descrever seus semelhantes acuradamente, passa a ter os críticos em seus calcanhares. Em nenhum campo poderá contar com uma plateia benevolente ou se verá livre de assaltos. Especialmente nos Estados Unidos, a sua busca da verdade sempre será vista com um olho bilioso. Os homens que os americanos admiram com maior fervor são os mais atrevidamente mentirosos; e os que eles mais detestam são os que tentam dizer-lhes a verdade. Seria mais fácil para

Galileu tornar-se papa do que presidente dos Estados Unidos. Ambos os empregos são reservados para homens brindados por Deus com um gênio extraordinário para embrulhar os fatos amargos da vida com bandagens de auto ilusão.

— 1918

12. TEMPOS MODERNOS

ZOOS

Às vezes me pergunto o quanto de comida sólida e nutritiva se gasta para alimentar os animais dos jardins zoológicos da América, toda semana, e tento calcular o que o público ganha em troca deste custo. A conta anual deve correr por volta dos milhões de dólares, considerando-se as montanhas de carne que um leão devora numa refeição ou as toneladas de feno que um elefante despacha para sua boca em um mês. E com que fim? Com o objetivo principal de que uma manada de superintendentes e tratadores conserve seus empregos. E com o objetivo secundário de que a minoria menos inteligente da população tenha um espetáculo emburrecedor para as tardes de domingo, no qual os jovens humanos aprendam tudo sobre os métodos de *amour* dos chimpanzés e fiquem íntimos da técnica empregada por jaguares, hienas e ursos polares para se livrar de suas pulgas.

Pelo que pude concluir, depois de laboriosas visitas aos principais zoos da nação, não há outro propósito imaginável para a existência deles. Ouve-se constantemente, é verdade (geralmente pelos cavalheiros que os patrocinam), que eles são educativos. Mas como? Que espécie de instrução irradiam, e qual é o valor dela? Jamais consegui descobrir. A crua verdade é que eles não são mais educativos do que desfiles de bombeiros ou disparos de fogos de artifício, e o que eles têm a oferecer em troca dos impostos que consomem é uma forma de diversão preguiçosa e retardada — comparada com as quais, uma visita à penitenciária ou mesmo a uma sessão da Assembleia Legislativa são muito mais informativas, estimulantes e enobrecedoras.

Educativo é a avó! Mostre-me um guri que tenha aprendido alguma coisa valiosa ou importante, observando um leão velho e sarnento roncando no fundo da jaula ou uma família de macacos disputando amendoins. Ganhar alguma instrução útil de tais baboseiras é

palpavelmente impossível. O máximo que se pode conferir é que as listras de uma certa espécie de tigre seguem numa direção e que as de outra espécie seguem em direção diferente; que as hienas e os furões cheiram ainda pior que os *boys* de escritório; ou que o nome latino do guaxinim (um bicho que os romanos nunca viram) é *Procyon lotor*. Para a disseminação desses conhecimentos banais, pomposamente ensinados e deficientemente aprendidos, os contribuintes dos Estados Unidos são multados. Se é assim, por que não fazê-los pagar para que alguém ensine um galo a botar ovos?

Mas os zoos, diz-se também, são de valor científico. Permitem que homens cultos estudem isto ou aquilo. Mais uma vez, os fatos implodem a teoria. Nenhuma descoberta científica de qualquer valor, mesmo para os próprios animais, saiu até hoje de um zoológico. A alegada sabedoria do cientista de zoológico não aparece nas publicações cultas, mas nos cadernos dominicais dos jornais. Ele está para a biologia assim como o falecido Camille Flammarion estava para a astronomia, ou seja, é o seu bobo da corte e *reductio ad absurdum*. Quando este cientista salta aos olhos da notoriedade pública com alguma nova pérola de conhecimento, descobrimos que a notícia se limita ao fato de que Marie Bashkirtseff, a vaca-marinha russa, teve seus dentes obturados com cimento e que está esperando gêmeos. Ou que Pishposh, o jacaré comedor de homens, sofre de ataxia locomotora. Ou que Damon, o urso polar, nocauteou seu irmão Pítias no décimo assalto, mastigando-lhe a cauda, o nariz e a orelha remanescente.

A ciência, naturalmente, tem algum uso para os animais inferiores. Um estudo diligente de seus fígados ou bofes pode ajudar na compreensão da anatomia, da fisiologia e, particularmente, da patologia do homem. Podem tornar-se auxiliares necessários para se conceber e produzir muitos remédios ou para testar as virtudes daqueles já inventados; da muda agonia de um cão ou de um coelho, pode surgir o alívio para um bebê com difteria ou para um arquidiácono escapar às consequências de suas imprudências juvenis. Mais ainda, algo de relativo valor pode ser extraído do estudo dos hábitos, instintos e maneiras de pensar desses animais — conhecimentos que, por analogia, podem iluminar os feitos paralelos do *genus homo,* e nos permitir compreender os primitivos processos mentais do clero.

Mas deve ser óbvio que nenhum desses estudos pode ser feito num zoológico. Os animais dos zoos não fornecem material para o biólogo; este não é capaz de descobrir nada sobre suas vísceras observando-os a uma distância segura e através de grades. Não lhe permitem testar seus próprios germes sobre os bichos; não o deixam vivissectá-los. Se ele pudesse descobrir o que se passa dentro do animal sob esta ou aquela condição, poderia fazer melhor uso dos costumeiros vira-latas e ratinhos brancos. Mas não lhe dão nem uma chance de pesquisa quando morre um animal do zoo (geralmente por falta de exercício ou pelas burradas do veterinário), porque suas carcaças não lhe são encaminhadas para autópsia, e sim recheadas de palha e gipsita e esquecidas em algum museu.

Os zoos produzem menos ainda conhecimento sobre o comportamento animal. Tal conhecimento deve ser adquirido não de animais enjaulados e torturados, mas em estado natural. Um professor que estude os hábitos da girafa, por exemplo, limitando suas observações a espécimes em zoos, chegará à conclusão de que ela é uma besta sedentária e melancólica, capaz de ficar imóvel durante horas, pagando o salário de um italiano que a alimenta de feno e repolho. É o mesmo que estudar a psicologia de um jurisconsulto, trancafiando-o em Sing Sing, ou a de um malabarista, começando por cortar-lhe as mãos. O conhecimento que se adquire disto é tão idiota que nem um psicólogo, mesmo sóbrio, lhe daria o menor crédito.

Resta, portanto, a única utilidade de um zoológico: ser um mostruário infantil e sem sentido para os néscios, ou seja, crianças, babás, jecas em visita e retardados em geral. Por que os contribuintes deveriam ser forçados a espremer milhões de dólares em impostos para tal propósito? O tipo de sujeito que gosta de passar o tempo contemplando um camelo babar, araras matraqueando ou um lagarto comendo moscas é exatamente o tipo de sujeito cuja debilidade mental deve ser combatida, não estimulada. Ele é uma responsabilidade pública, além de uma ameaça, e a sociedade deveria tentar melhorá-lo. Em vez disto, gastamos um monte de dinheiro para degradar seu apetite e paralisar sua mente. É como se a comunidade fornecesse champagne grátis a alcoólatras ou contratasse conferencistas para converter o exército à doutrina dos quakers.

RETRATO DE UM MUNDO IDEAL

Que o álcool numa solução diluída em água, quando tomado pelo organismo humano, atua como depressor e não como estimulante, é hoje um clichê tão batido que até os fisiólogos mais avançados estão começando a tomar conhecimento dele. O leigo inteligente não recorre à garrafa quando tem compromissos importantes a resolver, sejam intelectuais ou manuais; ele deixa a primeira dose para depois do trabalho feito, quando deseja relaxar a tensão e reduzir a pressão de seu mau humor. O álcool, por assim dizer, nos desenreda. Ele levanta o toldo da sensação e nos torna menos sensíveis aos estímulos externos e, particularmente, àqueles que nos são desagradáveis. Ao pôr um freio em todas as qualidades que nos permitem tocar a vida e brilhar diante dos colegas – por exemplo, a combatividade, a agudeza, a diligência, a ambição –, o álcool liberta as qualidades que nos enternecem e fazem com que as pessoas gostem de nós: a afabilidade, a tolerância, a generosidade, o humor, a simpatia. Um homem com dois ou três drinques a bordo não será capaz de amputar a perna de alguém, pilotar um avião ou reger a missa em si menor de Bach, mas será imensamente mais competente para dar uma festa, admirar uma mulher bonita ou ouvir a missa em si menor de Bach. As coisas mais difíceis e úteis do mundo, como extrair dentes ou descascar batatas, ficam melhores quando feitas por pessoas tão sóbrias quanto os condenados às vésperas da execução. Mas as coisas mais gostosas, inúteis e divertidas deveriam ficar a cargo daqueles já devidamente lubrificados. O *Pithecanthropus erectus* era abstêmio, mas os anjos sempre souberam o que lhes convinha às cinco da tarde.

Tudo isto é tão óbvio que me espanto ao ver que nenhum utópico, até hoje, se propôs a abolir todas as lamentações do mundo pelo simples artifício de manter toda a humanidade ligeiramente alta. Note bem, eu não disse bêbada; disse ligeiramente alta – e peço desculpas por não saber como descrever este estado numa frase menos indecorosa. O homem ligeiramente calibrado pelo álcool é capaz de pôr suas melhores qualidades para fora. Ele não é apenas imensamente mais amável do que o indivíduo que vive a seco; é também imensamente mais decente. Reage

a todas as situações de maneira expansiva, generosa e humana. Torna-se mais liberal, tolerante e agradável. É melhor cidadão, marido, pai e amigo. Às iniciativas que tornam a vida humana insegura e desconfortável nunca são tomadas por este homem: ele não declara guerras, não rouba nem oprime ninguém. Todas as grandes vilanias na História foram perpetradas por homens sóbrios e, principalmente, por abstêmios. Mas todas as coisas belas, do Cântico dos Cânticos à tartaruga à Maryland, das nove sinfonias de Beethoven ao martíni seco, foram concebidas por homens que, na hora certa, trocavam a água da bica por algo mais colorido e com outros ingredientes que não apenas hidrogênio e oxigênio.

Estou ciente, é claro, que manter toda a espécie humana neste paraíso, ano após ano, apresentaria formidáveis dificuldades técnicas. Seria difícil calcular a dosagem diária de cada indivíduo conforme exatamente suas necessidades particulares, e fazê-lo tomá-la precisamente na hora certa. Por um lado, haveria o constante perigo de que grandes minorias tornassem ocasionalmente sóbrias e, com isso, começassem guerras, disputas teológicas, reformas morais e outros aborrecimentos. Por outro lado, haveria o perigo de que outras minorias fossem levadas a uma real intoxicação e começassem a nos amolar com suas choraminguices xexelentas. Mas tais obstáculos técnicos não são, de forma alguma, insuperáveis. Talvez pudessem ser resolvidos abandonando-se a ideia da administração do álcool per ora e distribuindo-o mais democraticamente, apenas impregnando o ar com ele. Deixo a sugestão e passo adiante, porque tais problemas são para homens com prática em terapêutica, em governo e em eficiência nos negócios. Estes homens existem e suas iniciativas quase sempre mostram um alto grau de competência, mas, por passarem dia e noite sóbrios, devotam grande parte do tempo a nos atormentar. Meio chumbados, eles seriam dez vezes mais criativos e, talvez, pelo menos metade tão eficientes do que já são. Milhares deles, aliviados de seus atuais deveres antissociais, tornariam-se ociosos, logo ansiosos por uma ocupação. Confio neles para resolver este pequeno problema. Se não forem bem-sucedidos completamente, pelo menos o serão pela metade.

Pode-se objetar que mesmo pequenas doses de álcool, se uma dose já estiver nos calcanhares da dose predecessora antes que os efeitos desta tenham se desanuviado, poderiam ter um efeito deletério sobre a saúde

física da espécie – que a taxa de mortalidade aumentaria e que categorias inteiras de seres humanos seriam exterminadas. A resposta é a de que não estou propondo aqui aumentar a longevidade de ninguém, mas aumentar os seus prazeres. Suponhamos que a duração da vida seja reduzida em 20%. Minha resposta é a de que suas delícias crescerão em pelo menos 100%. Confundidos pelos estatísticos, caímos frequentemente no erro de dar importância a meros números. Dizer que A viverá até os oitenta anos e que B não passará dos quarenta não significa que A seja mais invejável do que B. Na realidade, A pode estar vivendo todos esses oitenta anos em buracos como Kansas ou Arkansas, onde não há nada para comer exceto milho e carne de porco, e nada para beber, exceto a água poluída do rio, enquanto B pode estar investindo pelo menos uns vinte anos na *Côte d'Azur*, *wie Gott im Frankreich*. E minha convicção de que o mundo que estou pintando – presumindo-se que a duração média da vida humana será reduzida até em 50% – seria infinitamente mais feliz e charmoso do que o que vivemos hoje – e que nenhum ser humano inteligente, tendo provado sua paz e alegria, voltaria voluntariamente para as rudes brutalidades e cretinices que nos assolam e que nós, idiotamente, lutamos para preservar. Se os americanos inteligentes, nesses tempos deprimentes, ainda se agarram à vida e tentam esticá-la o mais que podem, não o fazem por lógica, mas por instinto. O homem sabe muito bem que dez anos num país realmente civilizado e feliz são infinitamente melhores do que toda uma época geológica sob as desgraças que somos obrigados a encarar e suportar no dia a dia.

Além disso, não há necessidade de admitir que a alcoolização moderada de toda a espécie humana iria reduzir materialmente a duração da vida. Muitos de nós já somos moderadamente alcoolizados e conseguimos sobreviver tanto quanto os abstêmios hidrófobos. Quanto a estes, alguém objetaria que o ar carregado de álcool lhes provocasse *delirium tremens* ou que os esterilizasse ou exterminasse? A vantagem para a espécie em geral seria óbvia e incalculável. Todas as piores tensões – que agora não apenas persistem, mas parecem prosperar – seriam eliminadas em poucas gerações, o que permitiria ao homem médio trocar os sermões de seu pastor batista por Shakespeare, Mozart ou Goethe. Seria preciso uma eternidade, é claro, para tudo ficar perfeito, mas haveria progresso a cada geração, progresso gradual e seguro. Hoje, como

deve parecer claro, não fazemos progresso nenhum; na verdade, estamos andando para trás. Que o homem civilizado médio de hoje é inferior ao homem civilizado médio de duas ou três gerações atrás é tão claro que dispensa explicações. Ele tem menos iniciativa e coragem; é menos criativo e heterogêneo; está mais para um coelho do que para um leão.

Duras repressões tornaram-no o que ele é. Bem, ninguém com dois ou três drinques no fígado é um tirano. Poderá parecer tolo, mas não cruel. Talvez fique um pouco barulhento, mas será também tolerante, generoso e educado. Minha proposta restauraria o cristianismo no mundo. Salvaria a humanidade dos moralistas, dos pedantes e dos ferrabrases.

– 1924

[Mencken escreveu isto em plena Lei Seca americana (N. T.)].

O PERIÉLIO DA PROIBIÇÃO

Este artigo, de 1922, tem hoje um interesse apenas arqueológico, naturalmente, mas resolvi incluí-lo aqui para lembrar o que aconteceu durante as trevas da Proibição (Lei Seca), quando seus agentes controlavam todos os setores do governo em Washington e na maioria dos estados, e seu fim não parecia à vista. Ainda não se escreveu uma história adequada daqueles anos, que se arrastaram de 1920 a 1933. Os americanos sempre tendem a esquecer as coisas desagradáveis. Conseguiram apagar a Lei Seca da memória, assim como o fizeram com a grande gripe de 1918-9.

A Proibição como emenda constitucional está em vigor nos Estados Unidos há três anos, tendo por trás todo o poder do Governo Federal e, na maioria dos 48 estados, com a ajuda de rigorosas leis estaduais. Os resultados deste colossal esforço para aplicá-la podem ser resumidos no seguinte:

1. O Estado e o Governo Federal, juntos, perderam 500 milhões de dólares por ano em impostos e licenças que arrecadavam até então.

Para compensar isto, tiveram de aumentar os impostos em geral.

2. Foi criado, ao custo de 50 milhões de dólares por ano, um exército de detetives, espiões e *agents provocateurs*, 4/5 dos quais já corrompidos.

3. Foi criado um outro exército de supostos contrabandistas, comerciando em parte com vinhos e destilados trazidos clandestinamente do Canadá e das índias Ocidentais, e a outra parte com cervejas, vinhos e destilados de fabricação caseira ilegal. Seus membros têm um lucro conjunto não inferior a 750 milhões de dólares por ano, podendo chegar a 1,5 bilhão de dólares.

4. A fabricação de cerveja, destilados e vinhos voltou a ser pequena indústria doméstica, e o fornecimento de insumos necessários ao fabrico — concentrado de malte, garrafas, rolhas, etc. — tomou proporções gigantescas.

5. Em todas as grandes cidades americanas e em 90% das menores, ainda se pode comprar qualquer bebida alcoólica conhecida — a preços que variam entre 100% e 500% a mais do que nos dias pré-Proibição —, e mesmo nos vilarejos mais remotos não há um lugar onde uma pessoa que deseja beber álcool não possa obtê-lo.

Em suma, a Proibição é um fracasso que piora a cada dia. Houve um espaço de tempo, logo depois que a 18ª. Emenda entrou em vigor, em que ela mostrava sinais de ser um sucesso, especialmente nas zonas rurais, e pela força dos relatórios otimistas preparados pelos diligentes serviços de divulgação das Ligas de Temperança. Os estrangeiros se impressionaram tanto que era como se estivéssemos às portas de Nova Jerusalém. Mas só porque a maioria dos americanos não estava levando a coisa a sério. Quando o Volstead Enforcement Act, com suas restrições extraordinariamente drásticas, caiu-lhes sobre a cabeça, foram apanhados desprevenidos. Mas, no instante em que se deram conta do que os esperava, os americanos aplicaram ao programa a sua natural engenhosidade e talento para a corrupção, e, em seis meses, estava tudo resolvido. Por um lado, criaram um sem-número de esquemas para burlar a lei; por outro, dedicaram-se galantemente a ridicularizar os funcionários que tinham jurado fazer cumprir a lei. Desde então, tem

sido uma batalha contínua entre os canhões e o forte, com os canhões gradualmente ganhando posições. Ninguém, nem mesmo o mais romântico Proibicionista, acredita hoje que a lei esteja sendo aplicada. E nenhum homem reflexivo e imparcial, ao que eu saiba, vê o menor sinal de que ela será cumprida daqui por diante.

O hábito de burlá-la e inventar piadas a seu respeito deixou de ter qualquer semelhança com o crime e, de fato, tornou-se até o esporte nacional. O criminoso, aos olhos do público, não é o contrabandista e, certamente, não o consumidor, mas o agente da lei. Este agente subitamente em moda tomou um caráter quase legendário. Passou a ser visto, até pelas pessoas mais comuns, como o corrupto encarnado — um vilão bisbilhoteiro e chantagista, cuja única função pública é a de fazer aumentar o preço das bebidas. Quando ele enfrenta um tribunal por atacar armado um destilador ilegal, o júri o trata com casca e tudo. É frequente vê-lo ser vaiado quando em serviço. Os efeitos deste sentimento público são obviamente prejudiciais à *morale* do serviço, o que explica que, no setor federal, haja uma constante troca de pessoal e que nenhum agente médio dure atualmente mais do que seis meses. Tempo suficiente para que, se for honesto, ele se enoje do trabalho que tem de fazer ou se alarme com o que vê à sua volta. Mas se, como é provavelmente mais comum, ele entrou na coisa para extorquir o máximo enquanto a coisa durar, seis meses bastarão para que se aposente. Ouvi falar de um agente federal em Nova York que, com um salário mensal de 2 mil dólares, paga 4 mil dólares de aluguel por seu apartamento e mantém dois automóveis.

A maior parte das bebidas fortes vendidas nas grandes cidades do Leste vem do Canadá ou das Bahamas. As que vêm do Canadá cruzam a fronteira internacional em caminhões de carga. O negócio é tão extensivo e bem organizado que as propinas pagas aos funcionários incumbidos de reprimi-lo, num lado e outro da fronteira, são estandardizadas — de forma que, exceto por acidente, um contrabandista possa estimar o custo exato de seus bens e, com isso, financiar suas operações sem margem de erro. Os produtos que vêm das Bahamas são transportados em pequenas escunas. Parte deles são desembarcados à noite, em alguma praia solitária da imensa costa americana, de onde partem em caminhões. Outros entram ousadamente pelos próprios portos, e os fiscais da alfândega são facilmente tapeados por alarmes falsos ou atrevidamente

subornados.

A maior parte do material é composta de uísques escoceses. Antes da Proibição, o escocês era vendido em Nova York por 30 a 40 dólares a caixa. Hoje vai de 80 a 110 dólares, dependendo do estoque. Em geral, é honesto. Mas alguns dos contrabandistas menores — aqueles que o vendem não em caixas, mas em garrafas — misturam-no com imitações caseiras, basicamente compostas de água de colônia, suco de ameixa, pimenta e creosoto. Muito pouco gim é importado, por ser facilmente feito em casa. Quanto aos vinhos, os contrabandistas concentram suas atenções no champagne, que sai por 120 dólares a caixa em Nova York. Sob o Volstead Act é perfeitamente legal importar vinhos para fins "medicinais e sacramentais". Os contrabandistas importam champagne como "remédio" e depois confiam na venalidade dos funcionários da Proibição para distribuí-lo no mercado. A importação de vinhos não espumantes está agora quase inteiramente nas mãos dos rabinos judeus nos guetos das cidades da costa. A lei permite a um judeu de boa posição importar 55 litros de vinho por ano, para uso ritualístico. Estes cavalheiros de Deus, em troca de um lucro de 10 a 15 dólares a caixa, inscrevem os melhores fregueses em seus livros como ortodoxos Ashkenazim — e, se o freguês tem bastante dinheiro, pode estar inscrito nos livros de mais de dez diferentes rabinos sob diferentes e seguros nomes judeus.

Como já disse, muito pouco gim é importado, embora a crescente popularidade do coquetel tenha feito crescer imensamente a demanda. Ele é produzido em destilarias clandestinas, ou pelo simples processo de diluir álcool de cozinha em 50% de água e acrescentar algumas gotas de zimbro e glicerina à garrafa. Dependendo da qualidade, custa de 40 a 65 dólares a caixa. Todos os licores conhecidos são fabricados pelos mesmos contrabandistas, inclusive absinto. Os óleos e ervas necessários são importados da França, Itália e Alemanha, e depois misturados com álcool, água e concentrado. Alguns desses licores são de surpreendente boa qualidade. De fato, o absinto de hoje nos barris de Nova York é quase tão bom quanto o suíço que se vendia antigamente nos bares. Sai por 15 dólares a garrafa. E, por toda parte ao Sul de Nova York, o assim chamado uísque de milho é produzido em fantásticas quantidades. É uma bebida absolutamente pavorosa, mas o paladar nativo, particularmente na roça, parece preferi-lo. Nas grandes cidades, ele é transformado, sabe-

se como, num uísque de centeio bastante razoável, vendido por 10 a 30 dólares o galão.

Deixei as cervejas e os vinhos nativos para o fim. A extensão a que chegou a fabricação caseira de cerveja nos Estados Unidos é quase inacreditável. Em alguns estados, todas as donas-de-casa tornaram-se fabricantes, e algumas de suas cervejas são extremamente agradáveis. Um punhado de mosto de cerveja pode ser cozido em uma hora, a fermentação leva de quatro a cinco dias e, duas semanas depois de engarrafada, a cerveja está pronta para ser bebida. Numa certa cidade americana de 750 mil habitantes, existem atualmente cem lojas devotadas exclusivamente à venda de insumos para a fabricação de cerveja. Há pouco tempo, o proprietário de uma delas — e um dos mais modestos — me disse que vendia uma tonelada de concentrado de malte por dia, suficiente para produzir quase 1500 litros de cerveja. O custo da garrafa de cerveja, para o fabricante, era de 2 centavos de dólar. No mercado, a cerveja mais barata não sai por menos de 4 centavos.

Antes da Proibição, o povo americano bebia pouquíssimo vinho. Na verdade, estava apenas começando a apreciar os excelentes vinhos da Califórnia quando a 18ª. Emenda foi passada. Alguns dos produtores californianos, em desespero, devastaram seus vinhedos e plantaram laranjas e oliveiras no lugar. Hoje se arrependem por terem sido tão apressados. No último outono, o vinho estava sendo produzido em centenas de milhares de lares americanos e o preço das uvas chegou a 125 dólares a tonelada. Aliás, não sei de nenhum lar neste país em que alguma espécie de fabricação de cerveja, vinho ou destilados não esteja em operação. Mesmo no campo, onde a crença na Proibição ainda persiste, praticamente toda dona-de-casa produz regularmente uma jarra ou duas de licor de amoras. Cada fruta disponível é ansiosamente fermentada; nas grandes cidades, passas e groselhas não chegam para o consumo. Até o vulgar dente-de-leão, por algum processo que desconheço, é transformado numa beberagem passável.

Bem, se o povo americano é, portanto, tão diligentemente alcoólatra — na cidade, a turma se defende com os contrabandistas ou fabrica cerveja, e, na roça, os matutos fazem suas experiências com vinhos —, então por que a Proibição continua a vigorar? Nas grandes cidades, a maioria contra ela é agora de quatro para um; no campo, ela perde

terreno continuamente. Então por que não é revogada, os vastos prejuízos que ela acarreta não são economizados e a inconcebível corrupção não é esmagada? A resposta é muito complexa para este espaço. Parte dela está no fato de que o processo de emendar a Constituição é lento e vexatório; foram precisos 75 anos de agitação persistente para se ver a Proibição adotada, e pode levar outros tantos de ataque contínuo para que ela seja formalmente rejeitada. Mas outra parte da resposta está no curioso poder que as minorias fanáticas têm na política americana — um poder que lhes permite, jogando com as fraquezas dos dois grandes partidos, compensar a sua falta de votos.

— 1922

OS AVANÇOS DA CIVILIZAÇÃO

"O que chamamos de progresso", disse Havelock Ellis, "é apenas a substituição de um aborrecimento por outro aborrecimento". A ideia é tão óbvia que já deve ter ocorrido, de vez em quando, até a algum ministro de Estado. Deve haver pessoas, por exemplo, que gostam do som de um telefone tocando, mas, se existem, não conheço nenhuma. É bem provável que o telefone, como o conhecemos hoje, tenha exigido mais esforço cerebral do que qualquer outra invenção familiar. O telefone atual foi tão aperfeiçoado que está para o seu progenitor de 1880 como um encouraçado está para o tosco *Clermont* de Fulton. Mas, em todo esse tempo, ninguém se lembrou de aperfeiçoar o som de sua campainha. Ele continua estridente e intolerável, mesmo quando se tenta sufocá-lo com travesseiros. Não deve ser difícil torná-lo mais profundo, sonoro e até suave. Mas os engenheiros telefônicos preferem deixá-lo do jeito com que foi inventado, e milhões de pessoas são torturadas por ele a cada hora do dia.

O telefone, acredito, é o maior avanço para chatos já inventado. Permitiu a esses chatos um novo nível de eficiência para praticar sua velha arte e penetrar nos últimos bastiões da privacidade. Todos os truques já postos em ação contra eles fracassaram. Cito como exemplo uma pessoa que tenha um número particular de telefone, não incluído na lista. Pois isto não é nada para manter a distância os chatos mais criativos. Conseguir números de telefones particulares é a essência

elementar da sua arte. Assim, a pobre vítima desta paixão profissional é tão importunada como se tivesse mandado escrever com fumaça o seu número no céu por um avião. Claro que, enquanto isto, seus amigos esquecem-se do número em momentos cruciais e deixam de passar-lhe uma ótima fofoca que o faria relaxar depois de um dia cheio.

Não é apenas difícil imaginar um mundo sem telefones; tornou-se absolutamente impossível. Eles se tornaram tão necessários para a espécie, pelo menos nos Estados Unidos, quanto os jornais, a aspirina e as gomas de mascar. Frequentemente ouve-se falar de alguém que se mudou para um remoto vilarejo a fim de fugir deles e, lá, se propôs a meditar e aliviar a alma, à maneira dos filósofos gregos. (Depois, acaba-se descobrindo que esta meditação era sobre os rosa-cruzes, o imposto a pagar, tipos diferentes de estrume ou insanidades do gênero). Já telefonei para pedir que me desligassem o telefone umas dez vezes, mas, todas as vezes, descubro que vou precisar dele com urgência e, quando o homem chega, sou obrigado a pedir-lhe desculpas e oferecer-lhe um drinque. Um mandachuva da companhia telefônica me disse que tais pedidos são feitos aos montes todo dia, mas que nenhum deles chega a ser executado. Bem, hoje tenho dois telefones em casa e estou a ponto de instalar um terceiro. Não demora muito, terei um em cada quarto, como nos hotéis.

Apesar disso tudo, continuo contra o telefone, teoricamente, e continuarei a criticá-lo. É uma grande invenção e de grande valor para a humanidade, mas, pessoalmente, acho que me fez tanto mal quanto bem. Perdi a conta das vezes em que uma única chamada estragou toda uma noite de trabalho, azedou meu humor e diminuiu meus rendimentos. Tenho idade bastante para me lembrar do tempo em que telefones eram raros, e romântico o suficiente para acreditar que era mais feliz então. Mesmo assim, consigo desfrutar mais do telefone do que de outras maravilhas recentes: por exemplo, o rádio, o fonógrafo, o cinema e o automóvel. Sou talvez o primeiro americano a ter jurado, sincera e formalmente, a nunca mais dirigir um automóvel. Vendi meu carro no remoto ano de 1919 e nunca me arrependi. Quando preciso me movimentar numa cidade grande demais para se andar a pé, prefiro tomar um táxi, que é mais barato, mais seguro e não me dá nenhum dos aborrecimentos de um carro particular. Quando viajo para longe, recorro ao Pullman, de longe o melhor veículo já inventado. Admito que o rádio

tem suas potencialidades, que continuarão ocultas enquanto o ar continuar empestado de jazz, dos gargarejos de cantores de nona categoria e arengas de idiotas que não sabem do que estão falando. O fonógrafo é a mesma coisa e o cinema é dez vezes pior.

De todas as grandes invenções dos tempos modernos, a que me deu mais conforto e alegria é aquela da qual pouco se fala: o termostato. Fiquei surpreso, há algum tempo, ao saber que tinha sido inventado há uma geração atrás. Ouvi falar dele a primeira vez durante a guerra de 1914-8, quando um amigo me sugeriu que jogasse fora o forno a carvão que aquecia a casa e instalasse um forno a gás. Naturalmente, hesitei a princípio, pois assim funciona a mente humana. Mas o dia em que finalmente sucumbi ficará gravado para sempre em meus anais, porque permitiu que eu me mudasse do inferno para uma espécie de paraíso. Não havia um único carvoeiro na minha vizinhança: todos estavam trabalhando nos estaleiros, a 15 dólares por dia. Assim, eu tinha de escavar pessoalmente o carvão e, como se não bastasse, peneirar as cinzas. E, o que é pior, minha casa vivia ou muito quente ou muito fria.

O termostato mudou tudo isto num instante. Ajustei-o para 22° e fui tratar da vida. Quando a temperatura da casa subia ou descia, o termostato se encarregava de fazê-la voltar aos 22°. Comecei a me sentir como um homem que escapou da forca. Nada de carvão para escavar, nada de cinzas para peneirar. Minha casa ficou tão limpa que eu podia usar a mesma camisa cinco dias seguidos. Recuperei o ânimo para trabalhar e rapidamente produzi uma série de contribuições imperecíveis para as letras nacionais. Meu humor melhorou tanto que minha família começou a suspeitar de caduquice precoce. Ampliei minha adega de vinhos para mil metros cúbicos. Comprei um armário de cedro capaz de abrigar todo o meu guarda-roupa. Acrescentei uma escrivaninha, uma mesa de carpinteiro e um câmara de oração.

Por todos esses avanços e usufrutos tornei-me eterno devedor do inventor do termostato, um objeto simples mas incomparável. Gostaria de citar o nome dele aqui, mas esqueci-o. Foi um dos grandes benfeitores da humanidade. Eu não o trocaria por uma dúzia de Marconis, um pelotão de Bells ou um exército de Edisons. A obra e vida de Edison, assim como sua conversa palavrosa e sem sentido, têm sido uma maldição para a humanidade, ao aumentar consideravelmente os

aborrecimentos a que já tínhamos direito. Mas o criador do termostato, para mim, foi um herói do mesmo time de Shakespeare, Michelangelo ou Beethoven.

— 1931

TRABALHAR PARA O GOVERNO

Nas monarquias imorais do continente europeu, hoje felizmente abolidas pela vontade de Deus, havia, nos velhos dias do pecado, uma forma inteligente e eficiente de lidar com os funcionários corruptos do governo. Estes funcionários não estavam apenas sujeitos, quando flagrados em corrupção, aos processos ordinários das leis criminais; podiam também ser processados em tribunais especiais sob a mesma acusação. Neste departamento, a abominável Prússia, embora fundada por Satã, foi insuperável. Ela mantinha um tribunal administrativo em Berlim, devotado exclusivamente ao julgamento de funcionários acusados de mau procedimento, corrupção, tirania e incompetência, e qualquer cidadão era livre para apresentar queixa aos doutos juízes. O julgamento era público e de acordo com regras estabelecidas por lei. Um funcionário considerado culpado podia ser punido sumariamente e de dez maneiras diferentes. Podia ser advertido, rebaixado de escalão, suspenso por período definido, transferido para outro cargo menos desejável, expulso das fileiras, multado e, como se não bastasse, mandado para a cadeia. Podia também ser obrigado a indenizar qualquer cidadão a quem tivesse prejudicado ou pedir desculpas em público.

Tudo isto, lembre-se, sem prejuízo de sua responsabilidade sob a lei ordinária, e os estatutos garantiam que ele poderia ser punido duas vezes pelo mesmo crime — uma nos tribunais ordinários e outra na corte administrativa. Assim, um funcionário prussiano que assaltasse um cidadão, invadisse a sua casa sem ordem judicial ou confiscasse sua propriedade sem um processo legal podia ser despojado do seu cargo, multado pesadamente pela corte administrativa, engaiolado pelo tribunal ordinário e forçado a pagar os custos de sua vítima por um ou por ambos. Se um juiz prussiano, naqueles dias de despotismo, tivesse um ataque de paixão *kaiserliche* ou fizesse alguma coisa que os nossos próprios juízes, federais ou estaduais, fazem quase todo dia, qualquer cidadão

prejudicado em seus direitos poderia arrastar o próprio juiz à corte administrativa e recuperar seu prejuízo — além de saborear a felicidade de vê-lo transferido para algum brejo abandonado no leste da Prússia, para ouvir o dia todo os ininteligíveis perjúrios de poloneses antropóides. A lei determinava especificamente que os funcionários responsáveis deveriam ser punidos até com mais severidade do que os seus subordinados. Se um policial corrupto pegasse seis meses, um chefe de polícia corrupto era trancafiado por dois anos. Pior ainda, esses estatutos eram aplicados com barbaridade prussiana e as cadeias viviam cheias de funcionários desonestos.

Não estou propondo, naturalmente, que leis tão medievais sejam postas em prática nos Estados Unidos. Já fomos até longe demais na imitação aos prussianos; se avançarmos mais ainda, as nações esclarecidas e moralizadas do resto do mundo terão de se unir numa cruzada para nos derrotar. Pensando bem, o esquema prussiano talvez se mostrasse ineficiente numa república, porque envolveria arregimentar uma quadrilha de funcionários do governo para julgar e punir outra quadrilha semelhante. Funcionava bem na Prússia antes que o país fosse civilizado pela força das armas, porque, como se sabe, o oficial prussiano era treinado para ser feroz e via em todo homem respondendo em juízo um culpado *ipso facto;* de fato, a simples ideia da possível inocência de um prisioneiro parecia-lhe tão descabida quanto uma reflexão sobre a *Polizei* e, por inferência, sobre o trono e sobre Deus. Mas, na América, mesmo que não tivessem outro sentimento em comum, o que seria raro, juiz e prisioneiro logo se descobririam adeptos do mesmo partido, Democrata ou Republicano, e ambos se empenhariam em proteger o partido de escândalos e seus membros contra a perda dos empregos. Além disso, o sistema prussiano tinha outro defeito evidente: suas punições, em geral, eram banais e sem imaginação. Faltava-lhes vigor dramático e criatividade. Punir um juiz apanhado em *crime comum,* multando-o ou prendendo-o é um pouco fácil e óbvio demais. O que precisamos é de um sistema que: *a)* não dependa, para a sua execução, da boa vontade de correligionários; *b)* garanta punições rápidas, adequadas e sem juridicismos pedantes.

Sem mais delongas, passo ao sistema que, depois de muitas preces, cheguei a elaborar. É simples, inédito e acredito que poderia funcionar. Consiste em duas partes. A primeira tira a investigação e a punição dos

crimes públicos das mãos das cortes de apelação, comissões do Congresso e de todas as agências existentes — *i. e.*, das mãos de outros funcionários — e passa-as para uma assembleia de cidadãos livres, homens e mulheres. A segunda parte permite que qualquer membro desta assembleia, após análise dos atos do dito funcionário e de tê-lo considerado culpado, possa puni-lo instantânea e convenientemente — e, no caso desta punição envolver prejuízo físico ao funcionário, poderá ser aberto um inquérito por um júri de instrução para avaliar estritamente se o condenado mereceu o que teve. Em outras palavras, proponho que não será considerado um *malum in* se o cidadão surrar, zurzir, chicotear, chutar, ferir, mutilar, queimar, bater com um taco de golfe, esfolar, arrancar um olho e mesmo linchar o funcionário, e que isto será *malum prohibitum* apenas se a punição exceder o que o funcionário realmente merece. Este excesso, ou não, pode ser determinado por uma segunda instância, enquanto se investigam outras possíveis culpas. O juiz, o congressista ou qualquer funcionário que tenha sido vergastado, ao ser liberado pelo hospital — em caso de falecimento, será representado pelo filho mais velho —, poderá recorrer a uma terceira instância contra o cidadão. Se a assembleia decidir que o funcionário mereceu o castigo que recebeu, o cidadão será absolvido com todas as honras. Se, ao contrário, descobre-se que a punição foi excessiva, será a vez do cidadão ser acusado de assalto, lesões corporais, assassinato — ou o que for, em graus proporcionais ao que o funcionário merecia e acabou recebendo. As punições para aquele excesso seguem o mesmo processo.

As vantagens deste plano são patentes. De um só golpe, remove todos os impedimentos legais que tornam hoje a punição de um funcionário corrupto praticamente impossível e alarga imensamente o alcance de penas possíveis. As que estão em vigor são rígidas e, em grande medida, ilógicas; já no sistema que proponho, elas se adequariam com perfeição ao crime cometido. Digamos que um cidadão esteja convencido de que determinado juiz é uma mula — de que seu aprendizado legal é deficiente, seu senso de justiça esteja atrofiado e que sua condução dos casos que lhe submetem seja tirânica e indecente. Segundo as leis atuais, nada se pode fazer a respeito. Nenhum juiz pode ser *impeached* sob a acusação de ser uma mula; o processo seria custoso e pesado, além de haver muitos outros juízes que poderiam ser acusados 1a mesma coisa. Nem há nada a ser ganho em denunciá-lo publicamente, porque seu

mandato pode durar dez ou quinze anos e, mesmo que expire amanhã, seu sucessor poderá ser uma mula igual ou pior que ele. E, se ele for um juiz federal, nomeado pelo presidente dos Estados Unidos a conselho de seus clientes mais influentes e referendado por seus agentes no Congresso, estará a salvo até que fique gagá.

Agora imagine um cidadão com liberdade para aproximar-se deste juiz, em tribunal aberto, e puxar-lhe o nariz. Ou mesmo, em casos mais graves, cortar-lhe as orelhas, jogá-lo pela janela ou acertar-lhe a cabeça com um machado. Como este juiz daria mais atenção aos seus deveres! Com que entusiasmo se aplicaria ao estudo da lei! Como se tornaria suave e educado! Porque os juízes, assim como todos nós, são sujeitos vaidosos: não gostam de que puxem seus narizes. A ignomínia contida na operação não se dissiparia pelo subsequente julgamento do puxador de narizes, mesmo que este fosse condenado e preso. Nunca seria esquecido o fato de que pelo menos um cidadão tinha considerado o juiz um malfeitor a ponto de puni-lo publicamente, correndo o risco de ir para a cadeia. Com mais uns dez episódios desses, a carreira de qualquer juiz ficaria arruinada e seu coração partido, mesmo que as prisões ficassem abarrotadas de seus críticos. Ele já não poderia manter aquele ar de superioridade que exibe no tribunal; até mesmo os seus meirinhos dariam risotas pelas suas costas, principalmente se ele exibisse um nariz de couve-flor, um olho preto ou uma cicatriz na calva. Além disso, cedo ou tarde o cidadão autor da façanha seria absolvido por um tribunal especial e ele, o juiz, seria obrigado a aposentar-se. E a lei se encarregaria de que isto fosse cumprido.

— 1924



13. A LITERATURA DOLOROSA

A NOVA POESIA

O problema da maioria dos novos poetas é o de que eles são muito cerebrais — ou seja, atacam os problemas de uma arte com os métodos da ciência. Este erro perpassa por todos os debates sobre o assunto em que se metem. Tais debates estão cheios de teorias e frases feitas que não funcionam nem são verdadeiras. O poeta dos velhos tempos não ligava para teorias. Quando lhe vinha aquela vontade de escrever, simplesmente entrava numa banheira com espuma, amarrava uma toalha na cabeça e tentava reduzir seus sentimentos ao papel. Se tivesse algum jeito para a coisa, o resultado era poesia; se não, era *nonsense*. Mas mesmo o seu pior fracasso ainda tinha algo natural e desculpável — era o fracasso de um homem com febre de expressar-se. O fracasso do novo poeta é até mais grotesco do que o do cientista que se revela um charlatão — de um matemático que divide 20 por 4 e consegue 6, ou de um cozinheiro que tenta fazer uma omelete com maçanetas de porcelana.

A poesia não pode ser maquinada por processos puramente intelectuais. Ela não tem nada a ver com o intelecto; na verdade, chega a ser uma inimiga feroz e irreconciliável do intelecto. Seu propósito não é o de estabelecer fatos, mas o de evitá-los ou negá-los. O que ela tenta fazer é tornar a vida mais suportável num mundo intolerável, escondendo e obliterando todas as realidades desagradáveis. Sua mensagem e a de que tudo estará bem amanhã ou, na pior das hipóteses, terça-feira que vem; de que túmulo não é frio e úmido, mas aquecido a vapor e coberto de rosas; que uma garota não é um mamífero vivíparo, composto de organismos patogênicos e de um egoísmo esclarecido, mas um anjo com asas aparadas e um coração de ouro. Tire da poesia esta negação dos fatos crus e pavorosos — e ela deixará de ser o que pretendia. Pode até ser boa prosa; até mesmo belíssima prosa. Mas não conseguirá fazer ferver o sangue, como faz o verdadeiro poeta; não oferecerá aquele consolo

acariciador, aquela fuga da realidade e nem aquele bálsamo para cada coceira ou ferroada espirituais que sofremos.

— 1927

SOBRE O ESTILO

Com apenas uma ou duas exceções, quase todos os livros sobre prosa e estilo em língua inglesa foram escritos por pessoas que não sabem escrever. O assunto parece despertar uma fascinação especial e macabra em professorinhas, bucólicos professores universitários e outros pseudoliteratos. Não contentes em despejar suas ideias opressivas em milhares de textos, ainda obrigam milhões de pobres estudantes a entender o que querem dizer. Seu objetivo principal, naturalmente, é reduzir a coisa toda a uma série de regras simples — uma velha paixão da categoria, em todos os tempos e lugares, achando que *estilo* pode ser ensinado, assim como se ensina alguém a jogar bridge, dançar o charleston ou fichar livros. Naturalmente, seu fracasso é mais vergonhoso ainda do que o do ateniense que tentou ensinar seus gafanhotos a marchar passo- de-ganso.

A essência do grande estilo é que ele não pode ser reduzido a regras — é uma coisa que vive e respira, com algo de demoníaco — que se ajusta a quem o usa como a pele ao resto do corpo. Aliás, é uma parte tão integral do escritor quanto esta própria pele. Endurece, quando suas artérias endurecem. É extravagante quando ele é mais jovem, e sóbrio quando envelhece. No dia seguinte ao encontro com uma nova garota, o estilo brilha e dá pulinhos. Se seu autor comeu demais, ele tende a relaxar. Se o sujeito tem gastrite, seu estilo será amargo. Em suma, o estilo é sempre o símbolo exterior e visível de um homem, nem poderia ser outra coisa. Tentar ensiná-lo a alguém é tão tolo quanto promover cursos sobre como fazer amor.

Já a teoria da professorinha é baseada numa inferência errada de uma observação concreta. A observação é a de que a grande maioria dos ginasianos americanos, quando tentam passar seus pensamentos para o papel, só produzem uma maçaroca de palavras confusas e pueris. A inferência errada é a de que o problema dos meninos é um equipamento

técnico deficiente — e que eles deveriam ser treinados para escrever com clareza, assim como se treina um cachorro para andar nas patas traseiras. Ora, os guris escrevem mal simplesmente porque não pensam com clareza. E não pensam com clareza porque lhes falta cabeça. Tentar ensiná-los é tão inútil quanto tentar ensinar um cachorro a andar *numa só* pata traseira. Qualquer ser humano que saiba falar sua língua compreensivelmente tem todas as ferramentas necessárias para escrever com clareza e até em belo estilo. Não há nada misterioso na linguagem escrita; é precisamente a mesma coisa, em essência, que a linguagem falada. Se um homem consegue ao menos pensar, achará as palavras necessárias para exprimir suas ideias. O fato é abundantemente provado pelo excelente material escrito por supostos ignorantes. Tal material nunca desperta muito entusiasmo entre pedagogos. Sua transparência excita neles um desdém profissional, porque eles se sentem ofendidos pelo uso de palavras e frases comuns. Preferem algo mais ornado e complexo — algo que, como eles diriam, demandasse um pouco mais de pensamento. Mas o pensamento pelo qual anseiam é, infelizmente, o mesmo que sai de suas cabeças — o pensamento turvo, choco e retórico que se encontra nos seus próprios livros didáticos.

Não estou denunciando esses pedagogos porque escrevem tão mal; apenas registro o fato com espírito científico e triste. Mesmo naquelas regiões à meia-luz do intelecto, o estilo continua a ser o homem. O que está em sua cabeça infalivelmente sai pelos poros de sua pena. Se for um efervescente Borgonha, sua escrita será cheia de vida e charme. Se for mingau, sua escrita também o será. O falecido dr. Harding, 29º. presidente dos Estados Unidos, orgulhava-se de seu estilo: praticava composições em prosa assiduamente e era visto pelos pedagogos de Marion, Ohio, e vizinhanças, como um sujeito muito talentoso. Mas, quando ele mandou uma mensagem ao Congresso, seu estilo era tão desnorteado que nem o falecido Henry Cabot Lodge, um literato profissional, conseguiu entender a mixórdia. Por quê? Simplesmente porque os pensamentos do dr. Harding, sobre os altos e graves assuntos que discutia, eram tão atabalhoados que nem ele próprio os entendia. Mas, nos tópicos dentro do alcance de sua costumeira meditação, ele conseguia ser claro e até encantador. Certa vez ouvi-o proferir um breve discurso sobre os ideais dos alces. Era um assunto que lhe falava ao coração e via-se que ele tinha pensado muito e *con amore* sobre ele. O

resultado foi um excelente discurso — forte, lógico e transparente, e até com toques de uma beleza romântica e selvagem. As frases não se acotovelavam, ele usou palavras simples e juntou-as com o carinho que o assunto merecia. Mas quando, num comício em Washington, resolveu discursar sobre Dante Alighieri, logo se tornou tão obscuro e absurdo que até o Corpo Diplomático relinchava de rir.

Um pedagogo que tivesse alguém como Harding na classe submeteria-o àquilo que se chama *Aumente* o *seu vocabulário,* resultando no fato de que Harding aprenderia a escrever ainda pior do que antes. Na realidade, ele já tinha todo o vocabulário de que precisava e talvez até mais. Qualquer ideia que conseguisse formular com clareza ou que o comovesse, seria transmitida também com clareza e até com um certo encanto. Mas o estilo não pode ir além das ideias que existem dentro dele. Tentar ensiná-lo a pessoas que não sabem pensar, principalmente por pessoas que também não sabem pensar, é uma grande perda de tempo e uma imposição imoral sobre os contribuintes da nação. Seria muito mais lógico devotar todas as energias ao ensino, não de escrever, mas de lógica. Mas, provavelmente, isto também seria inútil, porque duvido que a arte de pensar possa ser ensinada — pelo menos, por professores do 2º. grau. Não é adquirida, mas congênita. Algumas pessoas nascem com ela. Suas ideias fluem com clareza e elas são capazes de raciocínio lúcido; quando dizem alguma coisa, esta é instantaneamente compreensível; quando a escrevem, são luminosas e convincentes. Eu diria que essas pessoas constituem cerca de 1/8 de 1% da espécie humana. Os demais filhos de Deus são tão incapazes de pensamento lógico quanto de esquiar na lua. Tentar ensiná-los será uma empreitada tão presunçosa quanto tentar ensinar a uma pulga os Dez Mandamentos. A única coisa a fazer com eles será transformá-los em PhDs e mandá-los escrever livros sobre estilo.

— 1926

O ESCRITOR TRABALHANDO

Se os escritores pudessem trabalhar em fábricas grandes e bem ventiladas, como os fabricantes de charutos ou cuecas, cercados de colegas e trocando mexericos profissionais, sua labuta seria imensamente

mais leve. Mas é essencial ao seu ofício que desempenhem suas tediosas e vexatórias operações *a cappella,* o que faz com que os horrores da solidão se somem às suas outras fragilidades. Um escritor trabalhando está, contínua e inescapavelmente, na presença de si mesmo. Não há nada para entretê-lo ou consolá-lo. Toda vez que um pensamento vadio o invade, pega-o instantaneamente pela orelha, e toda vez que uma câimbra desce a sua perna, sacode-o como a mordida de um tigre. Estou para conhecer um escritor que não seja hipocondríaco. Com exceção dos médicos, que estão sempre doentes e com medo de morrer, os *literati* são talvez os mais pródigos consumidores de pílulas e remédios do mundo, assim como os mais assíduos fregueses dos cirurgiões. Não consigo pensar em nenhum, entre minhas relações, que não se entupa diariamente dessas coisas ou que não entre regularmente na faca.

Deve ser óbvio que outros homens, mesmo entre a *intelligentsia,* não são acossados com tanta crueldade. Um juiz, com o tinido da campainha em seus ouvidos, pode trabalhar sossegado, fingindo ouvir a voluptuosa retórica dos advogados. Um padre, ao celebrar sua pantomima, raramente é atacado por azia: o que ele tem a dizer já foi dito antes, e só os cretinos o questionam. E um cirurgião, aplicando-se no mistério de sua arte, não sofre qualquer prejuízo profissional quando lhe invade o selvagem pensamento de que sua enfermeira, pensando bem, põe sua patroa no chinelo. Mas desafio qualquer um a escrever um poema competente ao som de campainhas, escrever uma crítica séria sofrendo de azia ou descrever uma plausível cena de amor com a cabeça cheia de fantasias amorosas. Impossível. O pobre *literatus* se defronta com isto todas as vezes em que se senta à sua mesa de trabalho e cospe nas mãos de ansiedade. Assim que a porta se fecha, começa a sua luta deprimente e já perdida com o seu corpo e mente.

Por que, então, homens e mulheres racionais sujeitam-se a uma vocação tão bárbara e exaustiva? — porque há escritores relativamente inteligentes e esclarecidos, lembre-se, assim como há políticos relativamente honestos e até bispos. O que impede esses escritores de desertá-la, dedicando-se a outras ocupações menos onerosas e, aos olhos de seus semelhantes, mais respeitáveis? Uma das razões, acredito, é a de que o escritor, como qualquer outro suposto artista, é alguém em quem a vaidade normal dos outros homens é tão vastamente exagerada que ele não consegue retraí-la. Seu impulso arrebatador é o de rodopiar sobre

seus semelhantes, batendo as asas e emitindo gritos de desafio. Como isto é proibido pela polícia de todos os países civilizados, ele se conforma em pôr esses gritos no papel. É o que se chama de auto-expressão.

Nas confidências dos *literati,* naturalmente, isto é sempre descrito como algo muito mais maduro e virtuoso. Alguns afirmam que são movidos pela ânsia de iluminar e salvar o mundo; outros alegam que seu motor é a paixão pela beleza. Ambas as teorias são rapidamente descartadas por um apelo aos fatos. O material produzido por 90% dos escritores, como deve parecer claro até aos cegos, tem tanto a ver com a iluminação do mundo quanto um rol de roupa. E não há mais beleza nele, nem sinal de um sentimento da beleza, do que se pode encontrar na decoração de um *night-club*. O impulso para criar beleza, na realidade, é bem raro nos escritores e quase inexistente nos escritores mais jovens. Se às vezes ele surge, será como numa espécie de segunda reflexão. Léguas à sua frente, vem o anseio de ganhar dinheiro. E, depois deste, o anseio de fazer barulho. O impulso de criar beleza fica para trás. Os escritores, como classe, são extraordinariamente insensíveis a ela, e o fato se revela em sua habitual (em alguns casos, inacreditavelmente extensa) ignorância das outras artes. Eu não me atreveria a citar seis romancistas americanos capazes de reconhecer uma fuga sem embatucar. Ou seis poetas capazes de um razoável arrazoado sobre as diferenças entre uma catedral gótica e um posto da Standard Oil.

A coisa ainda vai mais longe. A maioria dos romancistas, em minha experiência, não sabe nada de poesia, assim como pouquíssimos poetas têm qualquer interesse pelas belezas da prosa. Quanto aos teatrólogos, 3/4 deles ainda não foram informados da existência nem de uma e nem de outra. Dói-me o calo revelar fatos tão vergonhosos e inconvenientes. Se eles devessem permanecer ocultos, a culpa só pode ser de minha paixão científica. Esta paixão, hoje, me pegou pela orelha.

— 1926

14. LITERATI

POE

Teria sido mais que razoável para um homem de mente tão poderosa e de fantástica originalidade, como Edgar Allan Poe, que ele criasse uma escola literária em seu próprio país. Uma olhadela nos registros mostra que ele não fez isto. Assim que morreu, as sombras da bem-educada tradição de Washington Irving fecharam-se sobre o seu caixão e, pelos trinta anos que se seguiram, todas as suas principais ideias foram desconsideradas. Se, como dizem as histórias de literatura, Poe foi o pai do conto americano, este deve ter sido um filho póstumo, cujos pais adotivos fizeram o possível para esconder a verdadeira paternidade. Quando o conto realmente passou a gozar da saúde que tem hoje, Poe já estava morto havia uma geração. Seu *pai,* na época de sua retardada adolescência, parecia ser Bret Harte — embora o débito de Harte para com Charles Dickens fosse muito mais aparente do que para com Poe. O que Harte extraiu de Poe foi provavelmente essencial, mas ele próprio não parecia consciente disto. Foi preciso a crítica estrangeira, particularmente a francesa, para resgatar Poe e depositá-lo no seu merecido lugar.

É bem verdade que Poe desfrutou, enquanto vivo, de uma certa reputação popular, sendo elogiado por homens como N. P. Willis e James Russell Lowell, mas esta reputação era muito menor do que a fama de outros escritores que não lhe chegavam às canelas, e os elogios, especialmente no caso de Lowell, vinham recheados de reservas. Poucos críticos americanos respeitáveis, entre 1850 e 1870, teriam-no classificado claramente acima de, digamos, Irving, James Fenimore Cooper ou mesmo de seu velho inimigo Henry Wadsworth Longfellow. Poe conquistou *partisans,* mas, como disse Saintsbury, ele foi a vítima de uma "injustiça extrema e quase incompreensível" nas mãos de seus patrícios. Não pode ter sido por acaso que se levou dez anos de trabalho

para construir uma lápide barata sobre o seu túmulo esquecido em Baltimore; que a lápide só foi realmente colocada 26 anos depois de sua morte; que nenhum escritor seu contemporâneo colaborou no projeto; e que o único que compareceu à cerimônia final foi Walt Whitman.

Foi a tradução francesa dos contos, por Baudelaire, e dos poemas, por Mallarmé, que conduziu Poe ao Valhalla. A primeira, lançada em 1856, fundou na França o culto a Poe que, nas duas décadas seguintes, floresceu de forma impressionante. De fato, chegou até a ser uma das fontes do assim chamado decadentismo. Se Baudelaire, pai daquele movimento, "cultivava a histeria com deleite e horror", estava apenas fazendo o que Poe já tinha feito antes dele. Ambos, reagindo contra o falso conceito de beleza como um mero serviçal das ideias lógicas, buscaram suas fontes naqueles sentimentos profundos e experiências interiores que estão fora do alcance das ideias e devem ser interpretados como intuições. Ralph Waldo Emerson tinha começado pelo mesmo caminho, mas tomou o atalho das contradições e da ininteligibilidade por causa de sua obsessão ética — o inescapável fardo de sua herança puritana. Poe nunca se desviou da trilha. Você encontrará em *O Princípio Poético* o que talvez seja a mais clara exposição já feita sobre este novo e sólido conceito de beleza — certamente mais clara do que qualquer uma já feita por um francês. Mas não bastou que os franceses regassem a semente contida naqueles potes grotescos e coloridos para que ela começasse a germinar. A maré das ideias de Poe, posta em marcha na França na segunda metade do século XIX, só chegou à Inglaterra na década passada e, na América, salvo por alguns esguichos, ainda não deu na praia. Não há um único escritor americano que exiba a influência do mais potente e original dos americanos com a mesma lucidez com que o fazem grupos inteiros de franceses e alemães, e até mesmo alguns ingleses.

O que extraímos de Poe em primeira mão foi apenas uma série de histórias para assustar matutos, com os contos de Ambrose Bierce como o seu melhor subproduto — em suma, uma imitação superficial sem qualquer compreensão de suas noções e objetivos. E o que extraímos de segunda mão foi um certo maeterlinckismo infantil, uma diluição de Poe com água. Este maeterlinckismo acabou se misturando com a corrente da whitmania, que refluía para a América pelo canal do Imagismo francês, com resultados destrutivos para a sanidade de críticos honestos e fatal

para o senso de gravidade dos menos austeros. É significante que a obra crítica de Poe, onde se encontra o que há de melhor nele, ainda não tenha voltado; nenhum americano normal pensa em Poe como um crítico, mas apenas como um poeta, um provocador de arrepios ou um sujeito imoral. A causa disto é simples. Os franceses, em vez de aplicarem a sua teoria crítica diretamente, deduziram-na a fresco das aplicações que ele fez dela; a crítica *de* Poe tomou o lugar da crítica *por* Poe. Assim, às suas próprias especulações faltava a autoridade da aprovação estrangeira e, consequentemente, deixaram pouca impressão. O peso da opinião nativa sempre foi naturalmente contra essas especulações, porque elas pareciam em contradição, não apenas com suas teorias fundamentais, mas também com a doutrina prática de Poe, a de que nenhuma crítica precisa ser chata para ser profunda e respeitável.

"Poe", diz Arthur Ransome, em seu importante estudo sobre o homem e o artista, "era como um lobo amarrado pela perna, em meio a inofensivos cães domésticos". A comparação pode parecer surpreendente, sem a leitura da nota ao pé de página que Ransome escreveu para esclarecê-la. Os "cães domésticos" a que se refere eram Longfellow, Whittier, Holmes e Emerson.

MARK TWAIN

Acredito que *Huckleberry Finn* seja uma das obras-primas da humanidade, equivalente a *Don Quixote* e *Robinson Crusoe,* deixando longe *Gil Blas, Tristram Shandy, Nicholas Nickleby* ou *Tom Jones*. Acredito que ainda será lido por seres humanos de todas as idades, não como um dever solene, mas pelo amor de sua leitura e mais de uma vez, muito depois que todos os livros escritos na América entre 1800 e 1860 já tiverem desaparecido, exceto como fósseis em sala de aula. Acredito que Mark Twain foi quem teve a visão mais clara da vida, quem chegou mais perto da realidade e quem menos se deixou levar pelas aparências, do que qualquer outro americano habituado a manufaturar generalizações. Acredito que, admitindo todos os seus defeitos, ele escreveu um inglês melhor, no sentido de mais limpo, direto, vivido e são, do que Washington Irving ou Nathanael Hawthorne. Acredito que

quatro dos seus livros — *Huck, Vida no Mississipi, A Visita do Capitão Stormfield ao Céu* e *Um Ianque na Corte do Rei Artur* — sozinhos, valem mais como obras de arte e reflexões sobre a vida do que toda a produção de Cooper, Irving, Holmes, Mitchell, Steadman, Whittier e Bryant. Acredito que ele está muito acima de Whitman e, certamente, não abaixo de Poe. Acredito que ele foi o verdadeiro pai da literatura neste país e o primeiro legítimo artista americano de sangue real.

— 1913

AMBROSE BIERCE

A reputação de Ambrose Bierce (1842-1914?) sempre irradiou um odor oculto e artificial de drogaria. Numa época, ele é louvado, de maneira apaixonada, voluptuosa e desordenada, por um pequeno grupo de discípulos; em outra, é completamente ignorado pela grande maioria dos críticos e leitores. Seria absurdo dizer que Bierce ainda é lido, mesmo pela *intelligentsia*. Quase todos os seus livros estão fora de circulação, exceto dois que me parecem pérolas: um deles consiste numa série de epigramas, chamado *O Dicionário do Diabo;* o outro consiste em algumas das melhores histórias de guerra já escritas, intitulado *Tales of Soldiers and Civilians*. O primeiro contém alguns dos mais brilhantes *witticisms* em língua inglesa; o segundo nada fica a dever a Zola, Kipling ou Ludwig Thomas.

Bierce foi o primeiro escritor de ficção a tratar a guerra com realismo. Antecipou-se inclusive a Zola. Costuma-se dizer que ele saiu da Guerra Civil americana, na qual lutou, com um profundo e persistente ódio à matança, e que escreveu seus contos de guerra como uma espécie de pacifista desiludido. Ninguém que o tenha conhecido, como eu o conheci em seus últimos anos, acredita nisto. O que ele extraiu de sua participação na guerra não foi um horror sentimental a ela, mas uma espécie de cínico deleite. Parecia-lhe quase um *reductio ad absurdum* de todo o romantismo. O mundo via a guerra como algo heroico, glorioso, idealista. Pois bem, ele iria mostrar como ela era sórdida e suja, estúpida, selvagem e degradante. Embora isto não queira dizer que ele a desaprovasse. Ao contrário, Bierce via na guerra uma oportunidade de ouro para discutir com maligna satisfação sua ideia fixa: a da infinita

imbecilidade do homem. Não havia uma gota de leite da gentileza humana no velho Ambrose; ele não ganhou o apelido de Bitter (amargo) Bierce por acaso. O que mais o deliciava na vida era o espetáculo da tolice e covardia do homem, o qual ele classificava, intelectualmente, entre uma ovelha e uma vaca, e, como herói, ligeiramente inferior aos ratos. Suas histórias de guerra, mesmo quando lidam com o heróico, não descrevem os soldados como heróis; mostram-nos como bobos perdidos, fazendo coisas sem sentido, submetendo-se a violências e torturas sem resistir, e finalmente morrendo como porcos. Até hoje, de fato, nunca vi um cínico tão completo quanto Bierce. Sua descrença no homem era ainda maior que a de Mark Twain; ele era incapaz de imaginar o heróico, em qualquer sentido. E também, pelo mesmo motivo, a sabedoria. O homem, para ele, podia ser o mais estúpido e ignóbil dos animais, mas era também o mais divertido. Do espetáculo da vida que o cercava, tirava uma alegria implacável e gargantuesca. A farsa obscena da política o deleitava. Era um ardente *connoisseur* de teólogos e teologia. Rolava de rir só ao pensar em professores, médicos ou maridos.

Outro caráter que o marcava, talvez brotando desta mesma fonte de cinismo, era um curioso gosto pelo macabro. Todos os seus contos o demonstram. Adorava assistir a enforcamentos, autópsias e dissecações. A morte, para Bierce, não era algo repulsivo, mas uma espécie de comédia vulgar — o último ato de uma bufonaria esquálida e barata. Quando, já velho e entediado, partiu para o México e lá — se se pode acreditar na lenda — participou da revolução e morreu fuzilado, nada daquilo pareceu surpreender seus conhecidos. Era tipicamente Ambrose Bierce. Se seus executores se atrapalharam na hora de fuzilá-lo, deve ter morrido feliz, por levar sua lembrança do grotesco até o fim.

Certa vez, tive a curiosa experiência de ir a um funeral com ele. Sua conversa, na ida e vinda do crematório, era soberba — uma série de *witticisms* mórbidos, mas extremamente engraçados. Contou histórias de crematórios que pegaram fogo e feriram os parentes do defunto; de bêbados mortos cujos restos explodiram; de viúvas vigiando o fogo a noite inteira para se certificar de que seus falecidos maridos não iriam escapar. O homem cuja carcaça estávamos cremando tinha sido um crítico literário. Bierce sugeriu que suas cinzas fossem moldadas em forma de balas e disparadas contra certos editores. Mais tarde, quando soube que elas seriam enterradas em Iowa, explodiu de rir: disse que os

cristãos de lá iriam desenterrá-las e dispersá-las fora das fronteiras do estado. Em outra ocasião, contou-me que mantinha as cinzas de seu filho em sua escrivaninha. Comentei vagamente que a urna devia ser uma bela peça de ornamento. “Urna o cacete!”, ele respondeu. “Guardo as cinzas numa caixa de charutos.”

Bierce foi um seguidor de Poe na maioria de seus contos, mas seria lugar-comum dizer que escrevia melhor do que Poe. Tinha mais pulso sobre os personagens, era menos literário e melhor observador. Infelizmente, seus contos tiveram o mesmo destino que os de Poe. Sua influência sobre o conto moderno americano, pelo menos nos escalões superiores, é praticamente zero. Quando chegam a ser imitados, seus *discípulos* são os matungos que escrevem histórias de encomenda para revistas vagabundas. Enquanto isto, é impressionante que seu humor e inteligência sejam tão pouco lembrados. Em *The Devil’s Dictionary* estão alguns dos mais devastadores epigramas já escritos: “Ah, se pudéssemos cair nos braços das mulheres sem cair em suas mãos”. Lembro-me de outro: “Oportunidade: uma ocasião favorável para se ter uma decepção”. Outro: “Uma vez: chega”. Mais um: “Nosso vocabulário é deficiente: damos o mesmo nome à falta de tentação da mulher e à falta de oportunidade do homem”. Ou este: “A gíria é a fala de quem assalta as latas de lixo literárias, a caminho do esgoto”.

Os julgamentos críticos de Bierce eram quase sempre tolos (pôs Longfellow acima de Whitman, por exemplo) e marcados por considerações pessoais. Tinha pouca leitura para ser um crítico consistente e faltava-lhe capacidade para separar o homem do artista. Mesmo o seu tratado sobre a arte de escrever, *Write is Right,* é cheio de puerilidades, porque nunca lhe ocorreu que a língua, como a literatura, é uma coisa viva, e não um mero manual de regras. Escrevendo sobre o ofício que praticou a vida inteira, ficava indistinguível de uma professorinha, e quando uma destas roubava suas ideias o furto nem era percebido. Seu próprio estilo era extraordinariamente tenso e pouco elástico, e seu pavor à retórica parecia tirar a vida de suas ideias. Seus contos, apesar da eficiência melodramática, começaram a parecer antigos porque pertenciam a uma época em que eram escritos como exercício de estilo, e não como uma transcrição da vida. As pessoas neles não vivem nem respiram; Ring Lardner, cujo estilo Bierce teria detestado, fazia cem vezes melhor neste sentido. Os contos de Bierce são lidos hoje, não como

literatura, mas para provocar sustos. Alguns deles merecem uma espécie melhor de imortalidade.

A crítica social de Bierce, assim como a literária, era frequentemente divertida, mas pouco profunda. Tinha, no entanto, a virtude de ser nova em seu tempo, e por isso deixou marcas. Ele foi o primeiro a disparar, com o maior prazer, contra os blefes que infestavam o país. Em Bierce não cabia a ocasional timidez de Mark Twain e nenhuma cabeça era coroada o suficiente para escapar de suas bordoadas. Homens tão frenéticos têm sido raros em nossa história; o americano normal, mesmo quando desatinado, ainda exibe uma considerável prudência. Mas havia tanta prudência em Bierce como numa locomotiva desgovernada. Tivesse sido ele um homem mais cauteloso, e os professores de literatura seriam mais gentis com ele hoje.

— 1927

JOSEPH CONRAD

Outro dia reservei uma tarde de céu azul para reler *Youth,* de Joseph Conrad. Céu *azul*? Que besteira! O toque do homem é como o de Schubert. Pode-se chegar a ele triste, deprimido, desesperado; sai-se dele sob aquele raio amarelo de sol que Nietzsche via na música de Bizet. Mas, de novo a frase é inepta. Raios de sol sugerem a alegria imbecil, de estábulo, de um rabanete humano — ou o otimismo oficial e deliciado de uma República cada vez mais insana. O que este enigmático polonês tem a oferecer é bem diferente, Se o seu paralelo pode ser encontrado na música, não será em Schubert, mas em Beethoven — e talvez mais ainda em Johann Sebastian Bach. É a alegria, não da mera satisfação, mas da compreensão de um fato fundamental — e de um fato que se esquivava e se escondia. Certamente, a espécie de mundo que Conrad desvenda com plausibilidade e eloquência diabólicas não é um mundo moral, nenhuma sequência infantil de causas virtuosas e efeitos edificantes. Tem até um laivo ateu e demoníaco, que deve ser ligeiramente desconcertante para qualquer estudioso sincero da Bíblia. O Deus que ele visualiza não é um velhinho bondoso e de chinelos, inculcando os grandes princípios da ética cristã pela aplicação de golpes baixos *a posteriori.* O que ele vê em Deus é outra coisa: um *Improvisatore* e Comediante, extremamente

engenhoso e bem-humorado, com uma pincelada de vermelho em Seu nariz, mas que talvez beba mal — quando então se torna um furioso tocador de banjo nas costelas humanas e que nos sacode os ossos como se fôssemos maracas.

Uma das curiosidades da estupidez da crítica é a ideia de que Conrad não tinha humor. Sem dúvida isto decorre de um erro mais amplo: o de que a tragédia é sempre patética e de que a morte é um assunto desagradável. Suponho que este erro vá perdurar no mundo até que um mímico mais astuto resolva encenar *Rei Lear* como uma farsa — quero dizer, de propósito. Que *Rei Lear* é uma farsa me parece tão óbvio quanto o fato de que *Romeu e Julieta* é outra, só que lamentavelmente inferior. Adotar a teoria contrária — vê-la como um grande espetáculo moral e espiritual, capaz de expurgar e levantar a *psyche* como o casamento com uma viúva ruiva ou passar um mês nas trincheiras —, brincar com tais noções é adotar os padrões críticos de uma reunião de velhinhas carolas que choram pelos pagãos.

Esta é a noção que me parece implícita em cada linha de Conrad. Tome *O Coração das Trevas* como o arquétipo de toda a sua obra e a pedra fundamental de seu sistema metafísico. Aqui temos todas as aspirações e esperanças humanas imagináveis, reduzidas a um denominador comum de loucura e fracasso, e temos também uma peça de humor infinitamente perspicaz e mordaz. Leiam a passagem do enterro do timoneiro e a do último encontro intencional de Marlow com Kurtz. A farsa vai crescendo pouco a pouco até deixar o leitor tonto e sem respiração. Ouvem-se rugidos ásperos de gargalhadas cósmicas, que ecoam e reecoam nos corredores negros do espaço vazio. A cortina finalmente desce sobre uma dança selvagem numa sala de dissecação. Os mortos mutilados se levantam e riem.

É curioso como, ao re-reler uma história que já nos é familiar, frequentemente encontramos surpresas nela. Fiquei espantado, quase no fim de *The End ofthe Tether,* ao descobrir que o “Fair Maid” tinha ido ao fundo, não por um ato deliberado do capitão Whalley, mas pelas maquinações do inominável Massy. Como se pode cometer um erro tão grosseiro? Certamente eu pensava que conhecia *The End of the Tether* pelo avesso, como conheço tudo neste mundo — e, no entanto, lá estava aquela incrível incompreensão da história, firmemente agarrada em

minha cabeça. Talvez houvesse alguma espécie de crítica em meu equívoco: é possível que o velho capitão quisesse que a coisa acontecesse — já que esta vontade é visível em tudo que acontece antes — e que Conrad, ao apresentar a infâmia pueril de Massy no fim, tivesse de fazer alguns sacrifícios de veracidade interna, sob as exigências do que, no fundo, talvez seja uma história clara e bem-feita até demais. A história, de fato, parece pertencer a um Conrad ainda no começo; meu palpite é que foi escrita antes de *Youth* e certamente antes de *O Coração das Trevas*. Com tudo isto, suas proporções continuam colossais. É uma das maiores narrativas, longa ou curta, velha ou nova, em língua inglesa, e com *Youth* e *O Coração das Trevas* compõe a maior obra de escrita imaginativa que a literatura inglesa do século XX já pôde mostrar.

É verdade que Conrad aprendeu muito depois de escrever *The End of the Tether*. Em *Lord Jim,* em *Vitória* e, principalmente, em *A Personal Record,* há iluminações momentâneas e jatos de brilho de que ele era incapaz naqueles dias de experimentação; mas nenhum outro de seus livros me parece conservar de modo tão firme o alto nível — nenhum outro, como um todo, tão satisfatório e maravilhoso quanto *O Coração das Trevas*. Há neste uma perfeição de projeto que só se encontra rara e miraculosamente em prosa de ficção: pertence mais à música. Não consigo me imaginar tirando uma única frase da história sem deixar uma falha visível; é tão *durch componiert,* do começo ao fim, quanto uma fuga. E nem posso me imaginar acrescentando-lhe uma única palavra sem lhe causar dano. É austeramente perfeito, como o lento andamento da *Sinfonia Inacabada*.

Tenho observado ultimamente uma tendência a se considerar o inglês de Conrad meio bilioso. Esta burrice é cultivada principalmente na Inglaterra, onde, suponho, motivos chauvinistas devem entrar em consideração. É justo o orgulho dos grandes impérios, de que eles atraiam os talentos de longe e de perto, exaurindo as pequenas nações para aumentar o seu próprio poderio; mas é também sua desgraça que estes talentos permaneçam deficientemente assimilados. Conrad continuou eslavo até o fim. As pessoas em seus contos, não importa os nomes que tenham, são tão eslavas quanto ele — o próprio Conrad discordava desta ideia — e a linguagem em que as descreve retém um sabor agudo e exótico. Mas dizer que este sabor constitua um defeito é tão absurdo que só professores e seus joguetes podem dar-lhe crédito. O

verdadeiro escritor de primeira classe não é aquele que usa a linguagem como alguns beócios exigem que ela seja usada; é aquele que a retrabalha a despeito de tais proibições. É seu privilégio que ele pense diferente do que pensam as pessoas comuns; que seja livre da escravidão às ideias embalsamadas, *respeitáveis* e embotadas. Obviamente, ele não pode transmitir suas noções nos termos do dia-a-dia sem violentar a integridade destas noções. O que Conrad trouxe para a literatura inglesa foi um novo conceito das relações entre fato e fato, ideia e ideia, e a contribuição que ele deu à difícil e complexa arte de escrever inglês foi uma nova maneira de juntar as palavras. Seu estilo hoje espanta e irrita os pedantes porque recusa-se a rolar sobre os velhos trilhos. Ora, pois se foi aquele interminável rolar sobre velhos trilhos que ele quis evitar — e foi precisamente o que o tornou quem é. Não há nele nenhum ranço de Oxford, apesar de seu curioso respeito por Henry James. Se não consegue encontrar sua frase acima do chão, vai procurá-la embaixo. Seu inglês, numa palavra, é inocente. E se, às vezes, mergulha num colorido estranho ou mesmo bizarro, deveríamos nos rejubilar — porque uma língua viva é como um homem que sofre constantemente de pequenas hemorragias internas e precisa de transfusões também constantes do sangue novo de outras línguas. O dia em que fecha os portões é exatamente o dia em que começa a morrer.

Um grande homem, este sr. Conrad. Por enquanto, acredito, decididamente subestimado, mesmo por muitos de seus defensores *post-mortem*. A maioria dos seus primeiros admiradores tomou-o erradamente por um mero romântico — um seguidor talentoso, mas meio desajeitado, da tradição de Robert Louis Stevenson, com a espada de pirata substituída por um cris malaio. Mais tarde, passou-se a falar dele como um prodígio linguístico; era inacreditável que um sujeito nascido na Polônia pudesse escrever *qualquer* inglês, e mais ainda que um roceiro da Ucrânia pudesse ostentar um certificado de mestre passado pela marinha mercante britânica. Estas atitudes tão banais agora parecem arcaicas, mas suspeito que foram largamente responsáveis pela lentidão com que a fama de Conrad se espalhou no mundo. De qualquer forma, ele é vastamente menos lido e admirado do que deveria ser.

Quando se pensa que o prêmio Nobel foi dado a nulidades como Benavente, Heidenstam, Gjellerup e Spitteler, com Conrad sendo passado para trás, começa-se a entender a profundidade e densidade da

ignorância prevalente no mundo, mesmo entre os relativamente esclarecidos. Um único *Lord Jim,* como documento humano e obra de arte, vale por todos os Benaventes e Gjellerups desde o tempo de Ramsés II. E nem *Lord Jim* é uma obra-prima por acaso, um pico isolado. Ao contrário, é uma unidade numa longa série de obras extraordinárias e quase incomparáveis — uma série que brotou, de repente e com arrebato, com *Almayer's Folly*. Desafio a nobreza e a classe educada da cristandade a me apontar outra Opus 1 tão magnificamente planejada e construída como *Almayer's Folly*. A cada leitura, parece mais miraculosa. Se não é uma obra de gênio, então não existe nenhuma obra de gênio na terra.

— 1926

15. MÚSICA

BEETHOVEN

Beethoven foi um daqueles homens cuja estatura, vista em retrospecto, só parece crescer. Quantos movimentos não surgiram para pô-lo definitivamente na prateleira? Pelo menos uns dez nos cem anos desde a sua morte. Houve um em Nova York, em 1917, lançado por críticos bocós e estimulado pela febre da guerra: pregava que o lugar de Beethoven seria tomado por profetas das novas luzes, como Stravinski. O saldo daquele movimento foi o de que a melhor orquestra da América foi a falência — e Beethoven sobreviveu sem um arranhão. Claro que o século XIX não foi deficiente em grandes músicos. Produziu Schubert, Schumann, Chopin, Wagner e Brahms, para não citar hordas inteiras de Dvoráks, Tchaikovskis, Debussys, Verdis e Puccinis. Nenhum deles nos deu nada melhor do que o primeiro movimento da *Heróica*. Aquele movimento, o primeiro desafio da nova música, continua a ser a última palavra. É a peça mais nobre de música absoluta já escrita em forma de sonata e é também a mais nobre em música descritiva. Em Beethoven, a distinção entre as duas formas era puramente imaginária. Tudo que ele escreveu era, de certa forma, descritivo, incluindo até as primeiras duas sinfonias, e tudo era música absoluta.

Deve ter sido uma brincadeira dos deuses, a de opor Beethoven, em seus primeiros dias de Viena, ao papa Haydn. Haydn era inegavelmente um gênio e, depois da morte de Mozart, não tinha qualquer razão aparente para temer um rival. Se ele não criou realmente a sinfonia como a conhecemos hoje, pelo menos enriqueceu a forma com suas primeiras autênticas obras-primas — e não com uma ou duas, mas literalmente com dezenas. As mais complexas harmonias pareciam jorrar dele como petróleo de um poço. Mais ainda, sabia como dominá-las, porque era um mestre da arquitetura musical. Mas, quando Beethoven entrou em cena, o velho Haydn teve de descer um degrau. Era uma gazela contra um

touro: com um bramido, o combate terminou.

Os músicos costumam ver neste combate uma mera disputa entre técnicos. Admitem que a habilidade e engenhosidade de Beethoven eram muitíssimo maiores — que tinha um controle mais seguro sobre seu material, mais ousadia e criatividade, um conhecimento muito maior da dinâmica, dos ritmos e dos matizes —, em suma, uma musicalidade tremendamente superior. Mas não foi isto que o tornou tão superior a Haydn — porque este também tinha suas superioridades: por exemplo, seu constante estado de alerta inventivo, sua capacidade para escrever melhores canções. O que alçou Beethoven acima do velho mestre foi a sua dignidade como homem. Os sentimentos expressos por Haydn pareciam os de um pároco de aldeia, de um corretor da Bolsa ou de um violista carinhosamente enternecido por Kulmbacher. Quando chorava, era com as lágrimas de uma mulher que acaba de descobrir uma nova ruga; quando se mostrava feliz, era com a alegria de uma criança na manhã de Natal. Em contrapartida, os sentimentos que Beethoven punha em sua música eram os sentimentos de um deus. Havia algo de olímpico em suas iras e rosnados; e, quando gargalhava, era com um toque do fogo do inferno.

Literalmente, não há um traço de vulgaridade em toda a sua obra. Nunca é doce ou romântico; nunca derrama lágrimas convencionais; nunca toma atitudes ortodoxas. Em suas passagens mais ligeiras, há a imensa e inescapável dignidade dos velhos profetas. Ele se preocupa, não com as agonias transitórias do amor romântico, mas com a eterna tragédia do homem. É um grande poeta trágico e, como todos os grandes poetas trágicos, obcecado pela inescrutável falta de sentido da vida. Da *Heróica* em diante, raramente desligou-se deste tema. Ele ruge através do primeiro movimento da *Dó Menor* e chega à sua estupenda declaração final na *Nona*. Tudo isto era novo em sua época, causando murmúrios de surpresa e até indignação. O passo dado, da *Júpiter* de Mozart para o primeiro movimento da *Heróica,* foi perturbador; os vienenses começaram a ficar inquietos em suas primeiras filas. Mas havia um entre eles que não se inquietou, e chamava-se Franz Schubert. Consulte o primeiro movimento da sua *Inacabada* ou o lento andamento da *Trágica* e constate como o exemplo de Beethoven foi rapidamente seguido — e com que gênio. Houve um longo hiato depois disto, até que o dia 6 de novembro de 1876 amanheceu em Karlsruhe e, com ele, veio a

primeira apresentação da *Dó Menor* de Brahms. Mais uma vez os deuses tinham entrado numa sala de concerto — e entrarão de novo quando nascer outro Brahms, não antes, porque nada pode sair de um artista que já não esteja no homem. O que minimiza a música e todos os Tchaikovskis, Mendelssohns e Chopins? É o fato de que é a música de homens vazios. Bonita, sim, e frequentemente — à sua maneira. É infinitamente engenhosa, profissional e tem certas ideias musicais encantadoras. Mas é tão oca, no fundo, quanto uma bula papal. É música de homens de segunda classe.

Beethoven desprezava todos estes artifícios: não precisava deles. Seria difícil pensar em outro compositor, mesmo de quarta classe, que trabalhasse com um material temático de tão pouco mérito intrínseco. Apropriava-se de canções onde as encontrava; construía-as a partir de fragmentos de motivos folclóricos; à falta do resto, contentava-se com uma simples frase ou algumas notas. Via tudo isto como material em estado bruto; seu interesse se concentrava em como usá-lo. Era a este uso que ele emprestava o impressionante poder do seu gênio. Sua engenhosidade começava por onde outros haviam parado. Suas estruturas mais complicadas retinham a clareza abrangente do Parthenon. E, delas, tirou uma espécie de sentimento que nem os gregos poderiam igualar; Beethoven era preeminentemente um homem moderno, sem o menor traço de barbárie. Em sua música havia o alto ceticismo característico do século XVIII, mas ele lhe insuflou o novo entusiasmo, a nova determinação de desafiar e bater os deuses, típicos do século XIX.

Quanto mais envelheço, mais me convenço de que nunca houve um fenômeno tão portentoso na história da música quanto a primeira apresentação pública da *Heróica,* a 7 de abril de 1805. Os redatores do programa camuflaram a obra com tantas camadas de especulações banais que seus méritos intrínsecos quase foram esquecidos. Seria ela dedicada a Napoleão I? E, se era, a dedicatória seria sincera ou irônica?

E daí? — quero dizer, e daí, para quem não seja surdo? Ela poderia ter sido dedicada a Luís XIV, a Paracelso ou a Pôncio Pilatos, sem fazer a menor diferença. O que a torna digna de discussão, hoje e sempre, é o fato de que, logo na primeira página, Beethoven atirou seu chapéu na arena e proclamou sua imortalidade. Sem concessões, sem pontes fáceis

com o passado. A *Segunda Sinfonia* ficara quilômetros para trás. Nascia uma nova espécie de música, cheia de desafios. Sem introduções melífluas ou conciliatórias; sem rodeios preparatórios para levar a plateia no bico e dar tempo ao regente para encontrar o seu lugar na partitura. Nada disso. Uma furiosa colisão da tríade tônica saía do silêncio e, de repente, sem pausa, a primeira exposição do primeiro assunto — amargo, dominador, áspero, rouco e, curiosamente, belo — com seu impressionante choque contra o elétrico dó sustenido. A carnificina começava cedo; estávamos ainda apenas no sétimo compasso. No 13º. e 14º., o incomparável rolar da escala em mi bemol — e o que se seguia era tudo que já havia sido dito, talvez tudo que *será* dito, sobre como fazer música em grande estilo. Tudo que se fez depois, inclusive por Beethoven, foi à luz daquele exemplo perfeito. Cada compasso da música moderna honesta tem uma dívida de gratidão para com aquele primeiro movimento.

O resto da *Heróica* é beethovenês, mas não a sua quintessência. Diz a lenda que a marcha fúnebre só foi incluída porque era uma época de morticínios por atacado, e marchas fúnebres estavam em moda. Sem dúvida, aquela plateia da estreia em Viena, chocada e confusa pelos sucessivos desafios do primeiro movimento, deve ter ficado grata pela lúgubre melodia. Mas, e o *scherzo*? Outra perversa investida contra o pobre Haydn! Dois gigantes em luta diante de uma orquestra de anões soprando como loucos. Não admira que um sincero vienense gritasse das galerias: “Eu pagaria mais um kreutzer se esta coisa parasse!”. Bem, finalmente parou e então veio algo mais tranquilizador — um tema com variações. Todos em Viena conheciam e adoravam os temas com variações de Beethoven. Ele era, de fato, o mestre dos temas com variações. Mas havia um coringa entre as cartas. As variações ficaram mais e mais complexas e surpreendentes. Coisas estranhas começaram a acontecer e aqueles exercícios tradicionalmente educados tornaram-se tempestuosos, temperamentais, cacofônicos e trágicos. No final, um áspero e exigente tumulto de acordes — era a *Sinfonia em Dó Menor* projetando a sua sombra.

Deve ter sido uma grande noite em Viena. Mas, talvez, não para os próprios vienenses. Eles tinham ido ouvir “uma nova sinfonia em ré sustenido” (sic!). E o que encontraram no Theater-an-der-Wien foi uma revolução.

— 1926

WAGNER

Quando se contemplam as estupendas realizações de Richard Wagner, é difícil deixar de imaginar até que ponto ele teria chegado se não tivesse sido tão atormentado por suas duas detestáveis mulheres. A primeira, Minna Planer, opunha-se implacavelmente à sua obra e fez de tudo para *reformá-lo*. Achava *Lohengrin* incompreensível e *Tannhauser* indecente. Sua esperança, até que Wagner a chutasse, era a de que parasse com aquilo e se dedicasse à composição de óperas respeitáveis à maneira de Rossini. Minna era cantora — e tinha cérebro de cantora. Parece claro que a presença de uma mulher destas — e Wagner viveu com ela durante 20 anos — deve ter sido um fardo tenebroso sobre o seu gênio criativo. Nenhum homem consegue ser indiferente aos preconceitos e opiniões de sua mulher. Ela tem oportunidades demais para enfiá-las pela garganta dele. Se não pode obrigá-lo a ouvi-la vociferando e balindo, pode fazê-lo com uma voz fanhosa e hipócrita. Supor que ele consiga prosseguir no seu trabalho sem lhe prestar atenção equivaleria a supor que ele trabalhasse sem ligar para uma dor de dentes, para sua consciência ou para o zoológico da vizinhança. Apesar de Minna, Wagner compôs um punhado de dramas excelentes. Mas se a tivesse envenenado no começo de sua carreira, teria composto muitos outros mais, talvez até melhores.

Sua segunda mulher, a celebrada Cosima Listz-von Bülow, era bem mais inteligente do que Minna, donde podemos presumir que sua presença na produção musical de Wagner tenha sido menos prejudicial. Infelizmente, parece que ela também mais o atrapalhou que ajudou. Para começar, seu rosto era horroroso — e nada é mais prejudicial para a faculdade criativa do que a constante presença da extrema feiúra. Cosima, de fato, lembrava as mulheres de hoje que se metem em política; até mesmo Nietzsche, um jovem romântico, teve de enlouquecer antes de se apaixonar por ela. Em segundo lugar, há boas razões para se acreditar que, até a morte de Wagner, ela secretamente acreditava que seu pai, o velho Franz, era um músico muito melhor. Esposas invariavelmente incorrem neste erro; encontrar uma que consiga separar o homem de

gênio do mero marido, e então avaliar o primeiro com exatidão e justiça, é raríssimo. Toda mulher respeita seu pai, mas sua visão do marido é misturada com o desprezo, porque só ela sabe dos óbvios estratagemas que usou para capturá-lo. É difícil para ela, sendo tão agudamente consciente das fraquezas do homem, dar o devido peso à dignidade do artista. Cosima, além disso, tinha péssimo gosto, o que pode ter agido destrutivamente sobre o pobre Wagner. Há partes de *Parsifal* que a sugerem fortemente — muito mais do que sugerem o autor de *Die Meistersinger*.

Não estou depreciando Wagner; ao contrário, respeito-o, talvez excessivamente. É desconcertante pensar na obra que deixou, com Minna e Cosima azucrinando seus ouvidos. O que me interessa é perguntar se ele teria ido muito além sem a presença daquelas duas e de seus voluntários assistentes. A ideia é fascinante, mas também alarmante. Há um limite além do qual a beleza pura torna-se dilacerante. Em *Tristão e Isolda,* no *Anel* e até em trechos de *Parsifal,* Wagner força sua música até perto deste limite. Um pouquinho à frente fica a quarta dimensão do espírito — e a loucura.

— 1924

TEMPO DI VALSE

A valsa nunca sai completamente de moda, fica apenas de tocaia; de vez em quando, faz um triunfal retorno, para tormento e corrupção da pureza química. As danças populares que surgem e somem são muito grosseiras para pôr em perigo seres humanos civilizados; sugerem tomar cerveja direto do barril; o mais elementar bom gosto é suficiente para nos anestesiar contra elas. Mas, e a valsa? Ela se esgueira, é insidiosa, apaziguadora, linda. Faz o seu trabalho, não com um alarido colegial ou uma explosão numa fábrica de munições, mas com o sussurro das árvores, o murmúrio do mar e outras imagens antigas. O jazz só atrai os bárbaros, vulgares e capiaus. Mas há qualquer coisa mística em *Wiener Blut* ou em *Künstlerleben* que atrai até os filósofos.

A valsa é, na verdade, magnificamente indecorosa, porque torna lúbrico o espírito. Arrisco-me a dizer que as composições de Johann Strauss já fisgaram mais rapazes e moças do que todos os astros de

cinema e caçadores de escravas brancas desde a queda do Império Romano do Ocidente. Há algo de irresistível na valsa. Aplique-a na mais gorda e patusca ou na mais magra e ácida das mulheres, e em dez minutos ela estará pronta para o mais clandestino dos beijos atrás da porta. Seguido, naturalmente, da embaraçosa queixa de que seu marido não a compreende, que bebe demais e que está indo amanhã, a negócios, para Cleveland, Ohio.

— 1919

JOHANN STRAUSS

O centenário de nascimento de Johann Strauss, o Moço, passou quase despercebido nos Estados Unidos, em 1925. Em Berlim e Viena, foi celebrado com cerimônias imponentes, e as rádios não paravam de tocar *Wein, Weib und Gesang* (Vinho, mulheres e música) e *Rosen aus dem Süden* (Rosas do sul). Por que isto não aconteceu aqui? Deve-se pôr a culpa na maldição do jazz — ou teria sido a atual pestilência da Proibição e a consequente escassez de boa cerveja no mercado? Inclino-me para a resposta número dois. Qualquer música já é difícil quando movida a água da bica, mas a valsa é uma absoluta impossibilidade. *Man Lebt Nur Einmal* é tão terrível num país sob Lei Seca quanto uma marcha de John Philip Sousa num enforcamento.

Pois a essência de uma valsa vienense, especialmente uma de Strauss, é a alegria, a felicidade, o bom humor. Claro, já se escreveu música triste em Viena — mas principalmente por estrangeiros: Haydn, que era croata; Beethoven, que foi alimentado com o ácido vinho do Reno; Brahms, que veio da gelada costa do Báltico. Bem, houve Schubert, que era vienense, mas, quando ele entra em cena, todas as regras tornam-se letra morta. Quanto a Strauss, era 100% vienense e classificá-lo de menos que isto o indignava. A valsa andou flertando com Paris, nas mãos de um sardônico judeu alsaciano, Waldteufel, mas foi em Viena que ela saltou dos teclados para os salões, conduzida por Johann Strauss, o Velho, e por seu filho, o Moço. Os dois, extraindo um pouco de Schubert e outro tanto do folclore, guindaram-na a um esplendor imperial. Nenhuma outra forma de dança, nem mesmo o minueto, produziu até agora música mais deliciosa. E nenhuma outra preservou tão perfeitamente a euforia regada a cerveja

das danças camponesas. As melhores valsas de Strauss foram escritas para a mais pomposa e cerimoniosa corte da Europa, mas, em todas elas, permanecia o sabor expansivo do verde da aldeia. Mesmo a solene valsa do *Kaiser,* com seu retinir de sabres e cliques de botas no espaço, logo entrava no ritmo brincalhão da rústica *Springtanz.*

É curioso, melancólico e repulsivo o fato de que Johann Strauss II tenha sido educado para exercer aquele ramo da delinquência conhecido como especulação financeira. Seu pai queria que ele se tornasse o que, em nossos dias, é chamado de vendedor de apólices. Como os pais são umas bestas! Este, em particular, era um grande mestre da valsa, e, no entanto, acreditava que poderia salvar os três filhos da sua sedução lasciva. O jovem Johann se dedicaria às apólices, Josef à arquitetura e Eduard, o caçula, ao Direito. O velho morreu a 25 de setembro de 1849. No dia seguinte, todos os três estavam escrevendo valsas. Johann, como ficou claro de saída, era o melhor do trio. Na realidade, era o melhor músico que já tinha composto valsas dançantes e seria um dos compositores mais conhecidos de todos os tempos. Ele tomou a valsa de onde seu pai a deixara e gradualmente envolveu-a numa forma quase sinfônica. Desenvolveu a introdução, que até então era pouco mais que uma fanfarra, numa coisa complexa, quase uma *overture,* e elaborou a coda até que esta passou a exigir todos os recursos do compositor, incluindo até o contraponto. Na própria valsa em si, ele enxertou tanta riqueza melódica e invenção rítmica, além de ser um mestre da orquestração, que o efeito ficou estonteante. Um efeito que não era formal ou óbvio nem por um instante, mas carregado de sutilezas nas mudanças de tons e na variedade dos baixos. E suas codas — tão simples e, ao mesmo tempo, tão extasiantes.

Johann certamente não precisava ser modesto. Era uma importante figura na corte austríaca e, quando passava, pescoços se espichavam para vê-lo, como se fosse um embaixador. Viajava largamente e era recebido com honras de Estado em toda parte. Suas valsas inundaram o mundo. Suas operetas, que vieram em seguida, puseram na sombra as peças de Gilbert e Sullivan. Vivia abarrotado de encomendas. Ganhou muito dinheiro e deixou bem de vida todas as suas mulheres. E, melhor ainda, tinha o respeito e até alguma inveja de todos os seus contemporâneos musicais. Wagner, assim como Brahms, adorava suas valsas. Certa vez, uma das mulheres de Strauss encontrou Brahms numa festa e pediu- lhe

que autografasse seu leque. Ele escreveu no leque o tema de abertura do *Danúbio Azul* e acrescentou, "Leider *nicht* von Johannes Brahms" — Infelizmente, *não* por Johannes Brahms. Era um cumprimento, sem dúvida — talvez o mais elogioso que a história já registrou —, e não foi por mera cortesia, porque Brahms já tinha escrito montes de valsas e sabia que isto não era tão fácil quanto parecia.

Os peixes miúdos seguiram a baleia. Nunca houve qualquer sombra de discussão a respeito de Strauss, de sua categoria. Seu campo não era vasto, mas, dentro dele, ninguém poderia desafiá-lo. Tornou-se, no fim, o deão de uma espécie de universidade de compositores de valsas, com sede em Viena. A valsa, levada por ele à perfeição, tornou-se a dança favorita do mundo civilizado e, embora tivesse de enfrentar sucessivas rivalidades, continuou a reinar por duas gerações — e, mesmo hoje, apesar da morrinha do jazz, está mais uma vez de volta. Discípulos de talento começam a aparecer na esteira straussiana — Ziehrer com a linda *Wiener Madl,* Komchak com *Fidelis Wien*, Lincke com *Ach, Frühling, Wie Bist Du So Schòn,* e muitos outros. Mas Johann nunca perdeu a primazia. Até o dia de sua morte, em 1899, ele foi o *primus inter omnes*. Viena chorou um mar de lágrimas com cerveja sobre seu túmulo. Um grande vienense, talvez a última flor da velha Viena, havia partido.

— 1927

ÓPERA

A ópera, para ouvidos mais sensíveis à beleza, deve parecer inevitavelmente detestável e espalhafatosa, por apresentar esta beleza num cenário de puro mau gosto e grosseiras sugestões de provocação sexual. É patrocinada em grande parte, em todos os países, pela mesma espécie de sensualistas ricos que também financiam as comédias musicais. Pode-se encontrar na sala de seus diretores o mesmo ranço de sociedade anônima do mais reles teatro de revista. Estes vermes, naturalmente, posam para os jornais como devotos e fanáticos *partisans* da arte. Mas basta observar o tipo de ópera de que eles gostam para se ter a medida de sua verdadeira discriminação artística.

O autêntico apreciador de música pode até aceitar a casca da ópera para chegar ao cerne da música que ela deve conter, mas isto não quer

dizer que ele aprove esta casca ou que goste de mastigá-la. Muitos músicos, de fato, preferem ouvir música operística fora dos teatros de ópera; isto explica por que se ouve tanto coisas menores como *A Cavalgada das Valquírias* nas salas de concerto. *A Cavalgada das Valquírias* tem um certo valor intrínseco como pura música; executada por uma orquestra competente, pode fornecer algum prazer civilizado. Mas como é normalmente apresentada em casas de ópera, com uma manada de megeras gordas atirando-se sobre o palco, seu efeito só pode ser circense. O tipo de gente que aprecia tais espetáculos deve ser o que decora sua casa com móveis pé-de-palito — e eles são a maioria em toda casa de ópera a oeste do Reno. Vão à ópera, não para ouvir música, nem mesmo para ouvir música de segunda classe, mas apenas para assistir a um circo mais ou menos obsceno. Uns poucos, talvez, tenham outros propósitos; desejam participar daquele circo, mostrar-se na presença de gente *fashionable,* encantar os jecas com o seu esplendor. Mas a maioria se contenta mesmo com objetivos mais modestos. O que ganham pelos escandalosos preços que pagam por uma poltrona é a chance de festejar seus olhos com a visão dos membros do *demi-monde* e de rebaixar-se diante deles, sob os holofotes do seu próprio território. Eles avaliam uma *performance,* não em proporção à música que esteja em jogo, mas em proporção ao número de personalidades no palco e à exibição dos ricos nos camarotes. Uma soprano que soe como uma araponga ao atingir o fá sustenido significa mais para esses pobres diabos do que uma pilha inteira de Johann Sebastian Bachs; a única rival desta soprano, em todo o domínio da arte, será a contralto, que ganha uma pensão de um antigo duque europeu e de quem se diz que foi *enceinte* por vários acionistas.

A música que estes capiaus aplaudem é, frequentemente, quase tão marca-barbante quanto eles próprios. Para se escrever uma grande ópera, não bastam conhecimentos de harmonia e contraponto; deve-se ser também uma espécie de P. T. Barnum [dono de circo e autor da famosa frase “No mundo inteiro, nasce um idiota a cada segundo” (N.T.)]. Todos os músicos de primeira classe que triunfaram na ópera também se faziam de saltimbancos, só que com talento. Cito apenas Wagner e Richard Strauss. A ópera é um negócio como qualquer outro, com pouca relação com a música. Toda a música contida em muitas óperas populares — por exemplo, *Thais* — pode ser reduzida a menos do que se encontra em uma ou duas valsas de Gung’l. Uma ópera pode até

conter música de primeira e fracassar; mas se apresentar um espetáculo luxuoso, será um sucesso.

Um compositor como Wagner, naturalmente, seria incapaz de escrever até mesmo uma ópera sem enxertá-la de música. Em toda a sua obra, inclusive *Parsifal,* há passagens magníficas e algumas bastante longas. Aqui ele foi vencido pelo seu gênio natural, que o fez esquecer temporariamente em que estava se metendo. Mas estas passagens magníficas passam despercebidas pelas plateias comuns de ópera. O que elas mais gostam é precisamente o que há de mais vulgar e digno de um parque de diversões — por exemplo, os trechos mais lascivos de *Tristão e Isolda*. A música que sai dali é um tédio. O Wagner que elas veneram não é o músico, mas o mestre de cerimônias. Que ele tinha um fraco por mecenas e até se deixou seduzir pela filha de Listz — estes fatos, e não o seu estupendo talento, são os que sustentam o seu prestígio nas casas de ópera.

Homens superiores, mas sem o seu jeito para negócios, fracassaram onde ele venceu — Beethoven, Schubert, Schumann, Brahms, Bach, Haydn. Nenhum deles produziu uma ópera realmente bem-sucedida; a maioria nem tentou. Imagine Brahms escrevendo para aquelas cavalgaduras endinheiradas. Ou Bach. Ou Haydn. Beethoven bem que tentou, mas meteu os pés pelas mãos: *Fidelio* sobrevive hoje principalmente como um leque de *overtures* de concertos. E Schubert escrevia mais música de verdade, entre dez da manhã e a hora do almoço, do que um compositor médio de ópera seria capaz em 250 anos — e, mesmo assim, Schubert fracassou na sala de ópera.

— 1918

16. ARTES MENORES

PINTURA

Para mim, a pintura parece uma forasteira no mundo das artes. Seu problema é o de que lhe falta movimento, ou seja, a principal função da vida. O melhor à que um pintor pode aspirar é registrar a sensação de um instante, o aspecto momentâneo de alguma coisa. Se quiser sugerir movimento real, terá de fazê-lo por truques palpáveis, os quais pertencem mais ao domínio da carpintaria do que ao da arte. O que um pintor produz pode ser comparado a um simples acorde em música, sem preparação ou resolução. Pode ser bonito, mas sua beleza não se enquadra nitidamente num escalão superior, e a mente logo se cansa dela. Se um homem se posta diante de um quadro por mais de cinco ou dez minutos, é geralmente um sinal de afetação; está tentando se convencer de que tem percepções mais delicadas do que os mortais. Ou talvez seja ele próprio um pintor, interessado pelos aspectos técnicos do quadro, assim como um encanador contempla embevecido uma torneira instalada por um concorrente. Pode ser também que esteja encantado pela história contada pelo quadro — ou seja, pela literatura que o quadro ilustra.

A escultura é um pouco melhor. O espectador, diante de uma estátua, não está vendo algo morto, embalsamado e fixo numa moldura; vê algo que se move quando *ele* se move. Uma bela escultura, em outras palavras, não é uma escultura, mas centenas delas, talvez até milhares. A transformação de uma em outra é infinitamente agradável; sai-se dela com um estímulo tão satisfatório quanto o provocado por um quarteto de cordas. O mesmo se dá com a arquitetura: esta não apenas rodopia, mas move-se verticalmente à medida que o espectador se aproxima. Quando se passa por um belo edifício, tem-se uma sensação que ultrapassa a de um mero acorde; lembra mais o efeito de todo um cortejo de acordes, como no começo do andamento lento da sinfonia *Novo Mundo* ou o do

conhecido e sovado prelúdio de Chopin. Se fosse um quadro, não demoraria a arrancar bocejos. Ninguém, depois de alguns dias, lhe botaria de novo os olhos.

Este vazio intrínseco da pintura tem os seus efeitos até sobre aqueles que mais vigorosamente a defendem como a rainha de todas as artes. Ouve-se falar de pessoas "superlotando as galerias", mas sempre se descobre — basta perguntar — que o que elas realmente superlotam são as salas de mostruário. Em outras palavras, extraem seu maior prazer contemplando uma interminável sucessão de quadros *novos,* e a profusão de acordes acaba produzindo, no final, uma espécie de satisfação confusa. As outras artes produzem um apelo muito mais poderoso e permanente. Já ouvi cada uma das oito primeiras sinfonias de Beethoven mais de cinquenta vezes, e a maior parte das de Mozart, Haydn, Schubert e Schumann quase tanto. No entanto, se a *Dó Menor* de Beethoven fosse apresentada esta noite, iria ouvi-la de novo. E não perderia um segundo dela. Até música de categoria inferior pode conquistar esta qualidade duradoura. Outro dia fui ouvir a valsa de Strauss, *Geschichten aus dem Wiener Wald* (Contos dos Bosques de Viena), pela primeira vez, em muitos anos. Eu a conhecia bem em meus tempos de lubricidade e, anos depois, cada nota continuava familiar. Mesmo assim, deu-me imenso prazer. Imagine alguém extraindo este mesmo prazer de um quadro de calibre correspondente — um quadro tão familiar que este alguém possa reproduzi-lo de memória.

Os pintores, como os barbeiros e ferreiros, são capazes de falar enquanto trabalham, o que lhes permite gabar-se mais de sua arte do que os outros artistas; o mundo, em consequência, passa a acreditar que ela é muito complexa e cheia de sutilezas. Isto não é verdade. A maior parte de suas supostas sutilezas são gabolices de pintores que não sabem pintar. Os verdadeiros pintores de categoria tinham pouco a dizer sobre a técnica de sua arte e pareciam não se dar conta de sua dificuldade. Observe os estudos e *sketches* de Leonardo: você descobrirá que ele era muito mais interessado em anatomia do que em pintura. Na realidade, pintar era para ele uma espécie de segunda natureza; era, em primeiro lugar, um engenheiro, e a engenharia que mais o fascinava era o corpo humano. Vejamos, então, Cézanne. Ele pintava da maneira que lhe parecia a mais natural e ficou surpreendidíssimo quando um grupo de maus pintores, tentando imitá-lo, passou a creditá-lo no Boul' Mich' (Boulevard St.

Michel) com uma longa série de teorias mais ou menos místicas, a partir do verbete sobre ótica na Encyclopaedia Britannica.

Os homens mais remotos do Paleolítico já eram pintores consumados. Estavam ainda tão perto dos macacos que nem sequer tinham inventado o arco e flecha, a usura, a forca ou o batismo por imersão total — e, no entanto, já eram ótimos desenhistas. Alguns de seus desenhos nas paredes das cavernas continuam mais competentes que a maioria das ilustrações das revistas de hoje. Também esculpiam em pedra e modelavam em gesso, e eram poetas tão competentes como alguns de nosso tempo. Mais importante, eles se mudaram das cavernas para casas artificiais, e os princípios do *design* de arquitetura que criaram, na verdadeira aurora da história, continuam imutados até hoje, sendo papagueados até pelos arranha-céus que apontam suas torres contra os querubins. É verdade que aqueles homens primitivos não sabiam desenhar tão bem quanto uma câmara fotográfica, mas não ficavam nada a dever a, digamos, Matisse ou Gauguin. Todo o progresso feito pela pintura nos últimos cinquenta ou sessenta anos tem sido baseado em sorrateiros furtos contra a máquina fotográfica ou o espectroscópio. Quando um pintor professa o seu desprezo por esses avanços científicos, estamos diante de um pintor incapaz, na realidade, de pintar ou desenhar, e que tenta esconder sua incompetência através de uma prestidigitação verbal. Esta é a origem da arte moderna e de toda esta conversa fiada sobre cubismo, vorticismo, futurismo e outras tolices.

Considero qualquer ser humano que, com instruções apropriadas, não consiga aprender a desenhar relativamente bem, como um débil mental. Estará num estágio cultural anterior até àquele dos Cro-Magnons. Já o ser humano incapaz de escrever um verso passável, este simplesmente não existe. Costuma ser feito, como todos sabem, até por crianças — e às vezes tão bem que seus poemas saem em livros e merecem solenes estudos. Mas a grande música nunca é escrita por crianças — e não estou me esquecendo de Mozart, Schubert ou Mendelssohn. A música pertence ao último estágio da cultura; compô-la em grande estilo requer extremo aprendizado e a mais alta habilidade natural. É complexa, delicada, difícil. Um jovem prodígio pode mostrar algum talento, mas nunca chegará a nada que possa ser classificado de maestria antes da maturidade — antes de ele se dobrar à experiência. O mesmo acontece com a prosa. A prosa não tem biombos onde se

esconder, como tem a poesia. Não pode usar máscaras ou perucas. Não é espontânea, mas deve ser fabricada pelo pensamento e pelo esmero. Dá trabalho. Depois da música, é a mais importante entre todas as artes e é, de longe, a mais importante das artes que lidam com a palavra.

— 1921

O ARTISTA

Pode-se dizer com bastante segurança que qualquer artista de alguma dignidade é contra seu país, *i. e.*, contra o ambiente em que Deus o plantou — assim como se pode dizer que aquele país também é contra o seu artista. Uma qualidade especial que faz deste homem um artista poderia ser definida como uma extraordinária capacidade de irritação, uma sensibilidade patológica às ferroadas que este ambiente lhe inflige. O artista difere de nós principalmente porque reage prontamente e de maneira incomum a fenômenos que nos deixam paralisados ou, no máximo, vagamente aborrecidos. Ele é, em suma, um sujeito mais frágil do que nós e menos apto a prosperar e se divertir sob as mesmas condições de vida que levamos. Seu trabalho artístico é, portanto, uma crítica da vida e, ao mesmo tempo, uma tentativa de escapar da vida.

Como teoria, chega. Vamos aos fatos. Quanto mais se estudam esses fatos, mais eles sustentam a teoria. Em todos os campos da arte — ou, pelo menos, nos que lidam com as ideias e sensações —, é quase impossível encontrar o rastro de um artista que não tenha sido ativamente hostil ao seu ambiente e, portanto, um patriota indiferente. De Dante a Tolstoi e de Shakespeare a Mark Twain, a história é a mesma. Outros nomes vêm à mente num relâmpago: Goethe, Heine, Shelley, Byron, Thackeray, Balzac, Rabelais, Cervantes, Swift, Dostoievski, Carlyle, Molière, Pope — todos críticos amargos de seu tempo e nação, muitos deles odiados por seus contemporâneos e alguns até fugitivos de iras e represálias.

Dante condenou todos os patriotas italianos de seu tempo ao Inferno, e descreveu-os fervendo, fritando e se debatendo em ganchos. Cervantes desenhou um quadro tão devastador da Espanha em que vivia que quase arruinou os espanhóis. Shakespeare fez dos estrangeiros seus heróis e, dos ingleses, seus palhaços. Goethe era a favor de Napoleão. Rabelais, um

cidadão da cristandade e não da França, chacoalhou de tal forma esta cristandade que até hoje ela não se recuperou. Swift, tendo liquidado os irlandeses e depois os ingleses, partiu para liquidar o resto da espécie humana. As exceções são poucas e espaçadas, e não muitas delas merecem investigação.

Pelo que sei, o único escritor eminente na história inglesa e que era 100% inglês, acima de qualquer suspeita, foi Samuel Johnson. A Ku-Klux-Klan de seu tempo passou-lhe um atestado de sanidade; ele foi o Roosevelt do século XVIII. Mas seria Johnson realmente um artista? Se era, então um corneteiro pode ser chamado de músico. Ele usou os materiais de uma das artes — as palavras —, mas seu uso delas foi exortatório, não artístico. Johnson foi o primeiro rotariano do mundo. Vivo hoje, seria um senador dos Estados Unidos ou um reitor de universidade. Deixou tantas feridas na prosa inglesa que levamos um século para curá-las.

— 1924

REFLEXÃO SOBRE A ARTE DRAMÁTICA

A arte dramática (incluindo nela o cinema e o rádio) é a mais democrática de todas as formas de arte, e talvez a única que possa legitimamente se considerar assim. A pintura, a escultura, a música e a literatura, se exibirem algum conteúdo estético ou intelectual, não são para as multidões, mas para indivíduos selecionados, quase todos sofrendo do fígado. Três destas quatro artes são para se desfrutar em solidão. Mesmo a arquitetura e o ritual religioso apelam principalmente para o homem como indivíduo, não como um animal de massa. Pode-se entrar numa igreja abarrotada, mas se for uma igreja que cresceu da picuinha teológica para a beleza da cerimônia, uma pessoa, em teoria, pode sentir-se sozinha com Jeová. E se, ao passar pela Quinta Avenida, em Nova York, na balbúrdia das cinco da tarde, alguém resolver postar-se diante da igreja de St. Thomas para abeberar-se da beleza daquela fachada arcaica, terá de fazê-lo *a cappella:* entre todos os transeuntes, nem um em mil olhará para ela.

Mas a arte dramática, como representação, é inconcebível exceto como um espetáculo para a multidão e por isso precisa camuflar-se para

sobreviver. Seu apelo se dirige, não aos indivíduos como tais e nem aos indivíduos como unidades de uma multidão, mas à multidão como multidão — uma coisa bem diferente, como Gustav Le Bon já demonstrou em sua *Psychologie des Foules*. Assim, o conteúdo intelectual da arte dramática, bem como seu alcance estético, deve limitar-se à capacidade mental da multidão — e, o que é mais importante, ao leque dos seus preconceitos. O melhor que um dramaturgo pode esperar fazer é conferir uma expressão pungente e emocionante a uma ideia tão simples que qualquer homem médio possa entendê-la de saída, e tão banal que este homem a aprove sem restrições.

Vamos consultar os fatos. Quanto mais se penetra no suposto teatro de ideias do último século, mais corremos o risco de cair no vácuo. *La Dame aux Camélias,* do jovem Alexandre Dumas (o *stammvater* de todas as peças de "problema" e propaganda que surgiram desde 1852), se baseia na frívola tese de que uma prostituta é um ser humano como você ou eu, que sofre dos mesmos problemas e que potencialmente é digna do Céu. *La Mariage d'Olympe,* de Augier (1854), é ainda mais imbecil: seus quatro atos são devotados a demonstrar a revolucionária descoberta de que não é aconselhável a um jovem de boa família casar-se com uma *cocotte* mais velha. Passemos agora a Ibsen. Aqui encontramos um buquê inteiro de chavões — de que é desagradável para uma mulher ser tratada como uma boneca; que os patriotas profissionais são uns embusteiros; que o sucesso nos negócios se deve a práticas que um homem honesto nunca aceitaria; que uma mulher que continua a viver com um homem devasso pode ter filhos problemáticos; que uma dor em comum pode reunir marido e mulher em crise; que uma mulher neurótica costuma preferir a morte à maternidade; que um homem de 55 anos será um tolo se se apaixonar por um brotinho de dezessete. Pensa que exagero? Então leia a *Nachgelassene Schriften* do próprio Ibsen e veja as ideias que ele se dispôs a desenvolver em suas peças e os sucintos sumários de suas teses. Tais *ideias* são as que se encontram em editoriais de jornais, discursos de congressistas e sermões religiosos — em suma, na literatura expressamente dirigida àquelas pessoas cujas cabeças parecem impermeáveis a ideias.

O próprio Ibsen, excelente poeta e um homem de reflexão, não tinha a menor ilusão sobre o seu *teatro de ideias*. Ficou espantado ao saber que a sentimental classe média alemã estava louvando *Ein Puppenheim* como

um documento revolucionário; protestou amarga e frequentemente por estar sendo confundido com um profeta do feminismo. Seu único interesse nesta peça e nas outras que se seguiram era principalmente técnico; estava apenas tentando substituir a peça *bem-feita,* de Scribe & Cia., por algo mais simples, mais elástico e mais confortável para o personagem. Escreveu *Espectros* para rir dos idiotas que tinham visto algo novo e horrível em *Casa de Boneca,* queria provar-lhes que aquela ideia não passava de um clichê. Logo em seguida, desgostou-se por completo do *teatro de ideias*. Ridicularizou-o cruelmente em *O Pato Selvagem* e fez dos ibsenistas baratos seu principal alvo. Em *Hedda Gabler,* pregou uma peça nos fanáticos por ele próprio, construindo uma peça de primeira ordem a partir dos materiais mais velhos e sovados de Sardou, Feuillet e até de Meilhac e Halévy. E, começando por *O Pequeno Eyolf,* jogou no lixo todo o *teatro de ideias* e aderiu ao misticismo. O que poderia ser mais cômico do que o esforço de críticos talmudistas para ler uma tese sobre *Quando Acordarmos entre os Mortos?* Já passei algumas horas rolando de rir, lendo seus comentários. Ibsen, se vivo, também teria rolado — assim como gargalhou das tentativas dos críticos de injetar portentosos significados a *Solness, o Construtor,* no fundo apenas o epitáfio sentimental de um caso de amor que ele havia tido aos sessenta anos.

A noção de que há ideias no *teatro de ideias,* na verdade, está confinada a uma classe especial de *illuminati,* cujo principal caráter visível é a capacidade para ingerir besteiras. A multidão domina o teatro e, com isso, o teatro permanece infantil e trivial — um cenário, não para a exposição de ideias, nem mesmo para a exibição da beleza, mas apenas para um desfile de vulgaridades mentais. E é pior ainda quando os dramaturgos tentam corromper esta função, injetando-lhe algum propósito intelectual ou moral. Ele fica melhor quando se confina às irrealidades que são a sua essência, à bufonaria que está no fundo de tudo que conhecemos hoje da vida humana. Shakespeare foi o seu maior artesão: não desperdiçava raciocínios torturantes em suas peças. Em vez disso, povoava-as com os heróis destrambelhados que todos vemos em nós mesmos ou com os blefes e palhaços que já somos. Nenhum problema psicopático o atraía; ele usava o amor, a ambição, a vingança e a gabolice do jeito que os encontrava. Não mantinha uma clínica em algum apartamento encardido na Noruega: seu campo era a Boêmia, a

gloriosa Roma, o Egito, a Arcádia. Mas mesmo Shakespeare, com toda a vasta potência de sua poesia, não pôde conter por muito tempo os talmudistas dispostos a fuçar significados invisíveis em sua obra. Pense em todos os livros que já foram escritos sobre as *ideias* profundas e revolucionárias nos enluarados devaneios daquele frívolo esquizofrênico Hamlet da Dinamarca!

— 1920

ARRIÈRE-PENSÉE

Homens de todas as profissões contemplam qualquer ator com a testa franzida e um risinho de mofa; eu mesmo, em busca de oportunidades para demonstrar minha superioridade, já os ataquei muitas vezes, vaiando e assoviando. Mas, em dias de chuva, costuma me ocorrer que 90% deste desprezo masculino por atores pode ser um disfarce — que os homens não gostam de atores, não porque estes sejam intrinsecamente nauseantes, mas porque as mulheres gostam deles —, em suma, por ciúme e inveja. As mulheres *gostam* deles e seria tolice negá-lo; nem mesmo aviadores chegam-lhes aos pés em admiração; um clube feminino que anunciar uma conferência sobre Shakespeare por Lionel Balderdash superlotará de adolescentes e até avós.

Bem, por que tanta atração? Todo ator é um sujeito vazio de ideias; é artificial; é ignorante; é preguiçoso; é absurdamente adulado; tem os modos de um garçom ou de um ginecologista da moda. Com tudo isso, as moças se inclinam indubitavelmente para ele. A resposta para isso, como a resposta para todas as charadas humanas, não cabe numa única frase. Parte dela, imagino, pode residir neste fato: o de que o ator sugere mais um artista do que um negociante e, por isso, não demonstra nem um pouco do desinteresse social que faz parte das profissões autênticas. A mulher americana média está farta dos negociantes e de suas maneiras. Seu marido é um típico negociante; seus amigos são negociantes; a maior parte dos homens que ela conhece é negociante. Ela sabe, por longa experiência, que são todos uns paspalhões e se revolta contra o ingênuo sentimentalismo e estupidez que eles exibem. Mas, quando ela entra em contato com homens superiores, parece perder alguma coisa. Estes homens são tão inteligentes quanto ela e, por isso, não a levam a sério;

toda a técnica que ela acumulou fica em pedaços. Vejamos agora o ator. Mesmo mostrando os sinais exteriores de um profissional, ele é, no fundo, tão simplório quanto um negociante de queijos. Assim, quando ele se volta para uma mulher, dá-lhe a ilusão de estar sendo cortejada por um homem que é, ao mesmo tempo, um intelectual e um idiota — ou seja, alguém que seja o seu igual, mas que ela possa escravizar —, em suma, o homem de seus sonhos. E, para contribuir com esta alucinação benigna, o ator tem aquele elaborado ar de gentileza, urgência e untuosidade — componentes essenciais à sua profissão, tanto quanto a barba impecavelmente bem feita, a voz empostada ou o perfeito caimento de suas calças.

Existe ainda outra coisa, que me foi revelada confidencialmente por um agente teatral nos seguintes termos: "Vou lhe fazer uma pergunta. A que horas do dia homens e mulheres começam a se encontrar socialmente? De manhã? Não. A esta hora os homens estão muito ocupados. No começo da tarde? Não, pela mesma razão. Os homens só começam a relaxar por volta de cinco da tarde. Bem, vamos considerar agora o dia de um ator. Digamos que não haja matinê. Ele se levanta às duas da tarde, toma o seu café da manhã, lê o *Morning Telegraph* durante uma hora, toma banho, se barbeia, gasta meia hora escolhendo uma gravata, e só então sai. Considere agora suas vantagens quando conhece uma mulher. *Ele acabou de se barbear*. Todos os outros homens se barbearam oito ou nove horas antes. Já começam a parecer amarfanhados e sujos. Mas o ator está tinindo como um ovo cozido. É o que atrai as mulheres. Elas gostam de homens corajosos, assim como gostam de ser notadas por homens importantes. Mas, acima de tudo, gostam mesmo é de um homem que parece ter saído de uma barbearia. Só isto".

Talvez, mas continuo a detectar outras razões além do horizonte. Os homens não gostam dos atores porque as mulheres gostam deles, mas também não gostam deles por conta própria. Talvez a objeção fundamental a eles, expulsando deste assunto qualquer sofisticação ou esnobismo, é a de que os atores entregam de bandeja a vaidade idiota de todo o sexo masculino. Um ator é apenas um homem que se emperiquita todo para falar em voz alta de *si mesmo* o que todos os homens normais pensam de *si mesmos*. Com isto ele expõe, de maneira indiscreta e desconcertante, toda a força da vaidade masculina. Mas duvido que ele a

exagere. Nenhum homem sadio é modesto. Nenhum homem sadio realmente pensa ou fala de outra coisa que não seja de si mesmo. Sua conversa é uma bazófia sem fim — às vezes encoberta, mas sempre presente. Mesmo a sua teologia raramente passa de uma atrevida comparação entre ele e Deus, para desvantagem de Deus. A garota mais inexperiente sabe disso tudo. A estratégia feminina, no duelo entre os sexos, consiste quase inteiramente em alimentar esta vaidade. O homem faz amor por gabolice. A mulher faz amor fingindo acreditar.

— 1919

17. BUFONÁRIAS

UM ANIVERSÁRIO ESQUECIDO

No dia 20 de dezembro último [1917] passou em branco entre nós, sem qualquer reconhecimento público, uma das mais importantes datas profanas da história americana: o 75º. aniversário da introdução da banheira nos Estados Unidos. Nem um único encanador soltou um rojão ou hasteou uma bandeira, nem o governo o proclamou um feriado facultativo. Nenhum jornal chamou a atenção para a data.

É verdade que ela não foi inteiramente esquecida. Há oito ou nove meses, um jovem cirurgião ligado ao Serviço de Saúde Pública, em Washington, tomou conhecimento dela, ao folhear um livro antigo sobre higiene pública, e, por sua sugestão, formou-se uma comissão para celebrar o aniversário com um banquete. Mas, antes que o plano fosse aperfeiçoado, houve racionamento de água em Washington e o banquete foi abandonado.

Banheiras são tão comuns hoje em dia que é quase impossível imaginar o mundo sem elas. São familiares à população de quase todas as cidadezinhas; na maioria das grandes cidades, é ilegal construir casas ou apartamentos sem elas; e até mesmo nas fazendas já começaram a usá-las. E, no entanto, a primeira banheira americana foi instalada no dia 20 de dezembro de 1842. Pelo que sei, ainda existe e em condições de uso.

Curiosamente, o local de sua instalação foi Cincinnati, então uma esquecida cidade de fronteira e, mesmo hoje, ainda longe de ser uma pioneira em atividades culturais. Mas Cincinnati, naquele tempo como hoje, tinha muitos comerciantes espertos e um deles era um homem chamado Adam Thompson, que negociava com algodão e cereais. Thompson despachava seus cereais em barcos a vapor via Ohio e Mississipi até New Orleans e, de lá, exportava-os para a Inglaterra em navios. Este comércio o obrigava a ir frequentemente à Inglaterra e,

naquele país, entre 1830 e 1840, ele adquiriu o hábito de tomar banho.

A banheira era então uma novidade na Inglaterra. Tinha sido introduzida em 1828 por Lord John Russell e seu uso ainda estava confinado a uma minoria de entusiastas. Além disso, a banheira inglesa era (ainda é) uma geringonça inconveniente, além de ser pouco maior que uma bacia. Enchê-la e esvaziá-la era tão trabalhoso que requeria a ajuda de um criado. Tomar um banho, portanto, era quase uma cerimônia, o que explica por que, em 1835, Lord John era considerado o único homem na Inglaterra a fazê-lo todo dia.

Thompson, sempre curioso por invenções — mais tarde ele inventaria a máquina até hoje usada para ensacar presuntos e toucinhos —, concluiu que a banheira inglesa ficaria muito melhor se fosse grande o suficiente para acomodar o corpo inteiro de um adulto, e se o seu suprimento de água, em vez de despejado jarro a jarro por uma criada, fosse feito por canos que sairiam de um reservatório central e chegassem à banheira pelos mesmos meios. Assim, no começo de 1842, pôs-se a construir a primeira banheira moderna em sua casa em Cincinnati — uma mansão com pilares dóricos, perto do que hoje é o cruzamento das ruas Monastery e Orleans.

Naturalmente, não havia na época nenhum reservatório central, pelo menos naquela parte da cidade, mas Thompson tinha um enorme poço em seu jardim e instalou uma bomba para transportar a água até a casa. Esta bomba, operada por seis negros, era ligada por um cano até um tanque de cipreste no sótão da casa, e ali ficava estocada a água. Do tanque, dois outros canos corriam até o banheiro. Um, conduzindo água fria, era uma linha direta. O outro, destinado a fornecer água quente, corria pela grande chaminé da cozinha e era aquecida a carvão.

A banheira em si ganhou um novo *design* e tornou-se a avó de todas as banheiras de hoje. Thompson encomendou sua fabricação a James Cullness, o principal marceneiro de Cincinnati naquele tempo, que a construiu com mogno da Nicarágua. Tinha quase 2 metros de comprimento por 1,30 de largura. Para torná-la à prova d'água, seu interior foi forrado com folhas de chumbo, cuidadosamente soldadas às juntas. A engenhoca pesava mais de três toneladas, o que obrigou Thompson a reforçar o chão do aposento onde ela seria colocada. A parte externa da banheira foi cuidadosamente envernizada.

Nesta luxuriosa banheira, Thompson tomou dois banhos no dia 20 de dezembro de 1842 — um frio às 8 da manhã e outro morno no fim da tarde. Aquecida pelo fogo da cozinha, a água chegava a 30°. No dia de Natal, ao receber convidados para jantar, exibiu-lhes sua nova maravilha, fez uma demonstração do seu uso e quatro deles, inclusive um convidado francês, coronel Duchanel, arriscaram alguns mergulhos dentro dela. No dia seguinte, Cincinnati inteira — então uma cidade de 100 mil habitantes — já ouvira falar da banheira, os jornais locais descreveram-na em minúcias e abriram suas páginas para violentas discussões a respeito.

A coisa, de fato, virou um escândalo público e não custou para que surgisse uma amarga oposição ao novo invento, o qual foi prontamente imitado por outros proeminentes cidadãos de Cincinnati. Por um lado, a banheira era denunciada como um brinquedo extravagante e desagradável dos ingleses, destinado a corromper a simplicidade democrática da República; por outro lado, era atacada pela classe médica como perigosa para a saúde e certamente causadora de "tísica, febres reumáticas, inflamação dos pulmões e todas as categorias de doenças infecciosas". (Cito do *Western Medicai Repository,* de 23 de abril de 1843.)

O barulho da controvérsia logo chegou a outras cidades e, em mais de um lugar, a oposição médica atingiu tal força que se refletiu na legislação. No fim de 1843, por exemplo, os vereadores de Filadélfia consideraram uma moção proibindo o banho entre 1º. de novembro e 15 de março, que deixou de passar por dois votos. No mesmo ano, a legislatura de Virginia votou um imposto anual de 30 dólares para todas as banheiras que viessem a ser construídas, e em Hartford, Providence, Charleston e Wilmington (Delaware), pesadas taxas de água foram aplicadas sobre quem as possuísse. Boston, no começo de 1845, proibiu a prática do banho, exceto com receita médica, mas a lei foi repetidamente burlada e, em 1862, revogada.

Acredito que esta legislação tivesse algum preconceito de classe, já que a banheira de Thompson era obviamente cara demais para que qualquer um a tivesse, exceto os ricos; o preço para a instalação de uma em Nova York, em 1845, era 500 dólares. Assim, os políticos de baixa extração social daquele tempo decidiram fulminá-la, havendo também suspeitas de preconceitos políticos em muitas das primeiras condenações

médicas. Mas a invenção da modesta banheira de pinho, revestida com zinco, cortou esta linha de ataque e, desde então, a banheira só fez progressos.

A banheira de zinco foi criada por John F. Simpson, um encanador do Brooklyn, e suas tentativas de patenteá-la ocuparam os tribunais até 1855. Mas as decisões não lhe foram favoráveis e, a partir de 1848, todos os encanadores de Nova York estavam ocupados fabricando banheiras. Segundo um artigo no *Christian Register,* de 17 de julho de 1857, estimava-se que, em 1850, havia perto de mil banheiras em uso na grande cidade.

Depois disto, a oposição científica começou a decair e, entre outros médicos eminentes, o dr. Oliver Wendell Holmes declarou-se a favor da banheira e combateu vigorosamente o movimento contra ela em Boston. A Associação Médica Americana promoveu a sua reunião anual em Boston, em 1849, e uma pesquisa entre os membros presentes mostrou que quase 55% deles agora viam a banheira como inofensiva, e que mais de 20% achavam-na até benéfica. Na reunião de 1850, passou-se formalmente uma resolução dando o *imprimatur* à banheira. Os homeopatas fizeram o mesmo em 1853.

Mas foi o exemplo do presidente Millard Fillmore que, mais ainda do que a relutante aprovação médica, deu à banheira o reconhecimento e a respeitabilidade nos Estados Unidos. Quando ainda era vice-presidente, em março de 1850, ele visitou Cincinnati durante sua campanha e inspecionou a banheira original de Thompson. A esta altura, Thompson já tinha morrido, mas sua banheira fora preservada na casa pelo cavalheiro que a comprara dos herdeiros. Fillmore foi recebido nesta casa e, segundo Chambedain, seu biógrafo, até tomou um banho na banheira. Não tendo experimentado nenhum efeito nocivo, tornou-se um ardente defensor da nova invenção e, ao assumir a presidência depois da morte de Taylor, a 9 de julho de 1850, instruiu seu ministro da Guerra, Gen. Charles M. Conrad, a providenciar a construção de uma banheira na Casa Branca.

Esta atitude, por um momento, reacendeu a velha controvérsia, e seus oponentes exploraram o fato de que não havia banheiras em Mount Vernon ou em Monticello, e que todos os presidentes dos Estados Unidos e outros homens importantes tinham passado muito bem sem esses

luxos monárquicos. O velho Bennett, no *New York Herald,* afirmou que Fillmore, na realidade, planejava instalar na Casa Branca uma banheira de pórfiro e alabastro que tinha sido usada por Louis Philippe em Versalhes. Mas Conrad, ignorando todos esses ataques, abriu uma concorrência e o contrato foi firmado com a Harper & Gillespie, uma firma de engenheiros de Filadélfia que se propôs a construir uma banheira de ferro fundido, capaz de fazer flutuar qualquer homem.

A banheira foi instalada no começo de 1851 e continuou em serviço na Casa Branca até o primeiro mandato de Cleveland, quando foi substituída pela atual banheira esmaltada. O exemplo do Presidente varreu de vez o resto da oposição e, por volta de 1860, segundo os anúncios dos jornais da época, todos os hotéis de Nova York tinham uma banheira; alguns tinham duas e até mesmo três. Em 1862, o banho foi introduzido no exército pelo Gen. McClellan e, em 1870, a primeira banheira numa prisão foi instalada na Penitenciária de Moyamensing, em Filadélfia.

Por enquanto, é esta a história da banheira na América. É doloroso descobrir que tão pouco dela tenha sido registrado. A literatura a seu respeito é praticamente zero. Talvez estas breves notas animem outros pesquisadores e contribuam para uma celebração adequada do seu centenário, em 1942.

O artigo acima foi escrito de brincadeira em 1917 e seu sucesso sempre me espantou. Diversos jornais o levaram a sério e suas informações passaram até para a literatura médica e livros de referência. Naturalmente, nenhuma linha nele é verdade, mesmo quando republicada em documentos oficiais e outras obras da mais alta pretensão.

H. L. M.

PATER PATRIAE

Se George Washington fosse vivo hoje, que belo alvo seria para toda a camorra de puxa-sacos, oportunistas e patriotas profissionais! Ele foi o Rockefeller do seu tempo, o homem mais rico dos Estados Unidos,

promotor de companhias de valores, latifundiário e explorador de minas e madeira. Era um feroz opositor a confusões com outros países, cujos males denunciava em termos ásperos e específicos. Gostava de homens diretos e combativos e desprezava os advogados, professores e toda espécie de obscurantistas. Não era um homem religioso. Bebia uísque em quantidades e mantinha uma garrafa sempre à mão. Seu vocabulário, o qual usava com frequência e prazer, continha mais blasfêmias do que a Bíblia. Não acreditava na infalível sabedoria dos homens comuns, que via como beócios contagiosos, e tentou salvar a República antes que eles se apoderassem dela. Não tinha receita para os problemas do mundo e duvidava que tal receita existisse. Não tinha o menor interesse pela vida particular de seus vizinhos.

Vivendo nos Estados Unidos de hoje, George seria inelegível para qualquer cargo de honra ou de lucro. O Senado não ousaria diplomá-lo; o Presidente não pensaria em nomeá-lo. Estaria sendo perseguido pelos jornais por pertencer à classe abastada e indiciado por todos os júris especiais ao sul do Potomac. E, em seu próprio estado natal, teria os metodistas em seu encalço por ter uma destilaria em Mount Vernon, o que o tornaria um corruptor de jovens, um recrutador de lunáticos para asilos e um envenenador de lares.

— 1918

SUGESTÕES A NOSSOS VISITANTES

De 1918 a 1924, Mencken e o crítico teatral George Jean Nathan editaram praticamente sozinhos (trabalhando apenas alguns dias por mês) a revista *Smart Set*. Solitários na redação, Mencken e Nathan divertiam-se escrevendo circulares para visitantes imaginários. Esta é exclusivamente de Mencken. (N. T.)

1. As instalações editoriais estão abertas diariamente, exceto sábados, domingos e feriados bancários, de 10h30 às llhl5 da manhã.

2. O carro chega precisamente às llhl5 para apanhar os editores.

3. Os editores esperam sinceramente que os visitantes se abstenham

de oferecer gratificações ou propinas aos empregados.

4. Os visitantes à espera de chamadas telefônicas durante a audiência queiram gentilmente notificar a recepção antes de passarem à sala de consultas.

5. Os cães acompanhando os visitantes devem ser deixados no *garderobe,* aos cuidados da recepção.

6. Solicita-se aos visitantes que evitem cuspir pelas janelas.

7. Os editores lamentam ser impossível, sob quaisquer circunstâncias, dar consultas por telefone.

8. Os editores não assumem qualquer responsabilidade por chapéus, sobretudos, bengalas ou bagagens de mão não vistoriadas pela recepção.

9. Comerciantes de bebidas ilegais só são recebidos às quintas-feiras, de 12h até 16h30.

10. Intérpretes falando todas as modernas línguas europeias estão diariamente à disposição dos visitantes, gratuitamente,

11. Oficiais das Forças Armadas americanas, em uniforme completo, serão recebidos sem a apresentação das habituais cartas de recomendação.

12. O médico de plantão é proibido de cobrar honorários pelo atendimento de ferimentos ocorridos neste recinto.

13. É permitido fumar.

14. Visitantes cujas botas sejam equipadas com saltos de borracha devem evitar pisar nos tapetes em direção aos parquetes.

15. Uma secretária está sempre presente nas entrevistas entre os editores (ou um deles) e escritoras. Estas visitantes ficam assim dispensadas de trazer suas damas de companhia ou apitos de polícia.

16. Escolha a sua saída de emergência assim que chegar; não espere pela chegada dos bombeiros.

17. Escritores ingleses de visita são sempre bem-vindos, mas, devido à escassez de tempo dos editores, estes são obrigados a limitar o seu número a cinquenta cabeças por semana.

18. Os objetos de arte em exposição nas galerias editoriais não estão à venda.

19. Os editores lamentam informar que não poderão receber visitantes que se apresentem visivelmente inebriados.

20. Há cuspideiras no recinto, para maior conforto de nossos amigos do Sul e do Oeste.

21. Os editores pedem a compreensão dos visitantes pela sua impossibilidade de aceitar convites para jantares públicos, enterros e outros eventos em que são feitos discursos ou em que estejam presentes pessoas que fazem discursos.

22. Os editores presumem que os visitantes que tiveram a honra de uma entrevista com eles nas instalações editoriais não irão futuramente embaraçá-los, apontando-os em público com suas bengalas.

23. Fotos dos editores estão à venda na recepção.

24. Membros do clero só são recebidos às quintas-feiras, de 12h até 16h30.

25. Os editores não acusam o recebimento de flores, charutos, livros autografados, cartões-postais, fotos assinadas, peças íntimas ou quaisquer outras gentilezas. Todos os objetos recebidos são encaminhados imediatamente a instituições de caridade.

26. Não descontamos cheques.

— 1921

18. SENTENTIAE

A MENTE DO HOMEM

Quando um homem ri de seus problemas, perde um monte de amigos. Eles nunca o perdoam pela perda de suas prerrogativas.

Nunca deixe que seus inferiores lhe façam um favor. Pode custar-lhe caro.

A consciência é uma voz interior que nos adverte de que alguém pode estar olhando.

Os homens são os únicos animais que se devotam diariamente a tornar os outros infelizes. É uma arte como outra qualquer. Seus virtuoses são chamados de altruístas.

Imoralidade é a moralidade daqueles que se divertem mais do que nós.

Um homem educado é aquele que nunca bate numa mulher sem um motivo justo.

MASCULUM ET FEMINAM CREAVIT EOS

O amor é a ilusão de que uma mulher difere de outra.

As únicas pessoas realmente felizes são as mulheres casadas e os homens solteiros.

Os solteiros sabem mais sobre as mulheres do que os casados. Se não, também seriam casados.

Os homens casados vivem mais do que os solteiros — ou, pelo menos, se queixam durante mais tempo.

As mulheres casadas vivem mais do que os homens — ou, pelo menos, as viúvas.

O adultério é a democracia aplicada ao amor.

Quando duas mulheres trocam beijinhos, isto sempre me lembra os cumprimentos trocados por dois boxeadores antes da luta.

Os homens se divertem muito mais que as mulheres. Talvez porque se casem mais tarde e morram mais cedo.

O homem é naturalmente polígamo. Tem sempre uma mulher levando-o pelo nariz e outra agarrada às suas calças.

Não importa o quanto uma mulher ame um homem, ela o amará mais ainda se ele se suicidar por ela.

Não importa o quanto uma mulher seja feliz no casamento. Sempre lhe agradará saber que há um sujeito simpático e atraente desejando que ela não fosse.

O *CIDADÃO E O ESTADO*

Todo homem decente se envergonha do governo sob o qual vive.

A guerra contra os privilégios nunca terá fim. Sua próxima grande campanha será a guerra contra os privilégios especiais dos desprivilegiados.

A democracia é a arte e ciência de administrar o circo a partir da jaula dos macacos.

Quanto mais esperto o político, em mais coisas ele acredita — e menos acredita em qualquer delas.

ARCANA COELESTIA

Padres e pastores são cambistas esperando por fregueses diante dos portões do Céu.

Arcebispo — Um eclesiástico cristão que chegou a um escalão superior ao atingido por Cristo.

Incrível como meu ódio aos protestantes desaparece quase por completo quando sou apresentado a suas mulheres.

O cristão vive jurando que nunca fará aquilo de novo. O homem civilizado apenas resolve que será mais cuidadoso da próxima vez.

Digam o que quiserem sobre os Dez Mandamentos, devemos nos dar por felizes por eles não passarem de dez.

Deus deve amar os pobres, disse Lincoln, ou não teria feito tantos deles. Deve amar também os ricos, ou não teria dividido tanta *mazuma* por tão poucos entre eles.

Mostre-me um puritano e eu lhe mostrarei um filho da puta.

ISTO E AQUILO

O principal conhecimento que se adquire lendo livros é o de que poucos livros merecem ser lidos.

O cínico é aquele que, ao sentir cheiro de flores, olha em torno à procura de um caixão.

Nunca superestime a decência da espécie humana.

A fé pode ser definida em resumo como uma crença ilógica na ocorrência do improvável.

Pode ser um pecado pensar mal dos outros, mas raramente será um engano.

É difícil acreditar que um homem esteja dizendo a verdade quando você sabe muito bem que mentiria se estivesse no lugar dele.

Quanto mais envelheço, mais desconfio da velha máxima de que a idade traz a sabedoria.

Pelo menos numa coisa homens e mulheres concordam: nenhum deles confia em mulheres.

De fato, é melhor dar do que receber. Por exemplo: presentes de casamento.

Finalmente passou a ser legal que uma mulher católica recorra à matemática para evitar a gravidez, mas continua sendo-lhe proibido recorrer à física ou à química.

O pior governo é o mais moral. Um governo composto de cínicos é frequentemente mais tolerante e humano. Mas, quando os fanáticos tomam o poder, não há limite para a opressão.

— 1910-1948

OS DEZ ESCRITORES MAIS CHATOS DE TODOS OS TEMPOS

1. Fedor Dostoievski; 2. George Eliot; 3. D. H. Lawrence; 4. James Fenimore Cooper; 5. Eden Phillpotts; 6. Robert Browning; 7. Selma Lagerlof; 8. Gertrude Stein; 9. Bjôrnstjerne Bjõrson; 10. Johann Wolfgang von Goethe.

— 1926



MAIS SOBRE MENCKEN



Durante 38 anos, Mencken escreveu uma coluna semanal para o ***Evening Sun*** de Baltimore, cobriu todas as convenções presidenciais americanas de 1904 a 1948, colaborou copiosamente em todos os grandes jornais e revistas dos Estados Unidos, publicou às vezes dois ou três livros por ano (inclusive o primeiro nos EUA sobre Bernard Shavv) e trocou cerca de 100 mil cartas. Parte desse material pode ser encontrada em antologias recentes e nos livros a seu respeito, todos ainda disponíveis.

The Vintage Mencken, editado por Alistair Cooke. Vintage Press.

The American Language, por H. L. Mencken. Knopf, Nova York. Edição revista e anotada por Raven I. McDavid Jr., 1963.

A Choice of Days, por H. L. Mencken. Knopf, Nova York, 1980. Coletânea de suas autobiografias.

A Gang of Pecksniffs, por H. L. Mencken. Arlington House, Nova York, 1975. Artigos sobre jornalismo.

A Carnival of Buncombe: Writings on Politics, Por H. L.

Mencken. University of Chicago Press, 1984. Artigos sobre política.

Mencken and Sara, a Life in Letters, editado ***por*** Mario***n*** Elizabeth Rodgers. McGraw Hill, Nova York.

Mencken, por Carl Bode. Southern Illinois University Press. Biografia.

The New Mencken Letters, editado por Carl Bode. The Dial Press, Nova York.

On Mencken, por John Dorsey. Knopf, Nova York, 1980. ***Mencken: A Study of His Thought,*** por Charles A. Fecher. Knopf, Nova York, 1978.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

1. *HOMO SAPIENS*

"A vida do homem" (*The Life of Man),* publicado originalmente em *Smart Set,* outubro de 1918. pp. 80-1.

"o lugar do homem na natureza" *{Man 's Place in Nature),* publicado originalmente em *Smart Set,* agosto de 1919, pp. 61-2.

2. *TIPOS DE HOMENS*

"Meditação sobre a meditação" (*Meditation on Meditation),* publicado originalmente em *Smart Set,* junho de 1920, pp. 45-6.

"O romântico" (*The Romantic),* publicado originalmente em *Evening Mail,* Nova York, 25 de março de 1918.

"O cético" *(The Skeptic),* primeira publicação em *Smart Set,* maio de 1919, pp. 49-50.

"O crédulo" (77ie *Believer),* publicado originalmente em *Prejudices: Third Series,* 1922, pp. 267-8.

"O operário" *(The Toiler), idem,* pp. 268-9.

"O médico" *(The Physician), idem,* 1922, p. 269.

"O cientista" (*The Scientist),* primeira publicação em *Smart Set,* agosto de 1919, pp. 60-1.

"O empresário" (*The Business Man),* publicado originalmente em *Smart Set,* fevereiro de 1921,

p. 36.

"O rei" (*The King),* publicado originalmente em *Prejudices: Third Series,* p. 271.

"O metafísico" *(The Metaphysician),* inédito.

"O homem médio" *(The Average Man),* publicado pela primeira vez em *Prejudices: Third Series,* 1922, pp. 273-4.

"O dono da verdade" *(The Truth-Seeker),* primeira publicação em

Prejudices: Third Series, p. 274.

"O parente" *(The Relative),* publicado originalmente em *Smart Set,* agosto de 1919, p. 63.

"O contraparente" *(The Relative-in-Law),* publicado pela primeira vez em *Smart Set,* março de 1920, p. 50.

"o amigo" *(The Friend),* primeira publicação em *Smart Set,* julho de 1919, p. 67.

"o filósofo" *(The Philosopher),* publicado pela primeira vez em *The Human Mind, Prejudices: Sixth* .Series, 1927, p. 85.

"O altruísta" *(The Altruist),* publicado originalmente em *Smart Set,* março de 1920, p. 51.

"O iconoclasta" *(The Iconoclast*), publicado pela primeira vez em *American Mercury,* janeiro de 1924, p. 75.

"O chefe de família" (*The Family Man),* primeira publicação em *Prejudices: Fourth Series,* 1924, pp. 205-6.

"O solteiro" *(The Bachelor),* publicado originalmente em *Smart Sei,* setembro de 1922.

"O homem perfeito" (*The Good Man),* primeira publicação em *Smart Set,* julho de 1923, p. 47. "O eterno macho" *(The Eternal Male),* publicado parcialmente em *In Defence of Women,* 1918, ed. rev. 1922, pp. 77-8; e em *Smart Set,* novembro de 1919, p. 71.

"O escravo" (*The Slave),* primeira publicação em *Smart Set,* novembro de 1922, p. 52.

3. *MULHERES*

"A mente feminina" *(The Feminine Mind),* publicado em *In Defense of Women*. 1918. ed. rev. 1922, pp. 3-22.

"Mulheres fora-da-lei" {*Women as Outlaws),* publicado originalmente em *Smart Set,* dezembro de 1921, pp. 28-9.

"A mulher fria" *(The Cold Woman),* publicado em *In Defense of Women,* 1918, ed. rev. 1922, pp. 55-8.

"Intermezzo sobre a monogamia" *(Intermezzo on Monogamy), idem,* pp. 97-100.

"A libertina" (*The Libertine), idem,* pp. 144-51.

"A isca da beleza" *(The Lure of Beauty*), *idem,* pp. 34-40.

4. *RELIGIÃO*

"Funcionários da fé" *(Holy Clerks),* primeira publicação em *American Mercury,* junho de 1924, p. 183.

"O secretariado cósmico" *(The Cosmic Secretariai),* publicado originalmente em *American Mercury,* janeiro de 1924, pp. 75-6.

"A natureza da fé" *(The Nature of Faith),* primeira publicação em *High and Ghostly Matters, Prejudices: Fourth Series,* 1924, pp. 61-5.

"A restauração da beleza" *(The Restoration of Beauty),* publicado originalmente em *Smart Set,* março de 1920, p. 51.

"O colapso do protestantismo" *(The Collapse of Protestantism),* primeira publicação em *American Mercury*. março de 1925, pp. 286-8.

"Imune" *(Immune),* publicado originalmente em *Evening Sun,* de Baltimore, 9 de dezembro de 1929.

"Um novo uso para as igrejas" *(A New Use for Churches),* primeira publicação em *Damnl A Book of Calumny,* 1918, pp. 88-9.

"Livre arbítrio" *(Free Will), idem,* pp. 91-4.

"Meditação de sábado" (*Sabbath Meditation),* publicado originalmente em *Smart Set,* outubro de 1923, pp. 138-42.

"A imortalidade da alma" *(The Immortality of the Soul),* primeira publicação em *American Mercury,* setembro de 1932, pp. 125-6.

"Quod est veritas?" (*Quod est Veritas?),* publicado originalmente em *Damnl A Book of Calumny,* 1918, p. 95.

"Sagrada escritura" *(Holy Writ),* primeira publicação em *Smart Set,* outubro de 1923, pp. 141-2.

"Cerimônia memorial" (*Memorial Service),* publicado originalmente em *Smart Set,* março de 1922, pp. 41-2.

5. *MORAL*

"A origem da moralidade" *(The Origin of Morality),* primeira publicação em *Treatise on Right and Wrong,* Nova York, 1934, pp. 1-

8.

"O bom cidadão" *(The Good Citizen), idem,* pp. 19-27, com acréscimos. "De novo, o livre arbítrio" *(Free Will Again), idem,* pp. 64-6.

6. *MORTE*

"Sobre o suicídio" *(On Suicide),* primeira publicação em *Evening Sun,* de Baltimore, 9 de agosto de 1926.

7. *GOVERNO*

"Sua natureza interior" *(Its Inner Nature),* publicado originalmente em *Smart Set,* dezembro de 1919, pp. 71-2.

"Mais sobre o assunto" *(More of the Same),* primeira publicação em *American Mercury,* fevereiro de 1925, pp. 158-60.

8. *DEMOCRACIA*

"Últimas palavras" *(Last Words),* publicado originalmente em *Notes on Democracy*, 1926,

pp. 206-12.

9. *HOMENS EM COMBATE*

"Valentino" (*Valentino*), primeira publicação em *Evening Sun,* de Baltimore, 30 de agosto de 1926.

"Sobre jornalismo" *(On Journalism),* publicado originalmente em *Smart Set,* abril de 1920. "Dempsey*versus* Carpentier" *(Dempsey vs. Carpentier),* primeira publicação em *World,* de Nova York, 3 de julho de 1921.

W.' ECONOMIA

"Àquele que tem" *(To Him That Hath),* publicado originalmente em *Smart Set,* 1920, pp. 33-4.

"Capitalismo" *(Capitalism),* primeira publicação em *Evening Sun,* de Baltimore, 14 de janeiro de 1935.

11. *PSICOLOGIA*

"A mente do escravo" *(The Mind of the Slave),* publicado originalmente em *Contributions to the Study of Vulgar Psycology, Prejudices: Fourth Series,* 1924, pp. 261-8.

"A turba" *(The Crowd),* primeira publicação em *Damn! A Book of Calumny,* 1918, pp, 45-7.

"A arte eterna" *(The Art Eternal),* publicado originalmente em *Evening Sun,* de Nova York, 5 de julho de 1918.

12. *TEMPOS MODERNOS*

"Zôos" *(Zoos),* primeira publicação em *Evening Mail,* de Nova York, 2 de fevereiro de 1918.

"Retrato de um mundo ideal" (*Portrait of an Ideal World),* publicado originalmente em *American Mercury,* fevereiro de 1924, pp. 201-3.

"O periélio da Proibição" (*The Perihelion of Prohibition),* primeira publieaçao em *Bulletin,* de Sydney (Austrália), 20 de julho de 1922.

"Os avanços da civilização" (*The Boons of Civilization),* publicado originalmente em *American Mercury,* janeiro de 1931, pp. 33-5.

"Trabalhar para o governo" (*The Malevolent Jobholder),* primeira publicação em *American Mercury,* junho de 1924, pp. 156-9.

13. *A LITERATURA DOLOROSA*

"A nova poesia" *{The New Poetry),* publicado originalmente em *Five Little Excursions, Prejudices: Sixth Series,* 1927, pp. 176-7.

"Sobre o estilo" *{On Style),* primeira publicação em *The Fringes of Lovely Letters, Prejudices: Fi/th Series,* 1926, pp. 196-202.

"O escritor trabalhando" *{The Author at Work), idem,* pp. 186-90.

14. *LITERATI*

"Poe" *{Poe),* publicado originalmente em *The National Letters, Prejudices: Second Series,* 1920, pp. 59-63.

"Mark Twain" *{Credo),* primeira publicação em *Smart Set,* fevereiro de 1913, p. 152.

"Ambrose Bierce" *{Ambrose Bierce),* publicado originalmente em *Prejudices: Sixth Series,* 1927, pp. 259-65; e com acréscimos em *American Mercury,* setembro de 1929, pp. 125-6.

"Joseph Conrad" *{Joseph Conrad),* primeira publicação em *Smart Set,* dezembro de 1922, pp. 141-4.

15. *MÜSICA*

"Beethoven" *{Beethoven),* publicado parcialmente em *Evening Sun,* de Baltimore, 24 de abril de 1922, e parcialmente em *American Mercury,* abril de 1926, pp. 509-10.

"Wagner" *{Wagner),* publicado originalmente em *Smart Set,* julho de 1922, pp. 41-3.

"Tempo di Valse"(*Tempo di Valse),* primeira publicação em *Smart Set,* setembro de 1919, p. 40.

"Johann Strauss" *{Johann Strauss),* publicado originalmente em *Five Little Excursions, Prejudices: Sixth Series,* 1927, pp. 169-74.

"Ópera" *{Opera),* publicado originalmente em *Evening Mail,* de Nova York, 22 de fevereiro de 1918.

16. *ARTES MENORES*

"Pintura" *{Hand-Painted Oil Paintings),* primeira publicação cm *Smart Set,* janeiro de 1921, pp. 39-40.

"O artista" *{The Artist),* publicado originalmente em *Evening Sun,* de Baltimore, 7 de abril de 1924.

"Reflexão sobre a arte dramática" *{Reflection on the Drama),* primeira publicação em *Smart Set,*dezembro de 1920, pp. 47-50.

"Arrière-Pensée" *{Arrière-Pensée),* primeira publicação em *Smart Set,* abril de 1919; com acréscimos em *Smart Set,* novembro de 1919, pp. 141-3.

"Um aniversário esquecido" *(A Neglected Anniversary),* publicado originalmente em *Evening Mail,*de Nova York, 28 de dezembro de 1917.

"Pater Patriae" (*Pater Patriae),* primeira publicação em *Damnf A*

Book of Calumny, 1918, pp. 7-8.

"Sugestões a nossos visitantes" *(A Smart Sei Circular),* publicado originalmente em *Suggeslions to Our Visitors*.

18. SENTENTIAE

As setenças cobrem um largo período. As mais antigas foram publicadas em *Smart Set*. em 1912; as últimas são inéditas.

Revisão e criação do ePub:

RuriaK



Jerusalém, novembro de 2013.

Exclusivo para compartilhamento gratuito na rede.

Se gostou da leitura, compre o livro original.
